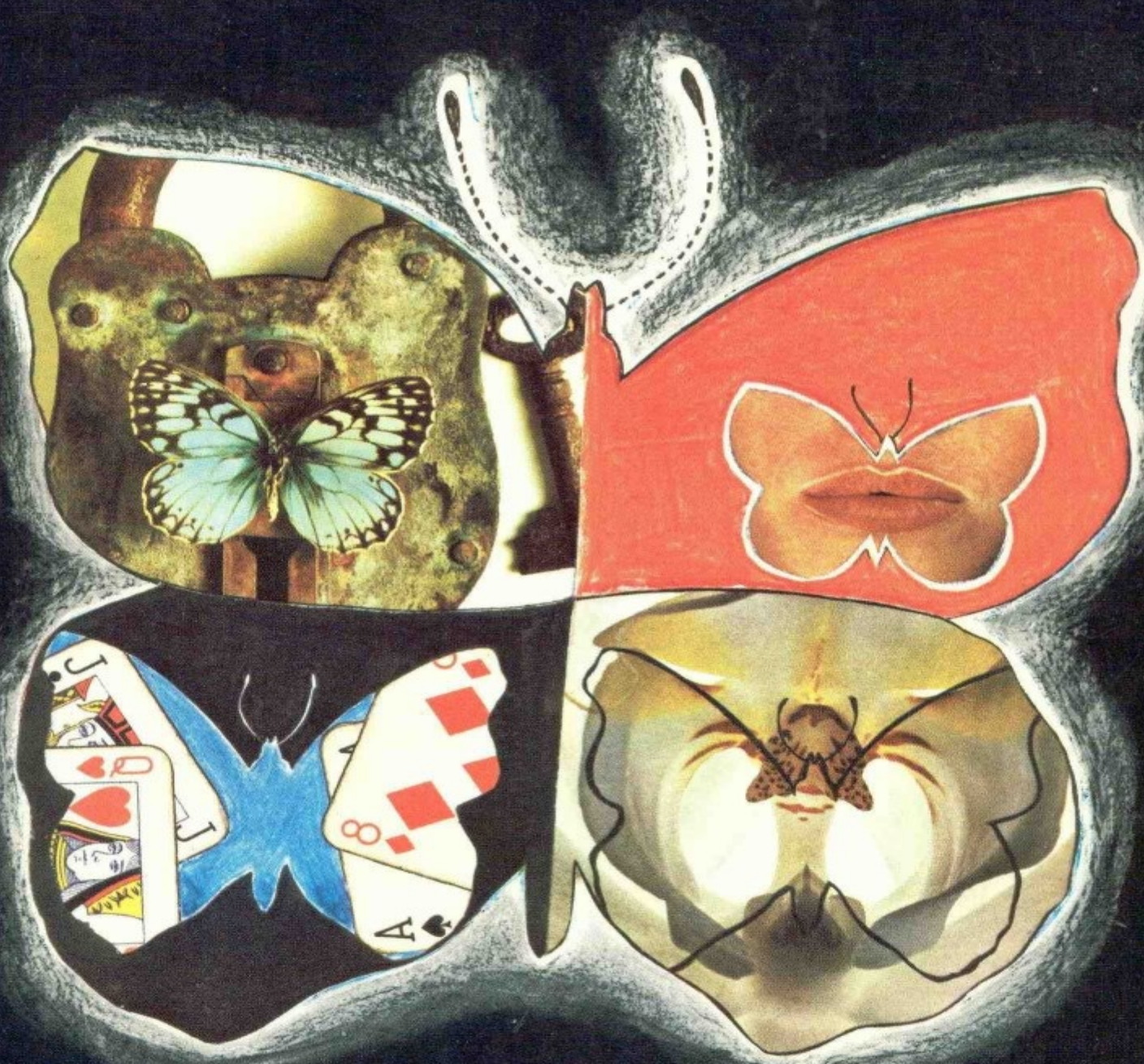
Henri Charrière

BANCO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Henri Charrière

Banco



Círculo do Livro

Edição integral
Título do original: “Banco”
Copyright 1972 by
Éditions Robert Laffont, S.A.
Tradução de Maria Auta Monteiro Costa e Isabel Aguiar Sillva

À memória do Dr. Alex Guibert-Germain,

À Sra. Alex Guibert-Germain,

Aos venezuelanos, meus compatriotas.

Aos milhares de amigos franceses, espanhóis, suíços, belgas, italianos, iugoslavos, alemães, ingleses, gregos, americanos, turcos, finlandeses, japoneses, israelitas, suecos, tchecoslovacos, dinamarqueses, argentinos, colombianos, brasileiros, e a *todos os que não recordo, a todos os amigos, para mim sem rosto, que me honraram escrevendo:*

"Quem era você, *Papillon? E como fez para vir da sua última prisão até as nossas mãos, em forma de livro?"*

O que pensas de ti próprio é mais importante do que aquilo que os outros pensam de ti.

(Autor desconhecido de Papillon)



1

OS PRIMEIROS PASSOS DA LIBERDADE

— Boa sorte, *francés!* Você está livre a partir deste momento. *Adiós!*

O oficial da penitenciária de El Dorado volta-nos as costas, depois de nos ter feito um gesto de adeus.

Não é tão difícil assim abandonar as correntes que se arrastaram durante treze anos. Segurando Picolino por um braço, damos alguns passos no aclive que, a partir da margem do rio onde nos deixou o oficial, sobe até a aldeia de El Dorado. Na velha Casa da Espanha, em 1971, precisamente na noite de 18 de agosto, revejo-me com uma incrível nitidez no caminho pedregoso, e não só a voz do oficial ressoa da mesma maneira, grave e clara, aos meus ouvidos, como faço o mesmo gesto de há vinte e sete anos: volto a cabeça.

É meia-noite, lá fora está escuro. Não. Para mim, só para mim, o sol brilha, são dez horas da manhã e estou olhando as mais belas espáduas, o mais belo dorso que vi na vida, o do meu carcereiro que se afasta, simbolizando desta maneira o fim da vigilância que, dia e noite, segundo a segundo, nunca deixou de exercer, espiando-me durante treze anos.

Último olhar para o rio, último olhar por cima do ombro do meu carcereiro para a ilha da penitenciária venezuelana no meio do rio, último olhar para o terrível passado que durou treze anos, treze anos em que me espezinharam, humilharam, esmagaram.

Rapidamente, sobre o rio, na nuvem de vapor que sai da água superaquecida pelo sol dos trópicos, há imagens que parecem querer formar-se para que, como numa tela, eu veja novamente o caminho percorrido. Recuso-me a assistir à exibição desse filme, pego em Picolino por um braço, voltando as costas a essa estranha tela, e é em passo rápido que o arrasto, depois de ter sacudido os ombros, para me desembaraçar definitivamente da lama do passado.

A liberdade? Mas onde? Num fim do mundo, nos recônditos dos planaltos

da Guiana venezuelana, numa aldeiazinha administrativa encaixada na mais exuberante floresta virgem que se possa imaginar. É a ponta sudeste da Venezuela, perto da fronteira brasileira, imenso oceano verde salpicado apenas, aqui e acolá, por quedas-d'água das ribeiras e dos rios que o atravessam e onde vivem, espalhadas, de uma maneira e com um espírito dignos dos tempos bíblicos, pequenas comunidades, agrupadas à volta de uma capela onde o padre não precisa de pregar o amor e a simplicidade entre os homens, porque eles aí existem já, no seu estado natural e permanente. Muitas vezes, estes *pueblitos* só podem comunicar-se com outros, também assim perdidos, por meio de um ou dois caminhões, que surpreendentemente conseguem chegar até lá. E na sua maneira de viver, de pensar, de amar, estes seres simples e poéticos vivem como se vivia há séculos e séculos, puros de todos os miasmas da civilização.

Quando chegamos ao cimo da ladeira, antes de avançar para o planalto onde começa a aldeia de El Dorado, quase paramos para, lentamente, muito lentamente, continuar a avançar. Ouço Picolino respirar, e com ele respiro profundamente, aspirando o ar até o mais fundo dos pulmões, para o expirar docemente, como se tivesse medo de viver demasiado depressa estes maravilhosos minutos, os *primeiros da liberdade.*

O grande planalto se abre diante de nós com as suas casinhas muito limpas, todas floridas, dum lado e do outro.

Somos avistados por alguns meninos, eles sabem de onde estamos vindo. Sem ar hostil, antes com gentileza, aproximam-se e caminham em silêncio ao nosso lado. Têm o ar de compreender a solenidade do momento e o respeitam.

Mesmo em frente à primeira casa, uma negra gorda vende café e bolos de milho, *arepas,* numa mesinha de madeira.

— Bom dia, minha senhora.

— *Buenos dias, hombres!*

— Dois cafés, por favor.

— Si, *señores.*

E a boa mulher nos serve dois deliciosos cafés, que bebemos de pé, porque não há cadeiras.

— Quanto devo?

— Nada.

— Por quê?

—Tenho prazer em lhes oferecer o primeiro café da liberdade.

— Obrigado. A que horas há um ônibus?

— Hoje é feriado; não há ônibus, mas às onze horas há um caminhão.

— Ah! Obrigado.

Uma jovem, de olhos negros e com a pele levemente escura, sai da casa.

— Entrem e sentem-se — diz-nos com um bonito sorriso.

Entramos e nos sentamos, perto de uma dúzia de pessoas que bebem rum.

— Por que é que o seu amigo está com a língua de fora?

— Está doente.

— Podemos ajudá-lo em alguma coisa?

— Não, não há nada a fazer, está paralítico. Tem de ser internado num hospital.

— Quem é que lhe vai dar de comer?

— Eu.

— É seu irmão?

— Não, é meu amigo.

— Você tem dinheiro, *francés?*

— Muito pouco. Como sabe que sou francês?

— Aqui se sabe tudo depressa. Desde ontem que sabemos que você ia ser posto em liberdade. Sabe-se também que você é evadido da ilha do Diabo e que a polícia francesa quer apanhá-lo para o pôr lá outra vez. Mas não virão aqui buscá-lo, porque aqui eles não mandam. Nós vamos protegê-lo.

— Por quê?

— Porque...

— Que quer você dizer?

— Tome, beba um copo de rum e dê um pouco também ao seu amigo.

Uma mulher de uns trinta anos toma a palavra. É quase negra. Pergunta-me se sou casado. Não. Se os meus pais vivem ainda. Só o meu pai.

— Vai ficar contente ao saber que você está na Venezuela.

— Claro que vai.

Um branco alto, magro, com olhos enormes, mas simpático, diz:

— O meu primo não soube dizer a você a razão por que vamos protegê-lo. Pois bem, eu vou explicar. A não ser que esteja enraivecido, e nessa altura não há nada a fazer, um homem pode arrepender-se e tornar-se bom, se o ajudarem. É por isso que na Venezuela você será protegido: porque gostamos das pessoas e, com a ajuda de Deus, acreditamos nelas.

— Por que razão você acha que eu estava prisioneiro na ilha do Diabo?

— Certamente por uma coisa muito grave! Talvez por ter matado ou feito um roubo muito importante. Você foi condenado por quanto tempo?

— À prisão perpétua.

— Aqui, a pena máxima é de trinta anos. Quantos você cumpriu?

— Treze anos. Mas estou livre.

— Esqueça isso tudo, *hombre.* Veja se esquece o mais depressa possível o que sofreu nas prisões francesas e aqui, em El Dorado. Esqueça, porque se pensar muito nisso será levado a querer mal aos homens e chegará até a odiá-los. Só o esquecimento lhe vai permitir voltar a amá-los e a viver no meio deles. Case-se o mais depressa possível. As mulheres deste país são ardentes, e o amor que lhe dará aquela que você escolher vai ajudá-lo, pela felicidade e pelos filhos que lhe der, a esquecer o que tenha sofrido no passado.

O caminhão chega. Agradeço a esta boa gente e saio amparando Picolino pelo braço. Um dúzia de passageiros está sentada nos bancos, atrás da cabina do caminhão. Por gentileza, essas pessoas humildes nos dão os dois melhores lugares na cabina, ao lado do motorista.

Dentro do caminhão, que salta como um louco na péssima estrada cheia de buracos e valas, penso neste curioso povo venezuelano. Nem os pescadores do golfo de Paria, nem os soldados de El Dorado, nem esse humilde homem do povo que me falou naquela casa de palha e terra têm instrução. Mal sabem ler e escrever. Como poderão eles, então, possuir esse sentido de caridade cristã, essa nobreza de alma que perdoa aos homens que erraram? Como poderão encontrar as palavras de encorajamento delicadamente apropriadas, oferecer ajuda ao ex-forçado com os seus conselhos e o pouco que possuem de seu? Como é que os chefes da prisão de El Dorado, que são instruídos, tanto os oficiais como o diretor, podem comungar com o povo, nas mesmas idéias: dar uma oportunidade a um homem perdido, seja ele quem for e seja qual for a importância do seu delito? Estas qualidades não podem vir dos europeus, mas dos índios. De qualquer maneira, pode tirar o chapéu para eles, Papillon.

Chegamos a Callao, Uma grande praça, música. Com efeito, estamos a 5 de julho, é feriado nacional. Uma multidão endomingada, sempre a mesma gente matizada dos trópicos, onde se misturam todas as espécies de cores: negro, amarelo, branco e o acobreado dos índios, cuja raça se acusa sempre no olhar um pouco refreado e na pele aclarada. Picolino, eu e alguns passageiros descemos da plataforma. Uma moça, que também desceu do caminhão, aproxima-se e me diz: “Deixe, já está pago”. O motorista nos deseja boa sorte e o caminhão parte novamente. Com a pequena trouxa numa mão e Picolino que me agarra na outra com os três dedos que lhe restam na mão esquerda, reflito no que vamos fazer. Tenho algumas libras inglesas das Antilhas e algumas centenas de bolívares, oferecidas pelos poucos alunos de matemática que tive na prisão de El Dorado. Tenho também alguns diamantes brutos encontrados nos tomates da horta que eu havia plantado.

A moça que nos disse que não pagássemos pergunta aonde é que vou e lhe respondo que me preparo para procurar uma pensãozinha.

— Venha primeiro à minha casa, depois cuidamos disso.

Seguimo-la, atravessamos a praça e, a menos de duzentos metros, chegamos a uma rua de terra, rodeada de casas baixas, de argila, com tetos de palha, chapa ou zinco. Paramos diante de uma delas.

— Entrem, estejam em sua casa — diz a moça. Deve ter uns dezoito anos.

Manda-nos passar à frente dela, Uma sala limpa de terra batida, com uma mesa redonda, algumas cadeiras, um homem de uns quarenta anos, de cabelos negros e lisos, de altura média e a mesma tez da moça, cor de tijolo claro, olhos índios. Há mais três moças, rondando os catorze, quinze e dezesseis anos.

— Papai, manas, são estrangeiros que vêm comigo. Saíram da prisão de El Dorado e não sabem para onde ir. Peço-lhes que os recebam bem.

— Sejam bem-vindos — diz o pai.

E repete a fórmula consagrada:

— Esta casa é sua. Sentem-se à mesa. Estão com fome? Querem café ou rum?

Não quero ofendê-lo com uma recusa e aceito tomar café. A casa está limpa, mas pela simplicidade do mobiliário percebo que são pobres.

— A minha filha Maria, a que os trouxe para cá, é a mais velha. Substitui a mãe, que nos deixou há cinco anos para ir com um pesquisador de ouro. Prefiro dizê-lo eu, antes que o saiba por outros.

Maria serve-nos o café. Posso, então, olhá-la com mais atenção, porque vem sentar-se junto do pai, mesmo à minha frente. As três irmãs estão de pé, atrás dela, e também me observam. Maria é uma jovem dos trópicos. Tem uns grandes olhos negros ligeiramente oblíquos. Os cabelos ondulados, dum negro de azeviche, separados ao meio por uma risca, caem até os seus ombros. Os traços do rosto são finos, e, ainda que na cor da pele mate e acobreada se perceba a presença de uma gota de sangue índio, não tem nenhum traço mongólico. Tem a boca sensual, com dentes magníficos. Por momentos, vê-se a ponta da língua, cor-de-rosa. Está com uma blusa branca estampada com flores, com decote muito grande que lhe descobre os ombros e a raiz dos seios, guardados num sutiã que se adivinha por baixo da roupa. Esta blusa, uma saia preta e sapatos de salto baixo são os atavios do dia de festa. Os lábios são vermelhos, de um carmim vivo, e dois traços de lápis, ao canto dos olhos, acentuam ainda mais a sua imensidade.

— Esta é Esmeralda — diz ela apresentando a mais nova das irmãs. — Chamamos-lhe assim por causa dos olhos verdes. Esta é a Conchita e a outra Rosita, porque parece uma rosa. Tem a pele muito mais clara que nós e as suas faces coram por qualquer coisa. Agora, já conhece a família. O meu pai se chama José. Os cinco formamos um todo, porque os nossos corações batem sempre em uníssono. E o senhor, como se chama?

— Enrique (Henri, que se pronuncia “ènriké” em espanhol),

— Esteve muito tempo na prisão?

— Treze anos.

— Pobre homem, como deve ter sofrido!

— Sim, muito.

— Papai, o que é que Enrique poderá fazer aqui?

— Não sei. Tem alguma ocupação?

— Não.

— Então vá à mina de ouro, lá lhe darão trabalho.

— E você, o que é que faz, José?

— Eu? Nada. Não trabalho porque pagam muito mal.

É extraordinário. É certo que são pobres, mas se vestem decentemente. Não lhe vou perguntar do que é que ele vive, se rouba, em vez de trabalhar. Aguardemos.

— Enrique, durma aqui esta noite — diz-me Maria. — Há um quarto onde antes dormia o irmão do meu pai. Ele foi-se embora e o senhor pode ocupar o lugar dele. Nós tratamos do doente enquanto o senhor trabalhar. Não agradeça, porque não lhe damos nada. É um quarto que está desocupado.

Não sei o que dizer. Deixo que me levem a trouxa. Maria levanta-se e as outras a seguem, em direção a uma porta. Maria mentiu, aquele quarto estava ocupado, porque as vejo tirar de lá roupas de mulher e mudá-las para outro lado. Faço de conta que não reparo. Não há cama, mas há melhor do que isso, como é freqüente nos trópicos: duas boas redes, suspensas, de lã. Uma grande janela sem vidraças dá para um jardim cheio de bananeiras.

Embalado na rede, custa-me a compreender o que está acontecendo. Como este primeiro dia de liberdade foi fácil! Demasiado fácil. Tenho um quarto de graça e, para cuidar de Picolino, quatro moças jovens e encantadoras. Por que razão me deixo conduzir assim, como uma criança? Por quê? Estou no fim do mundo, é verdade, mas estou convencido de que, se me deixo manejar, é porque fui prisioneiro durante tanto tempo que já só sei obedecer. E agora, que, estando livre, devia ser eu próprio a tomar as decisões, deixo-me conduzir. Exatamente como um pássaro a quem abrem a gaiola e já não sabe voar. Tem de voltar a aprender.

Adormeço, disposto a não recordar o passado, como me aconselhou o homem de El Dorado. Só um pensamento antes de adormecer: a hospitalidade destas pessoas é uma coisa desconcertante e maravilhosa.

Acabo de almoçar dois ovos fritos, duas bananas fritas, cobertas de margarina, e pão escuro. Maria está no quarto, lavando Picolino. Um homem aparece à entrada da porta. Na cintura, de lado, traz um sabre pendurado, uma espécie de facão de mato.

— *Gentes de paz!* — diz.

— Que quer você — pergunta José, que almoçou comigo.

— O chefe civil (chefe administrativo local) quer ver os caieneses.

— Não os chame assim. Chame-os pelo nome.

— Está bem, José! Como é que eles se chamam?

— Enrique e Picolino.

— *Señor* Enrique, venha comigo, sou polícia. Foi o chefe que me mandou.

— Que querem com ele? — pergunta Maria, saindo do quarto. — Eu vou com ele. Esperem que me vista.

Em poucos minutos, Maria fica pronta. Saindo imediatamente para a rua, dá-me o braço. Surpreendido, olho-a e ela sorri para mim. Chegamos rapidamente à prefeitura, onde estão outros polícias, todos à paisana, exceto dois, de uniforme, com o sabre pendurado na cintura. Numa sala cheia de espingardas, um negro, com boné agaloado. Diz-me:

— É você o francês?

— Sou.

— E o outro?

— Está doente — diz Maria.

— Sou o comandante da polícia, para o servir e ajudar em caso de necessidade. Chamo-me Alfonso. — Estende-me a mão.

— Obrigado. Chamo-me Enrique.

— Enrique, o chefe civil quer vê-lo. Você não pode entrar, Maria — acrescenta, vendo que ela quer me seguir. Passo para a outra sala.

— Bom dia, francês. Sou o chefe civil. Sente-se. Como tem a residência fixa aqui, em Callao, mandei-o vir para conhecê-lo, porque está sob a minha responsabilidade.

Pergunta-me o que vou fazer, onde quero trabalhar. Conversamos um bocado e depois me diz:

— Apareça sempre que quiser, eu o ajudarei a organizar a vidinha o melhor possível.

— Muito obrigado.

— Ah! Mais uma coisa. Devo avisá-lo de que mora em casa de moças muito simpáticas e honestas; mas o pai, o José, é um pirata. Adeus.

Maria está lá fora, à porta da prefeitura, na atitude de espera dos índios, imóvel, sem se mexer, nem falar com ninguém. É certo que Maria não é índia. Apesar disso, com o pouco que há nela desse sangue longínquo, a raça sobressai. Com o braço debaixo do meu, atravessamos a aldeia toda, porque voltamos para casa por outro caminho.

— Que queria o chefe civil com você? — pergunta Maria, tratando-me por você pela primeira vez.

— Nada. Disse-me que podia contar com ele para me ajudar a encontrar trabalho e no caso de vir a ter aborrecimentos.

— Enrique, você agora não precisa de ninguém e o seu amigo também não.

— Obrigado, Maria.

Passamos diante do tabuleiro de um vendedor ambulante cheio de enfeites para mulheres: colares, pulseiras, brincos, alfinetes, etc.

— Olhe, você já viu estas coisas?

— Já, são bonitas!

Levo-a até o tabuleiro e escolho o mais belo colar, brincos combinando com ele, e outros três mais modestos, para as irmãs. Pago por esses enfeites de mascate trinta bolívares, com uma nota de cem. Ela põe imediatamente os brincos e o colar. Os grandes olhos negros brilham de alegria e me agradecem, como se se tratasse de jóias preciosas.

Entramos em casa, onde as três moças soltam exclamações de alegria ao verem os presentes. Deixo-as e vou para o quarto. Tenho necessidade de refletir sozinho. Esta família me ofereceu hospitalidade com uma nobreza fora do vulgar. Apesar de tudo, devo aceitar? Tenho algum dinheiro venezuelano e dólares antilhanos, sem falar nos diamantes. Com tudo isso, posso viver mais de quatro meses sem preocupações e mandar tratar de Picolino.

Estas moças são muito bonitas e, como as flores dos trópicos, certamente muito quentes, sensuais, prontas a se dar com toda a facilidade, sem cálculo, sem pensar demasiado. Hoje vi Maria olhar para mim quase amorosamente. Poderei resistir a tantas tentações? É melhor partir desta casa demasiado acolhedora, porque não quereria, por fraqueza, trazer-lhe problemas e sofrimentos. Por outro lado, tenho trinta e sete anos, dentro em pouco trinta e oito, e mesmo que pareça mais novo isso não me faz desaparecer a idade. Maria ainda não tem dezoito anos e as irmãs são ainda mais novas. Acho que devo partir. O melhor seria deixar Picolino aos seus cuidados, pagando-lhes uma pensão, claro.

— Sr. José, quero falar-lhe a sós. Vamos beber um rum no café da praça?

— Está bem. Mas não me trate por senhor. Chame-me José e eu o chamo Enrique. Vamos. Maria, nós vamos à praça, não demoramos.

— Mude de camisa, Enrique — diz-me Maria —, a que você está usando está suja.

Vou mudar de camisa no quarto. Antes de partir, Maria diz-me:

— Não demore muito, Enrique, e não beba demais.

E antes que, surpreendido, eu me possa afastar, prega-me um beijo na cara. O pai ri e diz:

— Maria já está apaixonada por você.

A caminho do bar, começo.

— José, você e a sua família me acolheram neste primeiro dia de liberdade e eu lhes agradeço muitíssimo. Tenho pouco mais ou menos a mesma idade que você; não queria pagar-lhe mal a hospitalidade. Você, como homem, deve compreender que, vivendo junto das suas filhas, seria difícil não me apaixonar por uma delas. Ora, tenho o dobro da idade da mais velha e sou legalmente casado, na França. Sendo assim, vamos beber um ou dois copos juntos e depois acompanhe-me a uma pensão que não seja cara. Tenho com que pagar.

— Francês, você é um homem sério — diz-me José, olhando-me bem de frente nos olhos. — Dê-me a sua mão para que a aperte bem, como irmão; quero agradecer-lhe o que acaba de dizer a um pobre-diabo como eu. Aqui, como você vê, as coisas não são bem iguais às do seu país. Quase ninguém é casado legalmente. As pessoas divertem-se, fazem amor e, se aparece uma criança, juntam-se. Unem-se tão facilmente como se separam. Neste país faz muito calor, o que torna as mulheres ardentes. Têm sede de amor, do prazer da carne. São precoces. Maria é uma exceção em não ter tido ainda uma aventura, embora já tenha dezoito anos. Acho que a moral do seu país é melhor que a nossa, porque aqui há tantas mulheres com filhos sem pai que é um problema muito grave. Mas que havemos de fazer? Deus disse para se amarem e terem filhos! As mulheres deste país não são calculistas, não procuram uma posição social quando se dão a um homem. Querem amar e ser amadas, só isso, naturalmente, nada mais. São fiéis, enquanto você lhes agradar sexualmente. Depois a coisa muda de figura. No entanto são mães exemplares, que, pelos seus filhos, se sacrificam ao máximo, chegando a sustentá-los até quando eles já podem trabalhar. Portanto, mesmo que você reconheça que está no meio de tentações permanentes, fique lá em casa, peço-lhe mais uma vez. Sinto-me feliz por ter um homem como você em minha casa.

Entramos no bar sem que eu lhe responda. É simultaneamente bar e mercearia. Há uma dúzia de homens sentados. Bebe-se *cuba-libre,* uma mistura de rum com Coca-Cola. Várias pessoas vieram cumprimentar-me e dar-me as boas-vindas. José apresenta-me sempre como um amigo que vive em casa dele. Bebemos muitos copos. Quando peço a conta, José quase se zanga. Quer, a todo custo, pagar. Mesmo assim, consigo que o dono do bar recuse o dinheiro dele e

aceite o meu.

Tocam-me no ombro, é Maria.

— Venha para casa. Está na hora do almoço. Não beba mais, você me prometeu não beber muito. — Ela me trata por você o tempo todo, agora.

Como José estava discutindo com outro homem, ela não lhe diz nada, mas me pega no braço e me leva para fora.

— E o seu pai?

— Deixe-o lá. Não posso dizer-lhe nada quando está bebendo e nunca o venho procurar no café. Ele não admite.

— Então por que veio procurar-me?

— Com você é diferente. Vá lá, Enrique, venha comigo.

Tem o olhar tão brilhante e me fala com tanta simplicidade que volto com ela para casa.

— Você merece um beijo — diz ela ao chegarmos. E coloca os lábios na minha cara, muito perto da boca.

José entra, depois de termos almoçado todos juntos, na mesa redonda. Para comer, Picolino é ajudado pela mais nova, que lhe dá os alimentos em pequenas quantidades.

José senta-se sozinho à mesa. Como está bêbado, fala sem pensar.

— Enrique tem medo de vocês, filhas! Tem tanto medo que quer sair de casa. Disse-lhe que, a meu ver, pode ficar, e que as minhas filhas são suficientemente crescidas para saberem o que devem fazer.

Maria olha para mim. Tem um ar espantado, talvez um pouco decepcionado.

— Papai, se ele quer partir, que parta! Mas não acredito que esteja melhor noutro lado do que em nossa casa, onde já toda a gente gosta dele. — E, voltando-se para mim, acrescenta: — Enrique, não seja *cobarde*. Se uma de nós lhe agradar e você gostar dela, por que vai fugir?

— É que ele é casado na França — disse o pai.

— Há quanto tempo você não vê a sua mulher?

— Treze anos.

— Aqui, quando gostamos das pessoas, não é só para nos casarmos. Se nos damos a um homem, é para o amar, sem mais nada. Mas você fez bem em

dizer ao nosso pai que é casado, assim não pode prometer nada a uma de nós, a não ser amá-la, simplesmente.

E diz-me que fique com eles, sem compromisso. Cuidarão de Picolino e eu ficarei mais livre para trabalhar. Para que me sinta mais à vontade, ela vai até aceitar que eu pague qualquer coisa, como se estivesse numa pensão. Devo ficar? Nem tenho tempo para pensar bem. Tudo isto é tão novo, tão rápido, depois de treze anos de prisão! Digo:

— Está bem, Maria. Pode ser assim.

— Quer que o acompanhe esta tarde à mina de ouro, para pedir emprego? Se quiser, vamos às cinco horas, quando o sol está baixo. São três quilômetros da aldeia até a mina.

— Está bem.

Nos gestos e no rosto, Picolino manifesta alegria por ficarmos aqui. As atenções e os cuidados das moças o conquistaram. Se fico, é mais por causa dele. Sei que, ficando, com certeza em pouco tempo vou ter uma aventura. E talvez isso não me convenha.

Com o que trago na cabeça há treze anos e que há treze anos me impede de dormir, não é tão depressa que devo parar e me fixar numa aldeia do fim do mundo pelos lindos olhos de uma garota. É longo o caminho que me espera, as paradas devem ser curtas. O tempo necessário para respirar um pouco, e vamos embora! Porque, se desde há treze anos luto pela minha liberdade, se a ganhei, tenho uma razão para isso: a vingança. O procurador, a testemunha falsa, a prisão, tenho contas a ajustar com eles. E é preciso não esquecer isso. Nunca.

Saio para a praça da aldeia. Reparei numa loja com o nome de Prospéri. É, com certeza, um corso ou um italiano. Efetivamente, esta pequena mercearia pertence a um oriundo da Córsega. O Sr. Prospéri fala francês muito bem. Propõe-se amavelmente a escrever uma carta para o diretor de La Mocupia, companhia francesa que explora a mina de ouro de Caratal. É tão amável que quer mesmo ajudar-me com dinheiro. Agradeço-lhe tudo e saio.

— Que está fazendo aí, Papillon? Donde raios é que você caiu? Da lua? De pára-quedas? Venha dai um abraço!

Um brincalhão, queimado pelo sol, com um enorme chapéu de palha na cabeça, desce do burrinho onde está empoleirado. — Não se lembra de mim? — E tira o chapéu.

— Grand Charlot! É espantoso!

Grand Charlot, o autor do roubo do cofre-forte do Cinema Gaumont, na Place de Clichy, e do cofre da Estação des Batignolles, em Paris! Abraçamo-nos como dois irmãos. Lágrimas de comoção enchem-nos os olhos. Olhamos um para o outro.

— Estamos longe da Place Blanche e da cadeia, seu malandro! Não? Mas donde diabo vem você? Está vestido como um senhor e muito menos envelhecido que eu.

— Saí de El Dorado.

— Quanto tempo esteve lá?

— Mais de um ano.

— Por que é que não me mandou dizer? Eu fazia com que você saísse imediatamente, assinando um papel declarando-me responsável por você. Meu Deus! Se eu soubesse que havia uns forçados desses em El Dorado! Contudo, nunca me passaria pela cabeça que você estava lá, um compincha!

— Foi um milagre termo-nos encontrado.

— É o que você acha, Papi! Toda a Guiana venezuelana, de Ciudad Bolívar a Callao, está cheia de forçados ou de desterrados em fuga. Desde o golfo de Paria até aqui, como é a primeira terra da Venezuela que se depara aos foragidos, não é milagre nenhum encontrar quem quer que seja, porque todos, sem exceção, aqui passamos. Os que não ficaram pelo caminho, bem entendido. Onde é que você está morando?

— Em casa de um tipo chamado José, boa pessoa. Tem quatro filhas.

— Já sei, conheço. É um bom tipo, um pirata. Vamos buscar as suas coisas, porque você vem para a minha casa, está claro.

— Eu não estou sozinho. Tenho um amigo paralítico a meu cargo.

— Não tem importância. Vou buscar um burro para ele. A casa é grande e há uma negrinha que o vai tratar como uma mãe.

Depois de arranjarmos o segundo burro, fomos à casa das moças. Deixar essa boa gente foi um verdadeiro drama. Só quando lhes prometemos que as viríamos ver e que elas poderiam também visitar-nos em Caratal é que acabaram por se acalmar um pouco. Nunca me cansarei de repetir quão extraordinária é a hospitalidade das pessoas da Guiana venezuelana. Quase que tinha vergonha de mim ao deixá-las.

Duas horas depois estávamos no “palácio” de Charlot, como ele lhe

chamava. Uma grande, clara e espaçosa casa, sobre um promontório dominando todo o vale que desce de Caratal, um lugarejo, perto de Callao. À direita deste maravilhoso panorama de floresta virgem, a mina de ouro de La Mocupia. A casa de Charlot é toda feita com toros de madeira dura, arrancados na selva. Três quartos, uma linda sala de jantar e uma cozinha. Dois chuveiros no interior e um outro ao ar livre, na horta impecavelmente conservada. Aí crescem, viçosos, todos os legumes do nosso país. Um galinheiro com mais de quinhentas galinhas, coelhos, porcos-da-índia, um porco e duas cabras. Tudo isso faz a alegria atual de Charlot, antigo forçado, ex-especialista em cofres-fortes e em roubos importantes, bem planejados.

— Então, Papi, agrada-lhe a minha morada? Há sete anos que vivo aqui. Como lhe disse, em Callao estamos longe de Montmartre e do degredo. Quem é que acreditava que eu ainda viria a contentar-me com esta vida tão calma e pacífica? O que é que você acha, menino?

— Não sei, Charlot. Estou há muito pouco tempo em liberdade para ter uma opinião bem formada. Mas, não há dúvida, somos aventureiros e a nossa juventude foi muito agitada! Por isso... é um pouco desconcertante ver você feliz, tranqüilo, nesta terra perdida. Com certeza você fez tudo sozinho e bem vejo que isso representa uma dose rara de energia e de sacrifício. Repare que eu, para já, não me sinto ainda capaz de uma coisa destas.

Sentados à mesa da sala de jantar, provando um ponche à moda da Martinica, Charlot continua:

— Pois é, Papillon. Compreendo que você esteja admirado. Percebeu logo que eu vivo do meu trabalho. Com dezoito bolívares por dia (um bolívar equivale a um franco francês), levo uma vida modesta, mas que tem também as suas alegrias. Uma mãe galinha que me dê muitos pintinhos, uma coelha que tenha uma boa ninhada, um cabrito que nasce, tomates que crescem... Estes pequenos nadas que desprezamos durante tantos anos são para mim um todo que me enche de satisfações. Olhe! É a minha negrinha. Conchita! São amigos meus. Aquele está doente. Você tem de tratar dele. Este se chama Enrique ou Papillon. É um amigo da França, um amigo de sempre.

— Bem-vindos a esta casa — disse a jovem negra. — Não se preocupe, Charlot, os seus amigos serão bem tratados e você ficará satisfeito. Vou preparar o quarto para eles.

Charlot me conta a sua fuga sem história. Veio de Saint-Laurent-du-Maroni, onde ficou durante seis meses, fugindo com Simon, um dos seus compatriotas corsos, e um outro que cumpria pena dupla: — Tivemos muita

sorte em chegar à Venezuela alguns meses depois da morte do ditador Gomez. Este povo generoso nos ajudou a criar uma nova existência. Com residência fixa em Callao, durante dois anos, aqui fiquei. Como você vê, esta vida simples foi-me conquistando aos poucos. Num parto, perdi a primeira mulher e uma filhinha. E esta negrinha que você vê, Conchita, soube, com a compreensão dum verdadeiro amor, consolar-me e tornar-me feliz. E você, Papi? O seu sofrimento deve ter sido duro, porque treze anos é muito tempo. Conte lá.

Falo durante mais de duas horas desabafando com este velho amigo tudo aquilo que estes anos passados me deixaram no coração. Foi um serão maravilhoso, pudemos conversar os dois sobre as nossas recordações. Coisa estranha, nem uma palavra acerca de Montmartre, nada sobre o bairro, nada sobre antigos sucessos ou insucessos, nada de recordações dos homens do nosso meio que nunca chegaram a ser presos. Como se a vida, para nós, tivesse começado ao embarcar no *La Martinière,* eu em 1933, ele em 1935.

Uma boa salada, um frango na brasa, um queijo de cabra e uma deliciosa manga, tudo regado com um Chianti, servido alegremente por Conchita, mostram que Charlot está satisfeito por me receber bem na sua casa. Propõe-me descer ao lugarejo, para beber um copo. Digo-lhe que me sinto muito bem ali, para querer sair.

— Obrigado, meu velho! — diz-me este corso que, muitas vezes, fala com sotaque parisiense. — É verdade que se está bem aqui. Conchita, você tem de arranjar uma “noiva” para o meu amigo.

— É verdade, Enrique, vou apresentá-lo às minhas amigas, às que são mais bonitas do que eu.

— Você é a mais bonita! — diz Charlot.

— Sim, mas sou negra.

— É por isso que você é tão bela, minha Conchita! Porque é do puro sangue da sua raça.

Os grandes olhos de Conchita brilham de prazer e amor. Percebe-se facilmente que Charlot é o seu deus.

Deitado numa cama grande e boa, ouço serenamente as notícias da BBC de Londres, no aparelho de rádio da casa. Sentir-me novamente mergulhado no mundo desconcerta-me um pouco. Já perdi o hábito. Rodo o botão. A música que se segue é do Caribe, é Caracas quem canta. Não quero escutar o apelo das grandes cidades. Pelo menos esta noite. Desligo rapidamente o rádio e penso em tudo o que acabo de viver.

Terá sido voluntariamente que não falamos dos anos que passamos juntos em Paris? Não. Terá sido voluntariamente que não recordamos os conhecidos do nosso meio que tiveram a sorte de escapar? Também não. Será então que, para os forçados, tudo o que se passou antes do julgamento perde a importância?

Dou voltas e mais voltas nesta enorme cama. Está calor, não agüento mais, saio para o jardim. Sento-me em cima duma pedra. Do lugar onde estou, domino o vale e a mina de ouro. Lá embaixo, está tudo iluminado. Vejo os vagões, vazios ou cheios, indo e vindo.

O ouro, em lingotes ou transformado em notas, o ouro que sai das entranhas desta terra, serve para tudo conseguir, se o tivermos em quantidade. Esta mola do mundo que tão pouco custa extrair, já que se paga miseravelmente aos operários, é a coisa indispensável para viver bem. E o Charlot, que perdeu a liberdade por ter querido possuí-lo em quantidade, nem sequer fala dele. Não me disse se a mina era ou não rica em ouro. A felicidade dele agora é a sua negrinha, a sua casa, os bichos, os legumes. Do dinheiro nem sequer fala. Acabou por tomar juízo. Deixa-me perplexo.

Lembro-me de que ele tinha sido apanhado por culpa de um a quem chamava o Petit Louis, e Charlot, durante as nossas breves conversas na cadeia da Santé, em Paris, não parava de jurar que o havia de cortar em pedacinhos na primeira ocasião. Durante o serão nem sequer o mencionou. E eu — é espantoso! — não falei da “gaiola”, nem de Goldstein, nem do procurador. Tinha a obrigação de ter falado, Deus meu! Não fugi para vir a acabar feito meio operário, meio jardineiro!

Prometi a mim mesmo respeitar este pais e hei de manter a palavra, está certo. Mas isso não quer dizer que tenha renunciado à minha vingança. Papi, é preciso não esquecer que se você está hoje aqui é porque essa idéia de vingança o alimentou durante treze anos na cadeia e também porque ela foi a sua única religião, que você não deve abandonar nunca.

É bem bonita esta pequena negrinha, mas mesmo assim pergunto se o Grand Charlot não estaria melhor numa grande cidade do que nesta terra do fim do mundo. Ou eu sou estúpido e ainda não consegui compreender que a vida do meu amigo tem o seu encanto, ou teria ele tido medo das responsabilidades que a vida moderna obrigatoriamente impõe. É um caso a estudar.

Charlot tem quarenta e cinco anos; não é, portanto, um homem velho. Grande e forte, um arcabouço de camponês corso abundante e sadiamente alimentado na juventude. Bronzeado pelo sol do país, quando põe o enorme chapéu de palha na cabeça, com as abas enroladas dos lados, tem, na verdade,

um ar imponente. É o verdadeiro tipo de pioneiro destas regiões virgens e adaptou-se de tal maneira às pessoas e ao país que não destoa no meio deles. Pelo contrário, passou a fazer parte deles.

Há sete anos que está aqui este andarilho de Montmartre ainda bem conservado! Com certeza teve de trabalhar mais de dois anos para desbravar esta ponta do planalto e construir a casa. Teve de ir ao sertão, escolher a madeira, cortá-la, carregá-la, ajustá-la. Cada viga é feita da madeira mais dura e mais pesada do mundo, chamada pau-ferro, Tudo o que ganhava na mina deve tê-lo gasto aí, com certeza, porque precisou de pedir a ajuda e teve de pagar a mão-de-obra, o cimento (a casa é cimentada), o poço, o motor para levar a água ao reservatório.

Esta jovem negrinha bem-feita, com os seus belos olhos apaixonados, deve ser a companheira ideal para este velho lobo-do-mar na reforma. Vi uma máquina de coser na sala grande. Ela própria deve fazer os vestidinhos que lhe ficam tão bem. Charlot não gasta muito dinheiro com modistas!

A verdade é que se ele não foi para as cidades é talvez por não estar seguro de si, e aqui gozar duma existência sem problemas. Charlot, você é um bom sujeito! É a imagem daquilo em que se pode vir a tornar um aventureiro. Felicito-o, mas também felicito aqueles que ajudaram você a mudar, não só de vida mas até da maneira de pensar o que pode ou deve ser uma vida.

Apesar disso, são perigosos estes venezuelanos com o seu acolhimento caloroso. Estar constantemente rodeado de amizade e de simpatias humanas torna-nos depressa prisioneiros, se nos deixarmos agarrar. Sou livre, livre, livre, e quero sê-lo sempre.

Cuidado, Papi! Veja o que faz! Principalmente nada de criar raízes. Sente-se necessidade de amor quando se está há muito tempo sem ele. Felizmente já tive a minha primeira explosão em Georgetown. Ainda não há dois anos, eu tinha Indara, a hindu. Por este lado, o choque não é tão grande como se eu tivesse vindo diretamente da “gaiola”, que foi o que aconteceu a Charlot. No entanto, Indara era bela, eu me sentia feliz, mas nem por isso me fixei em Georgetown, deixando-me viver serenamente. E depois a vida tranqüila, ainda que feliz, se é demasiado calma, não é feita para mim, bem o sinto.

A aventura, menino, não há como a aventura para nos sentirmos viver, viver plenamente! Aliás, foi por isso que parti de Georgetown e vim dar a El Dorado. Mas também foi por isso que hoje estou aqui, nesta terra.

Bem. Aqui as moças são bonitas, quentes e cativantes, e certamente não

poderei viver sem amor. Cabe a mim evitar as complicações. Tenho de prometer a mim próprio ficar aqui um ano, pois sou obrigado a isso. Quanto menos possuir, mais facilmente poderei desligar-me deste país e desta gente, demasiado enfeitiçadores. Sou um aventureiro, sim, mas com uma diferença: quero ganhar dinheiro honestamente, pelo menos sem fazer mal a ninguém. A minha finalidade: Paris, um dia, para apresentar a “conta” àqueles que me fizeram sofrer tanto.

Satisfeitos, os meus olhos enchem-se ainda com a imagem da lua que vai desaparecer na floresta virgem, mar de cumes negros com vagas de diferentes níveis, mas que permanecem imóveis. Entro de novo no quarto e me estico sobre a cama.

Paris, Paris! Estás ainda muito longe, mas não tão longe assim; há de chegar um dia em que voltarei a pisar o asfalto das tuas ruas.

2

A MINA

Graças à carta de recomendação de Prospéri, o merceeiro corso, sou contratado, oito dias depois, para a mina de La Mocupia. Estou encarregado do funcionamento das bombas que aspiram a água das galerias.

Esta mina de ouro se parece com uma mina de carvão. As mesmas galerias, debaixo da terra, etc. Não há filões de ouro, poucas pepitas. O metal precioso está amalgamado nas rochas de pedra dura. Fazem-nas saltar com dinamite, depois partem a martelo os blocos demasiado grandes. Os pedaços são colocados nos vagões, que sobem à superfície no elevador. Os trituradores reduzem a pedra a um pó mais fino que a areia. Misturado com a água, dá uma lama líquida, que as bombas atiram para tanques enormes, tão grandes como reservatórios de refinaria de petróleo e contendo cianeto, O ouro se dissolve num líquido mais pesado que os outros e vai para o fundo. Aquecidos os tanques, o cianeto se evapora arrastando as partículas de ouro, que se solidificam e, ao passar, são retidas em filtros, verdadeiros pentes. Recolhido, feito em barras, a sua qualidade de vinte e quatro quilates é cuidadosamente controlada, e é colocado num armazém ciosamente guardado. Mas guardado por quem? Nada menos que por um forçado evadido, Simon, companheiro de fuga do Grand Charlot.

Depois do trabalho, vou gozar este espetáculo: contemplar, dentro do depósito, um grande monte de lingotes de ouro bem alinhados pelos cuidados de Simon, um antigo presidiário! Nem sequer há uma casa forte, nada a não ser uma sala cimentada, de paredes um pouco mais espessas que o normal, cora uma porta de madeira.

— Como vai isso, Simon?

— Vai indo. E você, Papi? Está contente em casa de Charlot?

— Sim, estou bem.

— Não sabia que você tinha estado em El Dorado, se soubesse tinha-o procurado.

— Agradeço-lhe. Você é feliz aqui?

— Sabe, tenho uma casa, não tão grande como a de Charlot, mas a minha é de tijolo e cimento. Fui eu que a construí. Tenho uma mulher jovem e muito simpática. Temos duas meninas. Vá ver-me quando quiser, a minha casa é como se fosse sua. Charlot disse-me que o seu amigo está doente. Como a minha mulher sabe dar injeções, se precisar dela venha sem acanhamento.

Conversamos. Também ele está completamente feliz. Também ele não fala nem da França, nem de Montmartre, onde, apesar de tudo, viveu. Tal como Charlot. O passado já não existe, só o presente conta, a mulher, as garotas, a casa. Disse-me que ganhava vinte bolívares por dia. Felizmente fazem omeletes com ovos das galinhas e as galinhas são criadas em casa, porque com os vinte bolívares Simon e a família não iriam longe!

Contemplo esse monte de ouro ali armazenado tão negligentemente, por trás desta porta de madeira e destas quatro paredes de trinta centímetros de espessura. Uma porta que, com dois empurrões de pé-de-cabra, se abriria sem barulho. Este montão de ouro a três bolívares e meio o grama, ou a trinta e cinco dólares a onça, deve andar à volta de três milhões e quinhentos mil bolívares ou um milhão de dólares. E esta fantástica fortuna está à mão! Apoderar-se dela é quase uma brincadeira de criança.

— É lindo este montão de lingotes bem alinhados, hem, Papillon?

— Seria mais bonito desalinhado e bem escondido. Que fortuna!

— Talvez, mas não é nosso. É sagrado, porque o confiaram a mim.

— Confiaram-no a você, mas não a mim.. Confesse que é tentador ver uma coisa assim ao abandono.

— Não está ao abandono, já que sou eu que a guardo.

— Talvez, mas você não fica aqui vinte e quatro horas por dia.

— Não, só das seis horas da tarde às seis da manhã. Mas durante o dia há um outro guarda que você talvez conheça. É o Alexandre, do negócio dos vales de correio falsos.

— Ah! Sim, conheço-o. Bom, Simon, adeus. Dê cumprimentos à sua família.

— Você nos vai visitar?

— Terei muito prazer. Tchau!

Parto rapidamente, o mais rapidamente possível, deste lugar de tentação.

Incrível! Dir-se-ia que querem ser roubados a todo custo, os tipos desta mina. Um depósito que quase não fica de pé, e ainda por cima dois antigos ladrões de categoria guardando este tesouro! Sim, na verdade, já não me falta ver mais nada na minha vida de aventureiro!

Lentamente, volto a subir o caminho em ziguezague que conduz ao lugarejo. Tenho de percorrê-lo todo antes de chegar ao promontório onde fica o "palácio" de Charlot. Coxeio um pouco, porque este dia de oito horas foi rude. Na segunda galeria subterrânea, apesar dos ventiladores, o ar é bastante rarefeito, úmido e quente. As minhas bombas pararam três ou quatro vezes, foi preciso pô-las para trabalhar de novo. São oito horas e meia e entrei debaixo de terra ao meio-dia. Ganhei dezoito bolívares. Se tivesse espírito de operário, não era tão mau assim. A carne custa dois bolívares e meio o quilo; o açúcar setenta cêntimos; o café dois bolívares. Os legumes também não são caros; o arroz é a meio bolívar o quilo e os feijões secos custam o mesmo. Pode-se levar uma vida barata, é verdade. Mas terei eu juízo suficiente para aceitar este tipo de vida?

Sem querer, ao subir o caminho pedregoso onde ando facilmente, graças aos sapatões ferrados recebidos na mina, sem querer e ainda que tudo faça para não pensar nisso, vejo este milhão de dólares em barras de ouro que está mesmo pedindo que um tipo audacioso se aproprie dele. Não é difícil, sobretudo à noite, surpreender Simon e, sem que ele se dê conta, cloroformizá-lo. E o negócio está no papo, porque eles são irresponsáveis ao ponto de lhe deixarem a chave do depósito para que se abrigue lá dentro quando chove. Que inconsciência! Só falta transportar os duzentos lingotes para fora da mina e carregá-los sobre um veículo qualquer, em caminhão ou uma carroça. Deveria haver vários esconderijos preparados na selva ao longo do caminho, onde seriam guardados os lingotes, em pequenos lotes de cem quilos. Se fosse um caminhão, uma vez descarregado, continuar o mais longe possível, escolher um lugar muito profundo do rio e atirá-lo lá para dentro. Uma carroça? Há muitas na praça da aldeia. O cavalo é que é mais difícil de encontrar, mas não impossível. Entre as oito horas da noite e as seis da manhã, uma noite de chuva torrencial daria o tempo necessário para fazer a operação e deixaria mesmo a possibilidade de voltar a deitar-se, muito ajuizadamente, em casa.

Desemboco nas luzes da pequena praça da aldeia, quando me vejo já com o "golpe" bem sucedido a deslizar pelos lençóis da grande cama de Charlot.

— *Buenas noches, francés!* — diz-me um grupo de homens, sentado diante do bar do adulador.

— Boa noite! Boa noite a todos, hombres!

— Sente-se um pouquinho conosco. Quer tomar uma cerveja gelada? Iria dar-nos muito gosto.

Recusar seria falta de educação. Aceito. E me sento no meio desta boa gente, mineiros, na maioria. Querem saber se estou bem, se arranjei uma mulher, se Conduta trata bem de Picolino, se preciso de dinheiro para medicamentos ou negócios. Essas ofertas generosas, espontâneas, chamam-me à realidade. Um pesquisador de ouro propõe-me partir com ele se a mina não me agrada e se eu quiser trabalhar só quando tiver vontade.

— É duro, mas ganha-se mais. E, depois, um dia pode-se vir a ser rico.

Agradeço a todos e quero oferecer-lhes uma rodada.

— Não, *francés,* você é nosso convidado. Outro dia, quando ficar rico. Que Deus o ajude!

Retomo o caminho do “palácio”. Na verdade é fácil um homem tornar-se humilde e honesto no meio desta gente que vive com pouco, é feliz com quase nada e adota uma pessoa sem querer saber de onde vem e o que foi.

Conchita me recebe. Está só, Charlot está na mina. Quando eu saía, ele entrava. Conchita, toda ela é vivacidade e delicadeza. Dá-me chinelos para descansar dos sapatões.

— O seu amigo está dormindo. Comeu bem e eu fui colocar no correio uma carta pedindo que o recebam no hospital de uma cidadezinha mais importante, não longe daqui, Tumereno.

Agradeço e como a refeição quente que me esperava. Este acolhimento familiar, tão simples e alegre, descontrai-me e dá-me a paz de que tenho necessidade, depois da tentação da tonelada de ouro. A porta se abre.

— Boa noite a todos!

Duas moças entram, sem cerimônia, na sala.

— Boa noite — diz Conchita. — São duas amigas minhas, Papillon.

Uma é morena e elegante, chama-se Graciela. Tem um tipo cigano acentuado, porque o pai era espanhol. A outra chama-se Mercedes. O avô era alemão, o que explica a pele branca e os cabelos louros, muito finos. Graciela tem os olhos negros de uma andaluza que tivesse uma ponta do picante tropical e Mercedes os olhos verdes que me fazem lembrar, de repente, Lali, a índia guarira. Lali... Lali e a irmã, Zoraima, que foi feito delas? Não tentarei procurá-las, uma vez que voltei à Venezuela? Estamos em 1945, já passaram doze anos. Foi há muito tempo, mas apesar desses anos todos senti um aperto no coração ao

lembrar-me dessas duas criaturas tão belas. Durante esse tempo devem ter refeito a sua vida com um homem da mesma raça. Não, honestamente, não tenho o direito de ir perturbar a sua nova vida.

— As suas amigas são encantadoras, Conchita! Agradeço que as tenha apresentado a mim.

Percebo que ambas são solteiras e não têm namorado. O serão passa depressa, nesta boa companhia, Acompanho-as com Conchita até a entrada da aldeola e acho que elas se apóiam com força nos meus braços. Conchita diz-me que agradei tanto a uma como a outra:

— Qual é a que agrada a você? — pergunta.

— São ambas encantadoras, Conchita, mas não quero complicações.

— Você chama complicações a fazer amor? O amor é como comer e beber. Você pode viver sem comer e beber? Eu, quando não faço amor, fico doente, e já tenho vinte e dois anos. Pense o que não será para elas, que têm dezesseis e dezessete anos. Se elas não usufruírem o corpo morrem.

— E os pais? — E tornou-me a dizer o que me tinha dito José, que as moças do povo, aqui, amam para ser amadas. Espontaneamente, dão-se completamente ao homem que lhes agrada sem nada lhe pedir em troca, a não ser fazê-las vibrar.

— Compreendo, querida Conchita. Não desejo menos que outro fazer amor por amor. Mas avise as suas amigas que uma aventura comigo não me compromete em nada. Uma vez prevenidas é outra coisa.

Meu Deus! Não vai ser fácil escapar a um tal ambiente. Charlot, Simon, Alexandre e outros, sem dúvida, foram literalmente seduzidos. Percebo por que é que são completamente felizes no meio desta raça generosa e alegre, tão diferente da nossa. E deito-me.

— Levante-se, Papi, são dez horas. Você tem uma visita.

— Bom dia, senhor.

Um homem de uns cinqüenta anos, grisalho, cabeça descoberta, alto, de olhos francos encimados por sobrancelhas espessas, estende-me a mão.

— Sou o Dr. Bougrat[1]. Vim porque me disseram que um de vocês dois estava doente. Vi o seu amigo. Não há nada a fazer se não o hospitalizarem em Caracas. E será difícil curá-lo.

[1] *Herói de um célebre caso criminal em Marselha, nos anos 30. Um homem foi encontrado morto num armário do seu consultório. Erro profissional da dosagem de uma injeção, sustentou Bougrat. Assassinato, declarou o tribunal. Condenado* à *prisão perpétua, evade-se rapidamente de Caiena* e refaz *uma vida muito digna, na Venezuela. (N. do A.)*

— Come conosco, doutor? — pergunta Charlot, sem cerimônia.

— Com todo o prazer, obrigado. Servem o aperitivo, e, saboreando a bebida, Bougrat interroga-me.

— Então, Papillon, que é que você conta?

— Bem, doutor, dou os primeiros passos na vida. Tenho a sensação de que acabo de nascer. Ou antes, como um adolescente, sinto-me desorientado. Não vejo muito bem que caminho hei de seguir.

— O caminho é simples. Olhe à sua volta e verá. Com uma ou duas exceções, todos os nossos antigos camaradas seguiram o caminho certo. Estou na Venezuela desde 1928. Nenhum dos forçados que eu conheci cometeu delitos aqui. Quase todos são casados, têm filhos e vivem honestamente, aceitos pela sociedade. Esqueceram de tal maneira o passado que alguns seriam incapazes de lhe contar com precisão o caso que os fez condenar. É vago, longínquo, enterrado num passado brumoso, sem importância.

— Para mim é talvez diferente, doutor. Apresentei uma “conta” bastante grande àqueles que me condenaram injustamente: treze anos de lutas e de sofrimentos. Para me pagarem é preciso que volte à França e para isso faz-me falta muito dinheiro. Não é trabalhando como operário que farei economias suficientes para a viagem de ida e volta, se é que há uma volta, sem contar com as despesas de execução do meu plano. E, depois, acabar a minha vida nestas terrinhas perdidas... Caracas me atrai.

— Mas você julga que é o único dentre nós a ter contas a ajustar? Ora, escute esta história de um rapaz que eu conheço. Chama-se George Dubois. Era um tipo dos bairros pobres de La Villette. Um pai alcoólatra, muitas vezes internado em *deliriam tremens,* uma mãe com seis filhos arrastando a miséria pelos bares árabes do bairro. Desde os oito anos, Jojo, como lhe chamavam, ia de casa de reeducação em casa de correção. Tinha cometido o crime de roubar fruta, por várias vezes, das caixas das mercearias. Primeiro, algumas estadas no patronato do Abade Rollet; depois, aos doze anos, fechado numa casa de correção mais severa. É inútil dizer a você que, aos catorze, estava no meio de maiores de dezoito anos; teve de defender o cu. Como era fraco, só tinha um

recurso para se defender, uma arma. Uma facada na barriga de um dos chefezinhos depravados e a administração o envia para a mais severa casa de correção, a dos incorrigíveis, a de Esse. Esteve lá até os vinte e um anos, veja você! Abreviando: entrado aos oito no circuito, foi mesmo assim libertado aos dezenove, mas com a obrigação de se juntar imediatamente aos terríveis batalhões disciplinares, na África. Porque, com o seu passado, não tinha o direito de ir para o Exército regular. Dão-lhe um pecúlio e o despedem! A desgraça quer que este rapaz tenha uma alma. O seu coração está talvez endurecido, mas tem ainda sensibilidade. Na estação, num trem, vê uma placa: PARIS. Foi como uma mola que se disparasse. Não demora a saltar lá para dentro e chega a Paris. Quando sai da estação, chove. Abriga-se debaixo de um toldo para pensar como se irá dirigir a La Villette. Debaixo do mesmo toldo encontra-se uma jovem que também se abriga da chuva. Ela o olha com simpatia. De mulheres, tudo o que ele conhece sobre o assunto é a rechonchuda patroa do guarda-chefe de Esse e o que lhe contaram os grandes, com mais ou menos verdade, na casa de correção. Nunca o olharam como esta moça, e começaram a falar.

“ ‘De onde você vem?’

“ ‘Do interior.’

“ ‘Gostei de você. Por que não vamos até um hotel? Serei simpática e ficaremos no quentinho.’

“Jojo está perturbado. A moça parece-lhe uma coisa maravilhosa, ela apóia a sua mão doce na dele. Para ele a descoberta do amor é um deslumbramento. A moça é jovem e apaixonada. Quando, saciados de amor, se sentam na cama para fumar um cigarro, a jovem pergunta-lhe:

“ ‘É a primeira vez que você se deita com uma mulher?’

“ ‘Sim’, confessa ele.

“ ‘Por que esperou tanto tempo?’

“ ‘Estive na prisão de menores.’

“ ‘Muito tempo?’

“ ‘Muitíssimo tempo.’

“ ‘Eu também estava num patronato. Fugi.’

“ ‘Que idade tem você?’, pergunta Jojo.

“ ‘Dezesseis anos.’

“ ‘De que lugar é você?’

“ ‘De La Villette.’

“ ‘Em que rua você morava?”

“ ‘Rue de Rouen.’

“Jojo também. Tem medo de descobrir:

“ ‘Como é o seu nome?’, pergunta.

“ ‘Ginette Dubois.’

“Era a irmã dele. Ficam perturbados e põem-se a chorar, juntos, de vergonha e miséria. Depois, cada um conta o seu calvário. Ginette e as outras irmãs tiveram a mesma vida que ele: patronatos e casas de correção, A mãe acaba de sair do sanatório. A irmã mais velha trabalha num bordel, para os árabes de La Villette. Decidem ir vê-la. Logo que saem, um policia de uniforme interpela a moça.

“ ‘Com que então, sua sem-vergonha, não lhe disse que não negociasse na minha zona?’ E avança para eles.

“ ‘Puta, desta vez ponho-a atrás das grades!’

“É demasiado para Jojo. Depois de tudo o que acaba de passar, já nem sabe o que faz. Saca de uma faca com várias lâminas que comprou para o regimento e a espeta no peito do guarda. Preso, condenado à morte por doze jurados idôneos, é agraciado pelo presidente da República e enviado para a prisão.

“Pois bem, Papillon, evadiu-se e agora vive, casado, num porto bastante importante, Cumana. É sapateiro e tem nove filhos, bem sustentados, que vão à escola. Um dos mais velhos freqüenta até a universidade, desde o ano passado. Todas as vezes que passo em Cumana vou vê-los. É um belo exemplo, não acha? Também ele, acredite, tinha contas sagradas a ajustar com a sociedade. Veja, Papillon, você não é uma exceção. Muitos dentre nós tinham motivos para se vingar. Nenhum, que eu saiba, abandonou este país para o fazer. Confio em você, Papillon. Já que Caracas o atrai, vá, mas espero que saiba viver essa vida moderna sem cair em ciladas.”

Bougrat partiu muito tarde, depois do almoço. Fiquei muito impressionado por tê-lo conhecido. Por que me terá acontecido isso? Fácil, é fácil de compreender! Nestes primeiros dias de liberdade, encontrei forçados felizes, readaptados, mas uma vida sem nada de extraordinário. É mais um fim ajuizado e muito modesto. Ficam na humilde situação de operários ou camponeses. Bougrat não é assim. Pela primeira vez encontro um ex-forçado

que é hoje um senhor. Foi isso que me perturbou o coração. E eu, serei também um senhor? Poderei vir a sê-lo? Para ele, médico, foi relativamente fácil. Para mim, será muito difícil; mas, embora não saiba ainda como, o certo é que um dia eu também serei um senhor.

Sentado no meu banco, ao fundo da galeria 11, vigio as bombas que hoje funcionam sem aborrecimentos. Repito ao ritmo do motor as palavras de Bougrat: “Confio em você, Papillon! Desconfie dos ardis da cidade”. É certo que os deve haver, mas não é fácil mudar de idéia. A prova: ainda ontem, a vista do depósito do ouro perturbou-me completamente. Estava em liberdade somente há quinze dias e ao subir o caminho, maravilhado com essa fortuna tão à mão, planejei a maneira de me apossar dela. E muito lá no fundo, certamente, ainda não decidi deixar sossegados esses lingotes de ouro.

Os pensamentos se chocam na minha cabeça. “Papillon, confio em você.” Mas poderei aceitar viver como os meus companheiros? Não creio. Apesar de tudo, há muitos outros meios honestos de ganhar bom dinheiro. Não sou obrigado a aceitar esta vida, demasiado modesta para mim. Posso continuar na aventura, fazer-me pesquisador de ouro, de diamantes, ir para a selva e um dia sair de lá com uma soma bastante grande para conseguir uma situação aceitável.

Sim, sinto-o, não será fácil abandonar a aventura e os “golpes” arriscados. Mas, apesar da provocação que exerce em mim esse montão de ouro, se refletisse sensatamente, não devia fazê-lo, não posso fazê-lo, não tenho o direito disso. Um milhão de dólares... Papi, você viu bem? E ainda por cima esse negócio está no papo. Nem vale a pena estudá-lo, está feito antes de começado, não pode falhar. É verdade que é tentador. Meu Deus! Não há direito de se desprezar uma montanha de ouro quase abandonada e dizer-lhe: “Não se mexa”. Bastava-me a décima parte desse ouro para levar tudo até o fim, vingança incluída, para concretizar tudo o que sonhei fazer ao longo destes milhares de horas em que estive enterrado.

Às oito horas o elevador me leva para cima. Dou uma pequena volta para não passar junto do depósito. Quanto menos o vir, menos o desejarei. Vou rapidamente para casa, atravesso a aldeia cumprimentando as pessoas, desculpando-me aos que querem que eu pare, com o pretexto de que estou com pressa. Conchita espera-me, sempre muito negra e alegre.

— Então, Papillon, como vai isso? Charlot me disse que lhe servisse um bom aperitivo antes do jantar. Disse-me que você lhe dá a impressão de ter problemas... O que é que você tem, Papi? Pode dizer a mim, a mulher do seu amigo. Não quer que diga a Graciela ou a Mercedes para virem? Não acha que

seria uma boa idéia?

— Conchita, perolazinha negra de Callao, você é maravilhosa e eu compreendo que Charlot a adore! Talvez você tenha razão, para meu equilíbrio seria preciso que eu tivesse uma mulher a meu lado.

— Mas claro. À não ser que Charlot tenha razão.

— Explique-se.

— Bem. Eu acho que o que faz falta a você é amar e ser amado. Charlot me diz que espere antes de meter uma mulher na sua cama, que o problema talvez seja outro.

— Que outro?

Ela hesita um momento e depois, num repente:

— Tanto pior, se você o disser a Charlot, ele vai dar-me um par de bofetadas.

— Não lhe digo nada, prometo.

— Bem, Charlot diz que você não é feito para viver a mesma vida que ele e os outros franceses daqui.

— E que mais? Vá, conte-me tudo, Conchita.

— Diz também que você deve pensar que há muito ouro inútil na mina e que seria capaz de arranjar emprego melhor para ele. Que você não é um tipo capaz de viver sem gastar muito, que tem uma vingança que não pode abandonar e que para tudo isso lhe faz falta muito dinheiro.

Olho-a bem de frente, nos olhos.

— Pois bem, Conchita, o seu Charlot não percebeu nada! Você é que tinha razão. O meu futuro não me apresenta qualquer problema. Você adivinhou, tenho necessidade é de amar uma mulher. Não ousei dizê-lo porque sou um pouco tímido.

— Não acredito nisso, Papillon!

— Bom! Vá buscar a loura e verá se não ficarei contente quando tiver amor!

— Vou imediatamente. — Vai para o quarto colocar um vestido mais fresco. — Como Mercedes vai ficar contente! — diz-me ela. Ao mesmo tempo que volta, batem à porta. — Entre! — diz Conchita. A porta se abre e vejo entrar Maria, muito intimidada.

— É você, Maria, a esta hora? Que boa surpresa! Conchita, apresento-lhe Maria, a moça que me acolheu em casa dela, quando chegamos a Callao com Picolino.

— Deixe-me beijá-la — diz Conchita. — Você é mais bonita do que me tinha dito Papillon.

— Quem é Papillon?

— Sou eu. Enrique ou Papillon é a mesma coisa. Sente-se ao meu lado, no divã, e conte algo.

Conchita ri maliciosamente:

— Acho que já não vale a pena sair — diz-me ela.

Maria ficou toda a noite lá em casa. Revelou-se uma apaixonada ainda tímida, mas vibrante às menores carícias. Sou o seu primeiro homem. Ela dorme agora, saciada. Duas velas com que substituí a luz demasiado crua da lâmpada elétrica acabam de se consumir. A sua claridade discreta faz sobressair ainda mais a beleza deste corpo jovem e dos seios ainda marcados pelos nossos abraços. Suavemente, levanto-me para ir aquecer um pouco de café e ver as horas. São quatro, Deixo cair uma caçarola, que acorda Conchita. Ela sai em roupão do quarto.

— Quer café?

— Sim.

— Com certeza só para você, porque ela deve estar dormindo com os anjos que você a fez conhecer.

— Você conhece as coisas, Conchita.

— A minha raça tem fogo nas veias, com certeza você se apercebeu disso esta noite. Ora, Maria tem uma parte de negro, duas partes de índio e o resto é espanhol. Se com essa mistura você não se sente completamente feliz, mate-a! — acrescenta ela rindo.

Um sol esplêndido e já muito alto saúda o acordar de Maria. Levo-lhe café à cama. Uma pergunta me queima os lábios:

— Não se vão inquietar com a sua ausência em casa?

— As minhas irmãs sabiam que, eu vinha aqui, portanto o meu pai o soube uma hora depois. Vai-me mandar embora hoje?

— Não, querida. Disse-lhe que não me queria juntar, mas daí a mandá-la embora, se você pode ficar sem inconveniente, é outra coisa. Fique o tempo que

quiser.

É quase meio-dia, devo partir para a mina. Maria decide voltar para casa, pedindo carona a um caminhão, e regressar à noite.

— Então, menino! Encontrou sozinho a moça de que precisava. É de primeira classe, felicito-o, seu malandro! — É Charlot, de pijama, que me fala em francês, à entrada da porta. Acrescenta que, como amanhã é domingo, se poderá regar este casamento. Está bem.

— Maria, diga ao seu pai e às suas irmãs que venham passar o domingo conosco, para festejar. E você volta quando quiser. Esta casa é sua. Bem, então bom dia, Papi! Atenção à bomba número 3, e quando sair do trabalho você não é obrigado a ir cumprimentar Simon. Não se vendo aquilo que ele guarda tão mal, menos se lamenta!

— Velho malandro! Não, não vou ver Simon. Fique sossegado, menino. Tchau.

Maria e eu atravessamos a aldeia muito abraçados para mostrar bem às moças do lugarejo que ela é a minha mulher.

As bombas trabalham maravilhosamente, até a 3. Mas nem o ar quente e úmido nem o tique-taque do motor me impedem de pensar em Charlot. Ele é que percebeu a razão de eu andar pensativo. Como velho aventureiro que é, não demorou a descobrir que o montão de ouro era o responsável. Simon também! Certamente falou-lhe na nossa conversa. Bons amigos! Se não haviam de ficar contentes por eu ter uma mulher! Esperam que com este presente magnífico de Deus esqueça os dólares-ouro.

À força de remoer tudo isso na minha cabeça, as idéias tornam-se mais claras. Atualmente esses homens são escrupulosamente honestos e levam uma vida irrepreensível. Mas, apesar dessa vida impecável, não perderam a mentalidade de homens do “ofício” e são incapazes de denunciar alguém à polícia, mesmo que adivinhem os seus projetos e saibam que lhes vai trazer grandes aborrecimentos. Os dois mais prejudicados, no caso de haver um “golpe”, são Simon e Alexandre, os guardas do tesouro. Charlot também teria, aliás, os seus aborrecimentos, porque todos os ex-presidiários seriam, sem exceção, metidos na cadeia. E, então, acabavam-se a tranqüilidade, a casa, a horta, a mulher, os filhos, as galinhas, as cabras e os porcos. Compreendo perfeitamente que estes antigos aventureiros tremessem, não por *eles,* mas pelo seu lar, ao pensar que eu ia, com a minha manobra, estragar-lhes isso tudo: “Oxalá ele não nos complique a vida”, devem ter dito. Imagino-os fazendo um

pequeno conselho de guerra. Estou com curiosidade de saber como é que enfrentaram e resolveram o problema.

A decisão está tomada. Passarei esta noite pela casa de Simon para o convidar, mais a família, para a festa de amanhã, e dir-lhe-ei que convide Alexandre, se ele puder ir. Devo fazer que todos sintam que ter uma jovem como Maria é para mim a melhor coisa do mundo.

O elevador me traz para o ar livre. Encontro Charlot, que vai descer, e lhe digo:

— Então a idéia da festa se mantém?

— Claro, Papillon. Mais do que nunca.

— Vou convidar Simon e a família. E o Alexandre, se ele puder ir.

É malandro o velho Charlot. Olha-me de frente, nos olhos, e depois, um quase nada trocista:

— Olhe, você teve uma boa idéia!

E, sem esperar, entra no elevador, que desce para o lugar de onde eu venho. Dou a volta pelo depósito do ouro e cumprimento Simon:

— Como vai tudo ai?

— Vai bem.

— Passei por aqui para cumprimentá-lo, primeiro, e para o convidar para vir almoçar conosco amanhã, domingo. Você e a sua família, bem entendido.

— De bom grado. Que é que você vai festejar? A sua liberdade?

— Não, o meu casamento. Arranjei uma mulher, Maria, de Callao, a filha de José.

— Felicito-o sinceramente. Seja feliz, homem, desejo-lhe do coração.

Aperta-me a mão com força e vou-me embora. A meio do caminho encontro Maria, que veio ao meu encontro, e foi abraçados pela cintura que subimos os dois para o “palácio”. O pai e as irmãs estarão lá, amanhã pelas dez horas, para ajudar à refeição.

— Melhor, porque seremos mais do que aquilo que estava previsto. Que é que o seu pai lhe disse?

— Disse-me: “Seja feliz, minha filha, mas não crie ilusões sobre o futuro. Eu conheço os homens só de os ver. O homem que você escolheu é bom, mas não ficará aqui. Não é homem que se contente com uma vida simples como a

nossa”.

— Que é que você respondeu?

— Que faria tudo para tê-lo o maior tempo possível.

— Deixe-me dar-lhe um beijo, Maria, você tem uma bela alma. Vivamos o presente, o futuro decidirá o resto.

Depois de ter comido ligeiramente, vamo-nos deitar, porque amanhã temos de nos levantar cedo para ajudar Conchita a matar os coelhos, a fazer um grande bolo, a procurar o vinho, etc. Esta noite foi ainda mais bela, mais apaixonada, mais fascinante que a primeira. Maria tem mesmo fogo no sangue. Sabe provocar e aumentar bem depressa o prazer que se ensina a ela. Fizemos amor de tal maneira, com uma tal intensidade, que mergulhamos no sono colados um ao outro.

No dia seguinte, domingo, a festa é coroada de êxito. José felicita-nos por nos amarmos e as irmãs de Maria lhe fazem perguntas ao ouvido, que eu pressinto cheias de curiosidade. Simon veio com a sua simpática família. Alexandre também, porque conseguiu que o substituíssem na guarda do tesouro. A mulher dele é simpática, e vem acompanhada por um rapazinho e uma menina, bem vestidos. Os coelhos estavam deliciosos e o enorme bolo, em forma de coração, não durou muito. Dançamos ao som do rádio de uma vitrola, e um antigo forçado tocou-nos, no acordeão, todas as valsinhas de há vinte anos: *Bal d’oiseaux.* etc.

Depois de vários copos, ataco, em francês, os camaradas:

— O que é que vocês pensavam? Julgavam mesmo que eu tinha a idéia de fazer qualquer coisa?

— É verdade, menino — diz Charlot. — Não se teria falado nisso, se não fosse você próprio a levantar o problema. Mas que você teve a idéia de deitar a mão naquela tonelada de ouro, isso não há dúvida nenhuma, não é? Responda francamente, Papillon!

— Vocês sabem que eu ando ruminando uma vingança há treze anos. Multipliquem esses treze anos por trezentos e sessenta e cinco dias e depois por vinte e quatro horas e cada hora por sessenta minutos, e mesmo assim não terão o número de vezes em que eu prometi a mim próprio o ajuste de contas dos meus sofrimentos. Por isso, quando vi esse monte de ouro em semelhante lugar, é verdade, pensei em organizar um trabalhinho.

— E depois? — pergunta Simon.

— Depois, examinei a situação durante estes dias todos e tive vergonha. Era a felicidade de vocês todos que eu ia destruir. Ia, talvez, deitar a perder tudo o que vocês construíram. Compreendi que a felicidade que vocês têm, e que eu espero vir a possuir um dia, valia muito mais que ser rico. Assim, a tentação de me apoderar do ouro voou para muito longe. Não tenham dúvidas, dou-lhes a minha palavra, não farei nada aqui.

— Vejam — diz Charlot cheio de alegria. — Podemos dormir em paz e tranqüilos. Não é um dos nossos que cairá na tentação. Viva Papillon! Viva Maria! Viva o amor e a liberdade! E viva o bom senso! Éramos criminosos, continuamos a sê-lo, mas só para os tiras. Agora, estamos todos de acordo sobre a questão, incluindo Papillon.

Há seis meses que estou aqui. Charlot tinha razão. No dia da festa, ganhei a primeira batalha contra a tentação do “golpe”. De uma maneira segura eu começava a desviar-me, depois de ter fugido do “caminho da podridão”. Graças ao exemplo desses amigos, obtive uma importante vitória sobre mim mesmo: desisti de apoderar-me desse milhão de dólares. O que consegui, indiscutivelmente, é que não será fácil, no futuro, deixar-me tentar por um golpe que se apresente. Depois de ter renunciado a uma fortuna dessas seria difícil que uma coisa qualquer me fizesse mudar de idéia. Apesar de tudo, não estou completamente em paz comigo mesmo. Tenho de ganhar dinheiro de outra maneira que não seja roubar, com certeza, mas é preciso que consiga ter bastante para ir a Paris ajustar contas. E isso vai-me custar uma boa nota!

Bum-bam, bum-bam, bum-bam! As bombas sugam, sem parar, a água que invade as galerias. O calor é maior que nunca. Todos os dias passo oito horas nas entranhas da mina. Neste momento, estou no turno das quatro da manhã ao meio-dia. Hoje, quando sair, tenho de ir à casa de Maria, em Callao. Picolino está lá há um mês, porque aí o médico pode vê-lo todos os dias. Segue um tratamento e é cuidadosamente vigiado por Maria e as irmãs. Vou, pois, vê-lo e fazer amor com Maria, porque há oito dias que não a vejo, e tenho, física e moralmente, necessidade dela. Apanho um caminhão.

Chove torrencialmente quando, uma hora depois, empurro a porta da casa. Estão todos sentados à mesa, exceto Maria, que tem o ar de estar à espera, de pé, junto à porta.

— Por que é que não veio mais cedo? Oito dias é muito tempo! Você está todo molhado. Venha primeiro mudar de roupa.

Leva-me para o quarto, despe-me e seca-me cora uma toalha grande.

— Estenda-se na cama — diz ela. Amamo-nos atrás desta porta que nos separa dos que nos esperam, sem nos preocuparmos com eles nem com a sua impaciência. Adormecemos, e é Esmeralda, a irmã dos olhos verdes, que à tardinha, ao cair da noite, nos acorda suavemente.

Depois de um jantar em família, José, o Pirata, propõe-me dar um volta.

— Enrique, você escreveu ao chefe civil para que ele peça em Caracas o fim do seu *confinamiento* (residência forçada), não?

— É verdade, José.

— Ele já recebeu a resposta de Caracas. — É boa ou má?

— Boa. O seu *confinamiento* acabou.

— Maria já sabe?

— Que disse ela?

— Que você sempre lhe disse que não podia ficar em Callao. — Quando pensa partir? — Passado um momento, pergunta:

Apesar de emocionado com a noticia, já refleti e depressa.

— Amanhã. O caminhão que me trouxe disse que partia amanhã para Ciudad Bolívar.

José baixa a cabeça.

— *Amigo mio,* você fica aborrecido comigo?

— Não, Enrique. Você sempre disse que não ficava. Mas coitada de Maria e coitado de mim também!

— Vou ver se encontro o motorista para falar com ele.

Vi o caminhoneiro; partiremos amanhã, às nove horas. Como há um passageiro, Picolino viajará na cabina e eu sobre os barris de ferro, vazios, que ele transporta. Corro à casa do chefe civil, que me devolve os papéis e, como bom homem que é, dá-me alguns conselhos e deseja-me boa sorte. Em seguida, converso com todos aqueles que conheci aqui e me deram a sua amizade e ajuda.

Primeiro ao Caratal, onde recolho as minhas coisas. Charlot e eu nos abraçamos muito comovidos. A negrinha chora. Agradeço-lhes a magnífica hospitalidade.

— Não tem importância, meu velho! Você teria feito o mesmo por mim. Boa sorte! E se for a Paname[{1}], dê lembranças a Montmartre.

— Vou escrever.

Depois, os antigos presidiários, Simon, Alexandre, Marcel, André. Volto depressa para Callao, despeço-me de todos aqueles mineiros, pesquisadores de ouro ou de diamantes, companheiros da mina. Todos, homens e mulheres, têm palavras amigas para me desejar boa sorte. Sinto-me muito comovido e compreendo ainda melhor que se me tivesse juntado com Maria, como Charlot e os outros se juntaram às mulheres, nunca mais poderia safar-me deste paraíso.

O que mais me custa é Maria.

A nossa última noite de amor, mistura de prazer e lágrimas, é de uma violência sem igual. As próprias carícias nos dilaceram. O drama é que é preciso que eu a faça compreender que não deve ter nenhuma esperança no meu regresso. Quem sabe o destino que me espera na execução dos meus projetos?

Sou acordado por um raio de sol. São já oito horas no meu relógio. Não tenho coragem de ficar na sala, nem mesmo uns instantes para beber o café. Picolino, sentado numa cadeira, choraminga sem parar. Esmeralda o vestiu e o lavou. Procuro as irmãs de Maria e não as encontro. Esconderam-se para não me verem partir. José é o único que está no limiar da porta. Com um *abrazo* à venezuelana (um aperto de mão, com o outro braço à volta dos ombros), estreita-me tão comovido como eu. Estou mudo e ele se limita a dizer-me uma única frase:

— Não nos esqueça porque nós nunca o esqueceremos. Adeus, que Deus o proteja!

Picolino, com as suas coisas, muito limpas, arrumadas numa trouxa, chora até mais não poder, e na sua agitação e nos sons roucos que emite vê-se que está desesperado de não poder dizer os muito obrigados que sente no coração. Levo-o.

Chegamos com as bagagens à casa do caminhoneiro. Gorou a grande partida para a cidade! O caminhão está avariado, não podemos partir hoje. É preciso esperar por um novo carburador. Não há outra solução, volto com Picolino para a casa de Maria. Imagine-se a sua alegria quando nos vê chegar.

— Deus foi bom em ter estragado o caminhão, Enrique! Deixe aqui Picolino e enquanto preparo a refeição vá dar uma volta pela aldeia. É curioso — acrescenta —, até parece que o seu destino não é Caracas.

Ao partir, penso nesse comentário de Maria. Sinto-me perturbado. Caracas, grande cidade colonial, não a conheço ainda, mas imagino-a, porque me falaram dela. Atrai-me, não há dúvida, mas, uma vez lá, que farei e de que maneira?

Caminho lentamente pela praça de Callao, com as mãos atrás das costas. Está um sol abrasador. Aproximo-me de uma árvore de folhagem densa, para me proteger do sol impiedoso. À sombra, estão presas duas mulas que um velhinho está carregando. Vejo peneiras de pesquisadores de diamantes, gamelas de pesquisadores de ouro, uma espécie de chapéu chinês que serve para lavar a lama aurífera. Olhando para esses objetos, ainda novos para mim, continuo a sonhar. Diante desse quadro bíblico, duma vida calma e pacífica, sem outros ruídos que não sejam os da natureza ou duma vida patriarcal, imagino o que deve ser neste momento em Caracas, capital efervescente que me chama. Todas as descrições que dela me fizeram transformam-se em imagens precisas. Mesmo assim, há catorze anos que não vejo uma grande cidade! Não tem importância: já que a partir de agora posso fazer o que quiser, vou para lá o mais depressa possível.

3

JOJO LA PASSE

Merda, estão cantando em francês! É o velhinho. Estou ouvindo-o.

Já lá estão os velhos tubarões.
Sentiram o corpo do homem,
Um trinca um braço como uma maçã,
O outro o *tronco e trá-lá-lá,*
É para quem for mais vivo, mais esperto.
Adeus, forçado, viva a honestidade.

Estou petrificado. É cantado lentamente, como um réquiem. O trá-lá-lá com uma alegria maliciosa e o "viva a honestidade" cheio da ironia dos bairros de Paris, como uma verdade indiscutível. Só que é preciso ser de lá para sentir toda essa ironia.

Olho para o tipo. Não tem mais que três palmos de altura, precisamente um metro e cinqüenta e cinco, como o vim a saber a seguir. Um dos antigos condenados, dos mais pitorescos que encontrei. Com os cabelos completamente brancos e mechas compridas mal cortadas e mais cinzentas. *Blue-jeans,* um cinto de couro muito largo, uma bainha comprida que pende à direita e donde sai uma coronha de espingarda, recurvada a altura da virilha. Aproximo-me dele. Como não tem chapéu na cabeça (o chapéu está no chão), posso ver bem a grande testa semeada de manchas ainda mais vermelhas que a sua tez de velho flibusteiro requeimada pelo sol. As sobrancelhas são tão grandes e espessas que é capaz de ter de penteá-las. Por baixo, os olhos de aço, verde-acinzentados, muito pequenos, que me percorrem rapidamente. Mal dou dois passos, diz-me:

— Você vem da "gaiola", tão certo como me chamar La Passe.

— É verdade. Chamo-me Papillon.

— Eu, Jojo la Passe.

Estende-me a mão e aperta a minha sem demasiada força, como se deve fazer entre homens, nem demasiado forte de maneira a magoar os dedos, como os pretensiosos, nem demasiado mole, como os hipócritas ou os enfezados. Digo-lhe:

— Vamos beber um copo no bar. Sou eu que convido.

— Não, venha à minha casa, em frente, a casa branca. Chama-se Belleville, era o meu bairro de criança. Lá se pode conversar mais tranqüilamente.

O interior está muito limpo. São os domínios da sua mulher, jovem, muito jovem, talvez uns vinte e cinco anos. Ele, quem sabe! Pelo menos sessenta. Ela se chama Lola. É uma venezuelana de cor morena.

— Seja bem-vindo — diz-me ela com um sorriso simpático.

— Obrigado.

— Dois aperitivos — pede Jojo. — Um corso me trouxe uma grande quantidade da França. Vai ver como é bom.

Lola nos serve e Jojo engole de uma só vez três quartos do seu copo.

— Então? — diz, fixando-me nos olhos.

— Então o quê? Pensa que lhe vou contar a minha vida?

— Está bem, homem. Mas Jojo la Passe não lhe diz nada?

— Não.

— Como uma pessoa é esquecida depressa! No entanto, na “gaiola” eu era alguém. Não havia ninguém como eu para fazer sete e onze com os dados, só um bocadinho limados, mas não chumbados, claro. Não foi ontem, é verdade, mas enfim somos tipos que deixamos traços, lendas. E tudo isso, pelo que vejo, foi esquecido em poucos anos. De verdade que nem sequer um tipo lhe falou de mim?

Estava muito escandalizado.

— Sinceramente que não.

De novo os olhos pequeninos que me verrumam até as entranhas.

— Você esteve pouco tempo na “gaiola”, quase nem tem ar disso.

— Ao todo estive treze anos na prisão, acha que não é nada?

— Não é possível. Você está pouco marcado e só outro presidiário pode dizer que veio de lá. E até esse se podia enganar se não fosse muito fisionomista. Teve boa vida na prisão, não?

— Não foi tão fácil assim: as ilhas, a reclusão...

— Que sorte, menino, que sorte! As ilhas? Uma colônia de férias, um lugar onde só falta um cassino! Já entendi, caro senhor. Para você a "gaiola" foi a grande vida. Lagostins, pesca, nada de mosquitos e, de vez em quando, uma boa sobremesa: o corpinho de uma mulher de ocasião, mal assistida pelo tonto do marido!

— Mas você sabe...

— Chhh, não insista! Conheço isso. Não estive nas ilhas, mas me contaram.

Talvez tenha graça o espertalhão, mas começo a aborrecer-me, a mostarda está subindo-me ao nariz. Ele recomeça:

— A verdadeira "gaiola" é no quilômetro 24. Isso não lhe diz nada? Não, certamente não. Com a tromba que você tem vê-se que nunca pôs lá o cu. Pois bem, menino, eu estive lá. Cem homens, todos com doenças na barriga. Uns a pé, outros deitados, outros gemem como cães. A selva está ali, diante deles, como um muro. Mas não serão eles que derrubarão o muro. O muro é que os comerá. Não é um campo de trabalho. Como diz a administração penitenciária, é um buraco escondido na floresta guianesa, para onde se atiram homens que jamais voltarão. Sim, Papillon, não insista, meu velho. A mim você não convence. Não tem nem o olhar de espancado, nem as faces cavadas de esfomeado, nem a marca de todos aqueles farrapos salvos por milagre daquele inferno, como se tivessem trabalhado ao buril a tromba deles, para terem máscaras de velhos quando ainda jovens. Você não tem nada disso. Por isso, o meu diagnóstico deve estar certo: a prisão para você foi igual a umas férias ao sol.

Como ele insiste, este teimoso, pergunto a mim mesmo como é que irá acabar este encontro.

— Para mim, já lhe disse, foi um buraco donde ninguém volta, a podridão dos micróbios, a porcaria que destrói pouco a pouco. Pobre de você, Papillon! Repito-lhe: a "gaiola" a sério, nunca chegou a saber o que isso era. Meu velho, esta descrição tão verdadeira, eu próprio não a saberia fazer para você, mas li Albert Londres e ele a descreveu exatamente como acabo de contar a você.

Olho-o atentamente, este homenzinho efervescente de energia, calculando

o melhor ângulo para lhe dar um murro no focinho, quando, de repente, me desaparece a fúria e decido fazê-lo meu amigo. Não vale a pena enervar-me, posso ainda vir a ter necessidade dele.

— Você *tem razão*, Jojo. Não tenho muito com que me chatear acerca destes anos de prisão, pois sinto-me tão em forma que só um bom conhecedor como você pode adivinhar de onde venho.

— Então estamos de acordo. Que faz você agora?

— Trabalho numa mina de ouro de La Mocupia. Dezoito bolívares por dia, mas tenho autorização para ir aonde quiser. O meu *confinamiento* acabou.

— Aposto que você quer partir para Caracas e voltar à aventura.

— É verdade. Tenho muita vontade de ir.

— Mas Caracas é uma grande cidade e, portanto, a aventura é novamente um golpe arriscado... Você mal saiu e já quer voltar?

— Tenho uma grande conta a ajustar com os que me mandaram para a prisão: polícias, testemunhas, procurador. Treze anos por um delito não cometido; as ilhas, que não são o que você pensa, e a de São José, onde vivi as mais horríveis torturas que é possível inventar! É preciso não esquecer que fui apanhado aos vinte e quatro anos.

— Merda! Roubaram-lhe a juventude. Você é mesmo inocente a sério, ou quê?

— Inocente, Jojo. Pela memória de minha mãe.

— Essa agora! Compreendo que não seja fácil de digerir. Mas, se quer uma nota para pôr em dia os seus negócios, não tem necessidade de ir a Caracas; venha comigo.

— Aonde?

— Aos diamantes, menino. Aos diamantes! O Estado aqui é generoso. É o único país do mundo onde se pode ir livremente à procura de ouro ou diamantes nas entranhas da terra. Põe só uma condição, não empregar nenhum meio mecânico. Só aceita ferramentas: pá, picareta e crivo.

— E onde se encontra o verdadeiro Eldorado? Claro que não é aquele donde venho.

— Longe, bastante longe, no sertão. A alguns dias de mula, de piroga, depois a pé, com o material nas costas.

— Não é fácil!

— De qualquer maneira, Papillon, é a única forma de arranjar muita grana. Se você descobrir uma “bomba” fica rico. Não faltarão as mulheres que fumam e se rebolam entre sedas. Ou os meios para você poder ir apresentar a sua “conta”.

Chegado aí, Jojo já não pára. Os olhos brilham e está muito excitado e inflamado. Explica-me que uma “bomba”, já me haviam ensinado isso na mina, é uma superficiezinha de terra, não muito maior que um lenço de camponês, onde, não se sabe por que mistério da natureza, se encontram agrupados cem, duzentos, quinhentos e até mil diamantes pequenos. Se um pesquisador descobre uma “bomba” num ponto solitário, sabe-se logo. Como se fossem prevenidos por um sistema telegráfico sobrenatural, depressa chegam homens dos quatro pontos cardeais. Uma dezena que depressa se transforma numa centena, depois num milhar. Farejam o ouro e os diamantes como um cão faminto fareja um osso ou um pedaço de carne. Basta até que um tipo encontre simplesmente mais diamantes que de costume.

Então chegam do norte, do sul, do oeste, do leste, de todas as nacionalidades. Primeiro os venezuelanos. Homens rudes e sem ocupação que estão fartos de ganhar doze bolívares por dia cavando valas sem saber para quê. Ouvem o canto de sereia da selva. Já não querem que a família viva numa toca de coelhos e, embora sabendo muito bem que vão, de sol a sol, trabalhar num clima e numa atmosfera horrorosos, condenam-se a si próprios a vários anos de inferno. Mas a mulher deles, com o que mandam, tem uma casinha clara e espaçosa, os filhos são bem alimentados e vestidos, podem ir à escola e até continuar a estudar.

— Com o produto de uma “bomba”?

— Não seja burro, Papillon. O que descobre uma “bomba” nunca mais volta à mina. É rico até o fim dos seus dias, a menos que a alegria não o ponha maluco a ponto de dar à própria mula notas de cem bolívares temperadas com *kummel* ou com anis. Não, o trabalhador de que lhe falo, esse homem humilde, encontra todos os dias diamantes pequenos, minúsculos mesmo. Mas isso representa dez ou quinze vezes o que se ganha na cidade. Ainda por cima, para viver, priva-se até do essencial, porque lá tudo se paga em ouro ou em diamantes. Mas, procedendo assim, faz com que os seus passem a viver muito melhor.

— E os outros?

— São de todas as raças. Brasileiros, tipos da Guiana Inglesa e de Trinidad que fugiram à vergonhosa exploração das fábricas, das plantações de

algodão ou de outra coisa qualquer. E também há os verdadeiros aventureiros, os que só respiram em horizontes largos, que tudo arriscam na esperança da grande oportunidade: italianos, ingleses, espanhóis, franceses, portugueses, tipos de toda parte, que é que você pensa? Merda, você nem faz idéia da fauna que se arrasta por estas terras prometidas, onde, se Deus criou as piranhas, as serpentes, os mosquitos, a malária e a febre amarela, semeou também, à flor da terra, ouro, diamantes, topázios, esmeraldas e tudo isso! É uma verdadeira corrida de aventureiros, de todo o mundo que, em buracos com água até a cintura, com uma energia que não os faz sentir nem sol, nem mosquitos, nem fome, nem sede, cavam, arrancam, trituram esta terra viscosa para a lavar, tornar a lavar, passá-la incansavelmente pelo crivo para encontrar diamantes. Ainda por cima, as fronteiras da Venezuela são imensas e na selva não se encontra ninguém que nos pergunte pelos papéis. Além da atração dos diamantes, há a segurança de se estar verdadeiramente sossegado em relação aos tiras. Lugar sonhado para respirar um pouco quando se é perseguido.

Jojo cala-se. Não se esqueceu de nada, já sei tudo. Depois de um breve minuto de reflexão, digo:

— Parta sozinho, Jojo. Não me estou vendo nesse trabalho de titã. É preciso possuir o fogo sagrado, acreditar, como num deus, na descoberta de uma "bomba", para agüentar semelhante inferno! Sim, parta sozinho. A "bomba", eu a procurarei em Caracas.

De novo o seu olhar implacável me esquadrinha rapidamente.

— Percebi, você não mudou. Quer saber mesmo o que estou pensando?

— Diga.

— Você vai embora de Callao porque ficou doente ao saber que há um montão de ouro, sem defesa, em La Mocupia. É verdade ou não é?

— É.

— Você não toca nele porque não quer complicar a vida dos antigos forçados, que vivem retirados aqui. É verdade ou não?

— É.

— E pensa que para encontrar a "bomba", lá onde eu lhe disse, deve haver poucos escolhidos para os muitos chamados. Sim ou não?

— Certo.

— E prefere encontrar a "bomba" em Caracas, prontinha, com os diamantes lapidados, num joalheiro ou num negociante de pedrarias.

— Talvez, mas não é certo. Vamos ver.

— Na verdade, você é o tipo de aventureiro que nada pode tornar sensato.

— Quem sabe? Mas não esqueça esta coisa que me tortura sem parar, a vingança. Por ela julgo que farei seja o que for.

— Aventura ou vingança, você tem falta de grana. Então, venha para a selva comigo. Você vai ver que é formidável.,

— Com pá e picareta? É muito pouco para mim!

— Papillon, você está com febre? Ou o sentir, desde ontem, que pode ir onde quiser tornou-o tonto?

— Não tenho essa impressão.

— Mas você esqueceu o principal: o meu nome, Jojo *la Passe*[{2}].

— Não. Sei que você é um jogador profissional, mas não vejo que relação tem isso com o projeto de trabalharmos como animais.

— Eu também não — disse ele, torcendo-se de riso.

— O quê, então não era para irmos às minas tirar os diamantes da terra? Donde é que os tirávamos?

— Dos bolsos dos mineiros.

— Como?

— Jogando todas as noites e perdendo algumas vezes.

— Já percebi tudo. Quando partimos?

— Espere um minuto.

Muito contente com o efeito produzido, levanta-se pausadamente, tira a mesa do meio da sala, estende um cobertor de lã e mostra seis pares de dados.

— Olhe bem para eles — diz.

Observo-os minuciosamente. Não estão chumbados.

— Ninguém pode dizer que são dados viciados, não é verdade?

— Não, ninguém.

De uma bolsa de feltro, tira um compasso e o estende para mim.

— Meça.

Uma das faces foi limada e polida com cuidado, numa espessura de menos de um décimo de milímetro. Não se percebe nada.

— Tente fazer sete ou onze.

Atiro os dados. Nem sete, nem onze.

— Agora eu.

Jojo faz de propósito uma ligeira prega na coberta. Pega nos dados com a ponta dos dedos.

— Isto chama-se a *pinca* — diz ele. — Rolo! Olhe, sete! E onze! E onze! E sete! Quer seis? Aí estão seis! Seis por quatro e dois ou por cinco e um? Pronto, aí tem o que pediu.

Estou assombrado. Nunca vi coisa semelhante, é extraordinário. Não se percebe absolutamente nada.

— Meu velho, desde sempre que jogo dados. Há oito anos, na Butte[3], principiei a minha carreira, permiti-me, meu velho, jogar com dados semelhantes, sabe onde? na casa de jogo da Estação de L'Est, no tempo do Roger Sole e companhia.

— Lembro-me. Havia uns tipos bons nisso.

— Nem me fale! Além dos ratos, dos sujos e dos ladrões, até havia na clientela tiras célebres, como Jojo le Beau, o da Madeleine, e agentes da Brigada de Jogos. Pois bem, eram tão "patos" como os outros. Você vê que sempre se pode fazer qualquer coisa.

— Estou vendo.

— Repare que tanto um como o outro são lugares perigosos. Na Estação de L'Est os meliantes são tão rápidos para disparar como os mineiros. Só há uma diferença: em Paris atiram e tramam-se. Na mina, atiram e ficam na mesma. Não há tiras, são os mineiros que fazem as suas leis.

Cala-se, esvazia lentamente o copo e depois diz:

— Então, Papillon, vem comigo?

Reflito um instante, não demoro muito. A aventura tenta-me. É arriscado, sem dúvida nenhuma, porque os tipos de lá não devem ser um meninos de coro. Mas há com certeza muita grana a ganhar. Vá, Papillon, aposte no Jojo! Torno a dizer-lhe:

— Quando partimos?

— Amanhã à tarde, se você quiser, depois do maior calor, às cinco horas. É só o tempo de juntar outra vez o material. Viajamos primeiro de noite. Você tem uma pistola?

— Não.

— Uma faca boa?

— Também não.

— Deixe pra lá, eu lhe arranjo uma. Tchau.

Volto para casa e penso em Maria. Certamente gosta mais que eu vá para a selva do que para Caracas. Vou confiar-lhe Picolino, E amanhã, a caminho para os diamantes! E sete, e onze! *Once, siete! Seven, eleven!*... Já sei, só me falta aprender todos os números dos dados em espanhol, inglês, brasileiro e italiano. Depois se verá.

Em casa encontro José. Digo-lhe que mudei de opinião, que Caracas ficará para mais tarde e que parto com um velho francês de cabelos brancos, Jojo, para os pesquisadores de diamantes.

— A que pretexto você o vai acompanhar?

— Como sócio, evidentemente.

— Ele dá sempre aos sócios a metade dos ganhos. — É a regra. Conheceu alguém que trabalhasse com ele?

— Três.

— Ganharam muito dinheiro?

— Não sei. Talvez. Todos eles fizeram três ou quatro expedições.

— E depois?

— Depois? Não voltaram.

— Por quê? Foram para as minas?

— Não, morreram.

— Ah! De doença?

— Não, assassinados pelos mineiros.

— Ah!... Ele teve a sorte de escapar sempre.

— Sim, é muito vivo. Nunca ganha muito, mas *faz com que o sócio ganhe.*

— Já percebo. É então o outro que corre perigo; ele não. É sempre bom estar avisado, José. Obrigado.

— Agora que você sabe, não me diga que vai!

— Uma última pergunta e responda-me francamente: há alguma possibilidade de voltar com muito dinheiro depois de duas ou três expedições?

— Com certeza.

— Então, Jojo está rico. Por que é que ele volta? Vi-o carregar as mulas.

— Primeiro, já lhe disse que ele não se arrisca nada. Segundo, talvez até nem parta. As mulas são do sogro. Decidiu-se a ir aos diamantes porque o encontrou.

— Mas o material que ele carregava ou se preparava para carregar?

— Quem lhe disse que era para ele?

— Oh, oh! Que mais conselhos me pode dar?

— Não vá.

— Isso não. Já decidi ir. Então?

José baixa a cabeça como para se recolher. Passa um longo minuto. Quando a torna a levantar, o rosto aviva-se. Os olhos brilham de malícia, e, lentamente, destacando bem as sílabas:

— Ouça o conselho de um homem que conhece bem estes meios tão especiais: sempre que houver uma grande partida, mas mesmo muito grande, que à sua frente o monte de diamantes seja verdadeiramente importante e que o jogo esteja efervescente, levante-se de repente, quando ninguém estiver à espera disso, com o que ganhou. Diga que tem cólicas e vá à privada, sem mais nada. Claro que você não volta e, nessa noite, vai dormir em qualquer lugar, menos a sua casa.

— Não está mal pensado, José. Dê-me outro conselho.

— Se bem que os compradores de diamantes que estão na mina comprem muito mais barato que em Callao ou em Ciudad Bolivar, venda todos os dias os diamantes que ganhou. *Mas não guarde dinheiro com você.* Faça com que lhe passem cheques para trocar em Callao ou em Ciudad Bolívar. Faça a mesma coisa com o dinheiro estrangeiro. Explique que tem medo de perder um dia tudo o que ganhou e que, guardando pouco com você, não arrisca nada. E conte isso a toda a gente, para que conste bem.

— Bom, procedendo assim tenho possibilidades de voltar?

— Sim, tem possibilidades de voltar vivo, se Deus quiser.

— Obrigado, José. *Buenas noches.*

Nos braços de Maria, saciado de amor, com a minha cabeça na curva do seu ombro, sinto-lhe a respiração acariciar-me a cara. No escuro, antes de fechar os olhos, vejo à minha frente um grande monte de diamantes. Suavemente, como que brincando com eles, apanho-os e guardo-os no saquinho de pano que usam os mineiros; de repente, levanto-me dizendo a Jojo, depois de olhar em volta: “Guarde o meu lugar, vou à privada. Venho já”. E adormeço com a imagem dos olhos maliciosos de José, brilhantes e luminosos, como só os podem ter os seres que vivem perto da natureza.

A manhã passou depressa. Está tudo combinado. Picolino fica aqui e será bem tratado. Despeço-me de todos. Maria está radiante. Ela sabe que, indo para as minas, tenho de voltar a passar por aqui, enquanto Caracas não devolve os homens que para lá vão viver.

Maria me acompanha até o ponto de encontro. São cinco horas. Jojo já está lá com tudo pronto.

— Olá. Tudo bem? Você é pontual, ainda bem. Dentro de uma hora o sol se põe. É melhor assim. É certeza que de noite não se encontra ninguém que nos possa seguir.

Beijo longamente a minha mulher e subo para a mula. Jojo me ajusta os estribos e, quando vamos partir, Maria diz:

— Veja lá se não se esquece, *mi amor,* de ir à privada na hora certa.

Desato a rir, ao mesmo tempo que espicaço a mula.

— Malandra, andou escutando atrás das portas!

— Quando se ama é natural.

Partimos, Jojo no cavalo e eu na mula.

A floresta virgem tem caminhos a que chamam picadas. Uma picada é uma espécie de corredor com, pelo menos, dois metros de largura, que pouco a pouco foi cortado na vegetação e é conservado pelos que por aí passam, com faca de mato. À esquerda e à direita, duas paredes de verdura. Por cima, uma abóbada formada por milhares de plantas, mas tão alta que mesmo de pé, num cavalo, não se pode cortar com a faca de mato. É a selva, como chamam aqui à floresta tropical. É formada pelo entrelaçado inextricável de duas espécies de vegetação. Primeiro, um conjunto de lianas, árvores e plantas que não ultrapassam cerca de seis metros de altura. Depois, por cima, entre os vinte e trinta metros, os grandes e majestosos cumes das árvores gigantescas, que sobem cada vez mais alto para encontrar o sol. Mas, se o topo mergulha na luz. a

folhagem dos ramos dispersos e muito guarnecidos forma um verdadeiro toldo que só deixa chegar aqui embaixo uma claridade muito tênue. Esta maravilhosa natureza que é a floresta tropical explode por todos os lados. Assim, para ir a cavalo numa picada, é preciso ter as rédeas numa mão e a faca de mato na outra e cortar, sem parar, tudo o que está a mais e impede de avançar comodamente. Uma picada muito freqüentada tem sempre o aspecto de um verdadeiro corredor, bem conservado.

Não há nada que dê mais o sentimento de liberdade a um homem que o estar na selva, bem armado. Fica com a sensação de que faz parte da natureza, tal como os animais selvagens. Desloca-se com prudência, mas também com uma confiança ilimitada em si próprio. Sente-se verdadeiramente no seu elemento, todos os sentidos estão a postos, o ouvido, o olfato. Os olhos em contínuo movimento, observando tudo o que se mexe. Um só inimigo conta na selva: o animal dos animais, o mais inteligente, o mais cruel, o pior, o mais cúpido, o mais odioso e também o mais maravilhoso: o homem.

Caminhamos toda a noite, bastante bem. Mas, de manhã, depois de bebermos café da garrafa térmica, o raio da mula pôs-se a andar devagar; por vezes, cem metros atrás de Jojo. Piquei-lhe as nádegas de todas as maneiras e feitios nada a fazer. Para cúmulo, Jojo diz-me:

— Você não sabe montar a cavalo! Mas é simples. Olhe.

Mal ele esporeia a pileca com o tacão, esta parte a galope. Então Jojo põe-se de pé, firmado nos estribos, e grita:

— Sou o Capitão Cook! Então, Sancho, você vem? Não consegue seguir Dom Quixote, o seu senhor?

Irrito-me e experimento todas as maneiras de fazer andar mais depressa esta mula. Por fim tenho uma idéia que acho mirabolante e, de fato, ela desata a galopar. Enfio dentro da sua orelha uma ponta de cigarro acesa. Galopa como um puro-sangue, rejubilo, ultrapasso até o “Capitão Cook” e cumprimento-o ao passar. Mas isso só dura o tempo de um galope, porque uma mula tem vícios. De repente, atira-me contra uma árvore, com o risco de me esmagar a perna, e me encontro de traseiro no chão, cheio de espinhos não sei de que planta. E aquele parvo do Jojo que ri como se tivesse vinte anos, esquecendo-se completamente de que ele e Matusalém nasceram no mesmo dia! Persigo a mula (duas horas) atrás dos coices, dos traques e de todo o resto. Por fim, esgotado, cheio de espinhos no traseiro, morto de calor e de fadiga, consigo içar-me para o lombo desta descendente de mula bretã. Desta vez, que vá como quiser, não sou eu que a vou contrariar. O primeiro quilômetro não o faço sentado, mas deitado de

bruços no dorso da mula, procurando arrancar os espinhos que me queimam como se fossem brasas.

No dia seguinte, deixamos esta cabeçuda numa *posada* (um albergue). Dois dias de piroga e, depois de uma caminhada durante um longo dia, com as coisas às costas, chegamos à mina de diamantes.

Ponho a minha carga na mesa, feita com um toro de árvore, de um restaurante ao ar livre. Já não posso mais e por uma coisa de nada estrangularia agora o velho Jojo, que me contempla com um olhar trocista, com algumas gotas de suor na fronte.

— Então, meu velho, isso vai?

— Claro que vai! Por que é que não havia de ir? Diga-me uma coisa: por que é que você me faz trazer, durante todo o dia, uma pá, uma picareta e um crivo, uma vez que não vamos trabalhar como mineiros?

Jojo fica com ar entristecido:

— Papillon, você me decepciona. Ora, pense bem. Aquele que não trouxesse esses utensílios ao chegar aqui que viria fazer? É a pergunta que fariam estas centenas de pares de olhos que, através das tábuas ou da chapa das barracas, o vêem chegar à aldeia. Com o equipamento, não há perguntas a fazer. Compreendido?

— Compreendido.

— Para mim, que não tenho nada, é a mesma coisa. Suponha que chego com as mãos nos bolsos, instalo o jogo e nada mais. Que é que diriam os mineiros e as mulheres deles, hem, Papi? Diriam que este velho francês é um jogador profissional. Ora, você vai ver o que vou fazer. Se puder, tento encontrar aqui uma bomba a motor; se não a encontrar mando vir. Mando vir também uns vinte metros de tubo em dois ou três *sluces.* O *sluce* é uma caixa comprida de madeira com divisões cheias de buracos. A lama aspirada pela bomba é atirada para este aparelho, o que permite, com uma equipe de sete homens, lavar cinco vezes mais terra do que uma equipe de doze homens trabalhando com meios arcaicos. E isso não é considerado “meio mecânico”. Sendo proprietário de uma bomba, por um lado recebo vinte e cinco por cento na coleta de diamantes e, por outro, justifico a minha presença aqui. Ninguém pode dizer que vivo do jogo, porque vivo das minhas bombas. Mas, como também sou jogador, não deixo de jogar à noite. É portanto normal que eu não participe no trabalho. Está percebendo?

— Compreendo perfeitamente.

— Ainda bem. Dois *frescos, señora!*

Uma volumosa mas atenciosa senhora de tez um pouco escura traz-nos um copo cheio de uma água achocolatada onde nadam um bocado de gelo e limão.

— São oito bolívares, *hombres.*

— Mais de dois dólares! Merda, a vida não é barata nesta terra!

Jojo paga.

— Como é que anda isto? — pergunta ele.

— Assim, assim.

— Tem aparecido alguma coisa?

— Gente, muita, mas diamantes poucos, muito poucos. Há três meses que descobriram este canto, atiraram-se quatro mil pessoas. É muito para tão pouco diamante. E aquele? — acrescenta apontando-me com o queixo. — Alemão ou francês?

— Francês. Está comigo.

— Coitado!

— Coitado por quê? — pergunto-lhe eu. — Porque é demasiado jovem e bonito para morrer. Os que vêem com Jojo nunca têm sorte.

— Cale-se, velha! Bom, Papi, vamos embora.

Quando nos levantamos, à guisa de adeus, a gorda diz-me:

— Tome cuidado.

Evidentemente que eu nada tinha dito do que me havia contado José e Jojo está muito admirado de que eu não procure aprofundar estas palavras. Sinto que espera que eu faça perguntas. Parece-me desconcertado e lança-me olhares oblíquos.

Depois de ter conversado com uns e com outros, sem demorar muito, Jojo encontrou uma barraca. Três compartimentozinhos, argolas para pendurar as redes, caixas de papelão. Em cima de uma delas, garrafas vazias de cerveja e rum, sobre uma outra, uma bacia de esmalte estragada e um regador cheio de água. Cordas estendidas para pendurar as coisas. O chão é de terra batida, muito limpo. As paredes da enxovia são de tábuas de caixotes., Ainda se pode ler nelas: *Savon Camay, Aceite Branca, Lait Nestlé,* etc. Cada quarto mede pouco mais ou menos três metros por três. Não há janela. Sinto-me completamente

abafado e tiro a camisa.

Jojo volta-se, tem um sobressalto.

— Está doido! E se entra alguém? Você já tem mau aspecto, se ainda por cima se põe a exibir as suas tatuagens é como se andasse anunciando que é um aventureiro, meu velho! Veja lá se toma cuidado!

— Mas, Jojo, assim fico abafado!

— Isso passa, é uma questão de hábito. Antes de tudo, é preciso manter a linha, meu Deus! Manter a linha!

Contenho o riso. Este Jojo é impagável.

Retiramos uma divisória para, de dois compartimentos, fazer um só.

— Aqui é que vai ser o cassino — diz Jojo rindo.

Ficou uma sala de seis metros por três. Varremos o chão, arranjamos três caixotes de madeira, rum e copos de papel. Estou ansioso por ver como se vai passar o jogo.

Não tenho muito que esperar. Depois de termos visitado várias tabernas de mau aspecto, para “tomar contato”, como diz Jojo, toda a gente fica sabendo que às oito horas da noite vai haver jogo de dados na nossa casa. A última taberna que visitamos é uma pequena barraca com duas mesas ao ar livre, quatro bancos, uma lâmpada de carboneto que está pendurada do teto feito de ramos de árvore. O taberneiro, um enorme gigante arruivado sem idade definida, serve ponches, em silêncio. Quando partimos, aproxima-se e diz-me em francês:

— Não sei quem você é, nem quero saber. Só lhe quero dar um conselho: quando quiser dormir aqui, apareça. Eu tomo conta de você.

Apesar de falar um francês arrevesado, pela pronúncia reconheço que é corso.

— Corso?

— Sou. Você sabe que um corso nunca é traidor. Não é como alguns tipos do norte — acrescenta com um sorriso cheio de subentendidos.

— Obrigado, é sempre bom saber.

Por volta das sete horas, Jojo acende a lâmpada de carboneto. Os dois cobertores estão estendidos no chão. Nenhuma cadeira. Os jogadores ficam de pé ou sentam-se no chão. Decidimos que eu, esta noite, não jogaria. Limito-me a observar.

Chegam. As caras são estranhas. Há poucos homens baixos, a maior parte são enormes matulões, com grandes bigodes e barbudos. Mãos e caras limpas, não cheiram mal apesar das roupas cheias de manchas e com ar de usadíssimas. Mas todas as camisas, sem exceção, a maior parte de mangas curtas, estão impecáveis.

No meio do tapete, oito pares de dados bem alinhados, cada par na sua caixinha. Jojo pede-me que dê a cada jogador um copo de papel. São cerca de vinte. Sirvo rum. Nem sequer um dos tipos fez um sinalzinho para me dizer que parasse de lhe encher o copo. Só com eles gastamos rapidamente três garrafas.

Solenemente, cada um bebe um gole, pousa o copo à sua frente e, ao lado, um tubo de aspirinas. Sei que nos tubos de aspirinas se encontram os diamantes. Ninguém usa os famosos sacos de pano. Um velho chinês, sempre tremendo, colocou à sua frente uma pequena balança de joalheiro. Fala-se pouco. Estes homens estão embrutecidos pelos esforços físicos; debaixo do sol tórrido e com água até a cintura, das seis horas da manhã até o pôr do sol.

Ah! Isto começa a aquecer. Primeiro um, depois dois, depois três jogadores pegam num par de dados, examinam-nos atentamente, colam-nos uns aos outros, passam-nos ao vizinho. Tudo lhes deve ter parecido em ordem porque os dados são deitados no cobertor sem qualquer observação. De cada vez, Jojo apanha o par e volta a guardá-lo na sua caixa, com exceção do último, que fica na coberta.

Alguns dos que despiram as camisas queixam-se dos mosquitos. Jojo pede-me que queime uns molhos de ervas úmidas para que o fumo os espante.

— Quem joga primeiro? — pergunta um latagão de tez bronzeada como os índios, barba hirsuta, negra e frisada, com uma flor desajeitadamente tatuada no braço direito.

— Você, se quiser — diz Jojo.

Então, o gorila, *tem* mesmo um ar de gorila, tira um grande maço de bolívares, atados com um elástico, do cinto enfeitado com pregos prateados.

— Quanto você põe para começar, Chino? — pergunta-lhe um.

— Quinhentos bolos (abreviatura de bolívares).

— Aceito os quinhentos.

E os dados rolam. Sai o oito. Jojo tenta o oito.

— Mil bolos em como você não faz oito com duplo quatro — diz-lhe um outro jogador.

— Cubro — diz Jojo,

O Chino tira oito, com cinco e três. Jojo não conseguiu. Durante cinco horas o jogo decorre sem um berro, sem um protesto. Estes homens são efetivamente jogadores excepcionais. Em toda a noite, Jojo perdeu sete mil bolos e um manco mais de dez mil.

Tinham decidido acabar a partida à meia-noite, mas, de comum acordo, prolongam por uma hora. À uma, Jojo anuncia que se vai jogar a última.

— Fui eu quem abriu o jogo — diz o Chino pegando nos dados. — Quero acabá-lo. Ponho tudo o que ganhei, nove mil bolívares.

Está cheio de notas e de diamantes. Vários jogadores respondem à aposta e ele tira sete no primeiro lançamento.

Perante esta sorte magnífica, ouve-se pela primeira vez um murmúrio geral. Toda a gente se levanta:

— Vamos dormir.

— Então, viu, menino? — diz-me Jojo quando ficamos sós.

— Vi, sobretudo as caras patibulares que eles tinham. Andam todos duplamente armados, pistola e punhal. Até havia alguns que estavam sentados em cima da faca de mato, tão afiada que é capaz de cortar uma cabeça de uma vez só.

— É verdade, mas não foi a primeira vez que você viu disso.

— Apesar de tudo, repare, eu, que joguei nas ilhas, nunca tive uma sensação de insegurança como esta noite.

— É uma questão de hábito, menino. Amanhã, você joga e ganhamos, está no papo. Quais são aqueles com quem você acha que devemos ter mais cuidado?

— Com os brasileiros.

— Muito bem! É assim que se reconhece um homem, na rapidez com que marca aqueles que são capazes de, num segundo, lhe pôr a vida em perigo.

Depois de termos aferrolhado a porta (três fechos enormes) atiramo-nos para cima das redes e consigo adormecer depressa, antes que comece o ressonar de Jojo.

No dia seguinte, um sol magnífico mas pesado, nem nuvens nem o menor indício de brisa. Passeio por esta curiosa aldeia. Toda a gente se mostra simpática. Caras inquietantes, é certo, mas com uma maneira de ver as coisas,

em qualquer língua, cheia de calor humano logo ao primeiro contato. Voltei a encontrar o gigante arruivado corso. Chama-se Miguel. Fala um espanhol muito correto, misturado, às vezes, com palavras inglesas ou brasileiras que aterram, como de pára-quedas, nas suas frases. É só quando fala francês, com dificuldade, que o seu sotaque regional aparece e percebe-se imediatamente que se trata de um corso. Bebericamos um café coado numa meia por uma jovem mestiça. Na conversa, diz-me:

— De onde é que você vem?

— Depois do oferecimento que me fez ontem não lhe posso mentir. Venho da “gaiola”.

— Ah! É um foragido? Fez bem em me dizer.

— E você?

Ele se levanta, com os seus dois metros de altura, e a sua cara adquire uma expressão de extrema nobreza.

— Eu também sou um foragido, mas não da Guiana. Eu parti da Córsega antes que me prendessem. Eu sou um “vingador de honra”.

Fico impressionado com esta face iluminada pelo legítimo orgulho de ser um homem honesto. É realmente digno de se ver, este “vingador de honra”. Ele continua:

— A Córsega é o paraíso do mundo, o único lugar onde os homens sabem perder a vida pela honra. Não acredita?

— Não sei se será o único lugar, mas acredito sinceramente que na Córsega haja mais foragidos por motivos de honra do que simples bandidos.

— Eu não gosto dos bandidos de cidade — diz pensativamente.

Em duas palavras, conto-lhe a minha história e digo-lhe que tenciono regressar a Paris para apresentar a “conta”.

— Você tem razão, mas a vingança é um prato que se deve comer frio. Tome cuidado, seria horrível se o prendessem antes da vingança. Você está com o velho Jojo?

— Estou.

— É bom homem. Há quem diga que ele é demasiado habilidoso no jogo, mas estou convencido de que não rouba. Você o conhece há muito tempo?

— Não muito, mas isso não quer dizer nada.

— Sabe, Papi, à força de jogar deve-se acabar por saber mais do que os outros, mas há uma coisa que me preocupa em relação a você.

— O que é?

— Já duas ou três vezes os sócios dele foram assassinados. Era devido a isso o meu oferecimento de ontem à tarde. Tenha cuidado e, quando se sentir em perigo, venha aqui com toda a confiança.

— Obrigado, Miguel.

É verdade, curiosa aldeia, curiosa mistura de homens perdidos na selva, vivendo uma rude vida no seio de uma natureza explosiva. Cada um tem a sua história. É maravilhoso vê-los, ouvi-los. As barracas só têm, muitas vezes, um telhado de palmeiras ou de chapas de zinco chegadas até aqui não se sabe como. As paredes? Pedaços de caixas de papelão ou de madeira e até, às vezes, pedaços de pano. Nada de camas, unicamente redes. Dormem, comem, lavam-se, fazem amor praticamente na rua. No entanto, ninguém levantaria uma ponta do pano ou espreitaria entre duas tábuas para ver o que se passa no interior. Toda a gente tem o maior respeito pela vida íntima dos outros. Quando queremos estar com alguém, não nos aproximamos mais do que dois metros da casa e, em lugar da campainha, gritamos: “Há gente em casa?” Se há alguém e não se trata de pessoas conhecidas, dizemos *“gentes de paz”*. Então aparece alguém que nos diz gentilmente: *“Adelante. Esta casa es suya”*.

Uma mesa, diante de uma sólida barraca feita de troncos de árvores; em cima da mesa, colares de pérolas naturais da ilha Marguerite, algumas pepitas de ouro virgem, relógios, correias de relógio de cabedal ou de metal, muitos despertadores.

É a tenda de Mustafá.

Atrás da mesa, um velho árabe com ar simpático. Conversamos um pouco, é marroquino e percebeu que sou francês. São cinco horas da tarde e ele me pergunta:

— Já comeu?

— Ainda não.

— Eu também não, mas ia agora comer. Se quiser partilhar a minha refeição...

— Com todo o prazer.

Mustafá é cordial, amável, alegre mesmo. Passo uma hora muito agradável com ele. Não é curioso e não me pergunta de onde é que eu venho.

— É estranho — diz-me ele. — Na minha terra, não gostava dos franceses, e aqui gosto. Você conheceu árabes?

— Muitos. Há alguns muito bons e outros muito maus.

— É como em todas as raças. Eu, Mustafá, pertenço aos bons. Tenho sessenta anos, já podia ser seu pai. Tinha um filho de trinta anos que foi assassinado há dois anos com um tiro. Era bonito e bom.

Há lágrimas nos seus olhos que não se decidem a correr.

Ponho a minha mão no ombro deste pobre pai abalado pela recordação do filho e penso no meu próprio pai, que deve, ele também, no seu retirozinho de Ardèche, ter os olhos embaciados de lágrimas quando fala de mim. Pobre pai. Sabe-se lá onde é que ele está e o que faz? Tenho a certeza de que está vivo, sinto-o. Esperemos que a guerra o haja poupado.

Mustafá convida-me a comer com ele sempre que quiser e a vir também, sem receio, à sua casa se tiver necessidade de alguma coisa; serei eu que lhe farei um favor ao pedir-lhe um serviço.

Faz-se noite, vou-me embora agradecendo-lhe tudo e encaminho-me para a nossa barraca. O jogo vai começar dentro em pouco. Ter estado com Miguel e Mustafá aqueceu-me o coração.

Sinto-me à vontade, para o que vai ser o meu primeiro jogo. “Quem não arrisca não petisca”, disse-me Jojo. Tem razão. Se quero pôr a mala de explosivos no número 36 do Quai des Orfèvres, e tratar do resto, é necessária grana, muita grana. Não falta muito para tê-la, é quase certo.

Como é sábado e o descanso de domingo é sagrado para os mineiros, a partida só começa às nove da noite, porque vai durar até o nascer do sol. Há muita gente, demasiada gente para o tamanho da sala. É impossível caberem todos e Jojo escolhe apenas aqueles que podem jogar forte. Ficam vinte e quatro jogadores. Os outros jogam lá fora. Vou à casa de Mustafá, que gentilmente me empresta um tapete grande e uma lâmpada de carboneto. A medida que cada jogador for saindo, irá sendo substituído por um dos de fora.

“Banco[{4}]”, e “banco” novamente! Não paro de cobrir as apostas todas as vezes que é Jojo a lançar os dados: “Dois contra um em como ele não faz seis com um duplo três... dez com um duplo cinco... etc.” Os olhos dos homens brilham. Cada vez que levantam os copos, um garoto de onze anos despeja-lhes rum. É Miguel quem fornece as bebidas e os charutos, conforme o pedido que fiz a Jojo.

A partida transforma-se rapidamente num jogo infernal. Sem lhe pedir autorização, altero a tática de Jojo. Não jogo só nos lançamentos dele, mas também nos dos outros, o que lhe faz franzir as sobrancelhas. Acendendo um charuto, resmunga entre dentes:

— Não os poupe, menino! Está desperdiçando grana.

Por volta das quatro da manhã tenho à minha frente um monte impressionante de bolívares, cruzeiros, dólares americanos e antilhanos, diamantes e até algumas pepitas de ouro.

Jojo pega nos dados. Aposta quinhentos bolívares. Vou com ele a mil.

E... *sete!*

Deixo ficar tudo, o que faz dois mil bolívares. Jojo retira os quinhentos que ganhou.

E... outra vez sete!

Jojo volta a recolher. Sete!

— Que faz você, Enrique? — pergunta-me o Chino.

— Deixo ficar os quatro mil.

— Jogo tudo!

Olho para o tipo que acabou de falar. É baixo e atarracado, negro como o carvão, os olhos injetados de sangue devido ao álcool. É um brasileiro, com certeza.

— Ponha aí os quatro mil bolos.

— Esta pedra vale mais do que isso.

E deixa cair um diamante sobre a coberta, mesmo à sua frente. Está sentado de cócoras, tronco nu e calções castanhos. O chinês apanha o diamante, põe-no na balança e diz:

— Não vale mais que três mil e quinhentos.

— Então jogo três mil e quinhentos — diz o brasileiro.

— Lance, Jojo.

Jojo atira os dados, mas, com um gesto rápido, o brasileiro apanha-os ainda em movimento. Pergunto a mim mesmo o que irá acontecer, porque ele mal olha para os dados, cospe-lhes em cima e devolve-os a Jojo dizendo:

— Lance-os assim, molhados.

— Aceita, Enrique? — pergunta Jojo, olhando para mim.

— Como quiser, *hombre.*

Depois de ter dado com a mão esquerda um pequeno toque na coberta para lhe acentuar a dobra, Jojo, sem limpar os dados, lança-os a uma boa distância.

E... sete novamente!

Como que movido por um impulso, o brasileiro levanta-se subitamente, com a mão sobre a pistola. Depois, suavemente, diz:

— Ainda não é esta noite que eu ganho. — E sai.

Ao mesmo tempo em que ele se levantou daquela maneira, eu levei a mão rapidamente à minha pistola, que tinha uma bala no tambor. Jojo não se mexeu nem fez sequer um gesto de defesa. No entanto, era a ele que o negro visava. Percebo que tenho ainda muito que aprender para saber o momento exato em que é preciso sacar e disparar.

Ao nascer do sol, paramos. Entre o fumo das ervas molhadas e dos cigarros e charutos, os olhos me ardem até as lágrimas. Tenho as pernas completamente ancilosadas por terem estado cruzadas, debaixo das nádegas, mais de nove horas. Mas estou satisfeito com uma coisa: não me levantei para urinar e também não há dúvida de que me senti senhor dos meus nervos e da minha vida.

Dormi até as duas da tarde,

Quando acordo, Jojo já não está. Enfio as calças, tenho os bolsos esvaziados. Jojo deve ter tirado tudo. Ora, merda! Como ainda não havíamos feito as contas, não tinha nada que fazer isso. Acho que ele se está tomando demasiado como chefe indiscutível. Eu não sou nem nunca fui um mandão, e tenho horror às pessoas que se julgam superiores ou que pensam que tudo lhes é permitido.

Saio e encontro Jojo em casa do Miguel comendo um prato de massa com carne.

— Como vai tudo, menino? — pergunta ele.

— Bem e mal.

— Mal por quê?

— Porque você não devia ter-me esvaziado as calças sem que eu estivesse lá.

— Não seja bobo, rapazinho! Sou um homem correto, e se fiz isso é porque, de qualquer maneira, tudo assenta numa base de confiança mútua. Por exemplo, você podia muito bem, durante um jogo, esconder os diamantes ou as notas sem ser nos seus bolsos. Por outro lado, também não sabe o que é que eu ganhei. Assim, quer esvaziemos os bolsos juntos quer não, é a mesma coisa. É uma questão de confiança.

Ele tem razão, não falemos mais nisso. Jojo paga ao Miguel o rum e o tabaco daquela noite. Pergunto-lhe se os tipos não acham esquisito que ele lhes dê de beber e fumar.

— Mas não sou eu quem paga! Os que ganham forte deixam qualquer coisa para isso. Toda a gente sabe disso.

E esta vida continua todas as noites. Há duas semanas que lá estamos, duas semanas em que, noite após noite, jogamos um jogo infernal e também a nossa vida.

Ontem, foi uma noite terrível de chuva. Noite de breu. Um jogador levanta-se depois de ter ganho bastante. Sai ao mesmo tempo que um tipo enorme que estava sentado e já não jogava há um bom bocado, por falta de munições. Vinte minutos mais tarde, o gigante azarento regressa e joga com raiva. Penso que o que havia ganho lhe emprestou a grana; mesmo assim acho estranho que lhe tenha emprestado tanta. De dia, encontramo-lo morto com uma facada, a menos de cinqüenta metros da nossa barraca. Falo disso a Jojo e o informo das minhas suspeitas.

— Isso não é da nossa conta — diz-me ele, — Para a próxima vez ele já terá mais cuidado.

— Está brincando. Não haverá outra vez para ele, que está morto!

— É verdade, mas que é que havemos de fazer?

Evidentemente que segui os conselhos de José. Todos os dias vendo as notas estrangeiras, os diamantes e o ouro a um negociante libanês, proprietário de uma loja em Ciudad Bolívar. No alto da barraca dele há uma tabuleta: *Aqui compram-se ouro e diamantes por bom preço.* E por baixo: O *meu* maior tesouro *é a honestidade.*

Dentro de um sobrescrito mergulhado previamente num leite de borracha virgem, guardo cuidadosamente as minhas ordens de pagamento, pagáveis à vista. Não podem ser depositadas por outro, nem endossadas em nome de ninguém. Todas as caras patibulares da mina o sabem, e quando um tipo se torna demasiado inquietante, ou não fala francês nem espanhol, mostro-as a ele. Dessa

maneira, eu só fico em perigo no momento do jogo ou quando a partida termina. Às vezes, o bom do Miguel vem-me buscar ao fim da noite.

Há dois dias que sinto a atmosfera tornar-se mais tensa, duvidosa, nada clara. Aprendi a sentir isso na “gaiola”. Quando, na prisão das ilhas, se preparava qualquer bronca, a gente dava conta sem saber como. À força de estar alerta será que se captam as ondas emitidas pelos que preparam um golpe? Não o sei. Mas nunca me enganei em casos destes.

Ontem, por exemplo, quatro brasileiros passaram toda a noite encostados, na obscuridade dos quatro cantos da sala. Algumas vezes, um deles saiu da sombra para entrar na luz crua que ilumina o *tapete* e fez apostas ridículas. Nunca pegaram nos dados, nem os pediram. Ainda outra coisa: *nenhum deles trazia arma à vista.* Nem faca de mato, nem punhal, nem revólver. E isso não condiz com as suas caras de assassinos. Com certeza o fazem de propósito.

Voltaram esta noite. Como trazem a camisa de fora, devem ter a pistola em cima da barriga. Puseram-se na sombra, claro, mas apesar de tudo consigo distingui-los. Os seus olhares não perdem um gesto dos jogadores. É necessário que os vigie sem chamar a atenção, sem os fixar abertamente. Consigo isso ao tossir atirando o tronco para trás, com a mão na boca. Infelizmente, só tenho dois à minha frente. Os outros dois estão atrás e não os posso ver muito rapidamente senão voltando-me para me assoar.

Jojo tem um sangue-frio extraordinário. Mantém-se impávido. Mesmo assim, concordou com a idéia de jogar, de vez em quando, nos lançamentos dos outros e de correr desse modo o risco de perder ou ganhar totalmente ao acaso. Sei, porque ele me disse isso, que essa tática o enerva, uma vez que o obriga a ganhar duas ou três vezes o mesmo dinheiro antes de o guardar definitivamente. Simplesmente, quando o jogo está aquecendo, torna-se demasiado ávido de ganhos e manda-me demasiado depressa quantias importantes.

Como me sei observado por aqueles tipos, ostensivamente deixo tudo à minha frente. Não tenho interesse em brincar de cofre, hoje.

Por duas ou três vezes digo a Jojo, rapidamente e em gíria, que ele me está fazendo ganhar demasiadas vezes. Faz que não percebe. Como eu ontem já apliquei o truque da privada e não regressei, tenho a impressão de que estes quatro espertalhões estão ali para atuar esta noite; não esperarão que eu volte, apanhar-me-ão entre a barraca e as latrinas.

Dou conta da tensão que sobe, do nervoso das quatro estátuas, nos quatro cantos da sala. Sobretudo um que fuma cigarro atrás de cigarro, acendendo um

no outro

Então, ponho-me a cobrir todas as apostas, a torto e a direito, apesar dos resmungos de Jojo la Passe. Ainda por cima, ganho em vez de perder, e o meu monte, em lugar de diminuir, aumenta. Há de tudo na minha frente, principalmente notas de quinhentos bolívares. Estou de tal maneira perturbado que, ao pegar nos dados, ponho o meu cigarro sobre as notas. Uma das notas de quinhentos, na qual o pousei, ficou com dois buracos, porque estava dobrada em duas. Jogo-a e perco-a com outras três, numa aposta de dois mil bolos. Aquele que ganhou levanta-se e diz: “Até amanhã!” E vai-se embora.

No auge do jogo, não dou conta do tempo que passa quando, estupefato, vejo outra vez a nota no tapete. Sei muito bem quem a ganhou: um barbudo de uns quarenta anos, um branco, muito magro, com uma mancha branca no lóbulo da orelha esquerda sobressaindo no seu bronzeado. Ora, este tipo já não está presente. Em dois segundos, reconstituo a saída dele. Saiu só, tenho a certeza. Mas nenhum dos quatro meliantes se mexeu. Portanto, há um ou dois cúmplices lá fora. Devem ter tudo combinado para assinalar, do lugar em que estão, que um tipo sai carregado de grana e de diamantes.

Não consigo lembrar-me de quem é que entrou depois da partida dele porque há muitos homens jogando de pé. Quanto aos que estão sentados, são os mesmos desde há horas e o lugar do barbudo da nota queimada foi ocupado imediatamente após a sua partida.

Mas quem é que jogou a nota? Tenho vontade de a apanhar e de fazer a pergunta. É muito perigoso.

É indiscutível que estou em perigo. Tenho diante dos olhos a prova de que o barbudo se atirou para o suicídio. Com os nervos tensos mas controlados, sou obrigado a pensar muito depressa. São quatro da manhã e antes das seis não será dia porque nos trópicos o dia nasce de repente a partir dessa hora. Portanto, se se vai passar alguma coisa, será entre as quatro e as cinco. Está uma noite de breu, sei-o porque fiz de conta que fui respirar um pouco de ar fresco à entrada da porta. Deixei o montão no meu lugar, cuidadosamente arrumado. Não notei nada de anormal lá fora.

Volto a sentar-me, calmo, mas com todos os sentidos alerta. O meu sexto sentido diz-me que dois pares de olhos estão intensamente fixados na minha nuca.

Jojo lança; deixo que outros cubram o seu jogo. Coisa que detesta, começa a ter um maço respeitável em frente dele.

Na verdade, sinto a temperatura subir e, sem querer ter o ar de tomar precauções, com um tom natural, digo a Jogo, em francês:

— Tenho a certeza, sinto-o, que há trovoada no ar. Levante-se ao mesmo tempo que eu e disparamos em toda a gente.

Sorrindo, como se me dissesse uma coisa muito agradável, preocupando-se muito menos que eu com que alguém pudesse compreender o francês:

— Querido amigo, por que razão havemos de tomar essa atitude estúpida? E atirar em quem, concretamente?

Efetivamente, Atirar em quem? E por que motivo justificado? Apesar disso, vai haver barulho, com certeza. Um após outro, o tipo do eterno cigarro serve-se de dois copos cheios de álcool, que engole de um trago.

Sair só, mesmo com a pistola na mão, não me serve de nada nesta noite de breu. Os que estão lá fora me verão e eu não os verei. Retirar-me para o quarto ao lado? Pior ainda. Aposto que já lá está um tipo que facilmente terá levantado uma das tábuas da parede para entrar.

Só há uma coisa a fazer: ostensivamente, guardar lugar e levantar-me para ir urinar. Eles não darão tudo o que ganhei na bolsa de pano, deixar a bolsa no sinal porque não tenho a grana comigo. Estão lá mais de quinhentos bolos. Mais vale perdê-los que perder a vida.

Aliás, não há que escolher. É a única solução para sair desta emboscada bem preparada e pronta a desencadear-se a cada momento.

Tudo isso, bem entendido, foi pensado muito depressa, porque faltam sete minutos para as cinco horas. Apanho tudo, notas, diamantes, o tubo de aspirinas e o resto, bem à vista de toda a gente. Pausadamente, meto essa pequena fortuna no saco de pano. Com naturalidade, puxo os cordões da bolsa, ponho-a diante de mim, a uns quarenta centímetros, e digo em espanhol, para que toda a gente perceba:

— Tome conta da bolsa, Jojo. Não me sinto bem, vou tomar ar.

Jojo, que seguiu todos os meus gestos, estende a mão e me diz:

— Passe-a para cá, fica melhor aqui que noutro lado.

Contrariado, estendo-lhe a bolsa, porque sei que ele próprio fica em perigo, num perigo iminente. Mas que fazer? Recusar? Impossível, pareceria esquisito.

Saio agarrando a pistola, Na noite, não vejo ninguém, mas não tenho

necessidade de os ver para saber «que estão lá. Rapidamente, quase correndo, dirijo-me à casa de Miguel. Se conseguir voltar com ele e uma grande lâmpada de carboneto para ver o que se passa em volta da barraca há a possibilidade de evitar um azar. Infelizmente Miguel mora a mais de duzentos metros de nós. Desato a correr.

— Miguel! Miguel! — Que se passa?

— Levante-se depressa, pegue na pistola e na lâmpada! Há bronca.

Pum! Pum! Soam dois tiros nesta noite escura.

Parto a correr. Engano-me de barraca e me insultam do interior, ao mesmo tempo em que me perguntam a razão dos tiros. Continuo a correr, aqui está a barraca, está tudo às escuras. Acendo o isqueiro. Pessoas acorrem com lâmpadas. Já não há ninguém na sala. Jojo jaz por terra com a nuca sangrando abundantemente. Não está morto, mas em coma. A cena foi depressa reconstituída, porque uma lanterna elétrica abandonada no chão dá a perceber o que se passou. Primeiro atiraram contra a lâmpada de carboneto e depois abateram Jojo. À luz da lanterna elétrica apanhamos o que se encontrava à frente de Jojo, a minha bolsa e o que ele tinha ganho. A camisa fora arrancada e o cinto que trazia junto à pele cortado com uma navalha ou uma faca de mato.

Claro que todos os jogadores fugiram. O segundo tiro deve ter sido disparado para os fazer fugir mais depressa. Também já não eram muitos quando me levantei. Oito homens sentados, dois de pé, os quatro tipos nos cantos e o garoto que servia as bebidas.

Toda a gente oferece os seus serviços. Levamos Jojo para a casa de Miguel, que tem uma cama de toros na sua barraca. Jojo fica em coma toda a manhã. O sangue coagulou, já não corre. Segundo um mineiro inglês, é bom e é mau, porque se há fratura de crânio a hemorragia é interna. Decido não mexer nele. Um mineiro de Callao, velho amigo de Jojo, partiu para uma outra mina à procura de um tipo que dizem que é médico.

Estou muito abatido. Expliquei tudo a Mustafá e a Miguel e eles me reconfortam dizendo que se o golpe estava à vista horas antes e se eu o tinha avisado suficientemente nada mais podia fazer.

Pelas três da tarde, Jojo abre os olhos. Damos-lhe a beber algumas gotas de rum; depois, com dificuldade, murmura:

— Já tenho a minha conta, bem o sinto. Não me toquem. Você não teve culpa, Papi, eu é que fui o culpado. — Respira com força e diz ainda: — Miguel, por trás da cerca do seu porco está enterrada uma caixa. Que o Zarolho a leve à

minha mulher, Lola.

Depois destes minutos de lucidez, volta a entrar em coma. Morre ao pôr do sol.

A gorda da primeira taberna, Dona Carmencita, veio ver Jojo. Trouxe alguns diamantes e três ou quatro notas que havia apanhado, de manhã, na sala do jogo. No entanto, tinha entrado gente na sala! Pois bem, ninguém tocou neste dinheiro nem nos diamantes.

Quase toda a aldeola veio ao funeral. Estão lá os quatro brasileiros, sempre de camisa de fora. Um deles aproxima-se de mim e estende a mão, faço de conta que não a vejo e dou-lhe uma palmada amigável na barriga. Não me tinha enganado, a pistola está lá, onde eu a havia localizado.

Pergunto a mim próprio se devo agir contra eles. Agora? Mais tarde? Que fazer? Nada. Demasiado tarde.

Sinto necessidade de estar só, mas o costume, depois de um enterro, é ir beber um copo em cada taberna cujo dono tenha assistido à cerimônia. Eles vêm sempre todos.

Quando estamos na de Dona Carmencita, ela vem sentar-se ao meu lado, com o copo de anis na mão. No momento em que levanto o copo para beber, ela também levanta o seu, mas apenas para o pôr diante da boca e disfarçar que me está falando.

— Mais vale que tivesse sido ele que você. Agora pode ir tranqüilamente aonde quer.

— Por que tranqüilamente?

— Porque toda a gente sabe que você vendeu sempre ao libanês o que ganhou.

— Sim, mas se matam o libanês?

— É verdade. Isso é outro problema.

Vou-me embora sozinho, deixando os amigos sentados à mesa, depois de ter dito a Dona Carmencita que todos os copos são por minha conta.

Ao passar pelo caminho que leva àquilo a que chamam cemitério, um pedaço de terreno desbravado de uns cinqüenta metros quadrados, sem saber bem por quê sigo por ele.

No cemitério, oito túmulos. O de Jojo é o último; diante dele, Mustafá. Aproximo-me.

— Que faz aí. Mustafá?

— Vim rezar por este velho amigo de quem gostava muito e também trazer-lhe uma cruz. Você se esqueceu de fazer uma.

Merda! É verdade. Não pensei na cruz. Aperto a mão deste bom árabe e agradeço-lhe.

— Não é cristão? — pergunta-me. — Não o vi rezar quando jogaram a terra.

— Quer dizer... certamente que há um Deus, Mustafá — digo para lhe agradar. — Aliás, agradeço-lhe haver-me protegido, em vez de ter continuado a proteger Jojo eternamente. Mais do que rezar, perdôo a este homem que foi um rapazinho miserável dos bairros de Belleville. Só tinha aprendido um único ofício, jogar os dados.

— Que é que você está dizendo? Não entendo.

— Deixe para lá. Lembre-se apenas disto: lamento sinceramente que ele tenha morrido. Tentei salvá-lo. Mas ninguém se deve julgar mais esperto que os outros porque um dia encontra um mais rápido que ele. Jojo está bem aqui. Vai dormir para sempre junto daquilo que adorou, a aventura e a natureza, com o perdão de Deus.

— Sim, Deus lhe perdoará, com certeza, porque era um bom homem.

— Está certo.

Regresso à aldeia, lentamente. É verdade que não desejo mal a Jojo, ainda que quase me tenha condenado. O seu entusiasmo, a energia transbordante, a juventude apesar dos seus sessenta anos, o lado de grande senhor dos bairros: “É preciso manter a linha, meu Deus! Manter a linha!...” E, além disso, eu estava prevenido. Era capaz de rezar uma oraçãozinha para agradecer ao José os conselhos que me, deu. Sem ele, eu já não estaria aqui.

Docemente embalado na minha rede, fumando charuto após charuto para me encher de nicotina e afugentar os mosquitos, presto contas à vida.

Bom. Tenho dez mi dólares, só com alguns meses de liberdade. Tanto em Callao como aqui, encontrei homens e mulheres de todas as raças e de diversas proveniências sociais, mas todos de um calor humano extraordinário. Senti através deles e da vida junto à natureza, neste ambiente tão diferente do da cidade, quão maravilhosa é a liberdade pela qual tanto me bati.

Por outro lado, a guerra acabou graças ao Grand Charlot{5} e a esses bombeiros do mundo que são os “américas”. Nessa confusão de milhões de

pessoas, um forçado vale realmente muito pouco. Tanto melhor, isso vai me ajudar: no meio de todos os problemas a resolver, terão mais que fazer do que preocupar-se em saber para onde é que eu fui.

Tenho trinta e sete anos, treze de cadeia, cinqüenta e três meses de solidão absoluta, contando, além da Reclusão, a Santé, a Conciergerie e a cadeia central de Beaulieu. Sou um bocado difícil de classificar, não sou um pobre-diabo que só tenha a possibilidade de trabalhar com a pá, a picareta ou o machado, mas também não tenho um verdadeiro ofício que me permita ser um bom operário, por exemplo, mecânico ou eletricista, de modo a poder ganhar a vida em qualquer país. Por outro lado, faltando-me a instrução suficiente, não posso ocupar um lugar de grandes responsabilidades. Devia-se sempre aprender, ao mesmo tempo que os estudos, um bom ofício manual. Se, por qualquer razão, falhássemos nos estudos, poderíamos sempre nos defender na vida. Não quer dizer que com alguma instrução nos sintamos superiores ao varredor das ruas — nunca desprezei nenhum homem, a não ser os carcereiros e os tiras —, mas não nos sentimos bem na nossa pele, sentimo-nos deslocados; por mais que queiramos não conseguimos ser felizes.

Em resumo, sou instruído demais e, ao mesmo tempo, não o sou bastante. Merda! Para conclusão, não é brilhante.

E, depois, como dominar os impulsos mais profundos, quando se é uma pessoa normal? Eu devia procurar a tranqüilidade, a paz, viver como os cadastrados reformados de Callao; mas o que sinto, lá bem no fundo, é uma espécie de explosão de uma violenta sede de vida. A aventura chama por mim com tal força que pergunto a mim mesmo se algum dia ficarei tranqüilo.

Também é verdade que tenho de me vingar, é verdade que é impossível perdoar àqueles que me fizeram todo este mal; a mim e aos meus. Calma, Papi! Você tem tempo. Devagarinho, tenha confiança no futuro. Você, que prometeu viver corretamente neste país, já está metido em plena aventura, esquecendo a promessa.

Como é difícil viver como toda a gente, obedecer como toda a gente, caminhar no mesmo passo que toda a gente, tendo, como regra, a aceitação de duas medidas: o tempo e a distância.

Das duas uma, Papi: ou você quer respeitar este país abençoado e abandona a sua vingança, ou não pode esquecer essa idéia fixa e, como precisará então de muito mais dinheiro do que aquele que é capaz de ganhar trabalhando, será necessário voltar à aventura.

No fundo, essa fortuna indispensável, eu podia ir buscá-la *do outro lado, fora da Venezuela*. Não está mal pensado, menino. Vamos ver. Ainda é preciso pensar bem. Durmamos.

Mas, antes, não deixo de ir, por longos momentos, admirar da soleira da porta a lua, as estrelas, escutar os mil ruídos, os mil gritos da selva que envolve a aldeia com a sua misteriosa fronteira, parede tão sombria quanto é brilhante a claridade lunar.

E durmo, durmo docemente embalado pela rede, feliz no mais íntimo do meu ser por me sentir livre, livre, livre e *senhor do meu destino.*

4

O ADEUS A CALLAO

Pelas dez da manhã do dia seguinte vou procurar o libanês.

— Então, chego a Callao ou a Ciudad Bolívar, vou aos endereços que você me deu e pagam-me os vales que você assinou?

— Claro, pode ficar tranqüilo.

— E se assassinarem também a você?

— Não têm nada com isso, pagam-lhe na mesma. Vai a Callao?

— Vou.

— De que região da França é você?

— Dos lados de Avinhão, não longe de Marselha.

— Olhe! Tenho um amigo marselhês, mas que vive longe daqui. Chama-se Alexandre Guigue.

— Não pode ser! É um grande amigo meu.

— Meu também. Fico contente por você o conhecer.

— Onde é que ele mora e como poderei encontrá-lo?

— Está no Brasil, em Boa Vista. É muito longe e complicado para ir até lá.

— Que faz ele?

— É barbeiro. É fácil encontrá-lo: pergunte pelo barbeiro-dentista francês.

— É também dentista? — pergunto eu, sem poder conter o riso.

É que eu conheço muito bem Alexandre Guigue, um tipo extraordinário. Mandado para a “gaiola” ao mesma tempo que eu, em 1933, fizemos a viagem juntos e teve mais que tempo para me contar o seu caso em detalhes.

Em 1929 ou 30, numa noite de sábado, Alexandre e um amigo desceram tranqüilamente do teto da maior joalheria de Lisboa. Tinham arrombado a porta

de um dentista que ficava precisamente por cima da joalheria. Para conhecer bem os lugares, assegurar-se de que o dentista partia mesmo com a família todos os fins de semana e tirar os moldes da porta de entrada e do consultório, fora obrigado a ir lá várias vezes, com o pretexto de obturar dois dentes.

"Excelente trabalho, aliás, porque as obturações ainda se agüentam. Em duas noites, tivemos o tempo que quisemos para tirar as jóias e cortar, eficientemente e sem barulho, dois cofres e um movelzinho de aço.

"O retrato-falado não existia ainda nessa época, mas o dentista devia ter uma capacidade fantástica para descrever as pessoas, porque ao deixarmos Lisboa, na estação, os tiras caíram-nos em cima, sem hesitar. A justiça portuguesa condenou-nos a dez e doze anos de cadeia. Algum tempo depois, reencontramo-nos na prisão de Angola, ao sul do Congo Belga e do Congo Francês. Não tivemos dificuldade em fugir: vieram-nos buscar de táxi. Eu, feito burro, vou para Brazzaville e o meu amigo para Léopoldville. Nem lhe conto as minhas aventuras no Congo, alguns meses mais tarde era apanhado. O meu colega também, aliás. Os franceses recusam-se a entregar-me aos portugueses e mandam-me para a França, onde me enfiam vinte anos de 'gaiola' em vez dos dez que tinha apanhado em Portugal."

Ele tinha fugido da Guiana. Soube que havia passado por Georgetown e que fora efetivamente para o Brasil, montado num boi, através da selva.

E se eu fosse ao encontro dele?

Isso mesmo, vou partir para Boa Vista.

Foi uma grande idéia!

Parto com dois homens que dizem conhecer o caminho para chegar ao Brasil e que me ajudarão a transportar o material de cama e de cozinha. Durante mais de dez dias erramos pela selva, sem sequer chegarmos a Santa Helena, última aldeia mineira antes da fronteira brasileira, e encontramo-nos, ao fim de quinze dias, quase na fronteira da Guiana Inglesa, numa mina de ouro, Aminos. Com a ajuda dos índios, atingimos o rio Cuyuni, que nos leva a uma aldeiazinha venezuelana, Castillejo. Aí, compro facas de mato e limas para dar aos índios, como agradecimento, e abandono os pseudoguias, contendo-me para não lhes partir a cara. Realmente eles conheciam a região tão bem como eu.

Acabo por encontrar na aldeia um homem que conhece a zona e que quer ser meu guia. Quatro ou cinco dias mais tarde, chego a Callao.

Esgotado, completamente vencido pela fadiga, magro como um cão, ao cair da noite bato por fim à porta de Maria.

— É ele! É ele! — grita Esmeralda com todas as forças.

— Quem? — pergunta a voz de Maria, do fundo de um quarto. — Por que grita tão alto?

Comovido por voltar a encontrar esta simplicidade, depois das semanas que acabo de viver, aperto Esmeralda nos braços e ponho-lhe a mão na boca para não a deixar responder.

— Tanto barulho por causa de uma visita? — pergunta Maria, entrando na sala.

Um grito, um grito vindo do fundo do coração, um grito de alegria, de amor, de esperança satisfeita, e Maria lança-se nos meus braços.

Muito tempo, muito tempo depois de ter abraçado Picolino e beijado as outras irmãs de Maria (José estava ausente), fico deitado, junto a Maria. Faz-me as mesmas perguntas vezes sem conta: custa-lhe acreditar que eu viesse diretamente para a casa dela, sem ter parado primeiro para cumprimentar o Grand Charlot ou num dos cafés da aldeia.

— Vai ficar algum tempo em Callao? — pergunta-me.

— Vou, vou ver se consigo ficar algum tempo.

— Você precisa cuidar-se, engordar um pouco, vou fazer-lhe uns bons petiscos. Quando você partir, mesmo que fique com o coração ferido para toda a vida (não é por culpa sua, você me avisou), quero que você esteja forte para se livrar o melhor possível das ciladas de Caracas.

El Callao, Uasipata, Upata, Tumeremo, aldeiazinhas de nomes estranhos para um europeu, pontos minúsculos no mapa de um país que faz três vezes a França, perdidos no fim do mundo, onde a palavra “progresso” nada significa, no seio da mais maravilhosa das naturezas, onde mulheres e homens, os jovens como os velhos, vivendo como se vivia na Europa no princípio do século, transbordam de paixões autênticas, de generosidade, de alegria de viver, de bondade... Raros são os homens atualmente com mais de quarenta anos que não tenham suportado a mais terrível das ditaduras, a de Gomez. Pela mínima coisa eram perseguidos, espancados até a morte, chicoteados com nervo de boi por qualquer representante da autoridade. Todos os que tinham entre quinze e vinte anos, de 1925 a 1935, eram caçados como animais pelos polícias do tirano e, uma vez apanhados no laço pelos agentes, puxados com corda até o quartel. Era o tempo em que uma jovem bonita podia ser escolhida e raptada por um funcionário importante e depois atirada para a rua quando ele se cansasse dela. Se a família protestava, era aniquilada.

É certo que houve, de tempos a tempos, sublevações, verdadeiros suicídios coletivos de homens decididos a vingar-se ainda que ao preço da própria vida, como o Coronel Zapata. Mas o Exército acorria depressa e os que escapavam ficavam estropiados para o resto dos seus dias, devido às torturas.

Apesar disso, todas estas pessoas quase analfabetas destas aldeiazinhas atrasadas conservaram o mesmo amor e a mesma confiança no homem. É para mim uma lição permanente que me toca no mais fundo do coração.

Penso em tudo isso, deitado ao lado de Maria. Sofri bastante, é verdade, fui condenado injustamente, também é verdade, os carcereiros franceses eram tão brutais e talvez mais diabólicos que os polícias e os soldados do tirano, mas aqui estou eu, inteiro, tendo vivido uma aventura perigosa, é certo, mas também apaixonante. Andei a pé, remei numa piroga, cavalguei na selva, mas cada dia que passava era como se fosse um ano que eu vivia, de tal modo essa vida de homem sem lei, liberto de todos os freios, de toda barreira moral, de toda obediência a ordens, de tal modo esta vida era plena.

Por isso, pergunto a mim mesmo se faço bem em partir para Caracas e deixar atrás de mim este pedaço de paraíso. Vezes sem conta faço esta pergunta.

No dia seguinte, uma má notícia. O representante do libanês, um ourives especializado em orquídeas de ouro com pérolas de Marguerite e em todas as espécies de outras joiazinhas verdadeiramente originais, diz-me que nada pode pagar contra os meus vales porque o libanês lhe deve muito dinheiro. Só faltava isso para melhorar os meus negócios! Bem, irei receber no outro endereço em Ciudad Bolívar. Pergunto a um vizinho:

— Conhece este senhor?

— Bem demais, infelizmente. É um gatuno que desapareceu levando tudo, até umas peças raras que lhe tinha confiado em depósito.

Se o que este sujeito diz é verdade, já não me falta mesmo mais nada! Ainda estou mais liso do que antes de partir com o Jojo. Não está mal! Como o destino é misterioso! Só a mim é que acontece uma coisa dessas. E, ainda por cima, comido por um libanês!

Regresso a casa aparvalhado e cabisbaixo. Por causa destes malditos dez mil dólares, arrisquei vinte vezes a minha vida, e não me ficou nem um centavo. Pois é, o libanês não precisa fazer trapaça nos dados para ganhar. Muito melhor, nem sequer se mexe, espera que levem o “cacau” à sua casa.

Mas o meu gosto pela vida é tal que resmungo para mim próprio: “Você está livre, livre, e ainda se volta contra o destino? Deve estar brincando, não fala

a sério! ‘Banco’ perdido, talvez, mas a aventura foi extraordinária: ‘Façam as apostas!’ — ‘A banca vai rebentar!’ — ‘Dentro de algumas semanas, ou sou rico ou um homem morto!’...” A intensidade emotiva desta incerteza, como se eu estivesse sentado num vulcão, vigiando a cratera, mas sabendo também que outras crateras se podem abrir e que é necessário prever de antemão as outras possíveis explosões, tudo isso não valerá a perda destes dez mil dólares?

Volto ao princípio e analiso a situação: é preciso voltar rapidamente à mina antes que o libanês desapareça. E, já que o tempo é dinheiro, não o desperdicemos. Vou procurar uma mula, víveres, e a caminho! A pistola e a faca, ainda as tenho comigo. Uma única dúvida: serei capaz de encontrar a aldeia?

Aluguei um cavalo que Maria acha muito melhor do que a mula. O meu único problema é se me enfio por um caminho errado, porque há imensas bifurcações.

— Eu conheço os caminhos, quer que o acompanhe? — diz-me Maria. — Gostava tanto! Irei só até a *posada* onde se deixam os cavalos, antes de apanhar a piroga.

— É muito perigoso para você, Maria, e principalmente para regressar sozinha.

— Espero por alguém que regresse a Callao. Assim estarei segura. Deixe, *mi amor!*

Falo do assunto a José, que concorda:

— Empresto-lhe o meu revólver, Maria sabe manejá-lo.

E assim, depois de cinco horas a cavalo (aluguei um para Maria), encontramo-nos sozinhos, sentados à beira do caminho. Maria e eu. Ela veste umas calças de amazona, presente de uma amiga *llanera.* A Liana é uma grande planície da Venezuela, onde as mulheres são corajosas, indomáveis, atiram com revólver ou espingarda como um homem, manejam a faca como um esgrimista, montam a cavalo como verdadeiras amazonas. Autênticos homens e, no entanto, sabem morrer de amor.

Maria é precisamente o contrário. É doce, sensual, tão próxima da natureza que dá a impressão de fazer parte desse todo. Isso não a impede de saber defender-se, com ou sem arma, porque é valente.

Nunca, nunca poderei esquecer estes dias de viagem antes de chegarmos à *posada.* Dias e noites inolvidáveis, quando, cansados de gritar a nossa alegria, eram os corações que cantavam.

Nunca serei capaz de descrever a felicidade destas pausas de sonho, em que nos debatíamos na frescura da água cristalina e depois, ainda molhados, completamente nus, fazíamos amor na relva da margem, rodeados pelo murmúrio multicor dos colibris, das borboletas, das libélulas da selva, cujo bailado parecia fazer parte destes amores de seres jovens, amando-se na natureza.

Partíamos saciados de carícias, por vezes tão cheios de uma espécie de embriaguez, que me beliscava para ter a certeza de que estava acordado.

Quanto mais nos aproximamos da *posada,* melhor ouço a intensidade da voz pura e natural de Maria cantando valsas de amor. Quanto mais a distância se encurta, mais atraso o passo do cavalo e arranjo pretexto para pararmos ainda uma vez.

— Maria, tenho a impressão de que é melhor deixar o cavalo descansar um pouco.

— Da maneira como vai, não será ele que estará cansado quando chegarmos, Papi, nós é que estaremos — diz ela, desatando a rir, mostrando os dentes que parecem pérolas.

Conseguimos levar seis dias para chegar até a *posada.* Ao vê-la, de repente deu-me vontade de passar lá a noite e voltar a caminho de Callao. Tornar a viver a pureza destes seis dias apaixonados pareceu-me de súbito mil vezes mais importante que os dez mil dólares. É um desejo de uma estranha violência que me faz tremer intimamente. Mas, mais forte que isso, há uma voz que me diz: “Não seja tonto. Papi. Dez mil dólares é uma fortuna, a primeira parte da soma de que você precisa para executar os seus projetos. Você não deve abandoná-los!”

— Olhe a *posada* — diz Maria.

E, contra mim próprio, contra tudo o que penso e sinto, digo a Maria o contrário do que desejaria dizer-lhe:

— Sim, chegamos à *posada,* Maria. A nossa viagem acabou, amanhã a deixo.

Quatro remadores bons, a piroga desliza na água do rio, apesar da corrente contrária. Cada remada me afasta de Maria, que, da margem, me vê afastar-me.

Onde está a paz, o amor, onde está, quem sabe, a mulher predestinada a construir comigo um lar, uma família? Esforço-me para não olhar para trás, com

receio de gritar aos remadores: “Voltem!” Tenho de ir à mina buscar a grana e lançar-me o mais depressa possível noutras aventuras para juntar o dinheiro da grande viagem a Paris, ida e volta, se é que há volta.

Uma só promessa: não farei mal ao libanês. Pegarei no que me pertence, nada mais, nada menos. Nunca virá a saber que deve o perdão aos seis dias de passeio neste paraíso, ao lado da jovem mais maravilhosa do mundo, a fadinha de Callao, Maria.

— O libanês? Tenho a impressão de que foi embora — diz-me Miguel, depois de me ter abraçado.

Encontrara a barraca fechada, é verdade, mas sempre com o espantoso cartaz: O *meu maior tesouro é a honestidade*.

— Acha que ele foi embora? Ah, o patife!

— Tenha calma, Papi! Vamos já saber.

A dúvida não foi longa, nem a esperança. Mustafá confirmou que ele fora embora, mas para onde? Só depois de dois dias de investigação é que um mineiro me disse que ele tinha ido em direção ao Brasil, com mais outros três, mas todos me garantiram que ele é um homem honesto! Então conto a história de Callao e o que vim a saber acerca do correspondente que fugiu de Ciudad Bolívar. Quatro ou cinco tipos, entre os quais um italiano, dizem que, se isso é verdade, foram roubados. Só um velho guianês não concorda com a discussão. Para ele só houve um ladrão: o grego de Ciudad Bolívar, Discute-se o assunto para trás e para a frente, mas lá no fundo sinto que perdi tudo. Que hei de fazer?

Visitar Alexandre Guigue, em Boa Vista? O Brasil fica longe. Para ir a Boa Vista é preciso fazer quinhentos quilômetros através da selva. A última experiência foi muito perigosa. Por pouco não fiquei lá. Não, vou já tratar de ficar em contato com as minas e voltarei quando souber que o libanês tornou a aparecer. Com tudo arrumado, irei para Caracas, depois de apanhar Picolino, ao passar. É a melhor solução. Amanhã regresso a Callao.

Oito dias depois, estou em casa de José e de Maria. Conto-lhes tudo. Maria diz-me palavras gentis e doces que me dão coragem. O pai insiste em que fique com eles:

— Se quiser, assaltamos as minas de Caratal.

Rio, dando-lhe umas palmadinhas no ombro.

Não, na verdade isto não me diz nada, não devo ficar aqui. Só o amor que tenho por Maria e o que dela recebo me pode reter em Callao. Estou mais preso

do que julgava e do que desejava. É um amor verdadeiro, forte, mas mesmo assim não suficientemente grande para vencer a minha idéia fixa de vingança.

Está tudo em ordem, tratei com um caminhoneiro, partiremos amanhã, às cinco da madrugada.

Enquanto me barbeio, Maria sai do quarto e se refugia no das irmãs. Com o sexto sentido que têm as mulheres, sabe que desta vez é a partida a sério. Picolino está sentado à mesa da sala, limpo, bem penteado. Ao lado dele, Esmeralda, com a mão no seu ombro. Faço um movimento em direção ao quarto onde está Maria, Esmeralda me detém.

— Não, Enrique.

E bruscamente se precipita para a porta e desaparece também no quarto.

José nos acompanhou até o caminhão. Não trocamos uma palavra durante o percurso.

A caminho de Caracas, o mais depressa possível.

Adeus, Maria, flor de Callao, você me deu muito mais em amor e ternura do que todo o ouro que jamais se extrairá destas minas.

5

CARACAS

A viagem foi penosa, sobretudo para Picolino. Mil quilômetros, vinte horas de caminho, além das paradas. Passamos algumas horas em Ciudad Bolívar e, depois de termos atravessado o magnífico Orenoco numa barca, é uma corrida desenfreada neste caminhão que rola como um doido, conduzido por um sujeito da terra, que tem felizmente uma resistência de ferro.

Finalmente, no dia seguinte à tarde, estamos em Caracas. São quatro horas. Subitamente descubro a cidade. O bulício das pessoas que vão e vêm me absorve completamente.

Paris, 1929, Caracas, 1946. Passaram-se dezessete anos sem que eu visse uma grande cidade. Em Trinidad e Georgetown passei apenas alguns meses.

Caracas é bela, majestosa, com as suas casas coloniais de um andar, rodeada pelos montes Ávila, espalhada por todo o comprimento do vale. Situada a novecentos metros de altitude, goza de uma eterna primavera, não é demasiado quente, nem fria.

“Tenho confiança em você, Papillon”, repete-me o Dr. Bougrat ao ouvido, como se assistisse à nossa entrada nesta grande e buliçosa cidade.

Por toda a parte há pessoas de todas as cores, do mais claro ao mais escuro, sem nenhum complexo de raça. Toda a gente, do negro ao vermelho ou ao branco mais puro, toda esta população variegada vive com a alegria mais embriagadora de se ver nos primeiros momentos.

Com Picolino pelo braço, dirijo-me para o centro da cidade. O Grand Charlot deu-me o endereço de um antigo forçado que tem uma pensão, a Pensão Maracaibo.

Na verdade, passaram-se dezessete anos, uma guerra destruiu centenas de milhares de homens da minha idade em muitos países, entre os quais o meu, a França. De 1940 a 1945, também eles foram aprisionados, mortos ou feridos, muitas vezes inutilizados para o resto da vida. Você, você está aqui, Papi, numa grande cidade! Tem trinta e sete anos, é jovem, é forte, olhe à sua volta para

todos estes seres, a maior parte dos quais humildemente vestidos: riem de satisfação. As canções não existem só no ar, difundidas pelos discos da moda. Estão também no coração de toda a gente, sem exceção. Em quase todos os ônibus se vê imediatamente que alguns levam não uma vida miserável, mas, pior do que isso, sofrem o infortúnio de ser pobres e de não saberem se defender nesta selva que é uma grande cidade.

Como é bela a cidade! E são ainda só quatro da tarde. Como será à noite, com os milhares de luzes elétricas? E, no entanto, ainda estamos num bairro popular que não é muito afamado. Começo a gastar:

— Psst, táxi!

Sentado ao meu lado Picolino ri como uma criança e se baba a todo momento. Limpo-lhe a boca, ele me agradece com o olhar e treme de emoção. Para ele, estar na cidade, numa grande capital como Caracas, é, antes de tudo, a esperança de encontrar hospitais e médicos capazes de transformarem o farrapo humano em que se tornou num homem normal. Milagre de esperança. Tomou a minha mão entre as dele enquanto à nossa volta desfilam ruas e ruas cheias de gente, tão cheias que ficam com os passeios completamente cobertos. Os carros, as buzinas, a sirena de uma ambulância e o apito dos bombeiros, os pregões dos vendedores ambulantes, os gritos dos vendedores dos jornais da tarde, o chiar dos freios de um caminhão, os drim-drons dos bondes, a campainha das bicicletas, toda esta algazarra, estes ruídos, estes gritos que nos envolvem, nos atordoam, que quase nos embriagam, todos estes gritos diferentes que perturbam o sistema nervoso dos outros, provocam em nós um efeito contrário, acordam-nos a ambos, fazem-nos compreender que estamos lançados no ritmo louco da vida mecânica moderna, e, em vez de ficarmos enervados, sentimo-nos maravilhosamente felizes.

Por mais forte que seja o barulho, não nos atordoa. Há tantos anos que vivemos em silêncio! Porque há dezessete anos que conheço o silêncio, o silêncio das prisões, da penitenciária, o mais que silêncio da Reclusão, o silêncio da selva e do mar, das aldeiazinhas perdidas onde as pessoas vivem felizes.

Digo a Picolino:

— Entramos na antecâmara de Paris, Caracas, uma verdadeira cidade. Aqui, vão curá-lo e eu encontrarei o meu caminho e realizarei o meu destino, pode ter a certeza.

A mão dele aperta a minha, uma lágrima salta dos seus olhos. A mão dele tem um calor tão fraternal que a retenho para não perder nada deste maravilhoso

contato, e, como o outro braço está paralítico, sou eu quem limpa esta lágrima do meu amigo, do meu protegido.

Chegamos, enfim, à pensão do forçado Emile S. Ele não está, mas a mulher, uma venezuelana, quando lhe dissemos que vínhamos de Callao, percebeu quem éramos e apressou-se a dar-nos um café e um quarto com duas camas.

Deito Picolino, depois de o ter ajudado a tomar uma ducha. Está fatigado e excitado. Quando saio, faz-me grandes sinais. Percebo o que ele quer dizer: "Você volta, não é verdade? Não me deixe aqui sozinho".

— Não, Pico! Vou demorar só umas horas na cidade. Virei cedo.

Aqui estou, em Caracas. São sete horas quando desço a rua para a Plaza Simón Bolívar, a maior da cidade. Há uma explosão de luz por toda parte, numa maravilhosa profusão de eletricidade, de néons de todas as cores. O que mais me extasia são os anúncios luminosos, coloridos, verdadeiras serpentes de chamas que, tal como os fogos-fátuos, aparecem e desaparecem num verdadeiro bailado comandado por um mágico.

A praça é bonita. Ao centro, uma grande estátua de bronze de Simón Bolívar, num enorme cavalo. Tem um porte orgulhoso, apresentado com a nobreza que devia possuir a sua alma. Admiro, de todos os lados, este libertador da América Latina e não posso deixar de o saudar no meu espanhol deficiente, em voz baixa para que ninguém me ouça:

— *Hombre!* Que milagre estar a teus pés, tu, o homem da liberdade, eu, um pobre-diabo que sempre lutou por esta liberdade de que tu és a própria encarnação!

Por duas vezes voltei à pensão, a quatrocentos metros da praça, antes de encontrar Emile S. Disse-me que estava prevenido da nossa chegada por uma carta de Charlot. Vamos beber um copo para falar sossegadamente.

— Há dez anos que estou aqui — conta-me Emile. — Casei, tenho uma filha e a minha mulher é a dona da pensão. É por isso que não os posso ajudar em nada; mas só pagam metade do preço. — Maravilhosa solidariedade a dos ex-forçados, quando um deles se encontra em dificuldades. Ele continua:

— Esse pobre-diabo que está com você é um amigo de longa data?

— Você o viu?

— Não, mas a minha mulher me falou dele. Diz que é um verdadeiro farrapo humano. É debilidade?

— Pelo contrário, e aí é que reside o drama. Ele está na plenitude das suas faculdades mentais, mas a boca, a língua e o lado direito até a bacia estão paralisados. Conheci-o em El Dorado, já nesse estado. Não se sabe nem a sua identidade e se é um forçado ou um degredado.

— Não entendo por que você vem com esse desconhecido. Você até nem sabe se é um bom rapaz, um homem normal. Além disso, é um verdadeiro peso para você.

— Já há oito meses que cuido dele. Em Callao, encontrei mulheres que o tratavam. Apesar de tudo é incômodo.

— Que é que você vai fazer com ele?

— Hospitalizá-lo, se for possível. Ou encontrar um quarto, mesmo que seja muito modesto, mas com chuveiro e privada, para tratar dele até que encontre lugar onde o possa instalar.

— Você tem grana?

— Alguma, mas preciso ter cuidado porque, apesar de compreender tudo, falo mal espanhol e não vai ser fácil defender-me.

— Sim, não é fácil, aqui há mais operários que empregos. De qualquer maneira, Papi, pode ficar em minha casa à vontade os dias que lhe forem necessários para encontrar qualquer coisa.

Percebi. Ainda que generoso, Emile está chateado. A mulher deve ter-lhe dado uma idéia muito má de Picolino, com a língua pendente e os grunhidos de um animal. Ela é capaz de pensar na má impressão que isso pode causar na clientela.

Amanhã, dou-lhe de comer no quarto. Pobre Picolino, que dorme ao meu lado na sua caminha de ferro! Mesmo pagando a sua comida e dormida, não querem saber de você. Os doentes, veja você, incomodam os que estão sãos. A sua cara torcida tira aos outros a vontade de rir. É a vida. Você não é aceito por um grupo se não lhe levar qualquer coisa, pela sua personalidade: só se você for tão neutro que não incomode ninguém. Um móvel vivo, isso se suporta. Mas não se importe! Mesmo que eu não tenha tanto jeito como as moças de Callao, você terá sempre ao seu lado mais do que um amigo: um aventureiro que o adotou e que tudo fará para que você não morra como um cão.

Emile deu-me vários endereços, mas em parte alguma há trabalho para mim. Fui duas vezes ao hospital para tentar internar Pico. Nada a fazer. Dizem que não há camas livres e os papéis de ex-presidiário de El Dorado não ajudam

as coisas. Ontem perguntaram-me como e por quê o tinha a meu cargo a nacionalidade, etc. Quando conto ao escriturário do hospital que ele me fora confiado pelo diretor de El Dorado e que me comprometi a tratar dele, esse idiota tira a seguinte conclusão:

— Bem, se ele foi libertado porque se encarregou de prover as suas necessidades, guarde-o e trate dele em sua casa. Se não é capaz, era melhor tê-lo deixado lá.

Quando me pergunta o meu endereço dou-lhe um falso, não tenho confiança neste tipo, exemplo internacional do funcionário medíocre que quer mostrar a sua importância.

Depressa, lavo o meu Picolino. Estou desesperado, tanto por mim como por ele. Sinto que já não posso continuar em casa de Emile, cuja mulher se lamenta de ter de mudar todos os dias os lençóis de Pico. Por isso, todas as manhãs lavo os lugares sujos, o melhor possível, no lavatório, mas demora a secar e isso se percebe depressa. Então compro um ferro de engomar e seco as partes lavadas com o ferro quente.

Que fazer? Não sei lá muito bem. Com certeza é preciso encontrar rapidamente uma solução. Experimento pela terceira vez internar Picolino num hospital, sem resultado. São onze horas quando saímos de lá. Já que é assim, vai ser preciso empregar os grandes meios e decido consagrar toda a tarde ao meu amigo. Levo-o ao Calvario, magnífico jardim cheio de plantas e flores tropicais, sobre uma colinazinha, mesmo no centro de Caracas.

Lá em cima, num banco, admirando o esplêndido panorama, comemos *arepas* com carne e bebemos uma garrafa de cerveja. Depois acendo dois cigarros, um para Pico e outro para mim. Picolino fuma com dificuldade, babando o cigarro. Ele sente que o momento é importante, que lhe quero dizer qualquer coisa que o poderá atormentar. Os olhos estão angustiados e parecem dizer-me: “Fale, fale depressa! Sinto que você tomou uma decisão importante. Fale, peço-lhe!”

Li tudo isso nos seus olhos tão claramente como se estivesse escrito neles. Sinto-me mal e hesito. Por fim digo-lhe:

— Pico, há três dias que tento hospitalizá-lo. Não há nada a fazer, não querem saber de você. Entende?

Os olhos dele respondem afirmativamente.

— Por outro lado, não podemos ir ao consulado francês sem nos arriscarmos a um pedido de extradição.

Ele encolhe o ombro bom.

— Ouça-me. É preciso que você se cure e para se curar deve seguir um tratamento. Isso é o principal. Ora, você sabe que não tenho dinheiro suficiente para mandar tratá-lo. Vamos fazer o seguinte: passaremos a noite juntos, levo-o ao cinema e amanhã de manhã ponho-o na Plaza Simón Bolívar sem nenhuma identificação. Aí, você se deita junto à estátua e não se mexe. Se alguém quiser levantá-lo ou sentá-lo, recuse. De modo que, passado pouco tempo, chamam um polícia, o qual mandará vir uma ambulância. Eu a Seguirei de táxi para saber a que hospital o conduzem. Esperarei dois dias, antes de ir vê-lo à hora da visita, para me poder misturar com a multidão. Pela primeira vez, ao passar perto da sua cama, talvez não lhe fale, mas vou deixar-lhe cigarros e algum dinheiro. Está bem? Concorda?

Ele põe o braço válido no meu ombro e olha-me intensamente. O olhar dele é uma extraordinária mistura de tristeza e gratidão. A garganta contrai-se, faz um esforço sobre-humano para, da boca torcida, fazer sair um som rouco que é quase um “sim, obrigado!”

No dia seguinte, as coisas se passam como eu tinha previsto. Em menos de um quarto de hora, depois de Picolino se ter deitado junto à estátua de Simón Bolívar, três ou quatro velhos que descansavam à sombra das árvores preveniram um polícia. Vinte minutos depois, uma ambulância vinha buscá-lo. Seguia num táxi.

Não houve dificuldades, dois dias depois, misturado com um grupo de visitantes, em encontrá-lo na terceira das enfermarias que percorri. Por sorte, ele está entre dois doentes muito graves e posso falar-lhe um pouco, sem perigo. Está congestionado de alegria por me ver e mexe-se talvez demasiado.

— Trataram-no bem?

Acena afirmativamente com a cabeça.

Olho para a ficha, aos pés da cama: “Paraplegia ou malária com complicações secundárias. Tratamento a fazer de duas em duas horas”. Deixo-lhe seis maços de cigarros, fósforos e vinte bolívares em moedas.

— Até a vista, Pico!

Perante o seu olhar desesperado e suplicante acrescento:

— Não se inquiete, virei vê-lo, meu velho!

É preciso não esquecer que, para ele, me tornei indispensável. Sou a única pessoa que o liga ao mundo.

Há quinze dias que estou aqui e as notas de cem bolívares desaparecem depressa. Felizmente tinha um guarda-roupa decente quando cheguei. Arranjei um quartinho barato, mas não o bastante, para mim. Nem uma mulher à vista. No entanto, as moças de Caracas são bonitas, finas, e têm um espírito vivo. O difícil é travar conhecimento. Estamos em 1946 e não é costume as mulheres sentarem-se sozinhas no café.

Uma grande cidade tem os seus segredos. Para nos defendermos é preciso conhecê-los e para os conhecer é necessário ter professores. Esses professores da rua, quem são eles? Toda uma fauna misteriosa, com a sua linguagem, as suas leis, os seus usos, vícios, os seus próprios truques para, em cada dia, se desvencilhar e ganhar com que viver durante vinte e quatro horas. O problema é ganhar a vida o mais honestamente possível. Não é fácil.

Como os outros, livro-me de dificuldades com pequenas trapaças, muitas vezes engraçadas e é sem maldade. Por exemplo, um dia encontro um colombiano que conheci na prisão de El Dorado:

— Que é que você faz?

Diz-me que nesse momento ganha a vida vendendo rifas de um soberbo Cadillac.

— Porra! Já arranjou dinheiro para ser dono de um Cadillac?

Torce-se de riso e depois explica-me o negócio:

— É o Cadillac do diretor de um grande banco. É ele próprio que o dirige; chega pelas nove da manhã e o arruma com muito cuidado, a cem ou cento e cinqüenta metros do banco. Somos dois. Um de nós, nem sempre o mesmo, para não dar na vista, segue-o até a porta do banco onde trabalha. Em caso de perigo, um assobio especial que não se confunde com nenhum outro. Isso só aconteceu uma vez. Então, entre a chegada e a partida dele, pela uma hora, pomos no carro uma plaquinha branca com letras vermelhas que diz: *Venda de* rifas *para você poder ganhar este Cadillac. Os números correspondem aos da loteria de Caracas. Corre no próximo mês.*

— Essa é demais! Então você vende rifas de um Cadillac que não lhe pertence? Está maluco? E os polícias?

— Nunca são os mesmos e, corno são ingênuos, não lhes vem a idéia de que é uma vigarice. E se interessam pouco por nós; oferecemos-lhes uma ou duas rifas e cada um sonha que vai, *talvez,* ganhar o Cadillac. Se quiser arranjar algum dinheiro, como nós, venha, apresento-o ao meu sócio.

— Não acha um bocado indecente roubar os desgraçados?

— Pense bem! As rifas custam dez bolívares, de modo que só as podemos vender a gente de grana. Portanto, não há mal nenhum.

E lá estou eu, depois de ter visto o sócio, metido neste golpe. Não é brilhante, Papi, mas é preciso comer, dormir, estar limpo e até mesmo elegante, e guardar o maior tempo possível, como reserva, os poucos diamantes que trouxe de El Dorado e duas notas de quinhentos bolívares que conservo como um avarento dentro do meu "governo[{6}]", como se ainda estivesse na prisão. Por que nunca deixei de trazer comigo o "governo"? Por duas razões: poderiam roubá-lo do quarto do hotel, que fica num bairro duvidoso, e se o trago num bolso arrisco-me a perdê-lo. De qualquer maneira, há catorze anos que trago o "governo" no cólon. Ano a mais, ano a menos, não tem importância e sinto-me mais tranqüilo.

A venda das rifas falsas durou quinze dias e continuaria se, um dia, um cliente muito interessado não tivesse comprado dois bilhetes e observado em pormenor o maravilhoso carro que sonhava ganhar. De repente, endireita-se e exclama:

— Mas este carro não é o do doutor fulano, diretor do banco?

Friamente, sem vacilar, o colombiano diz-lhe:

— Efetivamente, é. Ele o confiou a nós para o rifarmos. Pensa, assim, tirar mais dinheiro do que se o vendesse diretamente.

— É estranho... — diz o cliente.

— Não lhe fale nisso — recomeça o colombiano, sempre impassível. — Ele nos fez prometer não dizer nada, porque seria muito embaraçoso que isso se soubesse.

— Entendo, porque, na verdade, é bastante inesperado da parte de uma pessoa como ele!

Depois que ele se afastou o suficiente, em direção ao banco, retiramos depressa a plaquinha e a dobramos. O colombiano desapareceu com ela e eu fui à porta do banco prevenir o nosso cúmplice de que "levantáramos a tenda". Torço-me de riso, por dentro, e não posso deixar de ficar perto da porta, para não perder o que se iria seguir. Não falha. Três minutos depois vejo aparecer o diretor acompanhado pelo suposto cliente. Este faz grandes gestos e caminha tão rapidamente que tenho a impressão de que está furibundo.

Tendo verificado, provavelmente sem surpresa, que já não há ninguém em volta do Cadillac, voltam mais lentamente e param num café para beber um

copo, ao balcão. Como o cliente não reparou em mim, entro também para me divertir e escutar a reação deles.

— É descaramento demais! Não acha, doutor fulano?

Mas o dono do Cadillac, como todo bom habitante de Caracas, que aprecia o humor, põe-se a rir francamente e diz:

— Quando penso que se tivesse passado por ali a pé me poderiam ter oferecido rifas do meu próprio carro e que sou tão distraído que seria muito capaz de as ter comprado! Confesse que apesar de tudo é bastante engraçado!

Claro que foi a morte da nossa loteria. Os colombianos desapareceram. Eu ganhara perto de mil e quinhentos bolívares; com que viver mais de um mês, o que era importante.

Os dias passam e na verdade não é fácil encontrar qualquer coisa válida para fazer. É a época em que começam a chegar da França pétainistas e colaboracionistas fugidos à justiça. Não estando bem informado das possíveis diferenças entre uns e outros, meti-os todos no mesmo saco, com a etiqueta: ex-gestapos. Por isso, não convivia com eles.

Um mês passa sem grandes mudanças. Em Callao não pensava que seria tão difícil arranjar uma situação. Ando de porta em porta vendendo cafeteiras especialmente concebidas (como quem diz...) para escritório. O discurso é tão fácil e tão chato que me aborrece: “O senhor diretor compreende, sempre que os empregados descem para beber um café (prática corrente em todos os escritórios da Venezuela) perdem muito tempo, sobretudo se chove, e durante este tempo o senhor perde dinheiro. Com a cafeteira no escritório, só pode ganhar por todas as razões”. Talvez eles ganhassem, mas eu não, com certeza. Porque muitos patrões me dizem:

— Bom, sabe, na Venezuela levamos uma vida calma, até mesmo nos negócios. É por isso, aliás, que os nossos empregados estão autorizados a descer durante as horas de serviço, para tomar um *cafecito.*

E é com o ar inteligente que se tem quando se caminha na rua com uma cafeteira na mão que me encontro frente a frente com Paulo, o Boxeur, um velho conhecido de Montmartre.

— Ora vejam! Você é mesmo Paulo, o...

— E você não é Papillon?...

Rapidamente, pega-me no braço e me leva para um café.

— Que coincidência, que estranha coincidência!

— Que é que você faz com essa cafeteira na mão?

— Vendo-as; é a vida. À força de tirar e guardar a cafeteira na caixa, esta se desfez toda.

Conto-lhe onde estou e lhe digo:

— E você?

— Vamos embora, conto-lhe depois.

Depois de termos pago, levantamo-nos e faço um gesto para agarrar a cafeteira.

— Deixe-a ficar aí, já não precisa mais dela, garanto-lhe.

— Acha que sim?

— Certamente.

Deixo a maldita cafeteira em cima da mesa e saímos.

Uma hora mais tarde, na minha casa, depois de termos falado de algumas recordações de Montmartre, Paulo ataca. Tem um negócio formidável num país perto da Venezuela. Ele confia em mim. Se eu aceitar, fico fazendo parte do grupo.

— É uma moleza, já está no papo, menino! Vou falar-lhe a sério: vai haver tantos dólares que será preciso passá-los a ferro para não ocuparem demasiado espaço!

— E onde é que é esse negócio extraordinário?

— Você vai saber na hora certa. Não lhe posso dizer mais nada.

— Quantos somos?

— Quatro. Um já está lá. O outro, vim buscá-lo aqui. Você o conhece. É um amigo seu, Gaston.

— Conheço, mas perdi-o de vista.

— Eu não — diz Paulo rindo.

— Verdade que você não me pode dizer mais nada sobre o assunto?

— Impossível, Papi. Tenho as minhas razões.

Reflito depressa. Na situação em que me encontro, não tenho que escolher. Ou continuo a andar com uma cafeteira ou outra coisa qualquer nas mãos, ou me volto novamente para a aventura e posso, em breve, vir a ter uma grande fortuna. Sempre soube que Paulo é muito sério e, se ele achou que

devíamos ser quatro, é que o trabalhinho também é coisa mais que séria. Tecnicamente deve ser uma bela operação. E isso, reconheço-o, isso me tenta. Então, Papi, banco?

— Banco.

No dia seguinte, partíamos.

6

O TÚNEL POR BAIXO DO BANCO

Mais de setenta e duas horas de viagem, num automóvel. Revezamo-nos ao volante. Paulo toma precauções infinitas. Todas as vezes em que enche o tanque de gasolina, o que vai ao volante deixa os outros dois a trezentos metros da estação de serviço e vem, depois, buscá-los.

Acabo de passar uma meia hora com Gaston debaixo de chuva à espera de que Paulo regresse. Estou furioso.

— Acha que realmente vale a pena toda esta fita, Paulo? Olhe como estamos, até podemos morrer!

— Papi, você está sendo mesmo chato! Mandei encher os pneus, mudar a roda de trás, trocar o óleo e a água. Não se faz isso em cinco minutos!

— Não digo o contrário, Paulo. Mas confesso que não vejo lá muito bem a utilidade de tantas precauções.

— Pois eu vejo e sou eu que mando. Se você teve treze anos de desterro eu apanhei dez de reclusão na nossa bela França, Acho que as precauções nunca são suficientes. Se assinalam um carro Chevrolet com uma pessoa em vez de três não é a mesma coisa.

Tem razão, não se fala mais nisso.

Dez horas depois, chegamos à cidade, término da nossa viagem. Paulo nos despeja à entrada de uma rua ladeada de vivendas.

— Sigam o passeio da direita. É uma vivenda chamada Mi Amor. Entrem como se estivessem em sua casa, é aí que encontrarão Auguste.

Um jardim florido, um arruamento cuidado, uma linda casa com a porta fechada. Batemos.

— Bom dia, amigos! Entrem — diz Auguste, ao abrir.

Recebe-nos em mangas de camisa, cheio de suor e de terra nos braços peludos.

Explicamos-lhe que Paulo foi estacionar o carro num parque do outro lado da cidade. Mais vale evitar que uma chapa da Venezuela dê nas vistas nesta rua.

— Fizeram boa viagem? — Fizemos.

Nada mais. Estamos sentados na sala de jantar. Sinto que chegamos a um momento decisivo e estou um bocado tenso. Nem Gaston nem eu sabemos ainda de que operação se trata. “Questão de confiança”, dissera Paulo em Caracas. “Avançam ou não. É pegar ou largar. Mas uma coisa é certa: há tanto dinheiro líquido como vocês nunca sonharam.” Está bem, mas é preciso que agora as coisas se tornem claras e precisas.

Auguste nos oferece café. Com exceção de algumas perguntas sobre a viagem e a nossa saúde, nem uma palavra que pudesse esclarecer o assunto. São discretos nesta casa!

Ouvi bater a porta de um carro em frente da vivenda. É com certeza Paulo, que deve ter alugado um carro com chapa do país. De fato é ele.

— Aqui estou! — diz Paulo ao entrar na sala tirando o casaco de couro. — Tudo corre bem, rapazes!

Tranqüilamente bebe o café. Eu não digo nada, espero. Diz a Auguste que ponha a garrafa de conhaque na mesa. Sem se apressar, sempre com um ar satisfeito, serve-nos e finalmente fala no assunto:

— Bem, rapazes, estamos no lugar do trabalho. Imaginem que precisamente diante desta encantadora vivenda, do outro lado da rua por onde vocês chegaram, são os fundos de um banco que tem a entrada principal situada numa bela avenida paralela à nossa ruela. E se vocês repararam nos braços de Auguste, sujos de terra barrenta, é que, sabendo que vocês eram preguiçosos, começou já a trabalhar para que não tenham tanto que fazer.

— Fazer o quê? — pergunta Gaston, que não é idiota mas é um pouco lerdo de pensamento.

— Não é grande coisa — diz Paulo sorrindo. — Um túnel que, partindo da sala ao lado, passará debaixo do jardim e da rua e terminará precisamente sob a casa-forte do banco, se os meus cálculos estiverem certos. Senão, talvez nos encontremos do outro lado, em frente à rua. Nesse caso teremos de cavar mais fundo e procuraremos vir acima, precisamente no meio.

Um pouco de silêncio e depois:

— Que dizem?

— Um minuto, menino. Deixe-me pensar. Não é exatamente o trabalho

que eu esperava.

— O banco é importante? — pergunta Gaston, efetivamente de compreensão lenta, porque se Paulo pôs tudo em ação, e desta maneira, não é com certeza por uma ninharia.

— Amanhã passe lá em frente e depois me diga

— respondeu Paulo rindo às gargalhadas. — Para lhe dar uma pequena idéia, fique sabendo que há oito caixas. Assim você já pode ter uma noção do movimento diário do banco.

— Porra! — exclama Gaston batendo na coxa. — É um banco de verdade! Pois bem estou muito satisfeito! É a primeira vez que vou participar num golpe especial com cálculos altamente científicos. Em suma, é o meu bastão de marechal golpista.

Sempre sorrindo abertamente, Paulo vira-se para mim:

— Não diz nada, Papi?

— Eu não preciso ser marechal. Prefiro ser um cabo com bastante grana para uma coisa que quero fazer. Não tenho necessidade de milhões. O que eu acho, Paulo, é que é um trabalho gigantesco, e se resultar (é preciso sempre ter fé, portanto resultará com certeza!) temos, até o fim da vida, com que pagar o aluguel e o telefone. Mas... há muitos “mas” a resolver! Posso fazer-lhe umas perguntas, capitão?

— As que quiser, Papi, aliás tinha a intenção de discutir com vocês todos os pontos da questão. Porque, se sou eu quem dirige a operação, já que fui eu quem a estudou, todos nós arriscamos a liberdade e talvez a vida. Por isso, faça todas as perguntas que quiser.

— Está certo. Primeira pergunta: da sala ao lado, onde deve ser o poço da entrada, até o passeio ao lado do jardim quantos metros são?

— Dezoito, precisamente.

— Segunda, qual é a distância que vai da borda do passeio ao banco?

— Dez metros.

— Terceira, você localizou, dentro do banco, em relação ao conjunto, a entrada da casa-forte?

— Claro, aluguei um cofre, na sala dos cofres pequenos da clientela. Fica situada mesmo ao lado da sala dos cofres fortes do banco, separada por uma porta blindada com duas rodas de segurança. Só há uma entrada que dá para a

sala dos cofres pequenos. Daí, passa-se para a sala dos grandes. Um dia, depois de várias visitas, ao esperar que me dessem a segunda chave do meu cofre, vi abrir-se a porta blindada. Ao rodar deixou-me ver a sala e os grandes cofres alinhados em volta.

— Você reparou na espessura da divisória que separa as duas salas?

— É difícil de saber por causa da armação de aço.

— Quantos degraus é preciso descer até a porta da casa-forte?

— Doze.

— O chão das salas está, portanto, mais ou menos a três metros abaixo do nível da rua. Então, que pensou fazer?

— Vai ser necessário escavar precisamente até a separação das duas salas. É possível, assinalando as cavilhas de ferro exteriores que, sob o chão da casa forte, fixam os cofres fortes. Desse modo, com um só buraco temos acesso a duas salas ao mesmo tempo.

— Sim, mas como os cofres estão apoiados às cavilhas há a possibilidade de ir dar em um deles.

— Não tinha pensado nisso. Nesse caso, bastar-nos-á aumentar o buraco até o meio da sala.

— Acho que mais vale fazer dois buracos de acesso. Um em cada sala e, se possível, no meio.

— Também penso o mesmo agora — diz Auguste.

— Está bem. Papi. Repare que ainda não estamos lá, mas é bom ir pensando nessas coisas com tempo. E depois?

— A que profundidade vai ficar o túnel?

— A três metros.

— E a largura?

— Oitenta centímetros. Vamos precisar nos mexer lá dentro.

— Que altura você acha que irá ter?

— Um metro.

— Estou de acordo com a largura e a altura, mas não com a profundidade. Dois metros de terra por cima de nós não são uma camada muito resistente. Se passar um grande caminhão ou um rolo compressor, pode ir abaixo.

— Talvez, Papi, mas não há razão nenhuma para passarem nesta rua caminhões ou viaturas pesadas.

— Oxalá, mas não custa nada fazer um poço de quatro metros. Se fizermos assim, há três metros de terra entre o chão do túnel e a rua. Vê algum inconveniente nisso? O único trabalho suplementar é cavar mais um metro no poço de acesso. Isso não vai alterar nada no próprio túnel. Por outro lado, a quatro metros de profundidade, temos quase a certeza de chegar ao banco ao nível dos alicerces ou ainda mais abaixo. Quantos andares tem o prédio?

— O térreo e o primeiro andar.

— Portanto os alicerces não devem ser muito mais fundos.

— Está certo, Papi. Vamos escavar os quatro metros.

— Como você pensa atacar a casa-forte? E o sistema de alarma?

— Na minha opinião, Papi, aí é que está o busilis. Algumas vezes, logicamente, os sistemas de alarma estão instalados fora da casa-forte. Desde que você não toque em nenhuma porta, nem do banco, nem da casa-forte, não se deve destravar. Não os deve haver mesmo dentro das salas. No entanto, acho que não é preciso mexer nos cofres que estão ao lado das portas de acesso da casa-forte, e nos que ficam perto da porta blindada também não.

— Está bem, sou da sua opinião. Claro que há um risco, é que ao trabalhar debaixo dos cofres as vibrações façam destravar o sistema. Mas, tomando as precauções que se disseram, não deve haver azar.

— É tudo, Papi?

— Você previu o estaqueamento do túnel?

— Sim. Na garagem tenho um banco de carpinteiro e tudo o que é preciso para o estaqueamento.

— Perfeito. E a terra?

— Primeiro, vamos colocá-la por toda a superfície do jardim; depois, uma em cima da outra e, por fim, em todo o comprimento do muro, fazemos um canteiro com um metro de largura e tão baixo quanto possível para não parecer estranho.

— Há vizinhos curiosos?

— Do lado direito não há novidade. Um velho e uma velha baixinhos, que se desfazem em desculpas todas as vezes que me vêem, porque o cão deles faz a bosta em frente do nosso portão. À esquerda é mais chato. Há duas crianças de

oito a dez anos que não param de brincar de balanço, e os idiotinhas sobem tão alto que facilmente podem ver o que se passa em nossa casa, por cima do muro.

— De qualquer maneira, só devem poder ver uma parte do jardim, e não é a que fica do lado do muro deles.

— Está certo, Papi. Bom, suponhamos que, tendo acabado o túnel, estamos debaixo da casa-forte. Será preciso fazer uma grande cavidade, uma espécie de sala, para poder colocar lá o material e aí trabalharem à vontade talvez dois ou três. E, uma vez localizado o meio de cada sala, faremos, debaixo de cada uma, um espaço de dois metros por dois.

— Certo. Como é Que você vai atacar o aço dos cofres?

— Isso é um ponto a discutir entre nós.

— Diga lá.

— Podemos fazer o trabalho com um maçarico; conheço a coisa, é o meu ofício. Podemos usar a serra elétrica, que também conheço, mas há uma dificuldade: a vivenda tem uma corrente de cento e vinte volts e é preciso uma de duzentos e vinte. Por isso, decidi engajar um outro sujeito no golpe, mas não quero que ele trabalhe no túnel. Chegará na véspera do ataque.

— Com quê?

— Tenha calma, Papi; com a termite. É um verdadeiro mestre nesta especialidade. Que é que me dizem?

— Assim, são cinco partes em vez de quatro — diz Gaston.

— Ainda vai sobrar para você, Gaston! Quatro ou cinco é a mesma coisa.

— Eu sou pela vinda do sujeito da termite porque, se há uma *dúzia* de cofres para abrir, faz-se tudo mais depressa com a termite do que com outra coisa qualquer.

— Esse é o plano geral. Estão todos de acordo?

Todos concordam. Paulo nos recomenda ainda uma coisa: que nem Gaston nem eu ponhamos o nariz fora da porta durante o dia, seja qual for o motivo. Só poderemos sair à noite, de vez em quando, o menos possível, muito decentemente vestidos, com gravata e tudo. Nunca os quatro juntos.

Passamos para a sala ao lado, que antes servia de escritório. Já está cavado um buraco com um metro de diâmetro e três de profundidade. Admiro as faces internas, direitas como as de uma parede, e é nessa altura que penso na ventilação.

— E para o ar, o que é que você previu?

— Envia-se o ar com um pequeno compressor, através de uns tubos de plástico. Se o que está trabalhando começar a ficar asfixiado, um outro lhe atira um jato de ar na cara, enquanto ele continua. Comprei um em Caracas que é quase silencioso.

— E se arranjássemos um aparelho de ar condicionado?

— Já pensei nisso e tenho um na garagem, mas queima os fusíveis sempre que se liga.

— Ouça, Paulo. Não se sabe o que poderá acontecer com o sujeito da termite. Se ele não comparecer ao encontro, o maçarico não faz a coisa tão depressa; só com a serra elétrica. É preciso pôr os duzentos e vinte volts. Para que o pedido pareça normal, você diz que quer um congelador para a carne, aparelhos de ar condicionado, e que, além disso, como faz coisas de madeira na garagem, desejaria instalar uma serrazinha circular, etc. Isso não deve levantar problemas.

— Tem razão, temos tudo a ganhar pondo os duzentos e vinte volts. E agora já chega de conversa! Auguste é o rei do *spaghetti*. Logo que esteja pronto, vamos para a mesa.

O jantar foi muito alegre. Depois de termos recordado tempos difíceis, concordamos todos que, quando se falasse do passado, nunca mais nos referiríamos às histórias da “gaiola”. Somente no que houve de divertido: as mulheres, o sol, o mar, as fugas, etc. Rimos todos como crianças.

Ninguém sente remorsos ao pensar que vamos atacar a sociedade no maior símbolo do seu poder egoísta, *um banco.*

Como o transformador fica perto da casa, a corrente de duzentos e vinte foi ligada sem dificuldade, sem problemas. Para acabar o poço abandonamos a picareta de cabo curto, muito incômoda de manejar num espaço tão pequeno. Cortamos os blocos de terra com uma serra circular para madeira; cada pedaço é arrancado com um sólido plantador fácil de manejar, e é colocado no balde.

Trabalho de titã, que avança pouco a pouco. Da casa, mal se ouve o barulho da serra circular, no fundo do poço, que agora atingiu os quatro metros. Do jardim, não se percebe absolutamente nada, portanto não há que temer escândalo.

O poço está acabado. Hoje atacamos o túnel e foi Paulo, com a bússola na mão, quem cavou o primeiro metro numa terra argilosa e muito úmida que gruda

em tudo. Já não trabalhamos seminus, mas de macacão, que nos cobre dos pés à cabeça. Assim, quando tiramos o macacão, depois de subir, ficamos logo limpos como uma crisálida ao sair do casulo. Menos as mãos, claro,

Segundo os nossos cálculos, vai ser preciso tirar trinta metros cúbicos de terra. Nada mau.

— Um verdadeiro trabalho de forçado! — resmunga Paulo, de mau humor.

Mas, pouco a pouco, avançamos.

— Parecemos toupeiras ou texugos — diz Auguste.

— Havemos de chegar lá, rapazes! E teremos dinheiro para toda a vida. Não é verdade, Papillon?

— Com certeza! E eu terei a língua do procurador, a falsa testemunha, e vou estourar um fogo de artifício de primeira categoria no número 36 do Quai des Orfèvres. Vamos lá ao trabalho, rapazes! Se não estão muito apressados em serem milionários, fiquem sabendo que eu, certas noites, chego a sonhar que o meu procurador morreu tranqüilamente na cama, com a língua direitinha, que a minha testemunha se rebola cada vez mais nas peles da loja do papai e que a guerra fez que os tiras mudassem de profissão e se transformassem em soldados do Exército da Salvação! Isso originaria que esta operação já não tivesse sentido para mim. Bom, não é hora de dizer disparates ou de jogar baralho. Vamos, desçam-me para dentro do buraco. Vou trabalhar ainda um bom par de horas.

— Calma, Papi! Estamos todos enervados. Isto não vai depressa, é verdade, mas mesmo assim avançamos, e diante de nós, a menos de quinze metros, está a grana. E, depois, cada um tem os seus problemas: olhe esta carta do meu amigo Santos, que me escreveu de Buenos Aires.

E Paulo tira uma carta do bolso, que lê em voz alta:

Caro Paulo,

Você acredita em milagres, meu velho? Há mais de seis meses que você não vem ver as suas duas mulheres, nem lhes enviou uma palavra, nem mesmo uma carta. Você é totalmente inconsciente. Elas não sabem se você está morto ou vivo ou em que canto do planeta se encontra. Não é agradável para mim levar descomposturas nestas condições. Todas as segundas-feiras o interrogatório se torna mais violento: "Então? Onde é que está o nosso homem? O que é que ele está fazendo? Aposto que prepara um golpe! Estaria muito

melhor aqui conosco. Estamos cansadas de dormir com o travesseiro. É a última vez que lhe dizemos isto. Entendeu bem? Ele que venha senão nos divorciamos!” Vamos, *Paulo, faça um esforço, envie uma palavra, não acredite em milagres. Um destes dias você vai perder os dois moinhos e, depois, não há mais farinha.*

Seu amigo,

Santos.

— Pois bem, eu acredito em milagres, e o milagre está ali, à nossa frente. Sou eu, Paulo, e são vocês, meus amigos, que, pela inteligência e pela coragem, o conseguiremos. Entretanto, esperemos que as meninas se agüentem tempo suficiente, porque temos necessidade da grana delas para acabar o trabalhinho.

— Vamos fazer todos uma flor para elas — diz Auguste, encantado com a idéia.

— Isso é assunto meu — diz Paulo. — Eu sou o artista que realiza uma das mais belas operações montadas por um aventureiro; elas, sem saberem, são as capitalistas, o que também é uma grande honra, apesar de tudo.

Gargalhada geral, uns goles de conhaque, e me alinho numa partida de bridge para contentar toda a gente e descontrair-me um pouco.

Não há problema em jogar a terra no jardim, que mede dezoito metros de comprimento por dez de largura. Espalhamos a terra por toda a largura, respeitando o caminho que dá para a garagem. Mas, como a terra extraída é muito diferente da outra, mandamos vir, de vez em quando, um caminhão de húmus. Tudo corre bem.

Cavamos e içamos os baldes cheios de terra. Assoalhamos praticamente o chão da galeria, porque há infiltrações de água que tornam o fundo lamacento. Nas tábuas, o balde desliza mais facilmente quando o puxamos com a corda.

É assim que trabalhamos. Um de nós vai para o fundo do túnel. Com a serra circular e a picareta, cava e arranca as pedras e a terra com que enche o balde. Um segundo fica por baixo do poço e puxa o balde para si. Em cima, fica um terceiro que sobe o balde e o esvazia num carrinho de mão com roda de borracha. Fizemos uma passagem na parede que comunica diretamente com a garagem. O quarto homem limita-se a pegar no carrinho, passar à garagem e aparecer com toda a naturalidade no jardim.

Trabalhamos horas inteiras, impelidos pela vontade férrea de triunfar. É um extraordinário dispêndio de energias. O fundo da galeria é terrivelmente

difícil de suportar, apesar do ventilador de ar condicionado e do ar puro trazido por um tubo que enrolamos à volta do pescoço e em cuja ponta aspiramos, de vez em quando. Estou cheio de pintas vermelhas do calor. Tenho manchas enormes em todo o corpo. Talvez seja urticária, e me faz uma comichão horrorosa. O único que não as tem é Paulo, porque só se ocupa do carrinho e de espalhar a terra no jardim. Quando saímos deste inferno, mesmo depois de termos tomado um banho de chuveiro, é preciso mais de uma hora para nos recuperarmos, respirarmos normalmente e, besuntados com vaselina ou manteiga de cacau, nos sentirmos um pouco melhor. “De qualquer maneira, fomos nós que quisemos *este* trabalho de escravo, não? Ninguém nos obrigou a fazê-lo. Então trabalhe, suporte e feche a boca, que o céu o ajudará.” É o que eu digo e repito duas ou três vezes por dia a Auguste quando ele se arrepende de se ter metido num golpe destes.

É inútil dizer que, para emagrecer, não há nada melhor do que fazer um túnel debaixo de um banco. É formidável como nos tornamos ágeis à força de nos curvarmos, rastejarmos, nos contorcermos. Neste túnel sua-se tanto como numa sauna. Fazendo estes exercícios em todas as posições não nos arriscamos a ter gorduras demais e criamos bons músculos. Vejam, é positivo sob todos os pontos de vista, e, além disso, no fim do corredor espera-nos a magnífica recompensa: o tesouro dos outros.

Tudo corre bem, menos no jardim. À força de altear o nível, despejando lá a terra, em vez de crescerem, as flores afundam-se cada vez mais, o que não tem um ar muito normal. Se continuamos, dentro em breve só se verão as pétalas. Arranjamos um paliativo: colocamos as flores em vasos que enfiamos na terra recentemente trazida. Bem cobertos não se vê nada, dir-se-ia que a planta sai da terra.

Esta história começa a tornar-se longa! Se ainda pudéssemos repousar revezando-nos! Mas não é possível. Precisamos estar os quatro presentes para haver um ritmo eficaz. Em três nunca mais acabaríamos e teríamos de guardar provisoriamente a terra dentro da vivenda, o que seria perigoso.

A tampa do poço encaixa perfeitamente. Quando descansamos, podemos deixar aberta a porta da sala, pois não se nota absolutamente nada. Quanto à passagem na parede da garagem, pusemos, do lado desta, uma enorme placa de madeira onde está pendurada toda espécie de utensílios de carpinteiro e, do lado da casa, um enorme baú da época da colonização espanhola. Assim, quando Paulo quer receber alguém, pode fazê-lo sem nenhuma apreensão. Só eu e Gaston nos escondemos no nosso quarto, no primeiro andar.

Durante dez horas choveu torrencialmente, sem parar, e o túnel está inundado. Há quase vinte centímetros de água e sugiro que Paulo vá comprar uma bomba de mão com um tubo. Uma hora depois, ela já está lá. Acionando a bomba, um de cada vez (outro exercício), aspiramos a água, que despejamos no esgoto. Um longo dia de trabalho penoso, para nada.

Não estamos longe do mês de dezembro. Seria perfeito se pudéssemos estar prontos, debaixo do banco, no fim de novembro, com o compartimento completo e estaqueado. Se o sujeito da termite vier, não há dúvida de que Papai Noel vai encher abundantemente os nossos sapatos. Se ele não vier, decidimos trabalhar com o arco elétrico. Sabemos onde encontrar o aparelho completo, com todos os acessórios. Há alguns formidáveis na General Electric. Comprá-lo-emos numa outra cidade, é mais prudente.

O túnel avança. Ontem, 24 de novembro, atingimos os alicerces do banco. Mais uns três metros de túnel e faremos o compartimento, ou seja, mais uns doze metros cúbicos a tirar. Festejamos isso bebendo champanha do verdadeiro, da França, puro.

— Está um pouco verde — diz Auguste.

— Tanto melhor, é bom sinal: é a cor dos dólares!

Paulo faz as contas para o que falta acabar:

— Seis dias para tirar a terra, se não houver terra demais; três dias para estaquear; total: nove dias. Estamos a 24 de novembro, portanto a 4 de dezembro estaremos OK. Certo e seguro.

“Atacaremos numa sexta-feira, às oito da noite, já que o banco fecha às sete. Teremos toda a noite de sexta para sábado, todo o sábado, a noite de sábado para domingo e todo o domingo. Se tudo correr bem, devemos poder sair do esconderijo na segunda-feira às duas da manhã. Ao todo, cinqüenta e duas horas de trabalho. Está certo?”

— Não, Paulo. Não está completamente certo.

— Por quê, Papi?

— O banco abre às sete horas para a limpeza. Por qualquer razão o alarma pode ser dado a essa hora, isto é, não muito tempo depois da nossa partida. O que eu proponho é desvencilharmo-nos de modo a ter o trabalho acabado às dezoito horas do domingo. Com tempo de fazer a partilha serão vinte horas mais ou menos. Partindo logo a seguir temos, no mínimo, onze horas de avanço se o alarma for dado às sete horas, e treze horas se for às nove.

No final, todos concordam com a minha proposta. Enquanto bebemos champanha, pomos discos que Paulo trouxe: Maurice Chevalier, Piaf, Paris, os bailinhos... Com o copo na frente, cada um sonha com o grande dia. Está ali, quase pode ser tocado com o dedo.

Papi, a dívida que você marcou no seu coração, vai dentro em pouco fazer com que a paguem a você em Paris. Se tudo correr bem, se tiver sorte, voltarei da França a Callao, para ir buscar Maria.

O meu pai ficará para mais tarde. Pobre e maravilhoso pai! Será preciso esperar para o poder abraçar, depois de ter enterrado em mim o homem de antigamente, o aventureiro... Isso não levará muito tempo, depois de me ter vingado e arranjado uma boa situação.

Foi dois dias depois da festa do champanha que aconteceu, mas nós só o soubemos um dia mais tarde. Tínhamos ido ver, numa cidade vizinha, a cem quilômetros, um equipamento de soldagem e de corte a serra elétrica da General Electric. Muito bem vestidos, eu e Gaston tínhamos partido a pé, encontrando-nos com Paulo e Auguste no carro, a dois quilômetros dali.

— Merecemos esta saída, não, meninos? Respirem, respirem a plenos pulmões este soberbo ar da liberdade!

— Tem razão, Paulo, merecemos bem este passeio. Não vá demasiado depressa para que possamos admirar a paisagem.

Instalados em duas pensões diferentes, passamos três dias neste bonito porto cheio de barcos e efervescente de uma população matizada e alegre. Todas as noites nos encontramos os quatro.

— Nem cabaré, nem bordel, nem mulheres da rua, estamos em viagem de negócios, meninos! — diz-nos Paulo. E tem razão.

Fui com ele examinar o aparelho, ao nosso gosto. É formidável, mas temos de o pagar a vista e não há grana suficiente. Paulo telegrafa para Buenos Aires e, felizmente, dá o endereço da pensão onde tinha ficado, no porto, Ficou decidido que ele nos levava à cidade e que voltaria só, um ou dois dias mais tarde, para buscar o dinheiro e o aparelho. Regressamos muito repousados por estes três dias de férias.

Como de costume, Paulo nos deixa, a Gaston e a mim, na esquina da ruazinha. A vivenda é a cem metros. Começamos a andar tranqüilamente, felizes com a idéia de tornar a ver a obra-prima do túnel, quando, de repente, agarro o braço de Gaston e o faço parar bruscamente. Que se passa em frente da vivenda? Há tiras, uma dúzia de pessoas; depois, vejo dois bombeiros saírem da terra, no

meio da rua. Não é preciso que me expliquem, já percebi. O túnel foi descoberto!

Gaston põe-se a tremer como se tivesse febre e depois, batendo os dentes, gaguejando, não encontra nada melhor para dizer do que este lindo disparate:

— Destruíram o nosso belo túnel! Ah, que bando de malucos! Um túnel tão bom!

Precisamente nesse momento, um sujeito com cara de polícia, que se reconheceria a quilômetros, olha para nós. Mas o conjunto da situação parece-me de tal maneira ridículo que desato a rir com um riso franco, tão alegre, tão verdadeiro, que se o polícia tivesse a menor dúvida sobre nós essa dúvida ter-se-ia desvanecido imediatamente. Pegando no braço de Gaston, digo bem alto em espanhol:

— Que raio de túnel que esses ladrões fizeram!

E lentamente, voltando as costas à nossa obra-prima, saímos da rua sem nos apressar e *sem* chateação. Mas agora é preciso agir depressa. Pergunto a Gaston:

— Quanto você tem? Eu só tenho seiscentos dólares e mil e quinhentos bolívares. E você?

— Tenho dois mil dólares no meu "governo" — responde-me Gaston.

— O melhor será nos separarmos, Gaston, ali na rua.

— Que é que você vai fazer, Papi?

— Vou voltar ao porto de onde viemos e tentar embarcar para qualquer lugar, ou, se for possível, diretamente para a Venezuela,

Não nos podemos abraçar em plena rua, mas, com a emoção, Gaston tem os olhos tão molhados como os meus ao apertarmos as mãos. Não há nada que mais ligue os homens do que a aventura e os perigos passados em comum.

— Boa sorte, Gaston!

— Merda, Papi!

Paulo e Auguste regressaram por caminhos diferentes; um ao Paraguai, o outro a Buenos Aires. As mulheres de Paulo já não dormem com o travesseiro.

Arranjei passagem num barco para Porto Rico. Daí, apanhei um avião para a Colômbia e depois um barco para a Venezuela.

Só passados alguns meses soube o que se tinha passado: uma canalização

da água havia rebentado na grande avenida, do outro lado do banco, daí um desvio do trânsito para as ruas paralelas. Um enorme caminhão, carregado com vigas de ferro vai para a nossa rua e passa sobre o túnel, que desaba sob as rodas traseiras. Gritos, espanto, polícia, e depressa se percebeu tudo.

7

CAROTTE — A CASA DE PENHORES

Em Caracas é Natal. Iluminações maravilhosas em todas as ruas importantes. Por toda parte cânticos, coros, cantados com aquele sentido rímico inegável da gente do povo. A *alegria* é geral. Eu me sinto um pouco deprimido pelo nosso insucesso, mas não estou triste. Jogamos e perdemos, é certo, mas estou livre e mais livre que nunca. E depois, como dizia Gaston, mesmo assim era um belo túnel!

Pouco a pouco, sou contagiado pelo ambiente gerado por estes cânticos dedicados ao Menino de Belém, e em paz, tranqüilo, com a alma serena, envio um telegrama a Maria: “Maria, que este Natal encha de felicidade a casa onde você me deu tanto”.

Passei o dia de Natal no hospital, com Picolino. Ele se levantou e no jardinzinho do hospital, sentados num banco, também tivemos o nosso Natal. Comprara as melhores e mais caras *hallacas* que tinha encontrado, especialidade que só aparece no Natal. Nos bolsos, duas garrafinhas chatas de um delicioso Chianti.

Natal de pobres? Não, Natal de ricos, de muito ricos! Natal de dois ressuscitados do “caminho da podridão”, Natal resplandecente com a luz de uma amizade cimentada na provação. Natal de liberdade completa, até de fazer loucuras como as minhas. Natal sem neve de Caracas, cheio das flores deste jardinzinho de hospital, Natal de esperança para Picolino, a quem a língua já não pende desde que se trata e que também já não se baba. Sim, Natal miraculoso para ele, visto que pronunciou distintamente um “sim” alegre, quando lhe perguntei se as *hallacas* eram boas.

Mas meu Deus! Como é duro refazer uma vida!

Passo algumas semanas difíceis, mas não perco a coragem. Tenho duas qualidades: primeira, uma confiança inquebrantável no futuro; segunda, um

gosto indiscutível pela vida. Mesmo nos momentos em que me deveria preocupar, qualquer coisa, na rua, me faz rir e, se encontro um compincha, passo a noite com ele, divertindo-me como se tivesse vinte anos. Isso me mantém o moral para as restantes situações.

O Dr. Bougrat deu-me um pequeno emprego no seu laboratório de produtos de beleza. Não ganho muito, mas é o suficiente para andar sempre bem vestido e elegante. A minha juventude me ajuda. Troco-o por uma húngara que se dedica à produção de iogurtes em casa e é aí que venho a conhecer um aviador de que não direi o nome porque atualmente é comandante de bordo da Air France. Chamar-lhe-ei Carotte.

Ele também trabalha nos iogurtes da húngara e ganhamos o bastante para nos podermos divertir à vontade, Todas as noites vadiamos pelas tabernas de Caracas. Vamos muitas vezes beber um ou dois copos no Hotel Majestic, que mais tarde fechou, o único lugar moderno da cidade, no bairro do Silêncio.

E é então, nesta altura em que parece que nada de novo pode acontecer, que se dá um verdadeiro milagre. Um dia, Carotte, que, como qualquer homem, não tem de contar os pormenores da sua vida, desaparece e volta, alguns dia depois, dos Estados Unidos, com um aviãozinho de observação, de dois lugares, um atrás do outro. Um aparelho magnífico. Não lhe faço perguntas quanto à origem, só uma: que vamos fazer com isso?

Ele se ri e me diz:

— Ainda não sei, mas podemos nos associar.

— Para fazer o quê?

— Não importa o quê, desde que nos possamos divertir e ganhar alguma grana.

— Está bem, mas temos de participar.

A simpática húngara, que não devia ter muitas ilusões sobre a duração do nosso trabalho em casa dela, deseja-nos boa sorte e começa então para nós um mês completamente louco e extraordinário.

Ah, o que não fizemos nós com esta enorme borboleta!

Carotte é um ás da pilotagem. Durante a guerra, trazia da Inglaterra agentes franceses, que deixava de noite nos campos dos resistentes, e levava outros para Londres. Aterrava muitas vezes guiado somente pelas lâmpadas de bolso dos que o esperavam.

É um verdadeiro louco e um brincalhão. Uma vez, sem me prevenir, deu

uma volta sobre a asa, em ângulo reto, de maneira a fazer-me cair as calças, apenas para dar medo a uma senhora gorda que, tranqüilamente, de traseiro ao léu, fazia as necessidades no jardim.

Gostava tanto deste avião e das nossas cavalgadas pelos ares que, ao faltar-nos a grana para pagar a gasolina, tenho a idéia luminosa de me fazer mercador ambulante, de aviãozinho.

Foi a única vez na minha vida que cometi um abuso de confiança em relação a alguém. Chamava-se Coriat e tinha uma loja de roupas de homem e mulher, o Almacén Rio. Coriat era sócio do irmão. Era um israelita de estatura média, moreno, inteligente, que falava francês muito bem. O seu estabelecimento, bem ornamentado, ficava cada vez mais próspero. Na seção de roupas para mulheres encontrava-se tudo o que havia de mais variado e mais moderno, desde vestidos a outros artigos importados de Paris. Por isso, eu tinha à escolha coisas bem bonitas e muito vendáveis.

Consigo então que me confiem vestidos, camisas, calças, etc, no valor de uma soma considerável, que iremos vender nas províncias mais ou menos longínquas do país.

Partimos para um lugar qualquer, e regressamos quando nos dá na cabeça, segundo a nossa fantasia. Mas, mesmo vendendo bastante bem, não ganhamos dinheiro suficiente para pagar todas as despesas, e a parte de Coriat desaparece em gasolina. Não fica nada para ele.

Os melhores clientes são as mulheres dos bordéis, e claro que não deixamos de as visitar. Vestidos de cores berrantes, calcinhas da última moda, saias estampadas com flores, lenços de seda, etc, tudo isso era uma grande tentação para elas, quando, com tudo estendido na mesa da sala de jantar do bordel, eu fazia a propaganda.

— E ouçam-me bem, minhas senhoras. Isto para as senhoras não é um luxo inútil. É antes, se me permitem, um verdadeiro investimento, porque, quanto mais atraentes forem, mais clientes têm. Quanto às que só pensam em fazer economias, posso dizer-lhes, com toda a certeza, que é uma economia estúpida o não me comprarem nada. Por quê? Porque as mais bem vestidas vão-se tornar concorrentes temíveis!

O nosso negócio não agradava a todos os patrões dos bordéis; alguns viam com tristeza este dinheiro ir parar em outros bolsos que não os deles, porque vários deles vendiam também às pensionistas “instrumentos de trabalho”. Até a crédito. Queriam encher-se com tudo esses patrões!

Vamos muitas *vezes* a Puerto La Cruz porque há um bom aeroporto numa cidade muito próxima, Barcelona. O patrão do bordel mais elegante, o mais arranjado, onde vivem sessenta mulheres, é intratável, grosseiro, pretensioso, um grande cretino. É um panamenho. A mulher, uma venezuelana, é muito simpática, mas infeliz. É ele quem manda e não há meios de abrir as maias, nem por uma hora que seja, e ainda menos desempacotar a mercadoria sobre a mesa.

Uma vez vai até mais longe. Fez uma fita, pondo uma mulher na rua porque comprou um lenço que eu trazia em volta do pescoço. A discussão torna-se azeda e o polícia de serviço manda-nos embora e diz-nos que nunca mais voltemos a pôr os pés ali.

— OK, seu grande porco — diz-lhe Carotte. — Não tornaremos a vir por terra, mas voltaremos pelo ar! Isso você não pode impedir.

Só percebi a ameaça no dia seguinte de manhã, quando, ao levantar vôo de Barcelona, pela madrugada, me diz pelo telefone interno:

— Vamos dar bom dia ao panamenho. Não tenha medo e segure-se bem!

— Que vai fazer?

Não me responde e, quando avistamos o bordel, toma um pouco de altura e depois, com o motor no máximo, desce sobre ele, passa por baixo dos cabos de alta tensão que se encontram muito perto e faz uma passagem diabólica, rente aos tetos de chapa dos quartos, alguns dos quais, mal fixados, voam como folhas, deixando a descoberto os quartos de dormir, com as camas e os ocupantes. Virando sobre a asa, tomamos um pouco de altura e tornamos a passar, um pouco mais alto, para gozar o espetáculo. Nunca vi nada mais cômico do que essas mulheres e os clientes nus, loucos de cólera, na casa sem teto, estendendo os punhos vingativos para os aviadores, que certamente foram interromper uma relação amorosa ou um sono profundo. Com Carotte fica-se doente de riso.

Nunca mais voltamos lá, porque o patrão deve estar furioso, assim como as mulheres. Logo a seguir encontrei uma que teve o bom senso de rir conosco da aventura. Parece que aquilo fez um barulho dos diabos e que, na sua fúria, o grande cretino do panamenho teve de pregar ele próprio os tetos de todos os quartos das mulheres, com enormes cavilhas de ferro.

Tanto eu como Carotte gostamos tanto da natureza que voamos muitas vezes sem outra finalidade que não seja descobrir lugares extraordinários. Foi assim que encontramos, em pleno mar, mais ou menos a duzentos quilômetros da costa, uma verdadeira maravilha do mundo, Los Roques. É um semicírculo com

mais de trezentas e sessenta ilhotas dispostas em oval, apertadas umas contra as outras e formando um enorme lago em pleno mar. Lago pacífico, porque as ilhas fazem uma barreira, com a água verde-pálida, tão clara, tão transparente, que se distingue o fundo a vinte e a vinte e cinco metros. Infelizmente, nessa época não havia pista de aterragem, mas chegávamos a sobrevoá-las, em comprimento e largura, mais de dez vezes, antes de saltar para outra ilha, cerca de cinqüenta quilômetros para oeste, Las Aves.

Carotte era realmente um piloto extraordinário. Vi-o aterrar com uma asa rasando a areia ou com a outra rasando a água, quando a praia era muito inclinada.

Isla de Aves quer dizer ilha dos Pássaros. Existem milhares deles ali, com a plumagem cinzenta, mas completamente branca quando são pequenos. Chamam-lhes “bobos” por serem estúpidos e confiados. É uma sensação única estarmos os dois sós, nus, nesta ilha achatada como uma bolacha, rodeados de pássaros que pousam ou trepam por nós acima sem receio; nunca viram homens. Passamos horas a bronzear-nos ao sol, estendidos na estreita praia que circunda a ilha. Brincamos com os pássaros, seguramo-los nas mãos; alguns mostram muito interesse pelas nossas cabeças e dão-nos bicadas nos cabelos. Tomamos banho, tornamo-nos a bronzear e, quando temos fome, encontramos sempre lagostas que se aquecem ao sol, ao cimo da água. Rapidamente apanhamos algumas com a mão e as grelhamos na brasa. A única dificuldade é encontrar suficientes plantas secas para o fogo, porque, por assim dizer, não há vegetação. Trincar estas carnes suculentas, regadas com um vinho branco corso, de que temos sempre algumas garrafas a bordo, nesta praia virgem, com o mar à nossa volta, o céu e os pássaros, nada mais, dá-nos uma tal impressão de estar no paraíso que não temos necessidade de falar para nos sentirmos em comunhão total.

E quando levantamos vôo, antes do anoitecer, é cheios de sol e alegria no coração, com uma grande vontade de viver, indiferentes a tudo, sem saber como pagaremos a gasolina da viagem, que tinha uma só razão de ser, o simples prazer de encontrar o natural e o inesperado.

Em Las Aves, descobrimos uma grande gruta marinha cuja entrada se destapa na maré baixa e deixa penetrar o ar e a umidade. Tenho uma verdadeira paixão por essa gruta. Entramos lá a nado, a água é clara, pouco profunda, pouco mais de um metro. Quando nos pomos de pé, no centro dela, e olhamos para as paredes e abóbadas, parecem repletas de cigarras. Claro que não são cigarras, mas milhares de lagostinhas agarradas à rocha, exatamente como cigarras numa árvore da Provença e não muito maiores do que elas. Passamos muito tempo na

gruta sem nunca as incomodar. Só intervimos quando algum polvo grande, guloso dos bebês-lagostas, lança o tentáculo para apanhar alguns. Rapidamente, caímos-lhe em cima e viramos-lhe o capelo. Ficará ali a decompor-se, se tiver tempo para isso, porque para os caranguejos é um verdadeiro festim.

Voltamos muitas vezes à ilha de Las Aves para passarmos a noite. Cada um munido de uma enorme lâmpada elétrica, apanhávamos lagostas com cerca de um quilo e meio até enchermos dois grandes sacos. À saída de Carlota, o aeroporto situado em plena Caracas, descarregávamos toda a mercadoria de vendedores ambulantes, o que nos permitia trazer quase quatrocentos quilos de lagosta. Era loucura carregarmo-nos dessa maneira, mas divertíamo-nos com isso. Decolávamos com dificuldade e, quanto às possibilidades de tomar grande altitude, as estrelas não tinham nada que nos recear... Dificilmente subíamos o vale de vinte e cinco quilômetros que, da costa, leva a Caracas, rasando as casas. Vendiam-se estas lagostas vivas ao preço irrisório de dois bolívares e meio cada uma. Isso dava sempre para pagar a gasolina e a pensão. Mas, como ao apanhar as lagostas a mão se é muitas vezes ferido, acontecia-nos voltar sem ter pescado nada. Isso não tinha importância, não ligávamos para nada, vivíamos plenamente.

Um dia em que nos dirigíamos a Puerto La Cruz, não longe do porto, Carotte me diz pelo telefone que estamos quase sem gasolina e que vamos pousar no terreno da companhia petrolífera de San Tomé. Quando fizemos uma passagem por cima do campo, para lhes darmos a entender que queríamos aterrar na pista privada, esses cretinos respondem-nos pondo, bem no meio da pista, um caminhão-tanque de água ou gasolina, ou de qualquer outra coisa. Carotte, dominando os nervos, ainda que lhe dissesse e repetisse com um pouco de nervosismo que não via lugar onde se pudesse aterrar, diz-me apenas que me segure bem. E desliza para uma estrada bastante larga, onde aterra sem muitas sacudidelas. Mas o impulso leva-o até o princípio de uma curva, na qual aparece, com toda a velocidade, um caminhão-reboque carregado de bois. O chiar dos freios deve ter abafado os nossos gritos de horror, porque, se o motorista não tivesse perdido o controle e não fosse parar na valeta, estávamos fritos. Rapidamente saltamos do avião e Carotte cala as imprecações do motorista, um italiano:

— Ajude-nos a empurrar o avião para o acostamento que depois pode continuar a insultar-nos.

O italiano treme ainda e está branco como cal. Ajudamo-lo também a apanhar os bichos que escaparam do reboque destruído pelo choque.

Essa aterragem de virtuose deu o que falar, e o governo compra o avião a Carotte e o nomeia instrutor civil, no campo de Carlota.

A minha vida de aviador acabou-se. Que pena! Já tinha algumas horas de lições e não ia mal. Tanto pior. O único a perder, neste negócio, foi Coriat. Coisa extraordinária, não fez queixa de mim. Alguns anos depois indenizei-o totalmente, e, aqui, quero agradecer a generosa atitude que teve para comigo,

Mas, nesse momento, não só perdi o avião e o meu lugar em casa da húngara, que fora preenchido, mas também tenho de passar a evitar o centro de Caracas, porque é aí que fica a loja de Coriat e não tenho interesse em me encontrar com ele frente a frente. A situação não é muito brilhante, novamente, mas isso não tem importância. Estas semanas com Carotte foram suficientemente bem vividas para que haja alguma coisa a lamentar. Nunca as esquecerei.

Eu e Carotte nos encontramos muitas vezes numa taberna sossegada, mantida por um francês reformado da Transat. Uma noite em que nos preparávamos para jogar dominó, num canto da sala, com um ex-forçado que vivia tranqüilamente da venda de perfumes a crédito e um republicano espanhol, entram dois desconhecidos de óculos escuros e perguntam se é verdade ir ali muitas vezes um francês aviador,

Carotte levanta-se e diz:

— Sou eu.

Observo os desconhecidos da cabeça aos pés e, apesar dos óculos escuros, facilmente reconheço um deles. Tenho como que um sobressalto. Aproximo-me. Antes de eu falar, ele me reconhece:

— Papi!

É Grand Léon, um dos meus melhores amigos, um dos “duros”. Um tipo alto, de cara chupada, um homem generoso. Não é hora para muitas intimidades e, sem mais, apresenta-me o seu amigo Pedro, o Chileno. Quando bebíamos uns copos, a um canto, Léon explica que procura um aviãozinho com piloto e que lhe tinham falado no francês.

— O aviador está aqui — responde Carotte —, sou eu. Mas o aviãozinho já não existe. Pertence a outros.

— É uma pena — diz Léon. — Não há dúvida nenhuma.

Carotte afasta-se e vai continuar a partida de dominó. Quanto a Pedro, o Chileno, foi sentar-se no bar, o que nos permitiu falar tranqüilamente.

— Então, Papi?

— Então, Léon?

— O nosso último encontro foi há mais de dez anos.

— É verdade. Você saiu da Reclusão quando eu entrei para lá. Tudo bem, Léon?

— Não se vai mal. E você, Papi? Com ele, quero desabafar.

— Vou falar-lhe sinceramente, Léon ando um bocado enrascado. Não é fácil um tipo se agüentar. E, depois, pode-se muito bem sair da prisão com as melhores intenções que a vida é tão difícil quando não se tem trabalho que é impossível não pensar na aventura.

"Ouça, Léon, você é mais velho e não é forçado como os outros. A você posso dizer o que trago na alma. Sabe, digo-lhe mesmo muito a sério que devo tudo a este país. Foi aqui que ressuscitei e prometi a mim próprio respeitar esta terra e fazer o menos possível de coisas criticáveis. Mas não é fácil. Mesmo gostando da aventura, se não tivesse uma grande conta a apresentar a umas certas pessoas, em Paris, estou absolutamente certo de que encontraria uma situação, partindo do nada, através de processos corretos; simplesmente! *não posso ficar à espera que esses cães morram antes de eu chegar.*

"Quando vejo a juventude deste país, cheia de alegria de viver, insaciável de tudo, quando estou diante de um jovem de vinte e quatro a trinta anos como que iluminado interiormente por esse maravilhoso gosto de viver que se tem nessa idade, então, contra a minha vontade, lembro o passado, todos esses anos que me roubaram, os mais belos da minha vida. E volto a ver os buracos negros da Reclusão, esses três anos de espera, antes e depois dos julgamentos, e essa prisão putrefata onde era tratado mais asquerosamente que um cão enraivecido. E então, durante horas, às vezes dias inteiros, caminho pelas ruas de Caracas mastigando tudo isso. Em vez de agradecer ao destino dez vezes, vinte vezes por dia o ter-me trazido até aqui, não, não é nisso que penso: vejo, revivo, julgo estar em todos os 'túmulos' passados e, como nesses 'túmulos' onde eu andava dando voltas como um urso enjaulado, ponho-me a marcar o compasso: um, dois, três, quatro, cinco, meia-volta! É mais forte que eu, uma verdadeira obsessão. Não, não posso suportar que aqueles que me fizeram sofrer injustamente este calvário, onde teria acabado por morrer como o mais miserável dos farrapos sem nada de humano na cara e no coração, calvário de que só saí com muitos sofrimentos e muita força de vontade, não, não posso suportar a idéia de que morram sossegados, sem pagar.

“Então, quando caminho assim nas ruas, não olho à minha volta de uma maneira normal. Cada joalheria, cada lugar onde com certeza se encontra o que me faz falta, o dinheiro, não posso deixar de o observar calculando ao mesmo tempo como poderia lá entrar para apanhar tudo o que está lá dentro. E se ainda não o fiz, você vê, não é que não me falte vontade, porque aqui há truques tão fáceis de usar que é quase uma provocação.

“Até agora tenho vencido esta luta tão difícil sobre mim próprio, não fiz nada de grave neste país e contra este povo que confiou em mim. Seria desprezível, asqueroso, indigno, tão vil como violar as moças de uma casa que me tivesse recolhido. Mas tenho medo, sim, medo de mim próprio, medo de que um dia não possa resistir à tentação de organizar um grande golpe. Tudo isso me cria um tal problema que há momentos em que chego a perder a esperança de poder viver um dia de trabalho digno. Porque vivendo honestamente é impossível juntar bastante depressa a enorme quantia de que preciso para me vingar. Cá para nós, Léon, já não agüento mais.”

Grand Léon ouvia-me sem dizer nada, olhando-me atentamente. Bebemos um último copo quase sem falar. Levanta-se e marca-me um encontro com Pedro, o Chileno, para almoçar, no dia seguinte.

Encontramo-nos num restaurante tranqüilo, à sombra de um caramanchão. O tempo está bom.

— Pensei no que você me disse, Papi. Então ouça, vou-lhe dizer por que razão estamos em Caracas.

Só estão aqui de passagem, dirigem-se para um outro país da América do Sul para trabalharem seriamente numa casa de penhores, onde, segundo as informações recebidas por um dos empregados principais e segundo a sua própria investigação, há jóias suficientes para cada um ficar senhor de uma bela fortuna depois de transformadas em dólares. Era por isso que procuravam Carotte. Queriam contratá-lo a ele e ao avião, mas agora já não se fala mais nisso.

— Se quiser, Papi, venha conosco — conclui Léon.

— Não tenho passaporte e também não disponho de muitas economias.

— Do passaporte nós nos encarregamos, hem, Pedro?

— É como se você já estivesse com ele, com identidade falsa — diz Pedro. — Sem isso não sairia nem entraria oficialmente na Venezuela.

— Aproximadamente, quanto terei de gastar?

— Mais ou menos mil dólares, porque o país não fica aqui ao lado. Você tem essa grana?

— Tenho.

— Então, vendo bem, não há que hesitar.

E foi logo após este encontro que, quinze dias mais tarde, depois de ter obtido os documentos e alugado um automóvel, me encontro a alguns quilômetros de uma capital sul-americana preparando-me para enterrar a minha parte das jóias guardada numa caixa de latão.

O trabalho, bem planejado, fez-se com facilidade. Entramos por uma loja de gravatas, ao lado da casa de penhores, Léon e Pedro tinham ido lá várias vezes comprar gravatas, para verem bem como era a fechadura da loja e assinalar o lugar exato onde haviam de fazer o buraco na parede intermediária para penetrar no local. Não havia cofres fortes; nada, a não ser armários reforçados, por todos os lados. Entramos no sábado, às dez da noite, e saímos no domingo, às vinte e três horas.

Operação bem feita e sem dificuldade. Foi então, junto de uma árvore gigante, a uns vinte quilômetros da cidade, que enterrei a minha caixa. Estou certo de encontrar o lugar, quando quiser, sem hesitação, porque a árvore, de tantas marcas que nela fiz com a faca, é fácil de assinalar: logo depois de uma ponte, à beira da estrada; é a primeira da floresta que aí começa. Ao regressar, jogo fora a picareta, a dez quilômetros dali.

À noite, encontramo-nos os três num bom restaurante. Chegamos separadamente e procedemos como se nos tivéssemos encontrado por acaso no bar, antes de decidirmos que íamos comer juntos.

Cada um escondeu a sua parte: Léon, em casa de um amigo, Pedro, na floresta, como eu.

— Você sabe — explica-me Léon —, é muito melhor cada um ter o seu esconderijo pessoal. Desta maneira, ignora-se o que os outros fizeram da sua parte. É uma precaução muito utilizada na América do Sul, porque quando um é caçado pelos tiras não é tratado com muita meiguice e, se der com a língua nos dentes, não pode dizer mais do que aquilo que sabe. E agora, Papi, ficou contente com a partilha?

— Sinceramente, estou convencido de que a avaliação, a vista desarmada, de cada jóia foi correta. Está certo, não tenho nada a dizer.

Tudo correu bem e todo mundo está satisfeito.

— Mãos ao alto!

— Mas que é isto! — exclama Léon. — Estão doidos!

Nem houve tempo de reagir, em menos de segundo fomos agredidos, algemados e enviados para a central de polícia. Nem sequer acabamos as ostras.

Neste país as pessoas não dormem. A dança durou toda a noite, pelo menos umas oito horas.

Primeira pergunta:

— Gostam de gravatas?

— Uma merda!

E assim por diante. Às cinco da manhã estamos transformados nuns montes de carne tumefacta. Completamente doidos por não nos terem arrancado nada, os tiras espumam de raiva:

— Bom, como estão todos suados e cheios de febre, vamos refrescá-los.

Mal nos agüentando em pé, somos colocados num carro e, um quarto de hora depois, chegamos diante de um grande edifício. Os tiras entram e a seguir vemos sair o operários. Devem ter sido os polícias que mandaram. Então é a nossa vez de entrar, sustentados por dois polícias, quase arrastados.

Um grande corredor com portas de aço à esquerda e à direita, encimadas por uma espécie de relógio com um só ponteiro. Termômetros. Percebo imediatamente que estamos no corredor dos frigoríficos de um grande matadouro.

Paramos num lugar do corredor onde há algumas mesas.

— Então? — diz o chefe dos tiras. — Dou-lhes pela última vez tempo para refletir. Aqui são as câmaras de congelamento da carne. Entendem o que isto quer dizer? Então, pela última vez, onde puseram as jóias e o resto?

— Não vimos nem jóias, nem gravatas .— responde Léon.

— Muito bem, advogado. Você vai ser o primeiro.

Os tiras desaferrolham a porta de uma câmara e a abrem toda. Sai de lá uma espécie de névoa gelada que se espalha pelo corredor. Com um empurrão atiram Léon para dentro, depois de o terem feito descalçar os sapatos e as meias.

— Feche depressa — diz o chefe —, senão vamo-nos congelar também!

Com um estremecimento de horror vejo a porta fechar-se sobre o desgraçado Léon.

— Agora você, chileno, canta ou não?

— Não tenho nada para cantar.

Abrem uma outra câmara e empurram o chileno.

— Você é o mais jovem, italiano (o meu passaporte tinha a identidade italiana). Olhe bem estes termômetros. O ponteiro está a quarenta graus negativos. Isso quer dizer que no estado em que você está, depois da dança que teve, quente como ficou, se não falar e o pusermos lá dentro tem noventa por cento de possibilidade de apanhar uma congestão pulmonar e de morrer no hospital antes de quarenta e oito horas. Por isso, dou-lhe uma última oportunidade: vocês assaltaram a casa de penhores passando pela loja de gravatas, foi ou não foi?

— Não tenho nada a ver com essa gente. Só conheço um, de outros tempos, e o encontrei por acaso no restaurante. Perguntem aos empregados. Não sei se eles estão metidos nesse golpe, mas eu é que não, disso tenho a certeza.

— Pois bem, morra você também, *macaroni*. Tenho pena de que vá morrer com essa idade, mas tanto pior para você. Foi isso que você quis!

A porta se abre. Com um violento empurrão, atiram-me para a obscuridade da câmara e me estatelo de comprido no chão cheio de gelo, depois de ter batido com a cabeça numa metade de boi, dura como ferro, pendurada num gancho. De segundo a segundo, sinto o frio horrível desta câmara invadir toda a minha carne, atravessá-la, atingir os ossos. À custa de um grande esforço me levanto; primeiro de joelhos, depois consigo pôr-me de pé agarrando-me a um boi. Apesar das dores que sinto a cada gesto que faço depois das pancadas que nos deram, ponho-me a bater os braços, a esfregar o pescoço, as faces, o nariz, os olhos. Tento aquecer as mãos debaixo dos sovacos. Só tenho vestidas as calças e a camisa rasgada. Como também me tiraram os sapatos e as meias, sofro intoleravelmente na sola dos pés, que se colam ao gelo, e sinto os dedos começarem a gelar.

Digo a mim próprio: “Isso não pode durar mais de dez minutos, um quarto de hora no máximo, de outra forma vou ficar como estes bois, um bloco de carne congelada! Não, não é possível, eles não vão fazer isso, congelarem-nos vivos! Coragem, Papi! Mais uns minutos e a porta se abre. O corredor glacial vai parecer muito quente”. Os braços já não me obedecem, já não posso fechar as mãos nem mexer os dedos, os pés estão colados ao gelo e já não tenho força suficiente para os arrancar. Sinto que vou desmaiar e em poucos segundos recordo primeiro a cara do meu pai, que é tapada pelo focinho do procurador,

não muito nítido porque se confunde com os dos tiras. Três caras numa só. Penso: “É curioso como se parecem uns com os outros, riem de troça porque ganharam”. E desmaio.

Que é que se passa? Onde é que estou? Uma cabeça de homem está debruçada sobre mim quando abro os olhos. Não posso falar porque ainda tenho a boca dura pelo frio, mas me interrogo mentalmente: o que é que faço aqui, deitado numa mesa?

Umas mãos grandes, fortes e hábeis massageiam-me o corpo todo com sebo quente e, pouco a pouco, sinto a elasticidade e o calor que voltam. O chefe dos policias contempla a cena, a dois ou três metros de distância. Tem um ar chateado. Por várias vezes me abrem a boca para jogar um pouco de álcool. Uma das vezes jogam-me demais, quase me sufoco e cuspo violentamente o gole.

— Pronto — diz o massagista —, já não há problema.

Continuam ainda a massagear-me uma boa meia hora. Sinto que seria capaz de falar, mas prefiro calar-me. À direita, percebo que há um outro corpo numa mesa da mesma altura que a minha. Também está completamente nu, friccionam-no e massageiam-no. Quem é? Léon ou o Chileno? Nós éramos três; eu mais o da outra mesa somos dois. Onde está o terceiro?

As outras mesas estão vazias.

Ajudado pelo massagista, sento-me e posso ver quem é o outro. É Pedro, o Chileno. Vestem-nos e nos enfiam uma dessas roupas acolchoadas feitas especialmente para os operários que trabalham no inferior de frigoríficos.

O chefe dos tiras volta à carga:

— Pode falar, Chileno?

— Posso.

— Onde estão as jóias?

— Não sei de nada.

— E você, *spaghetti?*

— Eu não estava com essa gente

— Muito bem!

Deixo-me escorregar da mesa. Mantenho-me direito com dificuldade, mas tenho a satisfação, agora que estou de pé, de sentir um calor são debaixo das plantas, apesar de me doerem, e também o sangue que corre, que corre em todo o meu ser, com tal força que o sinto, nos menores recantos do corpo, chocar contra

as paredes das veias e das artérias.

Julgava que hoje tinha ido até o fim do horror, mas estava longe de ter a minha conta.

Depois de nos ter posto lado a lado, Pedro e eu, o chefe, que readquiriu toda a segurança, ordena:

— Tirem-lhes a roupa!

Despem-nos e ficamos de tronco nu, imediatamente tremendo de frio.

— E agora olhem bem, *hombres!*

Tiram de baixo de uma mesa uma espécie de embrulho rígido e o destapam à nossa frente. É um corpo congelado, duro como um pau. De olhos esbugalhados, fixos como duas bolas de gude, é horrível de ver, terrificante. Grand Léon! Congelaram-no vivo!

— Olhem bem, *hombres!* — repete o chefe. — O seu cúmplice não quis falar, pois bem, nós o deixamos ficar até o fim. Agora são vocês, se se obstinam como ele. Recebi ordens para ser implacável porque o negócio de vocês é muito grave. A casa de penhores é administrada pelo Estado e há problemas na cidade porque as pessoas julgam que é um roubo simulado pelos funcionários. Por isso, ou falam ou dentro de meia hora estão como o seu cúmplice.

Eu ainda não estou na plenitude das minhas faculdades e diante deste espetáculo fico de tal maneira perturbado que, durante três longos segundos, tenho vontade de falar. A única coisa que impede essa monstruosidade é que não sei onde são os outros esconderijos. Eles nunca me acreditariam e eu ainda ficava em pior situação.

Com espanto, ouço uma voz, muito pausada, a de Pedro, que diz:

— Ora bem! Você não nos mete medo com isso. Com certeza que foi um acidente! Você não o quis congelar, foi um engano, é isso, e não vai querer arriscar-se conosco. Porque um ainda passa, mas três estrangeiros transformados em blocos de gelo é muito, e não vejo você arranjando explicações válidas para as duas embaixadas. Uma passa; três é demais.

Não posso deixar de admirar o sangue-frio e o controle de Pedro. Com muita calma, o tira olha para ele em silêncio. Por fim diz:

— Você é um bandido, não há dúvida, mas também é preciso reconhecer que é um tipo muito esperto. — Depois, voltando-se para os outros, diz-lhes: — Arranjem-lhes uma camisa e levem-nos para a prisão, o juiz se encarregará deles. É inútil continuar os “bons tratamentos”, pois, com semelhantes animais

selvagens, é tempo perdido.

Vira-nos as costas e vai-se embora.

Um mês depois estava livre. O comerciante de gravatas concordou que eu nunca tinha ido à loja dele, o que era verdade; quanto aos homens do bar, declararam que havia bebido dois uísques sozinho, que já reservara uma mesa para uma pessoa só quando os outros dois chegaram e que manifestáramos uma grande surpresa por nos termos encontrado nesta cidade. Apesar disso, recebi ordens para abandonar o país dentro de cinco dias, porque tinham medo de que, sendo "oficialmente" compatriota de Léon, que possuía também um passaporte italiano, denunciasse ao Consulado o que se passara.

Na audiência, confrontaram-me com um sujeito desconhecido para mim, mas não para Pedro, o funcionário da casa de penhores que lhe tinha dado indicações sobre o trabalhinho. Na noite da partilha, este idiota havia dado de presente um magnífico anel antigo a uma mulher de um clube noturno. Alertados, os tiras não tiveram dificuldade em o fazer falar e foi por isso que Grand Léon e Pedro foram tão rapidamente identificados. Pedro, o Chileno, continuou metido na encrenca.

Apanho o avião com quinhentos dólares no bolso. Não fui ao esconderijo, é demasiado perigoso. Voltarei daqui a um ano, para buscar o meu tesouro, Faço o balanço do horrível pesadelo que acabo de viver. Os jornais avaliaram o roubo da casa de penhores em duzentos mil dólares e tinha para mim por volta de trinta mil no esconderijo. Como as jóias foram avaliadas pelo valor do empréstimo feito sobre elas, isto é, metade do seu valor real, e se eu as vender sem passar por um receptador, devo vir a obter, segundo os meus cálculos, mais de sessenta mil dólares! Tenho aquilo que preciso para a minha vingança, com a condição de não lhe tocar para viver. Este dinheiro é sagrado, destinado a um fim sagrado, não devo empregá-lo noutra coisa. Seja com que pretexto for.

Apesar do horrível desenlace que teve para o meu amigo Léon, para mim este caso foi uma vitória. A não ser que seja obrigado a ajudar o Chileno, mas é duvidoso, porque, dentro de alguns meses, com certeza ele mandará buscar a grana por um amigo de confiança para pagar a sua defesa e, talvez, preparar uma evasão. Aliás, tinha ficado combinado: cada um com o seu esconderijo de maneira a que não fique ligado à sorte dos outros. Eu não concordava com este método, mas é a maneira de proceder do pessoal sul-americano. Terminada a operação, cada um por si e Deus por todos.

E Deus por todos... Se na verdade foi ele que me salvou, foi mais que bondoso para comigo, foi magnânimo. Mas ele não pode ser a forja da minha

vingança! Ele não quer que eu me vingue, sei muito bem. Lembro-me da prisão de El Dorado, na véspera do dia em que devia ser posto definitivamente em liberdade. Quis agradecer ao Deus dos católicos. Na minha emoção, dizia-lhe: “Que poderei fazer para mostrar que estou sinceramente reconhecido pelas tuas graças?” E julguei ter ouvido mesmo uma voz que me dizia: “Renuncia à vingança”.

E eu disse não, tudo menos isso. Portanto, é impossível. Tive sorte, é isso, uma sorte do raio. Deus não tem nada a ver com semelhante merda.

Mas o resultado lá está, enterrado ao lado de uma árvore centenária. É um peso a menos para mim, ter com que realizar o que alimento na alma desde há treze anos.

Espero que a guerra tenha poupado os cornos dos meus carrascos! Enquanto não chega a hora *h*, só preciso procurar trabalho e viver tranqüilamente, até o dia em que hei de ir desenterrar o meu tesouro.

O avião voa muito alto, num céu brilhante, por cima de um manto de nuvens brancas como a neve. Aqui há pureza e eu penso na alma dos meus, do meu pai, da minha mãe, na minha família, na minha infância cheia de luz. Por baixo das nuvens brancas há as nuvens escuras, a chuva acinzentada e suja, à imagem das pessoas da terra: a sede do poder, a sede de mostrar aos outros que se é superior a eles, essa sede seca, sem alma, de tipos que não se importam de destruir um ser humano se, ao fazê-lo, ganham ou justificam alguma coisa.

8

A BOMBA

De novo Caracas. É com verdadeiro prazer que regresso a esta grande cidade cheia de vida.

Há vinte meses que estou em liberdade e ainda não me integrei nesta sociedade. É fácil dizer: “Basta arranjar trabalho!”, mas, além de não conseguir um emprego aceitável, tenho dificuldade em falar corretamente o espanhol e muitas portas se fecharam para mim por não dominar essa língua. Então, compro uma gramática e, fechado no meu quarto, decido ficar lá as horas que forem necessárias para falar espanhol. Enervo-me, não consigo apanhar a pronúncia e, ao fim de alguns dias, atiro o livro contra a parede e retomo o caminho da rua e dos cafés, sempre à procura de um conhecimento que me possa arranjar qualquer coisa.

Há cada vez mais franceses que chegam da Europa, desanimados pelas guerras e pelas convulsões políticas. Uns fogem de uma justiça versátil e arbitrária condicionada pela tendência política do momento, outros procuram a calma, uma praia onde respirar sem que alguém lhes venha tomar o pulso, a todo instante, para saber em que ritmo bate.

Estas pessoas não me parecem francesas e, no entanto, são. Mas tais criaturas nada têm de comum com o pai Charrière e todos os que conheci na minha infância. Quando estou com elas, descubro uma série de idéias de tal maneira diferentes, de tal maneira deslocadas em relação às da minha infância, que já não compreendo nada. Acontece-me muitas vezes dizer-lhes:

— Creio que vocês deviam talvez, não propriamente esquecer o passado, mas deixar de falar dele. Hitler, os nazis, os judeus, os vermelhos, os brancos. De Gaulle, a esquerda, ou qualquer outra coisa, qual delas é que vocês procuram destruir ou alimentar nos seus corações? Será possível que haja entre vocês, mesmo depois da guerra, advogados do nazismo, da Gestapo alemã ou francesa? Vou dizer-lhes uma coisa: quando vocês falam dos judeus julgo ver uma raça vomitando o seu ódio contra outra raça.

“Vocês vivem na Venezuela, no meio do seu povo, e não são capazes de assimilar a maravilhosa filosofia das pessoas deste país. Aqui não há nenhuma discriminação, nem racial nem religiosa. A classe social mais miserável pelas suas condições de vida sub-humanas deveria ter, ela, o vírus da vingança contra os privilegiados. Pois bem, *esse vírus nem sequer existe aqui.*

“Vocês nem ao menos são capazes de se deixarem viver, pura e simplesmente. A vida terá sempre de se passar em eternas batalhas entre pessoas que não têm a mesma ideologia?

“Calem-se, por favor! Não cheguem aqui como europeus, inchados com a superioridade da sua raça, como exploradores. É certo que vocês têm, em média, uma preparação intelectual mais elevada do que a grande massa daqui; e daí? Para que é que isso serve se vocês são, em última análise, mais idiotas do que eles? Parece que a sua instrução não é sinônimo de inteligência, generosidade, bondade e compreensão, mas somente conhecimentos adquiridos pelo estudo. Se as suas almas permaneceram secas, egoístas, rancorosas, fossilizadas, esses conhecimentos não querem dizer nada.

“Deus fez o sol, o mar, as pradarias imensas, a selva, mas para quem em especial? Para vocês?

“Vocês se julgam a raça predestinada a organizar o mundo? Quando os vejo e os ouço, parece-me, a um tipo como eu, que vocês fizeram da sua ‘justiça’ uma imundície e que o mundo dirigido por homenzinhos como vocês só podia ser guerras e revoluções, porque vocês são destas pessoas que sonham com a tranqüilidade pública, é verdade, mas só se ela corresponder ao seu ponto de vista.”

Cada um tem a sua lista de pessoas a abater, a condenar, a prender e, apesar da minha desgraça, consigo deixar de rir quando ouço essas pessoas, sentadas num café ou na sala de um hotel de terceira categoria, criticar tudo e concluir que só elas são capazes de endireitar o mundo.

E sinto medo, sim, sinto medo, porque tenho a nítida sensação do perigo que estes recém-chegados trazem com eles: o vírus das paixões ideológicas fossilizadas do velho mundo.

1947. Conheci um antigo forçado, Pierre-René Deloffre, que tem uma única religião: o General Angarita Medina, ex-presidente da Venezuela, deposto pelo último golpe de Estado militar, em 1945. Deloffre é um indivíduo curioso. Irrequieto, mas generoso e apaixonado.

Empenha-se todo em me catequizar para a tese de que os herdeiros deste

golpe de Estado não chegam aos calcanhares de Medina. Para dizer a verdade, não me chega a convencer, mas, como estou numa situação difícil, não o vou contrariar.

Arranja-me um trabalho por intermédio de um banqueiro, um tipo extraordinário. Esse banqueiro chama-se Armando[1]: Descendente de uma poderosa família venezuelana, nobre, generoso, distinto, instruído e de uma coragem excepcional, só tem um problema: as preocupações que lhe causa *um* irmão invejoso, estúpido e incapaz. Alguns dos seus atos mais recentes confirmaram-me que não se tinha modificado nada em vinte e cinco anos. Deloffre apresenta-me sem mais rodeios:

— O meu amigo Papillon, fugido da penitenciária francesa. Papillon, este é o homem de quem lhe falei.

Armando simpatiza imediatamente comigo e, com a simplicidade de um verdadeiro senhor, pergunta-me se preciso de dinheiro.

[1] *Armando não é o nome real do banqueiro. (N. do E.)*

— Não, Sr. Armando, preciso de trabalho.

Apesar disso, prefiro ver primeiro do que se trata, é melhor esperar. Tanto mais que, para já, não tenho propriamente necessidade de dinheiro.

— Esteja lá amanhã, às nove horas.

No dia seguinte, leva-me a uma garagem, Le Franco-Vénézuélien, onde me apresenta aos sócios. São três jovens cheios de sangue, sempre prontos para tudo, percebe-se à primeira vista. Dois deles são casados. Um com Simone, uma parisiense de vinte e cinco anos, soberba; o outro com Dédée, uma bretã com vinte anos, de olhos azuis, graciosa como uma violeta e mãe de um garotinho, Cricri.

São agradáveis, francos, sem pensamentos reservados. Acolhem-me de braços abertos, como se sempre me tivessem conhecido. Depressa me arranjaram a cama num canto da grande garagem, vagamente isolado por uma cortina, junto da porta dos chuveiros. Posso realmente dizer que, desde há dezessete anos, é a minha primeira família. Amado, acarinhado, respeitado por este grupo de jovens, sinto-me perfeitamente feliz, porque, apesar de ter alguns anos mais do que eles, estou ao seu lado no amor pela vida, na alegria de viver, sem barreiras e sem leis.

Sem fazer perguntas — não tenho necessidade disso — não preciso me

esforçar muito para compreender que não há um único que seja mecânico realmente. Têm uns conhecimentos ligeiros, muito ligeiros — um mínimo de conhecimentos, para dizer a verdade — do que é um motor e, ainda menos que isso, sobre os motores de automóveis americanos, principais, para não dizer únicos, clientes. Um deles era torneiro, o que explicava a presença de um torno na garagem, para retificar os pistões, dizia ele.

Percebo rapidamente que este torno serve para modificar as garrafas de gás de modo a fixar-lhes um detonador e um rastilho *bickford.*

Para a multidão dos franceses recém-chegados, a garagem Franco-Vénézuélien arranjava, melhor ou pior, os automóveis, mas, para o banqueiro venezuelano, preparava bombas para um golpe de Estado. Isso não me convinha nada.

— Porra! A favor de quem e contra quem vem a ser esta história? Expliquem-me.

Uma noite, à luz do candeeiro, interrogo os três franceses, quando as mulheres e o menino se foram deitar.

— Nós não temos nada que saber. Preparamos as botijas que nos pede Armando. E é tudo, meu velho!

— É tudo para vocês, talvez. Mas eu preciso saber.

— Por quê? Pagam-lhe bem e ainda nos divertimos, não?

— Para me divertir eu estou pronto, simplesmente não me encontro na mesma situação que vocês. Estou asilado neste país. Confiaram em mim e deram-me a liberdade.

Estão espantados por lhes falar assim, no estado em que me encontro. Porque sabem — disse-lhes eu — o que trago na cabeça; a minha idéia fixa. Só que não lhes contei o golpe da casa de penhores. Por isso dizem-me:

— Se este golpe tiver êxito, você poderá ganhar o dinheiro de que precisa para fazer o que planeja, e até mais. Nós também pensamos não acabar os nossos dias nesta garagem. Passa-se bem o tempo, é verdade, mas não é muito em relação ao que sonhávamos fazer quando viemos para a América do Sul, como você pode calcular!

— E as suas mulheres e o menino?

— As mulheres sabem tudo. Um mês antes do golpe de Estado partem para Bogotá.

— Ah, ah!... Sabem tudo. Também estranhava que elas não se admirassem muito com certas coisas!

Na mesma noite vou ter com Deloffre e Armando. Falei muito tempo com eles. O último me explica:

— Betancourt e Gallegos dirigem o nosso país com a cobertura da pseudodemocracia AD (Ação Democrática). O poder foi-lhes dado por militares ingênuos que até já nem sabem por que razão depuseram um outro militar, mais liberal, Medina, muito mais humano que os civis. Assisto como testemunha muda às perseguições aos antigos funcionários do medinismo e tento compreender por que é que homens que fizeram uma revolução gritando "justiça social, respeito por todos, sem exceção" se tornaram piores que os seus antecessores, desde que tomaram o poder. É por isso que quero contribuir para que Medina volte.

— Muito bem, Armando. Percebo que o que você quer é acabar com as perseguições do partido atualmente no poder. Você, Deloffre, tem um Deus, é Medina, seu protetor e amigo. Mas ouça-me bem: a mim, Papillon, foi o partido que governa agora que me libertou da penitenciária de El Dorado.

"Depois da revolução, de um dia para o outro, assim que chegou o novo diretor — Don Julio Ramos, um advogado e distinto escritor, que ainda se mantém, segundo penso —, fui posto em liberdade e acabou também imediatamente o regime de terror bárbaro da prisão. E vocês querem que eu entre em semelhante golpe contra essas pessoas. Não, deixem-me ir embora. Bem sabem que podem contar com a minha discrição."

Armando, cheio de tato e vendo a minha difícil situação, diz:

— Enrique, você não faz as bombas, nem trabalha no torno. Você só trata dos carros e entrega as ferramentas quando o mecânico as pede a você. Portanto, fique mais algum tempo. Sou eu que lhe peço e prometo-lhe que, *se* agirmos, você será prevenido com mais de um mês de antecedência.

E fico com os três rapazes de quem não direi os nomes completos, mas simplesmente as iniciais: P. L., B.L. e J.G. Vivem ainda os três, e facilmente seriam reconhecidos. Fazemos um grupo terrível, sempre juntos, vivendo à rédea solta a ponto de os franceses de Caracas nos chamarem os três mosqueteiros, que, como se sabe, eram quatro. Estes poucos meses ficaram como os melhores momentos, os mais alegres, os mais jovens que passei em Caracas.

A vida era um gozo permanente. Aos sábados, ficávamos com o automóvel de um cliente qualquer, dizendo-lhe que ainda não estava pronto, e

íamos até o mar, a uma das maravilhosas praias repletas de coqueiros, para tomarmos banho e fazermos mil e uma loucuras. Claro que às vezes encontrávamos o dono do automóvel, indignado por vê-lo transportar esta turma, quando o julgava na garagem. Então, com gentileza, sutilmente, explicávamos-lhe que fazíamos aquilo para o bem dele, porque não lhe queríamos entregar um carro que não estivesse perfeitamente em condições e para isso era necessário experimentá-lo. Isso nunca deu errado, sem dúvida nenhuma graças aos lindos sorrisos das duas mulheres.

Além disso, houve também histórias terríveis: o tanque de gasolina do automóvel do embaixador da Suíça vazava. Ele nos traz o carro para lhe pormos um pingo de solda no lugar do vazamento. Esvazio conscienciosamente o tanque com um tubo de borracha, aspirando até a última gota. Não deve ter sido o suficiente porque, mal lhe encostamos a chama do maçarico, o desgraçado do tanque explode, pegando fogo no automóvel, que arde completamente. Enquanto eu e o operário nos sacudimos, cobertos de óleo e de fumaça, mal nos apercebendo de que acabávamos de escapar à morte, ouço a voz tranqüila de B.L. dizer:

— Não acham que devíamos informar os nossos sócios deste pequeno desastre?

Telefona para a casa dos dois irmãos e encontra o pateta do Clemente [1].

[1] *Clemente não é o nome real dessa pessoa. (N. do E.)*

— Clemente, pode me dar o número do seguro da garagem?

— ...

— Não tem? Ouça, vamos ver; não está falando sério! Mas não é você que trata dos assuntos administrativos?

— ...

— Por quê? Ah, sim, já me esquecia. É que o automóvel do embaixador da Suíça incendiou-se. Está reduzido a um monte de cinzas.

É inútil dizer que cinco minutos depois chegava Clemente correndo, agitando os braços e ainda mais furioso porque realmente a garagem não estava coberta por nenhum seguro. Foram precisos três copos de uísque, bem cheios, e todo o encanto das pernas de Simone à mostra para que ele se acalmasse. Quanto a Armando, só veio no dia seguinte, muito senhor de si. Teve estas palavras

amáveis:

— Só aos que trabalham é que acontecem coisas. De qualquer maneira, não se fala mais nisso, resolverei o caso com o embaixador.

O embaixador arranjou outro automóvel, mas nunca mais o voltamos a ver.

Enquanto levamos esta vida cheia de juventude e de alegria de viver, penso de vez em quando no meu tesourinho escondido junto a uma árvore, numa república famosa pelas suas carnes congeladas. Ao mesmo tempo, vou fazendo economias para a viagem de ida e volta, quando o for buscar. A idéia de saber que tenho com que quase saciar a minha vingança me transformou completamente. Vivo sem a preocupação de ganhar muito dinheiro, já não é esse o meu problema. O que economizo é suficiente. É por isso que vivo sem reservas a alegre vida dos mosqueteiros e que estamos todos, num domingo à tarde, prestes a tomar banho de cuecas, às três horas, no lago de uma praça de Caracas. Pelo menos aí, Clemente mostrou-se à altura e fez que libertassem os sócios do irmão do posto da polícia, onde tinham sido engaiolados por ultraje ao pudor.

Mas já passaram vários meses e devo agora poder ir buscar o tesouro com toda a segurança. Portanto, adeus, amigos, obrigado por todas as amabilidades! E aqui vou eu a caminho do aeroporto.

Chegado às seis da manhã, às nove já me encontro no lugar, depois de ter alugado um carro.

Atravesso a ponte. Meus Deus! Que é isso? Estou doido ou é uma miragem? À saída da ponte, bem olhei, mas a minha árvore não está mais lá. Não só a minha; muitas outras árvores desapareceram. A ponte e a pista de acesso foram alargadas em função da estrada, que também foi transformada, muito mais larga do que antes. Calculando a partir da ponte, chego a situar aproximadamente onde poderia estar a minha árvore e o tesouro. Nem quero acreditar, até me falta a respiração. Já não há mais nada ali!

Então, apoderam-se de mim uma fúria descontrolada e uma raiva selvagem. Martelo o asfalto com os calcanhares como se ele pudesse sentir alguma coisa. O desespero me domina completamente; procuro, à minha volta, qualquer coisa para destruir, mas só vejo as linhas brancas pintadas na estrada e raspo-as com os pés, como se essas crostazinhas de pintura, descoladas, pudessem provocar uma catástrofe.

Volto à ponte e, em comparação com a outra pista de acesso, que não foi modificada, calculo que devem ter remexido a terra até mais de quatro metros de

profundidade. Como o tesouro estava somente a um metro, não agüentou muito, o desgraçado!

Debruço-me no parapeito da ponte e, durante longos minutos, contemplo a água a correr. Pouco a pouco acalmo-me, mas os meus pensamentos continuam em turbilhão no meu cérebro. Irei falhar sempre? Devo abandonar a aventura? Que é que vou fazer agora? Sinto as pernas fraquejarem. Domino-me e digo a mim mesmo: “Quantas vezes você falhou até conseguir evadir-se mesmo? Sete ou oito vezes, não? Pois bem, na vida é a mesma coisa. Um ‘banco’ perdido, um outro para ganhar! É assim a vida quando a amamos verdadeiramente!”

Não fiquei muito tempo neste país, que se julga obrigado a transformar tão depressa as estradas. Só aqui é que me dariam o desgosto de verificar que um povo civilizado — porque ainda por cima são civilizados, nesta terra de idiotas — nem sequer respeita as árvores centenárias.

E para que, pergunto eu, alargar uma estrada suficientemente larga para o movimento que tem?

No avião que me leva para Caracas, divirto-me dizendo a mim mesmo que os homens podem pensar que são senhores do seu destino, que podem construir o futuro, prever o que hão de fazer um ou dois anos depois. Bobagens, Papi! O homem mais meticuloso, o mais calculador, o mais genial organizador da sua vida é apenas um joguete perante o mistério do destino. Só o presente é certo; o resto é o desconhecido, que se chama sorte, azar, destino, ou ainda a misteriosa e incompreensível mão de Deus.

A única coisa que conta, na vida, antes de mais nada: nunca se dar por vencido e, depois de um fracasso, recomeçar. É o que eu vou fazer.

Quando parti, tinha-me despedido definitivamente dos amigos. Na verdade, uma vez recuperado o tesouro, contava ir para outro país que não a Venezuela modificar as jóias para que não fossem reconhecidas e, depois de as ter vendido, partir para a Espanha e daí facilmente fazer uma visita ao procurador e companhia.

Por isso, imagine-se o abalo que não foi quando os mosqueteiros me viram aparecer à porta da garagem. Jantar, bolo de festa em honra do meu regresso e quatro flores postas na mesa. Brindamos ao grupo reconstituído e a vida continua a todo vapor. Mas já não sinto a mesma indiferença.

Pressinto que Armando e Deloffre têm coisas para me dizer, mas não querem que eu saiba já. Na minha opinião, deve ser em relação ao golpe de Estado, ainda que conheçam a minha posição quanto a esse projeto. Convidam-

me muitas vezes para beber um copo ou comer em casa de Deloffre. Refeições deliciosas, sem mais ninguém. Deloffre cozinha e é Victor, o seu fiel motorista, quem serve à mesa. Falamos de muitas coisas, mas no fim de contas volta-se sempre ao mesmo *teitmotiv,* o General Medina, o mais liberal dos presidentes da Venezuela, nem um só preso político durante o seu regime, ninguém perseguido pelas suas idéias, uma política de coexistência com todos os Estados, com todos os regimes, a ponto de ter reatado as relações diplomáticas com a União Soviética; era bom, era nobre, e o povo amava-o tanto pela sua simplicidade que um dia, por ocasião de uma festa no Paraíso, levaram-nos em triunfo, a ele e à mulher, como fazem aos toureiros.

À força de me falarem e tornarem a falar deste maravilhoso Medina, que passeava apenas com um ajudante de campo em Caracas e ia ao cinema como qualquer cidadão, Armando e Deloffre chegam quase a convencer-me de que um homem de bons sentimentos deve fazer seja o que for para tornar a dar-lhe o poder. As injustiças, o espírito de vingança dos funcionários do atual governo contra uma parte da população são-me pintados com as mais negras cores. Para me tornarem ainda mais simpático este extraordinário presidente, Deloffre conta-me que, além de todas essas qualidades, Medina era um pândego de primeira ordem e ainda seu amigo íntimo, mesmo sabendo que ele tinha fugido do degredo. Reparo também que Deloffre perdeu tudo na revolução precedente. Misteriosos “vingadores” saquearam o seu magnífico restaurante-cabaré de luxo, onde Medina e as pessoas importantes de Caracas iam muitas vezes jantar ou passar algum tempo.

Finalmente, quase convencido — para minha infelicidade, conforme vim a verificar —, começo a encarar a hipótese de vir a desempenhar um papel nesse golpe de Estado. As minhas hesitações acabam por desaparecer (confesso) quando me prometem uma quantia suficiente e todos os meios necessários para pôr em prática o meu projeto de vingança.

É assim que, uma noite, nos encontramos, eu e Deloffre, em casa dele; eu fardado de capitão, Deloffre de coronel, prontos para a ação.

Isso começa mal. Para se reconhecerem, os conjurados civis deviam ter uma braçadeira verde e a senha era *Aragua*. Devíamos estar, às duas da manhã, no lugar da ação, e pelas onze da noite chegam quatro tipos, completamente bêbados, no único fiacre de Caracas. Esses quatro doidos cantam aos berros, acompanhando-se ao violão. Param exatamente em frente da casa e ouço-os, horrorizado, cantar versos que faziam nítidas alusões ao golpe de Estado daquela noite. Um deles gritava a Deloffre:

— Pierre! O pesadelo vai acabar esta noite, finalmente! Coragem e dignidade, amigo! O nosso pai Medina tem de voltar!

Nunca vi cretinos deste quilate. Daqui a que um dedo-duro qualquer avise os polícias e que estes nos venham apanhar não faltará muito! Fiquei cheio de raiva, e com boas razões para isso: tínhamos três bombas no automóvel, duas na mala e uma no banco traseiro, coberta com um cobertor.

— Muito bem, você arranjou uns lindos cúmplices! Se são todos assim, nem sequer vale a pena incomodarmo-nos, é melhor ir já diretamente para a prisão!

Deloffre torcia-se de rir, tão descontraído como se estivesse numa festa, satisfeito por se ver tão belo com o uniforme de coronel, olhando-se nos espelhos.

— Não se preocupe. Papi. Aliás, não vamos fazer mal a ninguém. Você bem sabe que essas três botijas de gás só contêm pólvora. Apenas servem para fazer barulho, nada mais.

— E isso vai servir para que, esse barulhinho?

— Somente para dar sinal aos conspiradores dispersos pela cidade. Nada mais. Como você vê, não há mal nenhum, não queremos prejudicar ninguém. Exigimos apenas que eles se vão embora e é tudo.

Bom. De qualquer maneira, quer queira quer não, já estou comprometido; tanto pior para mim! Não me serve de nada tremer, nem lamentar-me, só tenho de esperar a hora.

Recuso o cálice de Porto que me oferece Deloffre. O Porto era a sua única bebida, pelo menos duas garrafas por dia. Mete na barriga alguns cálices.

Os três mosqueteiros chegaram com um carro de comando transformado em guindaste. Servirá para levantar dois cofres fortes, o de uma companhia de aviação e o da Prisão Modelo (a Cárcel Modelo), de que um dos diretores — ou o chefe da guarnição — é um cúmplice nosso. Devo receber cinqüenta por cento do seu conteúdo; exigi e concederam-me estar presente quando tirassem o cofre da prisão. Será uma bela desforra contra todas as prisões do mundo. Faço grande questão disso.

Um estafeta traz as últimas ordens: não prender nenhum inimigo, deixá-los fugir. O campo de aviação civil, Carlota, situado em plena cidade, já foi desimpedido para que os principais membros e funcionários do governo atual possam fugir, sem dificuldade, em pequenos aviões.

É então que sei onde devemos fazer rebentar a primeira bomba. Pois bem, Deloffre não é um dos que se limpam com qualquer trapo! Trata-se, nem mais nem menos, de a fazer explodir exatamente diante da porta do palácio presidencial, em Miraflores, equivalente ao Eliseu[7]! As outras duas, uma a leste, a outra a oeste de Caracas, para dar a impressão de que rebentam por toda parte. Sorrio comigo mesmo, ao pensar no medo que vão ter no palácio.

A grande porta de madeira não é a entrada oficial do palácio. Está situada nos fundos, serve de acesso aos caminhões militares ou outros e permite a certas pessoas, por vezes ao presidente, entrar ou sair sem serem notados.

Todos os nossos relógios estão sincronizados. Devemos chegar diante da porta às duas horas menos três minutos. Alguém do interior a entreabrirá por uns segundos, o tempo necessário para o motorista soltar um grito de corvo, com um brinquedo de criança que o imita muito bem. Assim, ficam sabendo que já estamos lá. Para que servirá isso? Ignoro-o, porque não me deram nenhuma explicação. A guarda do Presidente Gallegos está na conspiração e vai prendê-lo? Ou será rapidamente posta fora de combate, neutralizada pelos conjurados que já se encontram no interior? Não sei de nada. O que é certo é que, às duas horas em ponto, tenho de acender a mecha do detonador da bomba de gás que seguro entre as minhas pernas e atirá-la pela portinhola do carro, dando-lhe um bom empurrão para que role até a porta do palácio. A mecha leva precisamente um minuto e trinta segundos para arder. Deverei, portanto, acendê-la com o cigarro e, no momento em que pegar, afastar a perna direita e abrir a portinhola do carro, contando trinta segundos. Ao trigésimo, atirá-la-ei rolando sobre a calçada. Calculamos que o vento, no trajeto, ativará a combustão da mecha e que bastarão quarenta segundos para a explosão.

Se bem que a bomba não contenha metralha, a simples explosão é bastante perigosa e será preciso arrancar com o carro a toda a velocidade, para nos pormos a salvo. Esse será o trabalho de Victor, o motorista.

Consegui de Deloffre que, se um soldado ou um polícia estivessem nas redondezas, ele os mandaria, já que tem o uniforme de coronel, correr até o canto da rua. Garantiu-me isso.

Chegamos sem dificuldade, às duas menos três minutos, diante da famosa porta. Estacionamos do outro lado do passeio, em frente. Não há sentinela, nem polícia. Muito bem. Duas menos dois minutos... Duas menos um... Duas horas...

A porta não se abriu.

Estou apreensivo. Digo a Deloffre:

— Pierre, são duas horas.

— Já sei, também tenho relógio.

— Então não é normal.

— Não entendo o que se passa. Esperemos ainda cinco minutos.

— OK.

Duas horas e dois minutos... A porta se abre violentamente, saem soldados correndo e se dispõem como atiradores, de arma na mão. É claro como a água, fomos traídos.

— Vamos embora, Pierre, fomos traídos!

Deloffre não se mostra nada perturbado, parece completamente inconsciente.

— Que é que você pensa? Eles estão do nosso lado!

Empunho um Colt 45 e o encosto à nuca de Victor.

— Arranque ou eu o mato!

Em vez de sentir o carro saltar para a frente, pois acredito que ele vai carregar com toda a força no acelerador, ouço esta coisa inacreditável:

— *Hombre,* aqui quem manda não é você, é o patrão; que acha, patrão?

Porra! Já vi sujeitos teimosos, mas como este mestiço índio nunca!

Não posso fazer nada, porque há soldados a três metros de nós. Como viram as dragonas de coronel no ombro de Deloffre, encostado à portinhola, já não se aproximam do carro.

— Pierre, se você não disser a Victor que arranque, não é a ele que eu mato, é a você.

— Menino, eu já lhe disse que eles são dos nossos. Vamos esperar ainda um pouquinho — responde-me Pierre, voltando-se para mim.

É então que reparo nas narinas de Deloffre, brilhantes, com pó colado. Percebo: o sujeito está completamente drogado. O medo apodera-se de mim; sim, um medo terrível, e encosto a pistola à sua nuca enquanto ele me diz com a maior calma:

— São duas horas e seis minutos, Papi. Mais dois minutos e partimos. Certamente fomos traídos.

Estes cento e vinte segundos nunca mais acabam» Tenho os olhos postos

nos soldados; os mais próximos observam-nos, mas sem se manifestarem ainda. Por fim Deloffre diz:

— *Vamos,* Victor, vamos lá. Devagarinho, normalmente, sem demasiada pressa.

E saímos vivos desta armadilha de lobos por um verdadeiro milagre. Uf! Alguns anos mais tarde exibiu-se o filme. O *dia mais longo.* Poderíamos fazer um que se chamasse *Os oito minutos mais longos.*

Deloffre diz ao motorista que se dirija para a ponte da cidade que liga o Paraíso à Avenida San Martin. Ele quer rebentar a bomba na ponte. No caminho encontramos dois caminhões de conjurados, que já não sabem o que hão de fazer, uma vez que não ouviram a explosão das duas horas. Explicamos-lhes o que se passa, que fomos traídos, e isso origina que Deloffre mude de idéia e dê ordem de regresso rápido à casa dele. Asneira tremenda porque, se fomos traídos, é possível que os tiras já estejam lá. Mesmo assim vamos e, ao ajudar Victor a pôr a bomba na mala do carro, reparo que ela tem três letras pintadas: P. R. D. Não posso deixar de rir quando, ao tirar os uniformes, Pierre-René Deloffre me explica o que elas significam:

— Papi, não esqueça que em todas as missões perigosas é preciso saber dar um toque romântico. Essas iniciais eram o meu cartão de visita aos inimigos do meu amigo.

Victor vai abandonar o carro num parque, esquecendo-se, bem entendido, de deixar as chaves. Só descobrirão as três bombas três dias mais tarde.

É impossível passar em casa de Deloffre; ele parte para um lado, eu, para outro. Nenhum contato com Armando. Vou diretamente à garagem, onde ajudo a esconder o torno e cinco ou seis botijas de gás que se encontravam lá. São seis horas, o telefone toca e uma voz misteriosa diz:

— *Francés,* partam todos, cada um para seu lado. Só B. L. deve ficar na garagem. Percebido?

— Quem está ao telefone?

Desligam.

É vestido de mulher, conduzido num jipe por um ex-oficial francês da Resistência a quem prestei alguns serviços desde a sua chegada aqui, que saio sem novidade de Caracas para ir para Rio Chico, mais ou menos a duzentos quilômetros, à beira-mar. Ficarei aí dois meses com o ex-capitão, a mulher e um casal de amigos bordeleses.

B. L. foi preso. Não o torturaram; um interrogatório cerrado mas correto. Quando o soube, concluí que o regime de Gallegos e Betancourt não é tão criminoso como o pintam, pelo menos neste caso. Deloffre pediu asilo político, na mesma noite, à Embaixada da Nicarágua, se não me engano.

Quanto a mim, sempre cheio de confiança na vida, uma semana depois conduzia, com o ex-capitão, o caminhão do Serviço de Estradas de Rio Chico. É que tínhamos conseguido, através de um amigo, arranjar um emprego no município. Os dois juntos ganhamos vinte e um bolívares, dos quais tiramos cinco para viver.

Esta vida de cantoneiros dura dois meses, o tempo de se calmar em Caracas a tempestade levantada por esta última conspiração e de a atenção da polícia ser desviada pela chegada de informações sobre uma nova conjura que se prepara. Muito judiciosamente tratam do presente e põem de lado o passado. É o que eu quero, estou perfeitamente decidido a não me deixar surpreender por um golpe desse tipo. Uma vez basta. O melhor por agora: viver aqui sossegado com os meus amigos, sem dar na vista.

Para fugir à rotina, vou muitas vezes pescar no mar, ao fim da tarde. Esta noite apanhei um enorme robalo, uma espécie de dourada grande, e, sentado na praia, escamo-o calmamente admirando o maravilhoso pôr do sol. Céu vermelho, à tardinha, é sinal de bom tempo para o dia seguinte, Papi! E, apesar de todos os fracassos que tive desde que fui libertado, ponho-me a rir. Sim, a esperança vai fazer e fará que eu vença e viva. Mas quando chegará a vitória? Vejamos, Papi, façamos o balanço de dois anos de liberdade.

Não estou duro, mas não tenho grande coisa: três mil bolívares, no máximo, saldo líquido de dois anos de aventura.

Durante este tempo o que é que se passou?

Um: o montão de ouro de Callao. Não vale a pena alongar-se, isso não é um fracasso mas uma renúncia para que os antigos forçados lá de baixo possam continuar a viver tranqüilamente. Lamento isso? Não. Muito bem, ponto final na tonelada de ouro!

Dois: o jogo nas minas de diamantes. Arrisquei a vida vinte vezes por dez mil dólares em que nunca toquei. Jojo morre em meu lugar, eu me safo. Sem tostão, claro, mas que maravilhosa aventura! Nunca poderei esquecer a intensidade de todas essas noites, essas caras patibulares dos jogadores à luz da lâmpada de carboneto, o impassível mas demasiado confiante Jojo. Portanto, nada a lamentar.

Três: o túnel do banco. Isso já foi diferente: não houve lucro nenhum neste golpe. Entretanto, em três meses vibrei vinte e quatro horas por dia com a emoção que cada hora trazia. Mesmo que só fosse isso, já não tinha de que me queixar. Mas lembro que, durante três meses, até em sonhos, à noite, me vi milionário, cheio de dólares, de uma maneira perfeitamente real. Não vale nada isso? É verdade que, com mais um pouco de sorte, poderia ter ficado mesmo rico, mas também poderia acontecer coisa pior. E se o túnel tivesse ido abaixo quando lá estava? Morreria asfixiado como um rato ou ficaria apanhado como uma raposa na toca.

Quatro: a casa de penhores e os frigoríficos? Não há nada a reclamar senão aos Serviços de Estradas dessa maldita terra de idiotas.

Cinco: a conspiração, Na verdade, nunca fui muito apologista desse golpe. Esses assuntos de política, bombas que podem matar qualquer pessoa, não são muito comigo. Ao fim e ao cabo, fui levado pelo papo de dois tipos simpáticos, e também pela garantia de poder realizar os meus projetos graças à grana. Mas atacar o governo que me tinha libertado não me pareceu um golpe muito correto, o meu coração não estava de acordo. Mesmo assim, lucrei quatro meses de boa disposição com os mosqueteiros, as mulheres deles e o menino; e estes dias de alegria de viver, de explosão de juventude, estou longe de os esquecer!

Sem falar de todo o resto, o avião de Carotte, etc.

Conclusão: estive preso injustamente treze anos, roubaram-me quase toda a juventude, e quando durmo, como, bebo e me divirto, nunca esqueço que um dia tenho de me vingar. Muito bem.

Em resumo, estou livre há dois anos. Em dois anos vivi milhares de coisas, tive aventuras extraordinárias, saía de uma para me meter noutra. Melhor ainda, nem sequer tinha necessidade de as procurar, eram elas que vinham ter comigo; tive amor como ninguém, conheci homens de todas as classes que me deram a sua amizade, com os quais arrisquei a vida, e com tudo isso me lamento? Estou duro ou quase? Isso não tem importância, a pobreza não é uma doença muito difícil de curar.

Então dê graças a Deus, Papi! Graças à aventura, graças aos riscos que fazem com que você viva intensamente cada dia que passa, cada minuto! Como se fosse uma água maravilhosa, você a bebe aos goles, que vão até o fundo da alma! E tem saúde, que é o principal.

Deixemos isso e recomecemos, cavalheiro! O jogo está na mesa! Nada mais! “Banco” perdido, “banco” repetido, “banco” re-re-repetido! Até o fim!

Mas que o meu ser estremeça e vibre, que cante esta esperança e esta certeza de ouvir um dia: “Nove de cara! Recolha tudo, Papillon, ganhou!”

O sol está quase no horizonte. Céu vermelho, à tardinha, é sinal de bom tempo para o dia seguinte. É verdade, estou cheio de esperança e de confiança no futuro. O vento refrescou e é sereno, feliz por me sentir viver, livre, com os pés descalços enterrando-se na areia úmida, que volto para casa onde esperam o resultado da pesca para a refeição da noite. Mas todas estas cores, estes milhares de pinceladas de sombra e luz brincando na crista de todas as pequenas ondas que correm para o infinito comovem-me tão profundamente que, depois de recordar os perigos vencidos do passado, só consigo pensar no Criador de tudo isto, em Deus: “Boa noite, velho amigo, dorme bem! Apesar de todos os fracassos, apesar de tudo, obrigado por me teres dado um dia tão cheio de sol e de liberdade e, como sobremesa, este pôr de sol tropical!”

9

MARACAIBO - EM TERRITÓRIO ÍNDIO

Se bem que a polícia, com as informações que obteve sobre os preparativos do novo golpe de Estado, tenha mais que fazer do que pensar em mim, quanto mais tempo eu estiver esquecido, longe de Caracas, melhor. Por agora, parece que querem deixar cair no esquecimento a revolta abortada, mas nunca se sabe.

É por isso que aproveito a ocasião quando, numa viagem-relâmpago a Caracas, um amigo me apresenta, em casa dele, um ex-manequim parisiense que procura alguém para a ajudar a dirigir o hotel que acaba de abrir em Maracaibo. Aceito com alegria ser uma espécie de seu faz-tudo. Ela se chama Laurence; é uma jovem bonita e elegante que veio, julgo eu, fazer uma exibição de modelos em Caracas e se fixou na Venezuela. Entre a polícia de Caracas e Maracaibo há mil quilômetros, o que me convém perfeitamente.

Aproveito a carona de um amigo e, depois de uma viagem de catorze horas, descubro aquilo a que chamam o lago de Maracaibo, ainda que, na verdade, se trate de uma enorme laguna com cento e cinqüenta quilômetros de comprimento e cem de largura, no máximo, ligada ao mar por um canal de dez quilômetros. Maracaibo fica ao norte, na margem oeste do canal, ligado agora à margem leste por uma ponte. Na época esta não existia, e quem vinha de Caracas atravessava o lago de barco.

Na verdade, este lago é impressionante, extraordinário, tranqüilo, semeado de milhares de torres metálicas. Parece uma imensa floresta estendendo-se a perder de vista, com árvores plantadas simetricamente, que permitem ver até o horizonte. Mas estas árvores são os poços de petróleo, e cada poço tem na sua base um enorme equilibrador, que dia e noite, sem nunca parar, bombeia o ouro negro das profundezas da terra.

Um *ferry-boat* transporta carros, passageiros e mercadorias num vaivém

contínuo entre a estrada que vem de Caracas e Maracaibo. Durante a travessia, como um garoto, vou de um lado para o outro do *ferry,* completamente enfeitiçado, maravilhado por ver estes pilares de ferro emergindo do lago e pensando que a dois mil quilômetros dali, na outra extremidade deste país, na Guiana venezuelana, Deus criou diamantes, ouro, ferro, níquel, manganês, bauxita, urânio e todo o resto, enquanto aqui espalhou o petróleo, motor do mundo, com uma tal profusão que estes milhares de bombas podem aspirá-lo dia e noite sem esgotar a fonte. Bem, Venezuela, não tens de que te queixar de Deus!

O Hotel Normandy é uma grande e magnífica vivenda rodeada por um jardim florido, cuidadosamente tratado. A bela Laurence me recebe de braços abertos:

— Este é o meu reino, Henri (chamou-me sempre Henri) — diz ela a rir.

Há só dois meses que abriu o hotel. Dezesseis quartos, é tudo, mas de um luxo requintado, todos com um banheiro digno de um palácio. Foi ela quem decorou tudo, os quartos, as casas de banho, a sala, o terraço e a sala de jantar.

Meto mãos à obra e não é brincadeira ser o primeiro colaborador desta francesa que ainda não tem quarenta anos, se levanta às seis horas, vigia tudo e até muitas vezes prepara o desjejum dos hóspedes. Infatigável, durante todo o dia vai e vem, ocupa-se de tudo, olha por tudo e arranja ainda tempo para cuidar do roseiral ou limpar as aléias do jardim. Ela resolveu atirar-se a fundo; dominou dificuldades quase insuperáveis para montar este negócio e tem tanta fé no triunfo do seu empreendimento que eu acabo por desenvolver tanta atividade como ela. Enfim, quase. Faço o possível para ajudá-lo a resolver todos os problemas que se levantam. Sobretudo problemas de dinheiro. Ela está endividada até o pescoço; com a transformação desta vivenda num hotel quase de luxo pediu emprestada quase a totalidade da quantia necessária.

Ontem, com uma iniciativa minha, tomada sem a consultar, obtive uma coisa extraordinária de uma companhia petrolífera.

— Boa noite, Laurence.

— Boa noite. Já é tarde, Henri, são *oito* horas. Não é para censurá-lo, mas não o vi durante a tarde toda.

— Fui vadiar.

— Está brincando?

— Mas claro, eu brinco com a vida. A vida é bem divertida, não acha?

— Nem sempre. Precisamente hoje necessitava do seu conforto moral,

porque tenho grandes aborrecimentos.

— Grandes?

— Sim. Preciso pagar esta instalação e, por mais que o negócio renda, não é fácil. Devo muito.

— Tenha calma, Laurence, você não deve mais nada.

— Está fazendo pouco de mim?

— Não. Ouça: você me pôs nisto como uma espécie de sócio e até já percebi que muita gente julga que sou eu o dono.

— E então?

— Pois bem, um canadense da Cia. Lumus, que pensava assim, falou-me, há uns dias, de um negócio que lhe parecia ser de considerar. Fui vê-lo hoje e venho agora de lá.

— Desembuche! — diz Laurence com os olhos franzidos.

— Resultado: todo o seu hotel foi alugado pela Cia. Lumus, com pensões completas, *por um ano!*

— Não pode ser!

— É verdade, juro-lhe.

Com a emoção, Laurence beija-me nas duas faces e deixa-se cair numa cadeira, com as pernas tremendo.

— Evidentemente que não pus problema nenhum em assinar semelhante contrato e amanhã eles vão chamá-la à companhia.

Graças a esse contrato, Laurence ganha uma verdadeira fortuna com o Hotel Normandy. Só com o simples adiantamento de três meses de diárias poderá pagar todas as dívidas.

Depois da assinatura do contrato, bebemos champanha, os gerentes da Lumus, Laurence e eu.

Sinto-me feliz, muito feliz, esta noite, na minha enorme cama. Com o champanha ajudando vejo a vida cor-de-rosa. Papi, você não é mais idiota do que ela: então, pode se arranjar uma situação, ou melhor ainda, vir a ser rico, *trabalhando?* E partindo quase do nada? Parece impossível! É uma verdadeira descoberta que acabo de fazer, no Hotel Normandy! Sim, é uma verdadeira descoberta, porque na França, nos poucos anos em que pude lançar uma rápida vista de olhos pela vida, pensei sempre que um operário nunca passaria de um

operário. E essa idéia completamente falsa é ainda mais falsa aqui, na Venezuela, onde se oferecem todas as oportunidades e facilidades àquele que quer fazer alguma coisa.

Essa verificação é muito importante para a realização dos meus projetos. Com efeito, não foi por amor ao dinheiro que aceitei negócios desonestos, não sou ladrão por amor à arte. Simplesmente não conseguia acreditar que se podia triunfar verdadeiramente na vida, arranjar uma boa situação, partido do nada, e, especialmente no meu caso, chegar a ter bastante dinheiro para poder apresentar a minha conta na França. Ora, isso é possível, só é preciso uma coisa para arrancar: um mínimo de fundos, uns milhares de bolívares, o que é fácil de economizar, uma vez que se encontre um bom emprego.

Portanto, Papi, nada de golpes, nem grandes nem pequenos. Trate de procurar meios simples e honestos. Laurence atingiu os seus fins procedendo desta maneira, pois bem, com você também vai ser assim! E, se você o conseguisse, o seu pai ficaria feliz!

O único contra é que, enveredando por este caminho, será preciso muito tempo antes de me poder vingar. Não é em três dias que vou conseguir juntar a quantia de que preciso. “A vingança é um prato que se come frio”, disse-me Miguel na mina de diamantes. Vamos ver.

Maracaibo está em ebulição. Num clima de excitação geral, é uma tal florescência de empreendimentos, de construções diversas, de refinarias, que, desde a cerveja ao cimento, tudo se vende no mercado negro. A produção não é suficiente em relação à procura, que é muito grande. A mão-de-obra paga-se, o trabalho paga-se, todas as formas de comércio se pagam.

Quando há uma explosão de petróleo, a economia de uma região tem duas épocas completamente diferentes uma da outra. A primeira, a que precede a exploração da jazida, é a pré-exploração. As companhias chegam, instalam-se, são precisos escritórios, acampamentos, construir estradas, linhas de alta tensão, cavar poços, montar torres, bombas, etc. É a idade do ouro, em todos os ramos profissionais, em todos os escalões da sociedade.

O verdadeiro povo, o das mãos calejadas, manipula as notas de banco, toma consciência daquilo que é o dinheiro e a segurança do dia de amanhã. A família se organiza, os alojamentos crescem ou melhoram, as crianças vão mais bem vestidas à escola, e são muitas vezes transportadas em carros das companhias.

Depois, vem o segundo período, o que se manifesta pela visão que tive

quando descobri o lago de Maracaibo transformado (no lado em que o podia ver) em floresta de pilares. É o período da exploração. Incansavelmente, milhares de bombas tiram todos os dias milhões de metros cúbicos de ouro negro.

Mas esta grana enorme não passa pelas mãos do povo, estes milhões de dólares vão diretamente para os cofres dos bancos do Estado ou das companhias. E não é pouco... A situação torna-se difícil, o pessoal fica reduzido ao mínimo, já não há riqueza coletiva, toda essa mistura de traficâncias, negócios grandes ou pequenos pertence ao passado. As gerações seguintes virão a sabê-lo pela boca dos avós: “Quando Maracaibo era milionária, havia uma vez...”

Mas eu estou com sorte, chego na segunda explosão de Maracaibo. Não há nada a esperar das bombas do lago, mas há um vento de loucura que percorre várias companhias petrolíferas, que acabam de obter novas concessões, desde os montes de Perija até o lago ou o mar.

É precisamente a hora que me convém.

É aqui que vou cavar a minha horta. E vai ser mesmo uma “horta” muito especial! Para lá chegar, farei o que for preciso, tentarei por todos os meios, trabalhando, apanhar também o maior número possível de migalhas deste gigantesco bolo. É uma promessa, Papi! É a minha vez de triunfar na vida à maneira das pessoas honestas. No fundo, têm razão os “bem comportados”, visto que chegam a enriquecer sem nunca irem parar na prisão.

“*Good french cook*[1], trinta e nove anos, procura lugar numa companhia petrolífera. Salário mínimo: oitocentos dólares.”

[1] “*Born cozinheiro francês”;* em *inglês, no original. (N. da T)*

Com Laurence e o seu cozinheiro aprendi uns rudimentos de cozinha e decidi tentar a minha sorte. O anúncio foi publicado no jornal do lugar e oito dias depois sou cozinheiro na Cia. de Exploração Richmond.

Custa-me deixar Laurence, mas ela não podia, nem por sombra, pagar-me semelhante salário. Agora já conheço alguma coisa de cozinha, depois de freqüentar esta escola! Quando ocupei o lugar, tinha um medo terrível de que os outros cozinheiros percebessem rapidamente que o *french cook* não entendia grande coisa do assunto. Mas, com surpresa minha, dou conta de que todos eles têm um medo tremendo de que o *french cook* descubra que, do primeiro ao último cozinheiro, não passam de uns autênticos lavadores de pratos. Respiro de

alívio. Tanto mais que tenho uma vantagem em relação a eles: *possuo um livro de cozinha, em francês, o Escoffier,* presente de uma prostituta reformada.

O chefe do pessoal é um canadense, o Sr. Blanchet. Dois dias depois, responsabiliza-me pela cozinha do pessoal superior do acampamento, doze pessoas, os “cérebros”.

Logo no primeiro dia, apresento-lhes um cardápio digno dos deuses. Só que me queixo de que faltam muitas coisas na cozinha para poder trabalhar. Ficou decidido que eu teria um orçamento à parte, do qual me seria confiada a gestão. É inútil dizer que não me dou mal com as compras, mas estes “marqueses” também vão encher a pança. Assim, toda a gente fica contente.

Todas as noites, afixo o cardápio do dia seguinte à entrada, redigido em francês, claro. Isso os impressiona bastante, todos esses nomes sonantes do livro de cozinha. Ainda por cima, descobri na cidade uma loja especializada em produtos franceses e, graças às receitas e às caixas de conservas de Pontin & Rodei, saio-me tão bem que os meus “marqueses” até trazem freqüentemente as mulheres. Em vez de serem doze, chegam a ser vinte. Por um lado é aborrecido, mas, por outro, prestam menos atenção às despesas, porque normalmente só devo trabalhar para o pessoal do ativo.

Vejo-os tão contentes que rapidamente peço um aumento: mil e duzentos dólares por mês, ou seja, mais quatrocentos. Recusam; concordam em dar-me mil e me deixo convencer, dizendo-lhes que, para a minha categoria, é um ordenado miserável.

Passam-se assim alguns meses, mas à medida que o tempo decorre estas horas fixas de trabalho acabam por me chatear tanto como um colarinho apertado. Começo a ficar cansado deste trabalho e peço ao chefe dos geólogos que me leve com ele quando for em expedição de reconhecimento para os lugares mais interessantes, mesmo que sejam perigosos.

Com efeito, estas expedições têm por fim a exploração geológica da serra Perija, cadeia de montanhas que separa a Venezuela da Colômbia, a oeste do lago de Maracaibo. Este é o reino de uma raça de índios guerreira e muito selvagem, os motilones, a ponto de lhe chamarem muitas vezes a serra dos Motilones. Ignora-se ainda a origem exata desta raça, cuja língua e costumes são muito diferentes dos das tribos vizinhas e onde a “civilização” só agora começa a entrar, no momento em que escrevo, de tal maneira são perigosos. Vivem em choupanas coletivas de cinqüenta a cem indivíduos, homens, mulheres e crianças, em completa promiscuidade. O seu único animal doméstico é o cão. São tão selvagens que se contam casos freqüentes de motilones capturados por

“civilizados”, às vezes feridos, e que, bem tratados, se recusam completamente a comer e a beber e acabam por se suicidar abrindo as veias dos pulsos com os dentes incisivos, especialmente trabalhados para rasgar a carne. Depois da época a que me estou referindo os frades capuchinhos instalaram-se corajosamente na margem do rio Santa Rosa, apenas a alguns quilômetros da choupana coletiva motilone mais próxima. O superior da missão chega a empregar os meios mais modernos, atirando de avião, sobre as choupanas, víveres, vestuário, mantas e fotografias de frades capuchinhos. Melhor ainda, atira manequins de palha de pára-quedas, Vestidos de capuchinhos, com os bolsos cheios de alimentos vários e até caixas de leite. Não é nada bobo este frade: no dia em que chegar a pé, até julgam que vem do céu.

Mas quando peço para participar nessas explorações estamos em 1948, ainda longe das tentativas sérias de penetração “civilizada”, que só começam de fato em 1965.

Para mim, estas expedições têm três aspectos positivos. Primeiro, terei uma vida completamente diferente da que levo nesta cozinha do acampamento da Cia. Richmond, e que já começo a vomitar pelos olhos. Assim, será a aventura que retomo no seio desta natureza grandiosa; mas desta vez uma aventura honesta. Claro que há um risco autêntico, como em todas as aventuras. Não é raro que uma expedição volte com um ou dois elementos a menos, porque os motilones são muito bons para atirar com o arco e, como dizem na região, naquilo onde põem o olhar põem a flecha. Mas matam as pessoas e não as comem, porque não são canibais. Sempre se lucra isso.

Segundo aspecto: estes passeios de três semanas em plena selva inexplorada e perigosa são muito bem pagos. Ganharei mais do que o dobro daquilo que ganho junto dos meus fogões. Aspecto muito positivo para a minha visão atual das coisas.

Terceiro ponto: a companhia dos geólogos me agrada. São de categoria estes tipos. Ainda que saiba muito bem que é demasiado tarde para adquirir conhecimentos que fariam de mim um outro homem, tenho a sensação de que, andando com estes pequenos sábios, não perderei o meu tempo.

O meu novo amigo, o geólogo-chefe da expedição, chama-se Crichet. Foi destacado pela Cia. de Exploração Califórnia para junto da Richmond. Sabe tudo de geologia, no setor do petróleo. Quanto ao resto, sabe que houve guerra porque a fez, mas não tem a certeza se Alexandre, o Grande, foi vencido antes ou depois de Napoleão. Não liga a mínima, não precisa conhecer a história do mundo para se agüentar bem, ter uma mulher simpática, fazer filhos e dar à sua companhia as

informações geológicas de que ela necessita. No entanto, parece-me que sabe mais do que aquilo diz, e aprendi a desconfiar do humor dos américas, muitas vezes diferente do da minha Ardèche. Entendemo-nos bem.

Uma expedição deste gênero dura por volta de vinte a vinte e cinco dias. No regresso, temos oito dias de férias. Fazem parte dela um geólogo, chefe da expedição, dois outros geólogos e de doze a dezoito carregadores ou ajudantes, que só precisam ser fortes e disciplinados. Eu só tenho a ver com os três geólogos. Os homens não são completamente abrutalhados e entre eles há um militante da AD (Ação Democrática), partido das esquerdas, que obriga a respeitar as leis sindicais. Chama-se Carlos. Há um bom entendimento geral e sou eu que faço a contabilidade das horas extras, muito corretamente anotadas por eles; nem a mais nem a menos.

Apaixonei-me por esta primeira expedição. A procura de informações geológicas sobre as jazidas de petróleo é muito curiosa. A finalidade é subir, o mais longe possível, os rios das montanhas, até onde eles abrem caminho entre as rochas. Vamos o mais longe que nos é permitido de caminhão e, depois, de jipe. Ao chegarmos ao fim das pistas, subimos os rios de piroga e, quando não há profundidade suficiente, saímos das pirogas e as puxamos, continuando a subida o mais possível, até a nascente. Uma parte do material é carregada pelos homens, à volta de quarenta e cinco quilos cada um, exceto os cozinheiros e os três geólogos.

Por que razão subimos tão alto nas montanhas? Porque nas paredes e nas fendas dos leitos cavados pelos rios vemos, como num livro da escola, todas as formações geológicas sucessivas. Então, apanhamos as amostras que se desprendem das paredes e cada uma é registrada, classificada, colocada numa bolsinha. Assinalamos a direção das diferentes camadas geológicas em relação à planície. Assim, com centenas de levantamentos feitos em pontos diferentes, conseguimos reconstituir um mapa das camadas que devemos encontrar na planície, entre cem e dois mil metros de profundidade. E, calculando bem a partir de todas essas informações, um dia abrem um poço a uma centena de quilômetros de distância, num lugar onde nunca ninguém foi, sabendo antecipadamente que, a uma dada profundidade, vão encontrar um lençol de petróleo. É verdadeiramente surpreendente esta ciência, e eu fico maravilhado.

Tudo isso estaria muito bem sem os motilones. Muitas vezes há feridos ou mortos com as flechas. Isso não facilita o recrutamento para as expedições e custa caro às companhias.

Faço várias expedições e vivo dias extraordinários.

Um dos geólogos é holandês. Chama-se Lapp. Um dia apanhou ovos de caimão, muito bons depois de cozidos ao sol. Encontram-se facilmente seguindo o traço que deixa a barriga do caimão quando se arrasta do rio para o lugar seco onde põe os ovos, que choca durante horas e horas. Aproveitando a ausência do caimão, Lapp desenterra os ovos e volta com eles tranqüilamente para o acampamento. Mal desembocou na clareira onde estamos instalados, surge o caimão como um bólide e atira-se sobre ele. Seguiu o ladrão pelo rasto e vem castigá-lo. Tem mais de três metros de comprimento e respira emitindo sons roucos, como se tivesse uma laringite. Lapp desata a correr à volta de uma árvore enorme, enquanto morro de rir por ver este homenzarrão, de calção, dar grandes passadas e gritar por socorro. Crichet e alguns homens chegam correndo: dois tiros de espingarda, com balas explosivas, matam imediatamente o caimão. Quanto a Lapp, pálido como um morto, cai de traseiro no chão. Toda a gente está escandalizada com a minha atitude. Explico-lhes que, de qualquer maneira, não podia fazer nada, porque nunca trazia comigo a espingarda: é muito incômoda.

À noite, à mesa, enquanto nos preparávamos para comer debaixo da tenda a minha refeição de latas de conserva, Crichet diz-me:

— Você já não é muito jovem, trinta e quatro anos pelo menos, não?

— Um pouco mais, por quê?

— Você vive e porta-se como um homem de vinte anos.

— Sabe, não tenho muitos mais: tenho vinte e seis anos.

— Não pode ser.

— Sim, é verdade, e vou explicar-lhe por quê. Fiquei metido num armário durante treze anos. É preciso que eu os viva, já que não os vivi. De modo que trinta e nove menos treze são vinte e seis, tenho vinte e seis anos.

— Não compreendo.

— Não tem importância.

No entanto é uma grande verdade: tenho o espírito de um rapaz de vinte anos. Não há dúvida, é preciso que os viva, tenho necessidade disso, é preciso que recupere estes treze anos que me roubaram. É preciso que os queime inteiramente, não me preocupando absolutamente com nada, como quando se tem vinte anos, com o coração irrequieto e cheio de alegria de viver.

Uma manhã, precisamente antes de nascer o dia, um grito agudo nos acorda em sobressalto. No momento em que pendurava a lâmpada que acabava

de acender para fazer o café, o cozinheiro dos carregadores foi apanhado por duas flechas, uma de lado, outra nas nádegas. É preciso levá-lo imediatamente para Maracaibo. Quatro homens vão transportá-lo numa espécie de maca até uma piroga que o levará para junto do jipe, o qual o conduzirá ao caminhão e o caminhão a Maracaibo.

O dia se passa numa atmosfera pesada e enfadonha. Sentimos à nossa volta, na selva, a presença dos índios, sem nunca os vermos, sem nunca os ouvirmos. Quanto mais avançamos, mais temos a sensação de estar no seu terreno de caça. Há bastante caça e, como todos os homens têm uma espingarda, de vez em quando abatem um pássaro ou uma espécie de lebre. Toda a gente está séria, ninguém canta e, depois de terem disparado a espingarda, estupidamente falam em voz baixa, como se tivessem medo de que alguém os ouça.

Pouco a pouco, um medo coletivo apodera-se dos homens. Querem interromper a expedição e voltar para Maracaibo. Crichet, o chefe, pretende continuar a subir. O representante sindical, Carlos, é um tipo corajoso, mas também está muito impressionado. Chama-me à parte:

— Enrique, voltamos?

— Por quê, Carlos?

— Os índios.

— Há índios, é verdade, mas tanto nos podem atacar no caminho do regresso como se continuarmos a avançar.

— Isso não é verdade, *francés.* Talvez não estejamos longe da aldeia deles. Olhe para aquela pedra, ali: moeram grão nela.

— Não é asneira nenhuma o que você está dizendo, Carlos. Vejamos qual é a opinião de Crichet.

O américa fez o desembarque na Normandia, é pouco impressionável e o seu ofício obceca-o, como uma paixão. Com todos os homens reunidos, ele diz que, ainda por cima, estamos num dos lugares mais ricos em indicações geológicas. Irrita-se e colericamente atira a frase que nunca deveria ter pronunciado:

— Se têm medo, partam! Eu fico.

Os homens partiram todos, exceto Carlos e eu. Mas fico com a condição de enterrarmos o material quando partirmos, porque eu não quero carregar pesos. De fato, desde que quebrei os dois pés numa evasão falhada de Barranquilla, caminhar com um peso cansa-me muito depressa. Carlos ficará encarregado das

amostras recolhidas.

Durante cinco dias ficamos sem ninguém: Crichet, Lapp, Carlos e eu. Não aconteceu nada, mas, francamente, poucas vezes passei um tempo tão excitante e impressionante como estes cinco dias em que nos sabíamos espiados vinte e quatro horas por dia, sabe-se lá por quantos pares de olhos invisíveis. Abandonamos o lugar quando Crichet, que tinha ido ao rio para fazer o que ninguém podia fazer por ele, viu as canas mexerem-se e duas mãos afastá-las lentamente. Isso tirou-lhe a vontade de se aliviar, e com a calma habitual, como se nada se tivesse passado, voltou as costas ao canavial e regressou ao acampamento.

— Penso — diz ele a Lapp — que chegou o momento de regressarmos a Maracaibo. Temos amostras suficientes e não creio que seja cientificamente necessário deixar aos índios quatro interessantes exemplares da raça branca.

Chegamos sem incidentes a La Burra, aldeola com umas quinze casas. Vamos bebendo, enquanto esperamos pelo caminhão que deve vir buscar-nos, quando um mestiço índio da região, cheio de álcool, me chama à parte e diz:

— Você é francês, não é verdade? Pois bem, nem é preciso ser francês para ser tão ignorante.

— Por quê?

— Vou-lhe dizer: vocês entraram no território dos motilones e que é que fizeram? Dispararam a torto e a direito, sobre tudo o que voa, corre ou nada, Todos os homens têm uma espingarda. Não é uma exploração científica o que vocês fazem, é uma gigantesca caçada.

— Aonde quer chegar?

— Procedendo assim, vocês destroem o que os índios consideram as suas reservas alimentícias. Não têm muitas. Eles matam precisamente o que lhes faz falta para um dia ou dois. Não mais. Ainda por cima, matam com as flechas, sem fazer barulho, não afugentam a caça. Enquanto vocês destroem tudo e, com os tiros, dão medo a todos os animais. Fazem-nos desaparecer.

Não é tolice nenhuma o que diz este sujeito. Está me interessando.

— Que é que você bebe? Eu pago.

— Um rum duplo, *francés.* Obrigado.

E continua:

— É por isso que os motilones atiram flechas em vocês. Pensam que por

causa de vocês terão dificuldades com a alimentação.

— Em resumo, se bem compreendo, assaltamos-lhes a despensa.

— Exatamente, *francés.* E mais: nunca reparou, quando sobem um rio, nos lugares onde ele se estreita e onde há pouca água, de modo que são obrigados a sair das pirogas e a empurrá-las a pé, nunca reparou que destroem uma espécie de represa feita de ramos e canas?

— Sim, às vezes.

— Pois bem, o que vocês destroem assim, sem fazer caso, são verdadeiras armadilhas para peixes construídas pelos motilones, e isso lhes dá um grande prejuízo. Por que dá trabalho construir essas armadilhas. São feitas com uma espécie de labirintos complicados que, pelos seus ziguezagues sucessivos, levam os peixes que sobem a corrente até uma última ratoeira de onde não podem sair. Em frente, há uma barreira de canas e não têm meio de encontrar a saída, porque ela é constituída por pequenas lianas que afastam para passar e que a corrente repõe no lugar, contra a porta, depois de terem entrado na ratoeira. Vi armadilhas que, em conjunto, tinham mais de cinqüenta metros. Um trabalho admirável.

— Você tem toda a razão. É preciso ser vândalo, como nós fomos, para destruir semelhantes trabalhos.

Durante o regresso, refleti no que me disse o mestiço índio encharcado de rum e decido fazer qualquer coisa. Depois de chegarmos a Maracaibo, antes mesmo de voltar para minha casa, para passar os oito dias de férias, envio uma cara ao Sr. Blanchet, o chefe do pessoal, pedindo-lhe que me receba no dia seguinte.

Em casa dele, está também o principal chefe dos geólogos. Explico-lhes que não haverá mais feridos ou mortos nas expedições, se me confiarem a direção. Claro que Crichet continuará a ser o chefe oficial, mas, de fato, serei eu a assegurar a disciplina da expedição. Ficou decidido que se faria uma experiência, o que lhes convinha, porque Crichet fez um relatório dizendo que se pudesse subir mais alto ainda que na última expedição, chegando portanto a uma região ainda mais perigosa, se encontraria uma verdadeira mina de informações de primeira ordem. Quanto às condições das minhas novas funções, que se adicionarão às de cozinheiro (continuo a ser o cozinheiro dos. geólogos), irão estabelecê-las quando regressarmos. Claro que não expliquei como iria garantir a segurança das expedições, e como os américas são pessoas práticas, não me fazem perguntas, o resultado é que conta.

Só Crichet foi informado. Como isso é bom para ele, concorda e confia

em mim. Está convencido de que descobri um meio seguro para evitar aborrecimentos. E, além disso, ficou favoravelmente impressionado com o fato de eu ter sido um dos três que ficaram quando toda a gente o abandonou.

Vou ter com o governador da província e explico-lhe o meu problema. Mostra-se compreensivo e amável e, graças à sua carta de recomendação, consigo que a Guarda Nacional dê ordens ao seu último posto, antes do território dos motilones, para reter as armas daqueles que eu disser, antes de os deixar passar. Inventarão um pretexto verossímil e tranqüilizante. Na verdade, se à partida de Maracaibo os homens soubessem que iam para território motilone sem armas, nunca quereriam ir. É preciso controlá-los, tê-los seguros.

Tudo corre bem. No último posto, em La Burra, todos os homens são desarmados exceto dois a quem dou ordem de só atirar em caso de perigo iminente, nunca para caçar ou para se divertir. Eu tenho um revólver, e é tudo.

Nunca mais houve problemas com as nossas expedições a partir desse dia. Os americanos verificaram isso e, sendo partidários da eficácia, antes de mais nada, não me perguntaram as razões.

Entendo-me bem com os homens e sou ouvido. O meu cargo me apaixona. Agora, em vez de destruirmos as armadilhas com as pirogas, contornamo-las sem as danificar em nada. Outra coisa: sabendo que a principal inquietação dos mortilones é a fome, todas as *vezes* que abandonamos um acampamento deixo embalagens cheias de sal, açúcar e também, conforme o que temos, uma faca de mato, uma faca ou um machado pequeno. No regresso, quando tornarmos a passar nesses acampamentos, não encontramos nada. Tudo desapareceu, até as próprias caixas. A minha tática revelou-se positiva, e como, em Maracaibo, ninguém sabe o porquê da coisa, corre o boato de que sou *brujo* (feiticeiro) ou que tenho uma aliança secreta com os motilones, o que me faz rir bastante.

É no decorrer de uma dessas expedições que tenho uma lição de pesca extraordinária: como pescar peixes sem isca, sem anzol, sem linha, bastando apanhá-los tranqüilamente, à tona da água. O meu professor é o tapir, um animal maior do que um porco grande. Chega a ter dois metros ou mais. É numa tarde em que estou junto do rio que vejo um pela primeira vez. Sai da água e observo-o sem fazer o mínimo gesto, para não o perturbar. A pele parece-se com a do rinoceronte, tem as patas da frente mais curtas que as de trás e, no lugar da boca, uma tromba curta, mas perfeitamente desenhada. Aproxima-se de um tipo especial de liana e come uma boa quantidade, é portanto um herbívoro. Em seguida, vejo-o regressar ao rio, mergulhar e dirigir-se para uma zona de água

parada. Pára e, como uma vaca, põe-se a remoer; é um ruminante. Então, desata a vomitar e um líquido verde sai-lhe da tromba. Muito habilmente, mistura este líquido à água mexendo a cabeçorra. Pergunto a mim próprio para que será tudo isso, quando, uns minutos depois, tenho a surpresa de ver aparecer peixes boiando, abrindo e fechando a boca lentamente, como se estivessem drogados ou adormecidos. E, surpresa, o tapir, sem se apressar, abocanha os peixes uns após outros e come-os tranqüilamente. Nunca imaginei.

Depois disso, experimento o sistema. Tendo reparado bem nas lianas que ele comeu à minha frente, apanho um bom punhado delas e esmago-as com duas pedras, escorrendo o suco para uma vasilha. Em seguida deito-o num lugar do rio onde a água não é agitada pela corrente. Vitória! Alguns minutos depois, vejo os peixes virem à tona, bêbados. Da mesma maneira que com o tapir. Apenas uma precaução a ter: se são comestíveis, é estripá-los imediatamente. Duas horas depois estarão podres. Depois dessa experiência comemos muitas vezes peixes estupendos. Aos homens dou ordem de nunca matarem um pescador tão simpático, tanto mais que inofensivo.

Nestas expedições aconteceu-me levar, como guias, uma família de caçadores de caimões, os Fuenmayor, pai e dois filhos. Isso é bom para todo mundo, porque eles conhecem muito bem a região, mas sozinhos são uma presa fácil para os motilones. Em troca da alimentação, guiam-nos durante o dia e à noite caçam o caimão. Todos saímos lucrando.

São homens de Maracaibo, os *maracuchos*, seres muito sociáveis. Falam cantando e têm o culto da amizade muito desenvolvido. Impregnados de sangue índio, possuem todas as qualidades dessa raça e, além disso, são muito inteligentes e astutos.

Tive e tenho ainda amizades extraordinárias e indestrutíveis entre os maracuchos, tanto com homens como com mulheres, porque elas são belas e sabem amar e fazer-se amar.

Caçar o caimão, animal de dois a três metros de comprimento, é muito perigoso. Esta noite fui com eles, o pai Fuenmayor e o filho mais velho. Numa piroga muito estreita e muito leve, o pai vai atrás, ao leme, eu no meio, o filho à frente. É uma noite escura como breu, ouvem-se apenas os ruídos da selva e, muito levemente, o sussurro da água contra a piroga. Não fumamos nem fazemos qualquer barulho. O remo que faz andar o barco e ao mesmo tempo o dirige não deve, de modo algum, raspar na borda da piroga.

Enviando intermitentemente o foco de uma enorme lâmpada elétrica, que varre a superfície da água, fazemos aparecer, aos pares, pontos vermelhos, como

acontece com os faróis dos carros na publicidade fosforescente à beira das estradas. Dois pontos vermelhos: um caimão. Sabemos que à frente dos olhos estão, à superfície, os buracos do nariz; os olhos e o focinho são os dois únicos pontos do crocodilo que emergem da água quando ele repousa à tona. A vítima é escolhida em função da distância mais curta entre o caçador e os pontos vermelhos. Uma vez assinalada, avançamos para ela por palpite, de luz apagada. O pai Fuenmayor é extraordinário para fixar, numa fração de segundo, o lugar exato onde se encontra o caimão. Dirigimo-nos rapidamente para ele e, quando calculamos que estamos bastante perto, apontamos a luz sobre o animal, que, de repente, fica ofuscado. O foco da lanterna só o deixa quando estamos a dois ou três metros. À frente da piroga, o filho Fuenmayor põe a lanterna na mão esquerda, apontada para o animal, e com a direita atira violentamente um arpão com dez quilos de chumbo, que é a única coisa que consegue furar uma pele tão resistente e penetrar na carne.

Nesse momento, é preciso agir depressa porque, mal é arpoado, o animal mergulha, e nós, com o auxílio dos três remos, vamos rapidamente para a margem. É necessária uma grande velocidade, porque, se lhe damos tempo, o caimão vem à superfície, precipita-se e, com a cauda, vira a embarcação, transformando, em menos de nada, os caçadores em caça para os outros caimões, alertados pelo combate. Assim que chegamos à margem, saltamos e, depressa, prendemos a corda a uma árvore. Sentimo-lo vir, para descobrir a que é que está ligado. Não sabe o que é que lhe aconteceu, à parte a dor no lombo. Vem saber. Devagar, sem puxar, firmamos bem o laço da corda à volta da árvore. Ele vai emergir junto à margem. Precisamente quando põe a cabeça de fora, o filho Fuenmayor, que segura na mão um machado americano, delgado e bem afiado, dá-lhe um grande golpe na cabeça. Por vezes, são precisos três para que o caimão morra. A cada golpe, ele agita tão violentamente a cauda que, se apanhasse o caçador, o mandaria para o céu. Se as machadadas não forem mortais, o que pode acontecer, é preciso deslaçar rapidamente a corda, para que a fera possa voltar para o fundo do rio, porque, com a sua força colossal, arrancaria o arpão, por mais espetado que estivesse no corpo. Esperamos um bocado e começamos de novo a puxar.

Passei uma noite extraordinária: matamos vários caimões. Deixamo-los na margem. De dia, os Fuenmayor virão tirar-lhes a pele da barriga e da parte de baixo da cauda. A pele do dorso é demasiado dura para poder ser utilizada. Em seguida, enterramos estes enormes bichos: não os podemos jogar na água, porque envenenam o rio. E os caimões não se comem uns aos outros, mesmo depois de mortos.

Desta maneira, fiz várias expedições, ganhando bem e podendo economizar muito, quando se produziu o acontecimento mais extraordinário da minha vida.

10

RITA — O VERA CRUZ

Quando, nos cárceres da Reclusão de São José, eu voava para as estrelas e construía castelos no ar para preencher este isolamento e este silêncio horrível, muitas vezes sonhava que estava livre, vencedor do “caminho da podridão”, recomeçando a vida numa grande cidade. Sim, era uma verdadeira ressurreição, eu levantava a pedra sepulcral que me retinha esmagado na sombra e vinha para a luz e a vida; e entre as imagens que o meu cérebro então fabricava aparecia uma moça tão bonita como boa. Nem grande, nem pequena, loura, os olhos cor de avelã com pupilas muito negras, brilhantes de vida e de inteligência. A boca era maravilhosamente bem desenhada, descobrindo, ao rir, os dentes de coral brilhantes de brancura. Bem feita, de corpo proporcionado, tal como a via, esta mulher era aquela que, sem dúvida nenhuma, seria um dia a minha, para toda a vida.

Para esta deusa, para este ideal de beleza, imaginei uma alma, a mais bela, a mais nobre, a mais sincera, a mais rica de todas as qualidades que fazem de uma mulher ao mesmo tempo uma amante e uma amiga. Era certo que um dia a deveria encontrar, e com ela, unidos para sempre, seria amado, rico, respeitado e feliz para o resto da vida.

Sim, na umidade quente e asfixiante que privava os desgraçados da Reclusão da menor aragem vivificadora, quando arquejante, com o coração torturado pela angústia, atormentado por uma sede que nada acalmava, sem força, abrindo a boca para tentar captar a menor parcela de frescura; quando, neste vapor irrespirável que queimava os pulmões, voava, meio asfixiado, para as estrelas, para os meus castelos no ar, onde a brisa era fresca, as árvores cobertas por uma bela folhagem verde, onde as preocupações da vida cotidiana não existiam porque eu era rico, misturada a cada visão, a cada imagem, aparecia a minha “bela princesa”, como eu lhe chamava. Era sempre a mesma, até no mínimo pormenor. Nada mudava, e a conhecia já tão bem que, quando ela surgia nessas diferentes situações, parecia-me normal: não era ela que deveria ser a minha mulher e o meu anjo bom?

No regresso de uma missão geológica, decido abandonar o meu quarto do acampamento da Cia. Richmond, e instalar-me no centro de Maracaibo. É assim que um dia desço de um caminhão da companhia numa pequena praça cheia de árvores, no centro da cidade, com uma malinha de mão. Deixei a maior parte das coisas no acampamento. Sei que há vários hotéis e pensões neste lugar; entro pela Calle Venezuela, que tem uma localização privilegiada, entre as duas principais praças de Maracaibo, a Plaza Bolívar e a Plaza Baralt. É uma dessas ruas coloniais, estreita e ladeada de casas com um andar ou dois no máximo. Está um calor sufocante e vou caminhando à sombra das casas.

Hotel Vera Cruz. É uma casa bonita, de estilo colonial, do tempo da conquista, pintada de azul-pálido. O aspecto limpo e acolhedor me atrai e entro por um corredor que dá para um pátio. E aí, nesse pátio fresco e cheio de sombra, vejo uma mulher, e essa mulher é ela.

É ela, é impossível que me engane, vi-a à minha frente milhares de vezes, nos meus sonhos. Ali está ela, a minha "bela princesa" sentada numa *rocking-chair*[8]. Tenho a certeza, se me aproximar, que ela tem os olhos cor de avelã e até um sinalzinho no lindo rosto oval. Este cenário, também o vi milhares de vezes. Portanto não há engano possível: a princesa dos meus sonhos está ali, diante de mim, espera-me.

— *Buenos dias, señora!* Tem um quarto para alugar?

Pousei a mala de viagem no chão. Tenho a certeza de que me vai dizer que sim. Não a olho: devoro-a com os olhos. Um pouco admirada de se ver assim observada por um desconhecido, levanta-se da cadeira e vem ter comigo. Sorri e mostra os dentes magníficos, que eu já conheço muito bem.

— Sim, senhor, tenho um quarto para o senhor — responde a princesa, em francês.

— Como sabe que sou francês?

— Pela sua maneira de falar espanhol. O *jota* é difícil de ser pronunciado pelos franceses. Quer fazer o favor de me seguir?

Apanho a mala e, guiado por ela, entro num quarto limpo, fresco e bem mobiliado que dá diretamente para o pátio.

Só depois de me ter refrescado com uma boa ducha, lavado, barbeado, ao fumar um cigarro, sentado na cama deste quarto do hotel, é que me dou conta de que, na verdade, não estou sonhando. "Ela está ali, menino; aquela que o ajudou a passar tantas horas no cárcere! Está ali, apenas a alguns metros de você. Veja lá

se se domina! O choque que você recebeu no coração não o deve levar a fazer ou a dizer disparates!” O meu coração bate com muita força e tento acalmar-me. “Principalmente, Papillon, não conte a ninguém essa história de doidos, nem mesmo a ela. Quem acreditaria? Como conseguiria convencer as pessoas, sem se rirem de você, de que conheceu, tocou, beijou, possuiu esta mulher há anos, quando apodrecia nos cárceres de uma prisão abominável? Conquiste-a. A princesa está aqui, é o principal. Não se inquiete: agora que a encontrou, ela não vai fugir. Mas é preciso ir devagar, a passo lento. Pelo aspecto, deve ser a dona do hotel.”

É no pátio, autêntico jardinzinho em miniatura, que lhe digo as primeiras palavras de amor, numa dessas maravilhosas noites tropicais. É mesmo ela, a fada tantas vezes sonhada que, dir-se-ia, também me esperava desde há anos. Chama-se Rita a minha princesa, é de Tânger e está livre de qualquer ligação embaraçosa. Os olhos dela olham-me Suplicantes e brilham como as estrelas do céu por cima de nós. Lealmente digo-lhe que sou casado na França, que não conheço muito bem a minha situação atual e que, por motivos graves, não posso informar-me. O que era verdade: não podia escrever para o registro da minha aldeia para pedir uma certidão de estado civil. Nunca se sabe que reação poderia ter a justiça com esse pedido. Talvez um pedido de extradição. Mas, sobre o meu passado de aventureiro e de forçado, não lhe digo nada. Uso de todos os argumentos, de todos os recursos que me ocorrem para a convencer. Não posso perder o que sinto ser a maior oportunidade da minha vida.

— Você é bela, Rita, maravilhosamente bela. Deixe-se amar profundamente, eternamente, por um homem que também não tem mais ninguém na vida, que tem necessidade de amar e ser amado. Não tenho muito dinheiro, é verdade, e você é quase rica com o seu hotelzinho, mas, acredite-me, eu gostaria que as nossas almas fossem uma só, para sempre, até a morte. Diga-me que sim, Rita, você que é tão bela, que é a mais bela flor deste país, tão bela como as orquídeas. Não lhe posso dizer quando e como, mas, por mais inverossímil que isso lhe possa parecer, fique sabendo que há muitos anos que a conheço e amo. Você deve ser para mim como eu serei para você, isto é, completamente e para sempre.

Mas Rita é uma mulher difícil, o que não me admira. Só três dias depois é que ela consente ser minha. Cheia de pudor, pede-me que vá, às escondidas, encontrá-la no quarto. Depois, uma bela manhã, sem participar nada a ninguém, de uma maneira natural, tornamos público o nosso amor, e muito normalmente entro nas funções de dono do hotel.

A nossa felicidade é completa e uma nova vida se abre à minha frente, a vida familiar. Eu, o pária, o fugitivo dos trabalhos forçados franceses, depois de haver conseguido vencer esse “caminho da podridão”, tenho um lar, uma mulher tão formosa de corpo como de alma. Há apenas uma nuvenzinha na nossa felicidade: o fato de ser casado na França e não poder casar com ela.

Amar, ser amado, ter um lar que é o meu, oh! Deus, como és bom em me teres dado isso!

Vagabundos das estradas, vagabundos dos mares, aventureiros que têm necessidade da aventura como de pão para a boca, homens que voam na vida como pássaros migradores no céu, vagabundos das cidades que batem noite e dia as ruas escuras, visitam os parques e se arrastam pelos bairros ricos com a alma revoltada à espera de praticar um golpe, vagabundos anarquistas que a cada passo da sua existência acham que os sistemas são cada vez mais egoístas, prisioneiros libertados, soldados de licença, combatentes que regressam da frente da batalha, evadidos perseguidos por uma organização que os quer apanhar de novo e metê-los na cadeia para os aniquilar, todos, sim, todos sem exceção sofrem por não terem tido um lar num dado momento, e, quando a Providência lhes oferece um, entram como eu entro no meu, com uma alma nova, cheia de amor para dar e sedenta de o receber.

Portanto, também eu, como todos os mortais, como o meu pai, a minha mãe, as minhas irmãs, como todos os meus, também eu tenho, enfim, o meu lar com uma mulher que amo.

Para que o encontro com Rita faça mudar pouco a pouco tudo na minha maneira de viver, para que eu sinta que ela será a plataforma giratória da minha existência, era preciso que esta mulher não fosse uma mulher vulgar.

Primeiro, como eu, chegou ã Venezuela depois de uma fuga. Não uma fuga de forçado, claro, nem das prisões, mas mesmo assim uma fuga.

Veio de Tânger há seis meses com o marido, que a deixou, há só três meses, para ir tentar uma aventura a trezentos quilômetros de Maracaibo, aonde ela não o quis seguir. Deixou-a com o hotel. Em Maracaibo, ela tem um irmão, representante comercial, que viaja muito.

Contou-me a sua vida, que eu ouvi interessado. A minha princesa nasceu num bairro pobre de Tânger. A mãe, viúva, educou corajosamente seis filhos, três meninos e três meninas. Rita é a mais nova.

Ainda muito criança, a rua é o seu domínio. Não passa os dias nos dois quartos onde vivem os sete membros da tribo. A sua verdadeira morada é a

cidade, com os parques, os apertos, com todas as pessoas que lá formigam, comem, cantam, bebem, gritam em todas as línguas. Anda descalça. Para os rapazes da mesma idade, para as pessoas do bairro, ela é a Riquita. Com os amigos, bando de moleques espertos, passa mais tempo na praia ou no porto que na escola, mas ela soube defender-se quando aprendeu a esperar pela sua vez na comprida fila, em frente da fonte, para levar um grande balde de água à mãe. Só aos dez anos consentirá em calçar sapatos.

Tudo interessa ao seu espírito vivo e curioso. Passa horas sentada no círculo do contista árabe. De tal maneira que um dia o contista, cansado de ver essa menina sempre na primeira fila e que nunca dá nada, dá-lhe uma cabeçada. Desde esse dia começou a sentar-se na segunda fila.

Não sabe muita coisa, mas isso não a impede de sonhar intensamente com o mundo misterioso de onde vêm todos aqueles barcos enormes com nomes estrangeiros. Partir, viajar é o seu grande sonho e a sua grande paixão. Isso nunca a deixará. Mas para a pequenina Riquita a visão do mundo é especial. A América do Norte e a América do Sul são a América de cima e a América de baixo. A América de cima é Nova York, que a obceca. Aí, todas as pessoas são ricas e artistas de cinema. Na América de baixo vivem os índios, que oferecem flores e tocam flauta; ali não precisam trabalhar porque os negros fazem tudo.

Mas entre a multidão, os condutores de camelos, os contistas árabes, o mistério das mulheres veladas, a vida buliçosa do porto, o que a atrai mais é o circo. Foi lá duas vezes. Uma vez entrando por baixo da tenda, uma outra graças a um velho palhaço que ficou tão enternecido ao ver esta menina bonita descalça, que ele mesmo a deixou entrar e lhe arranjou um bom lugar. Ela quer partir com o circo, que a seduz como um amante. Um dia será ela quem irá dançar no arame, fará piruetas e receberá aplausos. O circo vai partir para a América de baixo. Deseja muito partir com ele. Partir, partir, voltar rica e trazer muito dinheiro à família.

Não partiu com o circo, mas com a família. Não foi para muito longe, mas mesmo assim foi uma viagem. Foram morar em Casablanca. O porto é maior, os navios maiores. Partir, partir um dia, para muito longe, muito longe, sonha Riquita.

Agora tem dezesseis anos. Usa sempre uns vestidinhos que ela própria faz, porque trabalha numa loja, Aux Tissus de France, e a dona lhe dá muitas vezes, como lembrança, uns retalhinhos. O sonho de viagem cresce porque a loja, na Rue de l’Horloge, fica situada muito perto dos escritórios da famosa companhia aérea Latécoère. Os aviadores vêm muitas vezes à loja. E que

aviadores! Mermoz, Saint-Exupéry, Mimile, o escritor, Delaunay, Didier. São belos e ainda por cima os maiores e mais corajosos viajantes do mundo. Ela os conhece a todos, todos lhe fazem a corte; de vez em quando aceita um beijo, nada mais, porque é ajuizada. Quantas viagens não fez com eles pelo céu, ao ouvi-los contar as aventuras, enquanto tomavam um sorvete na pastelaria vizinha. Eles gostam muito dela, consideram-na um bocado como sua protegida, dão-lhe presentes modestos mas preciosos e fazem-lhe versos, alguns publicados no jornal La *Vigie*.

Aos dezenove anos casa-se com um exportador de frutas para a Europa. Trabalham muito, nasce-lhes uma filhinha, são felizes. Têm dois carros, vivem muito confortavelmente, e Rita pode, com toda a facilidade, ajudar a mãe e os seus.

Sucessivamente, chegam dois barcos com laranjas estragadas ao seu destino. Dois carregamentos completamente perdidos são a ruína. O marido deve muito dinheiro e põe-se a trabalhar para pagar as dívidas, o que demoraria muitos anos. Então, ele decide partir clandestinamente para a América do Sul. Convencer Rita a fazer essa maravilhosa viagem para uma terra de promissão, onde o ouro, os diamantes, o petróleo se amontoam, não lhe é difícil. Deixarão a filha ao cuidado da mãe de Rita, e esta, cheia de sonhos de aventura, espera pacientemente o grande barco que lhe anunciou o marido.

Na verdade, o paquete é um barco de pesca com doze metros de comprimento por cinco metros e meio de largura. O capitão, um estoniano meio pirata, aceitou levá-los sem documentação para a Venezuela com uma dúzia de outros clandestinos. Cobrou-lhes cinco mil francos novos. E é na cabina de equipagem deste velho barco de pesca que Rita faz a viagem, em completa promiscuidade com dez republicanos espanhóis fugidos de Franco, um português fugido de Salazar e duas mulheres, uma alemã de vinte e cinco anos, amante do capitão, e uma espanhola gorda, Maria, mulher de Antonio, o cozinheiro.

Cento e doze dias de viagem para chegar à Venezuela! Com demorada escala nas ilhas de Cabo Verde, porque o barco tem rombos e até ia se afundando com um temporal.

Enquanto está na doca seca e o reparam, os passageiros dormem em terra. O marido de Rita já não tem confiança no barco. Diz que é uma loucura atirarem-se para o Atlântico naquela casca apodrecida. Rita levanta-lhe o moral: o capitão é um *viking*, dos melhores marinheiros do mundo, pode ter confiança absoluta nele.

Notícia incrível; nem quer acreditar no que ouve! Os espanhóis dizem-lhe

que o capitão é um canalha, que já se comprometeu com um outro grupo de passageiros e que vai aproveitar o fato de dormirem em terra para levantar ferros em direção a Dakar e abandoná-los ali. A revolta surge imediatamente. Previnem as autoridades e dirigem-se em grupo para o barco. O capitão é cercado e ameaçado. Os espanhóis têm facas. A calma volta de novo quando o capitão promete que os leva para a Venezuela. Aceita, em vista do que se passou, ficar sob a vigilância constante de um dos passageiros. No dia seguinte, deixam Cabo Verde e enfrentam o Atlântico.

Vinte e cinco dias depois passam em frente das ilhas Testigos, ponta avançada da Venezuela. Esquecem tudo, as tempestades, as barbatanas dos tubarões, os golfinhos brincalhões atirando-se ao barco, os gorgulhos na farinha, o problema de Cabo Verde. Rita sente-se tão feliz que esquece que o capitão a quis trair, salta-lhe ao pescoço e o beija nas duas faces. E ouviu-se de novo a canção que os espanhóis compuseram durante a travessia — porque onde há espanhóis há uma guitarra e um cantor:

A Venezuela nos vamos

Aunque no hay carretem

A Venezuela nos vamos

En un barquito de vela

No dia 16 de abril de 1948 entram no porto de Caracas, La Guaíra, que fica a vinte e cinco quilômetros da cidade, no desembocar do vale que para lá conduz, depois de uma viagem de quatro mil e novecentas milhas.

É com um saiote da Zenda, a alemã, transformado em bandeira, que o capitão pede ao Serviço de Saúde para vir a bordo. Estão todos contentes ao verem aproximar-se a barcaça do Serviço de Saúde venezuelano: esses rostos que se aproximam, bronzeados pelo sol, são a Venezuela. Ganharam!

Rita agüentou bem, ainda que tivesse perdido dez quilos. Nunca teve uma queixa, *nem uma* manifestação de medo. No entanto, tinham com que se preocupar de vez em quando, nesta casca de noz, em pleno Atlântico! Só perdeu a coragem uma vez, mas ninguém soube. À partida, entre alguns livros que ela levava para se distrair, não encontrou nada melhor do que um de Júlio Verne, o único que devia evitar, *Vinte mil léguas submarinas!* Num dia de tempestade, não agüentou mais e atirou-o pela beirada ao mar; alguns dias depois, sonhava

que um gigantesco polvo puxava o barco para o fundo do mar, como o *Nautilus.*

Algumas horas depois da chegada, as autoridades venezuelanas aceitavam-nos no seu território, ainda que dois deles não tivessem documentos. Disseram-lhes que mais tarde haveriam de os dar a eles. Dois doentes são hospitalizados, os outros são vestidos, albergados e alimentados durante várias semanas. Depois, cada um por seu lado arranja trabalho. Esta é a história de Rita.

Não é curioso que, primeiro, tenha encontrado a mulher que durante dois anos povoou o meu horrível isolamento da Reclusão e, depois, que esta mulher tenha chegado aqui também em fuga, ainda que noutras circunstâncias muito diferentes? Sem documentos e, como eu, generosamente acolhida e tratada por esta nação?

Nada vem perturbar a nossa felicidade durante mais de três meses. Mas, um belo dia, uns desconhecidos arrombam o cofre forte da Cia. Richmond, para quem eu continuo a organizar e a dirigir explorações geológicas. Como os tiras locais descobriram o meu passado, nunca o soube. O que é certo é que fui preso como suspeito número 1 e encarcerado na prisão de Maracaibo.

Logo a seguir, como é normal, Rita foi interrogada acerca de mim, e foi assim que soube brutalmente, pelos tiras, tudo o que lhe escondi. A Interpol deu todas as informações. Ela não me deixa ficar outra vez na prisão e me assiste o melhor que pode. Paga ela própria a um advogado, Echeta la Rocha, que me defende e, em menos de quinze dias, faz que me libertem sob fiança.

A minha inocência é completamente reconhecida, mas o mal está feito.

Quando me vêm buscar na prisão, Rita está muito comovida, mas também muito triste. Não me olha da mesma maneira que dantes. Sinto que ela tem na verdade medo e que hesita em viver outra vez comigo. Tenho a impressão de que está tudo perdido. Não me engano porque a seguir me diz:

— Por que é que você mentiu?

Não, não é possível, não quero perdê-la! Nunca mais encontrarei uma oportunidade dessa. Tenho de me esforçar, uma vez mais, com todo o ardor.

— Rita, é preciso que me acredite. Quando a encontrei você me agradou tanto, gostei tanto de você, que tive medo de que não me quisesse ver mais se eu lhe dissesse a verdade sobre o meu passado. Lembra-se do que lhe contava? Claro que inventava, mas era porque, quando a conheci, não lhe queria dizer senão o que eu pensava que você desejaria ouvir.

— Você mentiu para mim... Você mentiu para mim... — não parava de

dizer com insistência. — Eu, que julgava que você era um homem de bem!

Esta mulher está em pânico, como se vivesse um pesadelo. Tem medo. Sim, tem medo, menino, *tem medo de você.*

— E o que é que lhe prova que eu não possa ser um homem de bem? Acho que mereço, como qualquer outro homem, a oportunidade de poder vir a ser bom, honesto e feliz. Não esqueça, Rita, que durante treze anos *tive* de bater-me contra o mais abominável dos sistemas penitenciários, e que não foi fácil vencer esse "caminho da podridão". Amo-a com todo o meu ser, Rita, amo-a não com o meu passado, mas com o meu presente. É preciso que acredite: se não lhe contei a minha vida, foi somente com medo de perdê-la. Dizia para mim que, se vivi anteriormente de uma maneira errada, o meu futuro com você seria o contrário. Todo esse caminho do futuro que sonhava percorrer junto a você via-o claro e são, de belas cores. Juro-lhe, Rita, pela felicidade do meu pai, que muito sofri.

E começo a chorar. Falhei.

— É verdade, Henri? Era assim que você via as coisas e o nosso futuro?

Acalmo-me, mas é ainda com a voz enrouquecida que lhe respondo:

— É preciso que seja, porque nos nossos corações, desde agora, é. Aliás, sinta-o em você. Você e eu não temos passado. Só devem contar o presente e o futuro.

Rita me apertou nos braços:

— Henri, não chore mais. Escute o barulho do vento, é o futuro que começa. Mas jure-me que nunca mais fará nada de condenável. Prometa-me que nunca mais me esconderá nada e que a nossa vida não virá a ter de esconder histórias sujas.

Abraçados um ao outro, juro. Sinto, nesse momento, que estou jogando a grande oportunidade da minha vida. Compreendo que a esta mulher corajosa e honesta, a esta mãe de uma menininha, nunca deveria ter escondido que era um evadido dos trabalhos forçados, condenado à prisão perpétua.

E então conto-lhe tudo, absolutamente tudo, de uma vez só. Tudo vacila no fundo do meu ser, até esta coisa que maquino há dezoito anos, esta idéia fixa que se tornou uma obsessão, a minha vingança. Decido pô-la aos seus pés, renunciar a isso como prova da minha sinceridade. Não estou em mim: eu, que não podia fazer maior sacrifício, de que aliás ela não podia compreender a grandeza, ouço-me a dizer-lhe, como por milagre, como se fosse um outro que

falasse:

— Para lhe provar quanto a amo, Rita, ofereço-lhe a maior sacrifício que posso fazer. A partir deste preciso momento, abandono a minha vingança. Que morram na cama os que me fizeram sofrer tanto: o procurador, os tiras e a falsa testemunha. Sim, você tem razão. Para merecer completamente uma mulher como você, devo, não perdoar, isso é impossível, mas tirar da cabeça este pensamento obsessivo de castigar impiedosamente aqueles que me atiraram para os cárceres da prisão. Você tem à sua frente um homem completamente novo, o outro morreu.

Rita deve ter refletido nessa conversa todo o dia, porque, depois do trabalho, à noite, diz-me:

— E o seu pai? Agora que você é digno dele, escreva-lhe o mais depressa possível.

— Desde 1933 que não temos noticias um do outro. Foi precisamente em outubro. Eu tinha assistido à distribuição das cartas aos forçados, essas desgraçadas cartas abertas pelos guardas, essas cartas em que não se podia dizer nada. Eu tinha visto no rosto desses pobres-diabos o desespero de não terem recebido nada no correio, adivinhara a decepção daqueles que, lendo a carta há tanto tempo aguardada, não encontravam dentro o que esperavam. Vira rasgar as cartas e pisá-las, vira lágrimas cair sobre a tinta e inundar a escrita. Imaginava também o que essas malditas cartas da prisão podiam provocar aonde chegassem: o selo da Guiana, que fazia que os carteiros das aldeias dissessem aos vizinhos ou no café da terra: “O forçado escreveu. Ainda está vivo, pois escreveu uma carta”. Adivinhava a vergonha daqueles que as recebiam das mãos deste carteiro e o medo de que ele lhes perguntasse: “O seu filho vai bem?”

“Por isso, Rita, escrevi à minha irmã Yvonne uma carta, a única que escrevi da prisão, onde dizia: ‘Não esperem notícias minhas, nem me escrevam. Como o lobo de Alfred de Vigny, saberei morrer sem uivar’.”

— Tudo isso, Henri, é o passado. Você vai escrever ao seu pai?

— Vou. Amanhã.

— Não, agora.

Uma longa carta partiu para a França, contando só o que se podia contar, sem fazer sofrer o meu pai. Não contei nada do meu calvário, apenas a minha ressurreição e a vida de agora. A carta foi-me devolvida: “Partiu sem deixar morada”.

Meu Deus! Quem sabe onde é que, por minha causa, o meu pai foi esconder a sua vergonha? As pessoas são tão más que talvez lhe tivessem feito a vida impossível, ali, onde me conheceram quando eu era jovem.

A reação de Rita não se faz esperar:

— Vou à França procurar o seu pai.

Olho-a intensamente. Ela acrescenta:

— Deixe o trabalho de explorador, que, aliás, é muito perigoso. Durante a minha ausência, você toma conta do hotel.

Na verdade, não me enganei com Rita. Não só não hesita em se lançar sozinha no desconhecido dessa longa viagem, mas ainda tem suficiente confiança em mim, o antigo forçado, para me entregar todos os seus negócios. Ela tem razão, sabe que pode contar comigo.

O hotel era alugado por Rita, com opção de compra. É preciso portanto, antes de qualquer outra coisa, que não nos escape, temos de o comprar. Então aprendo verdadeiramente o que se chama lutar para arranjar, por meios honestos, um lugar na vida.

Liquido as contas com a Cia. Richmond, e com os seis mil bolívares que tiro das economias de Rita damos à proprietária cinqüenta por cento do valor do negócio. E começa para nós uma verdadeira luta diária — quase se podia dizer noturna — para ganhar dinheiro e fazer frente às letras. Tanto ela como eu trabalhamos como doidos, dezoito horas e por vezes dezenove horas por dia. Esse esforço, essa vontade de vencer a todo o custo, que nos unem para atingir o fim o mais breve possível, são maravilhosos. Nem ela nem eu falamos de cansaço. Faço as compras, ajudo na cozinha, recebo os clientes, estamos em toda parte ao mesmo tempo, sorridentes. Mortos de cansaço, recomeçamos.

Para ganhar ainda mais, tenho um carrinho de duas rodas que encho de calças e de casacos e vou vender no mercado da Plaza Baralt. Estas roupas têm um defeito de fabricação, o que me permite comprá-las na fábrica por um preço muito mais baixo. Debaixo de um sol escaldante, apregôo a mercadoria, gritando como um desalmado e com tanto entusiasmo que um dia, esticando um casaco com toda a força, para provar a sua resistência, rasgo-o ao meio de alto a baixo. Bem me cansei de explicar que sou o homem mais forte de Maracaibo, mesmo assim não vendo muito nesse dia. Estou lá das oito ao meio-dia. Ao meio-dia e meia corro ao hotel, para ajudar a servir no restaurante.

Esta Plaza Baralt é o centro comercial de Maracaibo, um dos lugares mais animados da cidade. Numa extremidade, a igreja, na outra, um dos mercados

mais pitorescos do mundo. Aí encontram-se todas as variedades possíveis de carne, caça, peixe, marisco, sem esquecer os grandes iguanas verdes — prato delicioso —, com as unhas entrelaçadas de tal maneira que não se podem escapar, ovos de caimão, tartarugas — tartarugas do mar e, também, os *cachicames* e uma variedade de tartarugas de terra, a *morocoy* —, todos os frutos, tropicais ou não, e, claro, palmitos frescos. Debaixo do sol escaldante desta cidade em ebulição, o mercado formiga de gente: todos os tons de pele, todas as formas de olhos, desde o rasgado chinês ao redondo dos negros.

Rita e eu adoramos Maracaibo, ainda que seja um dos lugares mais quentes da Venezuela. Mas esta cidade colonial tem uma população amável, calorosa, com alegria de viver. O povo fala cantando, é nobre, generoso, tem um pouco de sangue espanhol e o melhor das qualidades dos índios. Os homens têm o sangue quente, o culto da amizade, e sabem ser amigos dos seus amigos. O maracucho (habitante de Maracaibo) desconfia de todos os que vêm de Caracas. Gaba-se de encher de ouro toda a Venezuela, com o seu petróleo, e de ser sempre esquecido pelos da capital, sente-se um rico tratado como parente pobre por aqueles que ele enriqueceu. As mulheres são bonitas, de estatura média, fiéis, boas filhas, boas mães. E tudo isto formiga, vive, grita; tudo tem cores vivas, as roupas, as casas, os frutos. Vão e vêm, negociam. A Plaza Baralt está cheia de vendedores ambulantes, de pequenos contrabandistas que quase não tomam precauções para vender licores, álcool ou cigarros de contrabando. Isso passa-se um pouco em família: o polícia está a alguns metros, mas volta a cabeça, precisamente o tempo necessário para que garrafas de uísque, de conhaque francês, cigarros americanos passem de um cesto para outro. Porque por terra, mar e céu chegam as mais diversas mercadorias às mãos do consumidor, que paga com uma moeda muito forte, nesta época em que o dólar valia três bolívares e trinta e cinco.

Pôr um hotel em funcionamento não custa nada. Quando Rita aqui chegou, tomou logo uma decisão radicalmente oposta aos costumes da terra. Com efeito, a clientela venezuelana tem o hábito de tomar desjejuns abudantes: biscoitos de milho *(arepas)*, ovos fritos com presunto, carne de porco salgada, queijo fresco. Para os clientes que estão em pensão completa, o cardápio do dia está escrito num quadro. Ela apaga tudo no primeiro dia e com a sua caligrafia alongada escreve: *Desjejum — café simples ou com leite, pão* e *manteiga.* Ora bolas, devem ter pensado os clientes, e no fim da semana metade da freguesia havia mudado de pouso.

Quando eu chego, Rita já tinha feito algumas alterações, comigo é uma autêntica revolução.

Primeiro decreto: duplico os preços.

Segundo decreto: cozinha francesa.

Terceiro decreto: ar condicionado por toda parte.

Impressionava muito as pessoas encontrar numa casa colonial, transformada em hotel, ar condicionado em todos os quartos e no restaurante. A clientela mudou. Primeiro, temos caixeiros viajantes. Depois instala-se um basco vendedor de relógios suíços Omega, integralmente fabricados no Peru. Faz os negócios no quarto, só negociando com revendedores que vão de porta em porta e correm os campos petrolíferos. Apesar de o hotel ser seguro, ele é de tal maneira desconfiado que manda pôr, à sua custa, três enormes fechaduras na porta do quarto. No entanto, repara que, de vez em quando, lhe desaparece um relógio. Convenceu-se, assim, de que lhe entram no quarto até o dia em que verifica que o ladrão é afinal uma ladra, a nossa cadela Bouclette, É uma cadelinha tão espertalhona que entra rastejando silenciosamente, debaixo do seu nariz, e sente prazer em roubar uma pulseira, com ou sem relógio. E, então, põe-se aos gritos a dizer que fui eu que ensinei a Bouclette a roubar-lhe a mercadoria. Torço-me de riso e, depois de dois ou três copos de rum, consigo convencê-lo de que não ligo a mínima para os relógios dele, que até teria vergonha de os vender, de tal maneira se vê que são imitação. Tranqüilizado e calmo, faz as pazes e vai-se fechar no quarto.

Vê-se de tudo na clientela. Maracaibo está cheia, quase rebentando, é praticamente impossível arranjar quarto. Um grande grupo de napolitanos vai de casa em casa, enganando as pessoas, vendendo peças de fazenda dobradas de tal maneira que parecem dar para quatro ternos, quando, na verdade, só dão para dois. Fardados de marinheiro, com um grande saco ao ombro, passam autenticamente a pente fino a cidade e os arredores, sobretudo os campos petrolíferos. Não sei como é que esta gente descobriu o nosso hotel. Como todos os quartos estão ocupados, só há uma solução: que se deitem no pátio. Aceitam. Entram à noite, pelas sete horas, e tomam banho na ducha comum. Como comem a refeição da noite no hotel, aprendemos a fazer *spaghetti* à napolitana. Pagam bem e são bons clientes.

À noite tiramos as camas de ferro, instalamo-las no pátio e duas empregadas ajudam Rita a fazê-las. Como os mando pagar adiantado, todas as noites é a mesma discussão: acham demasiado caro pagar o preço de um quarto para dormir ao relento. E todas as noites lhes explico que, pelo contrário, é até muito lógico e muito correto, porque armar as camas, pôr os lençóis, as cobertas, os travesseiros e guardar tudo de manhã é uma grande trabalheira e, vendo bem,

lhes fica muito barato.

— E depois não reclamem muito, porque senão aumento o preço. Quase que me mato para fazer e desfazer as suas instalações. Em resumo, faço-os pagar o transporte.

Eles pagam e trocamos umas piadas. E, apesar de ganharem muito dinheiro, no dia seguinte, à noite, recomeçam. Reclamam ainda mais quando uma noite caiu uma chuvada e tiveram de fugir com as roupas e os colchões, para acabarem por dormir na sala do restaurante.

Uma dona de bordel veio procurar-me. Tem um grande estabelecimento, a cinco quilômetros de Maracaibo, num lugar chamado La Cabeza de Toro. O bordel chama-se o Tibiri Tabara. Ela, Eléonore, é uma enorme bola de carne, com uns lindos olhos inteligentes. Trabalham em casa dela cerca de cento e vinte e quatro mulheres. Somente à noite.

— Algumas francesas querem partir — explica-me Eléonore. — Não querem passar o dia inteiro no bordel. Trabalhar das nove da noite às quatro da manhã achariam bem. Mas querem comer decentemente e dormir sossegadamente longe do barulho, em quartos confortáveis.

Faço um contrato com Eléonore: francesas e italianas podem vir para a nossa casa. Não há problema em que aumente a diária em dez bolívares: ficarão muito contentes em poder viver no Hotel Vera Cruz, em casa de franceses. Devíamos receber seis, mas não sei como, um mês depois, tínhamos o dobro.

Rita impôs uma disciplina de ferro. São jovens muito belas. Proibição absoluta de receber a visita de machos no hotel, mesmo no pátio ou na sala de jantar. Aliás, não acontece nenhuma história no hotel; essas jovens portam-se como senhoras. E é verdade que na vida cotidiana são mulheres corretas que sabem viver bem. À noite, os táxis vêm buscá-las. Estão transformadas, elegantes, bem pintadas. Sem barulho, discretamente, partem para a “fábrica”, como elas dizem. De vez em quando, vem um cafetão de Paris ou de Caracas. Passa o mais despercebidamente possível. Claro que ele pode ser recebido pela jovem no hotel. Depois de recolhido o dinheiro e de ter levantado o moral da moça, parte tão discretamente como chegou.

Isso não se passa sem que aconteçam alguns incidentes cômicos. Um dia, um cafetão que veio de visita chama-me à parte e me pede para trocar de quarto. A sua mulher já arranjou uma amiga que não se importa de mudar. Motivo: o vizinho do quarto ao lado é um italiano bem constituído e vigoroso que, todas as noites, quando a mulher chega, faz amor pelo menos uma vez e, às vezes, duas.

Ela nem sequer tem quarenta anos e o italiano deve ter quarenta e cinco.

— Compreende, menino, não posso agüentar a pedalada a um nível desses. Não consigo aproximar-me, nem de longe, de atuações semelhantes. E como somos vizinhos, eu e a minha mulher ouvimos tudo, gritos, gemidos, toda a barulheira de uma grande orquestra. Então você vê com que cara fico se faço apenas uma "visita" à minha garota uma vez por semana. No truque da enxaqueca ela não acredita mais e, com certeza, faz comparações. Se não vir inconveniente nisso, faça-me este favor.

Sustenho o riso e digo-lhe que, perante argumentos tão indiscutíveis, vou mudá-lo de quarto.

Uma noite, às duas da manhã, Eléonore telefona-me. Um francês que não fala uma palavra de espanhol foi encontrado, por um guarda-noturno, empoleirado numa árvore em frente ao bordel. Às perguntas que lhe fazem sobre essa curiosa situação — era para roubar ou quê? — responde apenas: "Enrique do Vera Cruz". Salto para o meu carro e vôo para o Tibiri Tabara.

Reconheço logo o sujeito. É um lionês que já esteve em minha casa. Está sentado, a patroa também. À frente dele, dois polícias com ar severo. Traduzo o que ele me diz em três palavras:

— Não, este senhor não estava na árvore para dar um golpe. Está simplesmente apaixonado por uma mulher, mas não quer dizer qual. Se subiu à árvore, foi para a ver, às escondidas, porque ela não quer saber dele. É só isso. Como vêem, nada de grave. Aliás eu o conheço, é um homem honesto.

Bebemos uma garrafa de champanha, ele paga; digo-lhe que deixe o troco na mesa, alguém o vai apanhar, e o levo no meu carro,

— Mas que diabo você fazia empoleirado na árvore? Está maluco ou ficou loucamente apaixonado pela mulher?

— Não é isso. O que acontece é que o meu "ordenado" baixou sem explicação. Ela é das mais bonitas que aqui estão e ganha menos que as outras. Então resolvi vigiar, durante a noite, os passos que ela dá, sem que o soubesse. Disse a mim mesmo que assim poderia saber rapidamente se ela esconde e me corta a grana.

Apesar do meu mau humor por ter sido acordado em plena noite com uma história de cafetão, desato a rir ao ouvir essa explicação.

"O cafetão empoleirado numa árvore", como lhe chamo a partir desse momento, parte no dia seguinte para Caracas. A sua vigilância já não se justifica.

O assunto deu escândalo no bordel e a garota dele, a par, como toda a gente, percebeu logo por que é que o seu cafetão se tinha enganchado naquela árvore: estava precisamente em frente ao quarto dela.

Trabalhamos muito, mas o hotel é alegre. Nunca deixamos de nos divertir. Assim, há uma hora em que, enquanto as mulheres vão para a “fábrica”, fazemos “falar” os mortos. Sentados muito sérios em volta de uma mesa redonda, com as mãos espalmadas no tampo, cada um chama o espírito que deseja interrogar. Foi uma pintora de trinta anos, uma húngara, acho eu, que pôs em marcha essas sessões. Chama o marido todas as noites e, claro, com o meu pé debaixo da mesa, ajudo um pouco o espírito a responder; sem isso, ainda lá estaríamos.

Ela diz que o marido a atormenta. Por quê? Não o sabe. Por fim, uma noite, o espírito do marido responde através da mesa que nunca a deixará tranqüila. Acusa-a de ser leviana. Todos nós exclamamos que é muito grave e que ele se poderá vingar horrivelmente, este espírito ciumento, tanto mais que ela confessa ser realmente leviana. O remédio? É preciso pensar um bocado, porque, se ela é leviana, o assunto não o é nada. Consultamo-nos com ar muito sério e dizemos-lhe o remédio. Há apenas um: numa noite de lua cheia deverá pegar uma faca de mato nunca usada, pôr-se completamente nua no meio do pátio, com os cabelos soltos, sem pintura nenhuma, toda lavada com sabão de Marselha, sem o mínimo perfume, sem jóias, lavada dos pés à cabeça. Nada, a não ser a faca de mato na mão. Quando a lua estiver mesmo por cima do pátio, e a sombra for perpendicular, deverá cortar o ar em cruz com a faca de mato precisamente vinte e uma vezes.

O resultado é completamente positivo porque, no dia seguinte, depois da sessão de exorcismo em que nos cansamos de gozar, escondidos atrás das persianas, a mesa responde (com a intervenção de Rita, que nos diz que a brincadeira já tinha durado o suficiente) que, a partir de agora, o seu defunto marido a deixará tranqüila, que ela pode ser tão leviana quanto o desejar, mas com a condição de não tornar a brincar com facas de mato em noites de lua cheia, porque isso o tinha magoado muito.

Nós temos outra cadelinha, Minou, muito grande, que nos foi oferecida por um cliente de passagem em Maracaibo. Está sempre impecavelmente penteada e tosquiada; em cima da cabeça, os pêlos muito fortes e pretos estão cortados em forma de barrete, muito alto e impressionante. Coxas tufadas e patas rapadas, bigodes à Charlot e barbicha em ponta. É sempre motivo de espanto para as pessoas da terra e, muitas vezes, alguns deles vencem a timidez para me perguntar que estranho animal é este.

Minou esteve mesmo para provocar um grave incidente com a Igreja. A Calle Venezuela, onde se encontra o Vera Cruz, dá para uma igreja e passam por lá, muitas vezes, procissões. Ora, Minou gosta muito de ver o movimento da rua, sentada à porta do hotel. Nunca ladra a nada que se passe na rua. Mas, apesar de nunca ladrar, faz sempre sensação. Um dia, o padre e os meninos do coro ficaram sozinhos a cinqüenta metros dos fiéis, humildes maracuchos que se punham diante do hotel a interrogar-se sobre este estranho animal. Esqueceram-se de seguir a procissão. Levantam-se muitas perguntas entre eles, acotovelam-se para ver Minou de perto e alguns emitem seriamente a opinião de que este animal desconhecido pode muito bem ser a alma de um pecador arrependido, para assistir tão impassível à passagem de um padre e de meninos de coro, todos vestidos de vermelho e a cantar alto. O padre acaba por reparar que há um grande silêncio atrás dele e, virando-se, percebe que lá já não está mais ninguém. Volta para trás em grandes passadas, vermelho de cólera, advertindo furiosamente as suas ovelhas devido à sua falta de respeito pela cerimônia. Temerosos, voltam a pôr-se em fila e partem de novo. Notei que alguns tinham ficado de tal maneira impressionados que caminhavam de costas, para continuar a contemplar Minou. Depois disso, procuramos no jornal de Maracaibo, *Panorama,* o dia e a hora das procissões que devem passar em frente ao hotel para, nessas alturas, prender Minou no pátio.

Não há dúvida de que é a época dos incidentes com padres, Duas francesas deixaram o bordel de Eléonore e o hotel. Decidiram ser independentes e montar uma pequena *casita* numa rua do centro, onde só trabalharão elas duas. Não é mal pensado porque assim os clientes não têm de se meter no automóvel e fazer dez quilômetros ida e volta, para as visitar. A “mercearia” passa a ficar mais à mão. Para se tornarem conhecidas, mandaram imprimir cartões de visita com: *Julie* e *Nana, trabalho altamente qualificado,* e o endereço. Distribuem-nos na cidade, mas, muitas vezes, em lugar de os entregarem diretamente aos homens, colocam-nos nos limpadores de pára-brisa dos automóveis estacionados.

Cheias de azar, puseram dois, um debaixo de cada limpador de pára-brisa, no automóvel do bispo de Maracaibo. Isso provocou uma bronca dos diabos. Para mostrar bem o caráter profanatório de tal gesto, o jornal La *Religion* publica a fotografia do cartão. Mas o bispo e o clero foram indulgentes: a *casita* não foi fechada, limitaram-se a pedir às senhoras que fossem mais discretas. Aliás, era inútil continuar a distribuir cartões: graças à publicidade gratuita feita por La *Religion,* um avultado número de clientes caiu no endereço indicado. O afluxo foi mesmo tão importante que, para dar uma razão plausível a este ajuntamento

de homens diante da porta, elas pediram a um vendedor ambulante de perros *calientes* (cachorros-quentes) que instalasse o carrinho ali na frente para que se pense que é para comprar um perro *caliente* que há uma fila na rua.

Essa era a vida do hotel com as suas histórias pitorescas; mas esta vida não a vivíamos num planeta à parte. Vivíamo-la na Venezuela, metidos nas suas questões econômicas e políticas. Ora, a política em 1948 não era muito tranqüila. Desde 1945 que Gallegos e Betancourt governavam o país, primeira experiência de regime democrático na história da Venezuela.

No dia 13 de novembro de 1948, quando havia só três meses que tinha começado a trabalhar com Rita para a compra do hotel, primeiro tiro disparado contra o regime: um major, Thomas Mendoza, tem a audácia, sozinho contra todos, de tentar um levante. Falha.

No dia 24 do mesmo mês, graças a um golpe de Estado montado com a precisão de um mecanismo de relojoaria, quase sem vítimas, os militares tomam o poder. Gallegos, presidente da República e escritor notável, é obrigado a retirar-se. Betancourt, um verdadeiro leão da política, asila-se na Embaixada da Colômbia.

Em Maracaibo vivemos horas de um suspense muito intenso. Num determinado momento ouve-se subitamente, no rádio, uma voz emocionada a gritar: “Operários, venham para as ruas! Querem roubar a liberdade de vocês, suprimir os seus sindicatos, impor-lhes pela força uma ditadura militar! Que todo o povo ocupe os seus lugares, os...” Clique! Corte seco de um microfone arrancado às mãos deste corajoso militante, depois uma voz grave, calma: “Cidadãos! As forças do Exército retiraram o poder aos homens a quem o tinham confiado depois de demitido o General Medina, porque eles fizeram muito mau uso dele. Não temam nada, garantimos a vida e os bens de todos sem exceção. Viva o Exército! Viva a revolução!”

Isso foi tudo o que eu vi de uma revolução que, a bem dizer, não fez correr sangue, e acordamos no dia seguinte com a notícia dos jornais dando a composição da junta militar: três coronéis: Delgado Chalbaud, presidente, Perez Jimenez e Llovera Paez.

A princípio, receamos que este novo regime fosse acompanhado pela supressão das liberdades dadas pelo precedente. Não acontece assim. A vida em nada se modifica, mal nos apercebemos da mudança do regime, salvo pelo fato de os lugares-chaves serem ocupados por militares.

Depois, dois anos mais tarde, o assassínio de Delgado Chalbaud. Uma

história muito suja onde se opõem duas teses. Primeira tese: tratava-se de assassinar os três e ele foi o primeiro a ser morto; segunda explicação: os outros dois coronéis, ou um só, mandaram-no abater. Nunca se chegou a saber a verdade. O assassino, preso, é morto com um tiro, o que impedirá qualquer declaração comprometedora. E a coisa mantém-se de tal maneira que, hoje em dia, o homem forte do regime é Perez Jimenez, que se tornará oficialmente ditador em 1952.

A nossa vida continua e, embora afastada de todo o prazer exterior, de saídas ou passeios, dá-nos, no entanto, uma alegria extraordinária, que alimenta o ardor dos nossos corações. Porque aquilo que construímos com o nosso esforço será o nosso lar, o lar onde viveremos felizes, satisfeitos por não dever nada a ninguém e por o termos ganho à nossa custa, unidos como podem estar dois seres solitários quando se amam como nós nos amamos.

E para este lar virá Clotilde, a filha de Rita, que será minha filha, e para este lar virá o meu pai, que será o seu pai.

E para a nossa casa virão os meus amigos recompor-se e ganhar ânimo quando disso tiverem necessidade.

E nesta casa de felicidade nos sentiremos de tal maneira realizados que nunca mais pensarei em me vingar daqueles que nos fizeram sofrer tanto, a mim e aos meus.

Chega então o dia em que, até que enfim, ganhamos a partida. Dezembro de 1950, um belo documento é assinado no notário: somos definitivamente proprietários do hotel.

11

MEU PAI

Foi só o tempo de preparar a viagem, e Rita partiu hoje, com o coração cheio de esperança. Partiu à procura do lugar para onde o meu pai se retirou, talvez escondido.

— Tenha confiança, Henri. Hei de trazer o seu pai.

Fico sozinho, tomando conta do hotel. Abandono a venda das calças e camisas que, às vezes, me rendia bons lucros. Mas Rita partiu à procura do meu pai e eu devo, portanto, ocupar-me de tudo, não só como se ela estivesse aqui, mas ainda melhor.

Procurar o meu pai, *procurar o meu pai!* Ele, o honesto mestre-escola de uma aldeia da Ardèche, ele, que, pela última vez, há vinte anos, *vinte anos*, não pôde abraçar o seu filho quando o visitou na prisão perpétua, por causa das grades do parlatório. Este pai a quem Rita, minha mulher, vai poder dizer: “Venho, como filha, dizer-lhe que o seu filho conseguiu por si próprio regressar à liberdade, que iniciou uma vida de homem bom e honesto e que comigo criou um lar onde espera pelo senhor”.

Levanto-me às cinco horas e vou às compras com a cadela Minou e um menino de doze anos, Carlitos, que recolhi quando saiu da prisão. Ele leva os cestos. Em uma hora e meia faço todas as compras: carne, peixe, legumes. Regressamos os dois carregados como uns burros. Na cozinha há duas mulheres. Uma de vinte e quatro e outra de dezoito anos. Deixo o que trouxemos em cima da mesa e elas arrumam tudo.

Para mim, os melhores momentos desta vida simples são às seis e meia da manhã, hora do desjejum, que tomo na sala de jantar, tendo, nos joelhos, a filha de Rosa, a cozinheira. Tem quatro anos, é negra como o carvão e recusa-se a comer se não toma o desjejum comigo. O seu corpinho nu e ainda fresco da ducha que a mãe a fez tomar ao levantar, os seus chilreios de bebê, os olhos brilhantes que me olham cheios de confiança, tudo, até a minha cadela, que, ciumenta, ladra, indignada por se ver rejeitada, o papagaio de Rita debicando nas

migalhas de pão ensopado em leite, ao lado da minha chávena de café, tudo, na verdade, faz que, para mim, este momento do dia seja realmente o melhor.

E Rita? Nada de cartas. Por quê? Já há mais de um mês que ela partiu. São dezesseis dias de viagem, é certo, mas valha-me Deus, já há quinze dias que está na França e não encontrou ainda nada ou não me quer dizer o que viu? Eu não peço mais do que um telegrama, pelo menos um telegrama onde em poucas palavras ela me cante a vitória O *seu pai está bem e continua a gostar de você.*

Vigio o carteiro, só largo o hotel quando tenho de fazer qualquer coisa relacionada com o seu bom funcionamento, despachando rapidamente as compras ou os assuntos a tratar para poder estar constantemente em casa. Na Venezuela os carteiros não têm uniforme, mas são todos muito novos. Então, mal um rapazinho entra pela porta do pátio, dirijo-me a ele, com o olhar posto nas suas mãos para ver depressa se traz algum papel verde. Nada, sempre nada. A maior parte das vezes nem sequer são os jovens carteiros. Salvo duas ou três vezes em que entrou um garoto com o papel verde. Precipito-me para ele, quase lhe arrancando o telegrama das mãos, para, decepcionado, verificar que o destinatário é um cliente do hotel.

Esta espera, esta falta de noticias põem-me nervoso e ansioso. Mato-me de trabalhar, preciso estar sempre ocupado senão sinto que não vou me agüentar. Ajudo na cozinha, invento pratos inéditos, inspeciono os quartos duas vezes por dia, converso com os clientes, ouço todas as pessoas. A única coisa que conta é preencher estas horas e estes dias para poder suportar a ausência de notícias e a espera. A única coisa que não posso fazer: jogar as partidas de pôquer que se organizam todas as noites pelas duas da manhã.

No que respeita ao hotel, não me tenho saído mal sozinho e os hóspedes estão satisfeitos.

Um só aborrecimento. Carlitos enganou-se. Em vez de comprar petróleo para limpar a cozinha comprou gasolina. Depois de terem lavado muito bem o chão de cimento, as cozinheiras, sem desconfiarem, acendem o forno. Toda a cozinha se incendeia com chamas terríveis. As duas irmãs queimaram-se dos pés até a barriga. Só tive tempo, no último segundo, de embrulhar numa toalha e salvar a pretinha, filha de Rosa. Ela não sofreu quase nada, mas as outras ficaram gravemente queimadas. Mando-as tratar no seu quarto do hotel e contrato um cozinheiro panamenho.

A vida do hotel continua normalmente, mas começo a ficar seriamente afetado pelo silêncio e pela ausência de Rita.

Já há cinqüenta e sete dias que partiu. Subitamente ela vai chegar, dentro de dez a vinte minutos. Espero-a no aeroporto. Por que razão um lacônico telegrama “Chego terça-feira 15,30 horas, vôo 705. Beijos, Rita”? Por que só isso? Não encontrou ninguém? Já não sei o que pensar, não quero fazer mais suposições.

Lá vem ela, a minha Rita. Vou finalmente saber.

É a quinta pessoa a descer a passarela do avião. Vê-me imediatamente e levanta o braço quando levanto o meu. Avança com um ar normal. A quarenta metros, perscruto o seu rosto; ela não ri, limita-se a sorrir. Não, não avança para mim com o ar vitorioso; não, não levantou o braço em sinal de alegria, mas simplesmente, naturalmente, para que eu soubesse que me tinha visto.

— Encontrou o meu pai?

Quando está a dez metros de mim, sei que regressa vencida.

A pergunta atinge-a em pleno rosto, como uma chicotada, depois de lhe ter dado um único beijo, um só, depois de dois meses de separação. Eu não podia esperar mais.

Sim, ela encontrou o meu pai. Dorme no cemitério de uma aldeiazinha da Ardèche.

Estende-me uma fotografia. Uma campa bem construída, de cimento, onde se lê: J. CHARRIÈRE. Morreu quatro meses antes da sua chegada. A fotografia dessa campa foi tudo o que Rita me trouxe.

O coração que tinha visto partir a minha mulher com tanta esperança quase me parou com esta monstruosa notícia. Sinto em mim um desalento profundo, o ruir de todas as minhas ilusões de homem que, em relação ao pai, se via sempre menino. Meu Deus, não só me castigaste em toda a juventude, mas ainda me recusaste os abraços do meu pai e a sua voz, que me teria dito, tenho a certeza: “Venha aos meus braços, meu Riri. O destino foi implacável para com você, a justiça e o seu sistema penitenciário trataram-no desumanamente, mas eu continuo a amá-lo, eu nunca o reneguei e sinto-me orgulhoso por você ter tido a força de vencer, apesar de tudo, e de se ter tornado o que é”. Incansavelmente, Rita repete-me o pouco que soube, quase mendigado, daquilo que foi a vida de meu pai depois da minha condenação. Não digo uma palavra, não consigo falar. Sinto um nó apertar-me a garganta com violência. E de repente, como se as comportas de um dique fossem abertas brutalmente, a idéia da vingança me invade de novo com uma violência selvagem: “Tiras, eu os farei explodir com uma mala no Quai des Orfèvres, mas não para matar só alguns, para matar o

mais possível, cem, duzentos, trezentos, mil! E você. Goldstein, falsa testemunha por interesse, pode contar que terá a sua conta pela medida grande! Quanto a você, procurador ávido de condenações, não hei de demorar muito a encontrar com que arrancar a sua língua com o maior sofrimento possível!”

— É preciso separarmo-nos, Rita. Tente compreender: eles estragaram a minha vida. Impediram-me de abraçar o meu pai e de obter o seu perdão. Preciso *me* vingar, eles não podem escapar. Amanhã vou-me embora, é a nossa última noite. O dinheiro para a viagem e a execução dos meus projetos, sei onde o encontrar. A única coisa que lhe peço é que me deixe levar cinco mil bolívares das nossas economias para as primeiras despesas.

Fez-se um interminável silêncio; já não via Rita, o seu rosto desaparecia atrás do desenrolar deste projeto que eu planejei mil vezes.

De quanto precisarei para realizar este plano? Menos de duzentos mil bolívares. Dantes eu exigia demasiado. Com estes sessenta mil dólares terei dinheiro à vontade. Há dois lugares que tenho deixado em paz por respeito a este país. Primeiro Callao e o seu montão de ouro, guardado pelos antigos forçados. Depois, em plena Caracas, o caixa de uma grande empresa. Este é fácil de assaltar; leva o dinheiro sem escolta. O corredor de entrada do prédio é propício, assim como o do quarto andar; ambos são mal iluminados. Posso agir sozinho, sem armas, com clorofórmio. A chatice é que, no caso de haver um transporte de dinheiro muito importante, são três empregados. Dominá-los sozinho não é cem por cento garantido. Não há dúvida de que em Callao é mais fácil. Lá poderei apanhar o que me faz falta, trinta quilos de ouro, não mais, e enterrá-lo. Se houver barulho, fico doente em casa de Maria, mas nada leva a crer que vá estourar logo a seguir. A operação não é nada complicada: deito-me com Maria e, quando ela estiver dormindo, cloroformizo-a para que não acorde quando eu partir. Posso sair, praticar o golpe e voltar a deitar-me ao lado dela sem ser visto por ninguém. Aproximar-me do guarda será fácil; nu, pintado de preto, numa noite de breu.

A fuga, devo fazê-la pela Guiana Inglesa. Tenho de chegar a Georgetown com muito pouco ouro transformado em pepitas, ou em pedacinhos, pelo maçarico, o que é relativamente fácil de fazer. Hei de encontrar, certamente, um comprador para tudo. Combino com o receptador, negociaremos com base em notas cortadas ao meio. Ele ficará com metade e só as dará para mim quando eu lhe entregar a mercadoria nas margens inglesas do Caroni, onde terei escondido tudo. Assim, ninguém ficará desconfiado.

Posso aparecer em Georgetown, uma vez que dali parti clandestinamente

há uns anos. Regressando também clandestinamente, se alguma vez for interrogado, o que será pouco provável, digo que passei estes anos em plena selva, caçando borboletas ou ouro, e que é por essa razão que há muito tempo não me vêem.

Sei que Julot está lá sempre. 6 um sujeito sedentário; dar-me-á asilo em sua casa. Só há um perigo, Indara e a irmã. Só posso sair à noite, ou melhor ainda, nunca sair e tratar dos meus assuntos através de Julot. Julgo que André está também em Georgetown e que tem um passaporte canadense. Trocar a fotografia, modificar o carimbo é fácil. Se ele não estiver lá, compro os documentos a um sujeito qualquer que esteja na penúria ou a um marinheiro do Mariner Club.

Transfiro o dinheiro para Buenos Aires através de um banco, levo poucas divisas e apanho, em Trinidad, um avião para o Rio de Janeiro. No Rio, mudo de passaporte e vou para a Argentina.

Lá embaixo não há problemas. Tenho amigos, antigos forçados, e devem encontrar-se com facilidade ex-nazis com as gavetas cheias de documentos. Parto de Buenos Aires para Portugal com quatro passaportes e carteiras de identidade de nacionalidades diferentes, mas com o mesmo nome, para não me enganar.

Depois de Lisboa, entro na Espanha por estrada e chego a Barcelona. Sempre por, estrada, entro na França com um passaporte do Paraguai. Já falo suficientemente bem o espanhol para que um polícia francês curioso me tome por um sul-americano.

Entretanto transferi metade do dinheiro para o Crédit Lyonnais e a outra metade ficou de reserva em Buenos Aires.

Toda a gente que eu contatar em Georgetown, no Brasil e na Argentina deve, sem exceção, acreditar que me dirijo para a Itália, onde me espera a minha mulher para montarmos uma loja numa estação balneária.

Em Paris, instalo-me no George V[{9}]. Nunca sairei à noite; janto no hotel e depois, às dez horas, mando servir o chá na minha suíte. Isso todos os dias da semana. É o estilo típico de um homem austero com a vida rigorosamente cronometrada. Isso se sabe logo num hotel..

Usarei bigode, está claro, e os cabelos cortados à escovinha, estilo militar. Hei de falar o estritamente necessário, empregando só palavras francesas espanholadas. Mandarei entregar todos os dias jornais espanhóis para mim na recepção.

Refleti centenas de vezes no problema de saber por qual ou por quais dos tipos devo começar para que não se estabeleça a relação entre os três casos e Papillon.

Os primeiros a serem servidos serão os tiras, com a mala cheia de explosivos, no número 36 do Quai des Orfèvres. Não haverá razão para pensarem no meu nome se eu souber fazer a coisa. Primeiro vou visitar os lugares, cronometrar o tempo necessário para subir as escadas até a sala dos relatórios e voltar a sair. Não preciso de ninguém para regular o relógio do detonador, já fiz experiências suficientes na garagem Le Franco-Vénézuélien.

Chego num carrinho em que terei mandado pintar: Casa *X, equipamentos de escritório.* Vestido de motorista-carregador, com uma malinha ao ombro, não deve haver problemas. Simplesmente, ao tomar nota dos lugares, preciso fixar o nome de um chefe de brigada escrito em qualquer porta ou conseguir saber o nome de um sujeito com posto importante nesse andar. Assim, já o poderei dizer aos tiras que estiverem de sentinela aqui fora, ou até mostrar-lhes a fatura, como se não me lembrasse do nome do destinatário. A seguir, vem o fogo de artifício. Era preciso ter um azar dos diabos para que se estabelecesse a relação entre o atentado, que não passou de um golpe de anarquistas, e Papillon.

Assim, Pradel não desconfiará. Para ele, e também para preparar a mala, o mecanismo de relógio, os explosivos, alugarei uma vivenda, utilizando o meu passaporte do Paraguai, se não conseguir arranjar uma carteira de identidade francesa. Acho que é muito arriscado contatar o pessoal. É melhor não o fazer, basta-me o passaporte.

Será uma vivenda nos arredores de Paris, junto ao Sena, de modo a poder lá chegar pela estrada e pelo rio. Comprarei um barquinho leve e rápido, com cabina, que terá um ancoradouro em frente da vivenda e outro na margem do Sena, no centro de Paris. Para a estrada, terei um automovelzinho nervoso e rápido. Só quando estiver instalado, quando souber onde mora Pradel, onde trabalha, quando conhecer os seus hábitos, onde passa os fins de semana, se anda de metrô, de ônibus, de táxi ou no seu automóvel, é que tomarei as medidas necessárias para raptá-lo e mantê-lo na vivenda.

O importante é anotar bem os momentos e os lugares em que se encontra sozinho. Uma vez enfiado na adega da vivenda, estará arrumado. Ele, que, com o olhar de abutre na audiência de 1931, temido pelos advogados, parecia dizer: “Você não me escapará, malandro; vou utilizar tudo o que houver em seu desfavor, todo este lixo abjeto do seu processo, para o tornar repugnante, para que os jurados o façam desaparecer para sempre da sociedade”, ele, que usou

toda a sua força e os seus conhecimentos para pintar o retrato mais ignóbil e mais irrecuperável de um rapaz de vinte e quatro anos ao ponto de os doze vagabundos dos jurados incompetentes me enviarem para a “gaiola” perpetuamente, tenho de o torturar, pelo menos oito dias, antes de acabar com ele. E não é demais!

O último a pagar a conta deve ser Goldstein, a falsa testemunha, Deixo-o para o fim, já que é o mais perigoso para mim. Porque, quando o tiver matado, analisarão a sua vida, e os tiras, que nem sempre são idiotas, verão facilmente o papel que ele desempenhou no meu julgamento. E, como devem também saber perfeitamente que eu ando fugido, daí a pensarem que há Papillon metido no caso não demorará muito tempo. Nesse momento, tudo ficará muito perigoso para mim: hotéis, ruas, estações, portos, aeroportos. Será preciso fugir depressa e com todo o cuidado.

Através da loja de peles do pai, não será difícil localizá-lo e segui-lo. Para o matar, há vários meios, mas, qualquer que seja o usado, quero que ele me reconheça antes de morrer. Se for possível, farei o que tantas vezes sonhei: estrangulá-lo com as minhas mãos, lentamente, dizendo-lhe estas palavras: “Às vezes os mortos voltam. Você não esperava por isto, morrer nas minhas mãos! No entanto, acaba por ficar ganhando porque morrerá em poucos minutos, você, que me condenou a apodrecer lentamente toda a vida”.

Não sei se conseguirei sair da França porque depois de ter matado Goldstein o perigo é sério. Quase com certeza vão me identificar. Pouco me importa. Mesmo que tenha de deixar lá a pele, é preciso que me paguem a morte do meu pai. O meu calvário ainda lhes perdoarei. Mas que o meu pai tenha morrido sem que lhe pudesse dizer que o seu menino está vivo e livre do “caminho da podridão”, que haja morrido de vergonha, escondendo-se talvez de todos os antigos amigos, que se tenha deitado no túmulo sem saber o que eu sou agora, isso não, não, não! Nunca lhes poderei perdoar.

Durante este longo silêncio, no decorrer do qual passei em revista, uma vez mais, todas as fases do plano para ver se estava tudo em ordem, Rita tinha-se sentado aos meus pés, com a cabeça apoiada nos meus joelhos. Nem uma palavra, nem um som; dir-se-ia que retinha a respiração.

— Rita, querida, vou partir amanhã.

— Não.

Ela se levantou, pôs as mãos nos meus ombros, e me olhou de frente. Continua:

— Você *não deve partir,* não pode partir. Para mim também há qualquer coisa de novo. Aproveitei a viagem para preparar a vinda da minha filha. Chega daqui a alguns dias. Você bem sabe que se não a tinha comigo era porque precisava ter uma posição estável para a receber. Agora, não só tenho isso, como também um pai para lhe dar, que é você. Vai fugir às responsabilidades? Vai estragar o que fizemos por amor e com confiança recíproca? Assassinar aqueles que são responsáveis pela sua infelicidade e talvez pela morte do seu pai, acha que é realmente a única coisa a fazer em comparação com todo o resto? É a única solução que você vê?

"Os nossos destinos estão ligados para sempre, Henri. Para mim, para esta filha querida que vai chegar e o vai amar. Não lhe peço que perdoe, mas que abandone definitivamente a idéia de vingança. Já o tinha decidido. E agora a morte do seu pai o atira de novo para o 'caminho'. Mas ouça-me bem: se o seu pai pudesse falar, esse mestre-escola de aldeia reto e bom que, toda a sua vida, ensinou a muitas crianças que era preciso ser sério, justo, trabalhador, caridoso, respeitador das leis. acha que ele aceitaria e poderia admitir as idéias de vingança? Não, diria a você que nem os tiras, nem a falsa testemunha, nem o procurador, nem aqueles a quem você chama os vagabundos dos jurados, nem os guardas da prisão têm um valor assim tão grande para lhes sacrificar uma mulher que o ama e a quem você ama, a minha filha, que espera encontrar em você um pai, o seu lar bem equilibrado, a sua vida honesta.

"Vou dizer-lhe como vejo a sua vingança: que a nossa família seja para toda a gente o símbolo da felicidade; que, pela sua inteligência e a minha ajuda, consigamos ter uma bela situação, por meios honestos; que, quando falarem de você, as pessoas desta terra digam em uníssono: 'O francês é um homem reto, honesto, sério, com uma só palavra'. É assim que deve ser a sua vingança, e será a mais bela: provar a todos que estavam tremendamente enganados com você, que se tornou alguém porque conseguiu sair ileso do seu martírio, apesar do horror de um sistema penitenciário medieval e da fraqueza dos homens. É a única vingança digna do amor e da confiança que depositei em você."

Ela ganhou a partida. Conversamos durante toda a *noite,* que foi para *mim* de um sofrimento atroz. Não posso deixar de conhecer os pormenores da viagem de Rita. Ela está estendida num grande sofá, abatida pelo doloroso insucesso desta longa viagem e pela luta que acaba de travar comigo. Faço perguntas sobre perguntas, sem parar, sentado na beira do sofá, debruçado sobre ela e, palavra puxa palavra, consigo saber tudo o que me queria esconder.

Primeiro, depois de partir de Maracaibo, cheia de confiança, para o porto

de Caracas, onde devia apanhar o barco, teve o pressentimento de que ia falhar: parecia que tudo se conjugava para a impedir de partir para a França. No momento de embarcar no *Colombie* percebe que lhe falta um dos vistos necessários. Corrida contra o relógio para o ir arranjar em Caracas, por essa estrada perigosa que conheço tão bem. Com o documento na carteira, de regresso ao porto, tem o coração apertado pelo medo de que o barco parta antes da sua chegada. Rebenta uma tempestade de uma extraordinária violência, provocando desabamentos. Torna-se tão perigosa que o motorista fica assustado e volta para trás, deixando Rita à beira da estrada, na tempestade, no meio dos destroços. Faz três quilômetros debaixo de chuva e, por milagre, encontra um táxi que regressava a Caracas, mas que, Perante os desabamento, dá meia-volta e dirige-se de novo ao porto. E, no porto, ouvia-se o uivar das sirenas dos barcos, que, perdida de angústia, ela imaginava que fossem as que anunciavam a partida do *Colombie*.

Quando, por fim, chegou à cabina, chorando de alegria, deu-se um incidente a bordo e o barco não pôde partir senão algumas horas mais tarde. Tudo isso lhe causou temor, como se fossem sinais do destino.

A seguir, o mar, o Havre, Paris, Marselha, sem parar. Marselha, onde uma amiga a recebe e a apresenta a um conselheiro municipal que, sem hesitar, lhe dá uma carta de recomendação calorosa para um dos seus amigos que mora na Ardèche, em Vals-les-Bains, Henri Champel.

De novo o trem, o automóvel, e só em casa desse casal, de uma gentileza extraordinária, é que Rita pôde tomar fôlego e organizar as suas buscas. Ainda não tinha chegado ao fim do seu sofrimento.

Henri Champel leva-a a Aubenas, na Ardèche, à casa do notário da família, Dr. Testud. Ah, esse Testud! Um burguês sem coração. Primeiro, informa-a brutalmente de que o meu pai morreu. Depois, sem consultar ninguém, por sua própria iniciativa, proíbe-a de ir ver a irmã de meu pai e o marido, os meus tios Dumarché, professores aposentados que vivem em Aubenas. Muitos anos mais tarde, receber-nos-ão de braços abertos, indignados e irritados, ao pensar que não puderam receber Rita e reatar relações comigo por causa deste malfadado Testud. Em relação às minhas duas irmãs, a mesma coisa; recusa-se a dar o endereço delas. Mesmo assim, ela consegue arrancar a esta pedra o nome do lugar onde o meu pai está enterrado, Saint-Péray.

Põe-se a caminho de Saint-Péray. Aí, Henri Champel e Rita encontram o túmulo de meu pai e ficam sabendo outra coisa: que, depois de vinte anos de viuvez, tornou a casar-se com uma professora aposentada, no tempo em que eu

estava na prisão. Encontram-se com ela. Na família, chamavam-lhe tia Ju ou ainda titia Ju.

É uma mulher admirável, diz-me Rita, que tinha tido a nobreza de coração para guardar, intactos e vivos, no novo lar, a recordação e o espírito de minha mãe. Ela pôde ver, penduradas na sala de jantar, grandes fotografias da minha fada, que foi o meu ídolo e o de meu pai. Pôde igualmente tocar, acariciar os móveis que lhe haviam pertencido. Esta tia Ju, que entrava tão de repente na minha vida e que eu tinha, ao mesmo tempo, a sensação de conhecer já, fez tudo para que Rita sentisse bem a atmosfera que meu pai e ela própria quiseram continuar a manter viva: a recordação de minha mãe e a presença constante desse menino desaparecido que, para meu pai, era sempre o Riri.

Todos os anos, a 16 de novembro, dia do meu aniversário, o meu pai chorava. Todos os Natais deixavam uma cadeira vazia. Quando os polícias vieram dizer-lhe que o filho se tinha evadido uma vez, abraçou-os por lhe trazerem uma notícia tão maravilhosa. Porque a tia Ju, que não me conhecia, adotou-me no seu coração como se fosse seu filho, e, com meu pai, eles choravam de alegria com a notícia do que, para eles, era uma centelha de esperança.

Por isso Rita foi tão bem recebida por ela. Única falha: a tia Ju não lhe deu o endereço das minhas duas irmãs. Por quê? Sim, por que razão a tia Ju, mulher do meu pai, não quis dar esses endereços? Refleti rapidamente. Sem dúvida porque não tinha a certeza do modo como seria recebida a notícia da minha reaparição. Se não disse a Rita: “Depressa, vá vê-las em tal lugar, vão ficar doidas de alegria por saber que o irmão está vivo, bem instalado e por conhecer a mulher dele”, é porque havia boas razões. A tia Ju talvez saiba que nem a minha irmã Yvonne, nem Hélène, nem os meus cunhados ficariam satisfeitos ao receber a visita da mulher do irmão, o forçado evadido, condenado por assassínio à prisão perpétua. E, por isso, ela não quis assumir a responsabilidade de perturbar a tranqüilidade deles.

É certo que são casadas, que têm filhos e que provavelmente estes filhos nem sequer conhecem a minha existência. Ela resolveu tomar precauções. Na realidade não posso ter certeza, mas concluo que se eu, durante os treze anos de prisão, vivi com eles, eles, durante esses treze anos, fizeram tudo para me esquecer ou para me riscar da sua vida de todos os dias. E a minha mulher voltou com um pouco de terra recolhida na campa de meu pai e a fotografia dessa campa onde, precisamente quatro meses antes da sua chegada, o meu pai se deitou definitivamente.

Mas ainda assim pude ver, através dos olhos de Rita (Champel levou-a por toda parte), a Pont-d'Ucel, da minha infância. Ouvia-a descrever a grande escola primária onde morávamos, no andar por cima das salas de aula. Pude tornar a ver o monumento aos mortos, em frente do nosso jardim, e o próprio jardim onde uma magnífica mimosa em flor parecia ter conservado a frescura. Era tanto assim que esta desconhecida, que devorava com os olhos o jardim, o monumento, a casa, disse-me: "Nada ou quase nada mudou e você me pintou tantas vezes o quadro do lugar da sua infância que não foi para mim uma descoberta, mas antes um encontro com lugares que já conhecia".

Muitas vezes, à noite, peço a Rita que me conte de novo este ou aquele momento da viagem. A vida continuou no hotel como dantes. Mas, bem no fundo de mim próprio, passou-se qualquer coisa de inexplicável. Esta morte, não a sinto como um homem de quarenta anos, na plena força da vida, que acaba de saber da morte do pai que não vê há vinte anos, sinto-a como um garoto de dez anos que teria vivido com o pai e que, tendo-lhe desobedecido e faltado à escola, sabe da morte do pai ao chegar a casa.

A filha de Rita, Clotilde, chegou. Tem quinze anos feitos, mas é tão franzina e miúda que se lhe dá doze. É pequena de estatura. Os negros cabelos compridos, fortes e ondulados, caem-lhe sobre os ombros. Os olhinhos pretos de azeviche brilham de inteligência e curiosidade. Tem uma carinha não de moça, mas de menina que ainda brinca de pegador ou com as bonecas. A confiança foi imediata entre nós. Sente-se que compreende que este homem que vive com a sua mamãe será o seu melhor amigo e que a amará e protegerá sempre.

Desde a sua chegada que algo de novo me invadiu: o instinto de proteção, o desejo de que ela seja feliz, que me considere, se não como pai, pelo menos como o seu mais seguro apoio.

Como Rita está aqui novamente, vou ao mercado mais tarde, às sete horas, e levo Clotilde; partimos de mãos dadas, com a cadela Minou, que ela leva pela corrente, e Carlitos, que transporta os cestos. Tudo é novo para ela, quer ver tudo ao mesmo tempo. Quando descobre alguma coisa inesperada é aos gritos que pergunta tudo. O que mais a impressiona são os índios, com os trajes compridos coloridos, as caras pintadas, os chinelos enfeitados em cima com um enorme pom-pom, de lã, de todas as cores.

Ter ao meu lado uma criança que me aperta a mão com confiança perante um perigo imaginário, uma pequena que se apóia no meu braço para me fazer sentir bem, que, no meio deste povo matizado que vai, vem. corre, grita numa explosão de vida, se sente bem protegida, tudo isso me comove profundamente e

me traz um sentimento novo: o amor paternal. “Sim, pequena Clotilde, vá tranqüila e com confiança na vida; pode ter a certeza de que, até o fim, farei tudo para afastar os espinhos do seu caminho.”

E voltamos todos contentes para o hotel, sempre com uma história engraçada para contar a Rita sobre o que nos aconteceu ou sobre o que vimos.

12

OS LAÇOS REATADOS — VENEZUELANO

Sei perfeitamente que o que o leitor espera, sobretudo, são as aventuras que pessoalmente me aconteceram e não a história da Venezuela. Que me perdoe, pois, se me detenho para contar certos acontecimentos políticos importantes que se produziram à época da minha narração. Faço-o por duas razões. Primeiro, porque eles tiveram influência no desenrolar da minha vida e nas decisões que tomei, depois, porque me apercebi, ao longo das minhas viagens nos variados países onde *Papillon* foi publicado, de que se conhece bastante mal a Venezuela.

Para a maior parte das pessoas, a Venezuela é um país da América do Sul (a maioria delas não sabe exatamente onde se situa), produtor de petróleo, um país explorado pelos americanos, como se isso não tivesse importância, numa palavra, uma espécie de colônia americana. Está longe de ser exato.

Efetivamente, a influência das companhias petrolíferas foi muito importante, mas, pouco a pouco, os intelectuais venezuelanos libertaram quase totalmente o seu país da influência da política americana.

Atualmente a independência política da Venezuela está realizada, como se prova pelos lugares e posições que ocupa nas Nações Unidas e por toda parte. Todos os partidos políticos têm em comum serem muito ciosos da liberdade de ação da Venezuela em relação a qualquer país estrangeiro. É assim que, desde a chegada ao poder de Caldera, temos relações diplomáticas com todos os países do mundo, quaisquer que sejam os seus regimes políticos.

Economicamente, é certo, a Venezuela depende do seu petróleo, mas conseguiu vendê-lo muito caro e fazer-se pagar pelas companhias petrolíferas até oitenta e cinco por cento dos seus benefícios.

A Venezuela tem outra coisa além do petróleo, do ferro e de outras matérias-primas: a Venezuela tem homens, toda uma reserva de homens cujo fim

é libertar completamente o seu país de toda pressão econômica, venha ela de onde vier. Homens que começam a provar, e provarão cada vez mais, que na Venezuela pode instalar-se, ser respeitada, subsistir, uma democracia digna como qualquer outra.

Nas universidades, verdadeiros centros de cultura de idéias políticas, os jovens apenas sonham com justiça social, com a transformação radical do seu país. Têm fé, seguros de aí chegar sem suprimir os princípios próprios da verdadeira liberdade e de conduzir à felicidade todo o seu povo, sem cair numa ditadura de extrema direita ou de extrema esquerda. Claro que isso não acontece sem manifestações de violência, que as agências de informações divulgam através do mundo, esquecendo-se pura e simplesmente de citar a verdadeira causa, que é a sede de justiça social e de liberdade. Tenho confiança na juventude deste país, que contribuirá para torná-lo uma nação digna de ser dada como exemplo, tanto pelo seu regime de verdadeira democracia, como pela sua economia, pois é preciso não esquecer que as suas enormes reservas em matérias-primas serão, num futuro próximo, completamente industrializadas. Nesse dia. a Venezuela terá ganho uma grande batalha, e a ganhará com certeza.

Para além das possibilidades de industrialização sem limite, ou quase, das suas riquezas em matérias-primas, a Venezuela é o país ideal para o turismo tal como ele deve desenvolver-se no futuro. Tudo milita a seu favor; as suas praias de areia de coral, sombreadas de coqueiros, o seu sol, que bate o de qualquer outro país, a sua pesca, sob todas as formas, numa água sempre a uma boa temperatura, os seus aeródromos, onde os maiores aviões podem aterrar, uma vida mais barata do que em qualquer parte, ilhas em profusão, uma população gentil, hospitaleira, sem qualquer problema de segregação racial. Uma hora de vôo a partir de Caracas e encontramos os índios, as aldeias lacustres de Maracaibo, os Andes e as suas neves eternas.

Dentro em breve, a Venezuela poderá acolher importantes contingentes de turistas, que, em nenhum momento, deverão lamentar ter vindo visitá-la, tantas são as possibilidades diferentes que ela oferece. Porque, se o seu povo se politiza, é em relação aos seus problemas internos. É bastante equilibrado para julgar os estrangeiros em função do regime político do país de onde vêm.

Sempre sonhei que, através dos grandes sindicatos, se desse às famílias a facilidade de se reunirem durante as férias, não nos enormes hotéis, mas em bangalôs, onde tivessem a possibilidade de viver, comer, vestir segundo as suas horas e como tivessem vontade. Os aviões andam mais depressa, os vôos fretados permitem diminuir enormemente o preço dos transportes. Então por que

é que os grandes sindicatos do mundo não possuem conjuntos bem concebidos de pequenas casas onde os seus membros possam gozar, a preços desafiando a concorrência, uma natureza e *um* clima privilegiados?

Numa palavra, pode-se dizer que a Venezuela tem de tal maneira recursos que apenas esperam ser industrializados que não há por assim dizer necessidade de uma política especial, mas de um bom contabilista rodeado de uma equipe ativa, que, com a quantidade de divisas que lhes dá o petróleo, construam fábricas para explorar as suas riquezas e alargar o mercado do trabalho para todos os que tenham necessidade dele e o desejem.

É necessário que uma revolução se faça de cima para baixo. Ela terá resultados bem mais positivos do que aquela, inevitável, *que* virá de baixo se a juventude, alimentada pelas idéias novas, não tiver consciência duma profunda modificação do sistema atual. Pessoalmente estou convencido de que a Venezuela ganhará tal batalha, e assim esta nação, que tem tudo para ser feliz e próspera, dará ao mais humilde dos seus cidadãos um elevado nível de vida e segurança.

1951... Ao chegar a esta data tenho a impressão de que não haveria, então, mais nada para contar. Conta-se a história de tempestades, de corredeiras; mas quando a água está calma, tranqüila, preferir-se-ia fechar os olhos e repousar, sem nada dizer, nessas águas claras e pacíficas. Mas as chuvas voltam a cair, os regatos se enchem, as águas pacíficas agitam-se, um remoinho apanha-nos e, mesmo se se sonhasse viver em paz, afastado de tudo, os acontecimentos exteriores agem tão fortemente sobre a nossa vida que nos obrigam a reentrar na corrente e a evitar os escolhos, a vencer os rápidos, na esperança de chegar, enfim, a um porto tranqüilo.

Depois do assassínio misterioso de Chalbaud, em fins de 1950, Perez Jimenez toma o poder, se bem que se esconda atrás do presidente duma junta fantoche, Flamerich. Começa a ditadura. Primeira manifestação: supressão da liberdade de expressão. A imprensa e o rádio são sufocados. A oposição organiza-se na clandestinidade e a terrível Seguridad Nacional, a polícia política, entra em ação. Comunistas e *adecos* (membros da Ação Democrática, o partido de Betancourt) são perseguidos.

Por várias vezes os escondemos no Vera Cruz. Nunca fechamos a porta nem pedimos a identidade seja a quem for. É com alegria que pago o meu tributo a estes homens de Betancourt, cujo regime me libertou e deu asilo. Agindo assim, arriscamo-nos a perder tudo, mas Rita compreende que não temos o direito de proceder de outro modo.

Por outro lado, o hotel tornou-se um pouco o refúgio de franceses em dificuldade, daqueles que chegaram à Venezuela com poucos recursos e não sabem para onde ir. Junto de nós, podem comer e dormir sem pagar enquanto procuram trabalho. A tal ponto que em Maracaibo me chamam o cônsul dos franceses. Entre eles, Georges Arnaud, que dormiu, comeu, se vestiu e se muniu dos meios necessários para passar à Colômbia, e que, no *Salário do medo,* contará, mais tarde, histórias que eu narrava; para nos agradecer, ainda nos denegrirá gratuitamente num dos seus últimos livros.

Mas durante estes anos operou-se um grande acontecimento em mim, quase tão importante como o reencontro de Rita: reato com a minha família. Com efeito, desde que Rita partiu, a tia Ju escreve às minhas duas irmãs. E todas, as minhas irmãs, a tia Ju, me escrevem. Vinte anos passaram, o grande silêncio acaba. Tremo ao abrir a primeira carta. Que contém ela? Não sou capaz de a ler. Repudiam-me para sempre ou, pelo contrário...

Vitória! Estas cartas são um grito de alegria de me saber vivo, numa situação honesta, casado com uma mulher de quem a tia Ju disse todo o bem que entendeu. Descubro as minhas irmãs, mas descubro também as suas famílias, que se tornam a *minha* família.

Minha irmã mais velha tem quatro filhos, três moças e um rapaz.: Seu marido me escreve ele próprio, dizendo-me que havia conservado a sua afeição intacta e que está felicíssimo de me saber livre e bem na vida. E fotografias e mais fotografias, páginas e mais páginas de recordações, e o relato da sua vida, da guerra, do que eles tiveram de fazer para poder educar os filhos. Cada palavra é lida, pesada, analisada, para bem a compreender, para lhe apreciar todo o encanto.

E como do fundo dos tempos, depois do grande buraco negro das prisões e da cadeia, a minha infância ergue-se: *Meu caro Riri...,* escreve-me minha irmã. Riri... Estou vendo a minha mãe chamando-me com o seu belo sorriso. Parece que numa fotografia que lhe enviei sou o retrato de meu pai. Minha irmã está convencida de que, se me assemelho a ele fisicamente, me devo assemelhar moralmente. Seu marido e ela não têm medo de que eu reapareça. Os polícias souberam da viagem de Rita à Ardèche e foram procurá-los para pedirem notícias de mim, e o meu cunhado respondeu-lhes: “Na verdade tivemos notícias dele. Está bem e é muito feliz, obrigado”.

A minha outra irmã está em Paris, casada com um advogado corso. Têm dois filhos e uma filha, uma boa situação. O mesmo grito: “Você está livre, é amado, tem um lar, uma boa situação, vive como toda a gente. Bravo, querido

irmão! Os meus filhos, meu marido e eu damos graças a Deus por o haver ajudado a sair vencedor desta horrível cadeia aonde o tinham lançado".

Minha irmã mais velha propõe receber a nossa filha em sua casa para que ela prossiga aí os seus estudos. Está combinado, ela irá.

Mas o que mais nos sensibiliza é que nenhum deles parece envergonhar-se de ter um irmão antigo forçado evadido da prisão.

Para completar esta chuva de extraordinárias notícias, através de um médico francês instalado em Maracaibo, Roësberg, consegui saber o endereço do meu amigo Dr. Guibert Germain, antigo médico da prisão, que, na Royale, me tratava como um membro da sua família, me recebia em sua casa, me protegia das minhas faltas e não deixava, juntamente com sua mulher, de me dar confiança no meu valor de homem. Foi graças a ele que o isolamento completo da Reclusão de São José fora abolido e graças também a ele que eu tinha podido ser colocado na ilha do Diabo para me evadir. Escrevo-lhe e, um dia, tenho a grande felicidade de receber esta carta:

Lyon, 21 de fevereiro de 1952.

Meu caro Papillon, estamos muito contentes de finalmente ter notícias suas. Há muito tempo que punha em dúvida que você tivesse procurado pôr-se em contato comigo. Durante a minha estada em Djibuti, minha mãe me disse que havia recebido uma carta da Venezuela, sem contudo poder dizer-me exatamente de quem era. Enfim, ultimamente, ela fez-me chegar a *sua carta pela Sra. Roësberg. Assim, depois de algumas atribulações, conseguimos encontrá-lo. Desde setembro de 1945, data em que deixei a Royale, muitas coisas se passaram.*

(...) Enfim, em outubro de 1951, recebi a minha nomeação para a Indochina, para onde devo partir sem demora, quer dizer, no próximo dia 6 de março, e por dois anos. Desta vez vou sozinho. Talvez depois, lá, segundo o destino que me derem, possa fazer as diligências necessárias para que minha mulher vá ter comigo.

Enfim, você está vendo como depois da última vez que estivemos juntos percorri tantos quilômetros! De todo esse passado conservo algumas boas recordações, e não consegui infelizmente encontrar nenhum daqueles que eu gostava de receber em nossa casa. Tive notícias, aliás durante muito pouco tempo, do meu cozinheiro (Ruche), que se havia instalado em Saint-Laurent;

depois, em seguida à minha partida para Djibuti, nunca mais soube nada dele. Seja como for, estamos muito contentes de saber que você está feliz, de boa saúde e finalmente confortavelmente instalado. A vida tem muito de estranho, mas, enfim, lembro-me de que você nunca desesperou e *que tinha boas razões para isso.*

Gostamos muito da fotografia que você tirou ao lado da sua mulher e por ela temos a prova do seu êxito. Talvez um dia tenhamos a possibilidade de lhe ir fazer uma visita, quem sabe! Os acontecimentos ultrapassam-nos. Pela fotografia pudemos ver que você teve bom gosto, sua mulher tem um ar encantador e o *hotel parece muito agradável. Meu caro Papillon, você me desculpará que o trate pelo apelido, mas ele nos desperta tantas recordações!*

(. ..) Eis aqui, meu velho, um pouco da nossa vida. Pode estar certo de que temos tido muitas ocasiões de falar em você e *sempre nos lembramos daquele famoso dia em que o Mandolin*[1] *meteu o nariz aonde não* era *chamado.*

[1] *Em* Papillon, *Bruet, o vigilante que tinha descoberto a jangada escondida no túmulo. (N. do A.)*

Meu caro Papillon, envio-lhe juntamente uma fotografia onde estamos os dois, tirada em Marselha, há cerca de dois anos, na Canebière.

Despeço-me com saudade esperando ter notícias suas de tempos a *tempos.*

Minha mulher e *eu endereçamos* à sua *mulher a nossa melhor amizade* e para *você as nossas melhores saudações.*

A. Guibert-Germain.

E, a seguir, quatro linhas da Sra. Guibert-Germain:

Os meus melhores cumprimentos pelo seu êxito e para ambos os meus desejos de um Ano Novo feliz. A minha melhor recordação para o meu "protegido".

M. Guibert-Germain.

A Sra. Guibert-Germain não irá ter com o seu marido à Indochina. Ele foi morto em 1950 e eu nunca mais verei esse médico cheio de modéstia que terá sido um dos raros homens, com o Maior Péan, do Exército da Salvação, e poucos outros, com a coragem de defender idéias humanas em favor dos forçados e, quanto a ele, a chegar a certos resultados no exercício das suas funções. Não há palavras bastantes para dizer o respeito que se deve a pessoas como ele e a uma mulher como a sua. Contra todos, e pondo em risco a sua carreira, ele dizia que um homem permanece um homem e que não se acha irremediavelmente perdido, mesmo que tenha cometido um grave delito.

Há também as cartas da tia Ju. Não são as de uma madrasta que nunca nos conheceu, mas verdadeiras cartas de uma mãe, com palavras que só um coração de mãe pode encontrar. Cartas em que ela me fala da vida de meu pai até a sua morte, desse professor primário respeitador das leis e dos magistrados e que dizia, apesar de tudo: “O meu rapaz estava inocente, sei bem disso, mas esses malandros o condenaram! Onde poderá estar ele agora, que se evadiu? Estará morto ou vivo?” Cada vez que os da Resistência da Ardèche obtinham êxito numa operação contra o ocupante, ele dizia: “Se Henri aqui estivesse, iria com certeza para junto deles”. Seguiam-se meses de silêncio durante os quais ele não pronunciava o nome do filho. Podia-se dizer que colocava a sua ternura por mim acima dos seus netos, que ela amimava como poucas avós o fazem, com uma paciência inesgotável.

Devoro tudo isso como um esfomeado. Todas essas preciosas cartas onde se reatam os laços quebrados há tantos anos com a minha família, nós as líamos e relíamos, eu e Rita, e conservamo-las como verdadeiras relíquias. Devo agradecer a Deus o fato de que todos os meus, sem exceção, tenham tanto amor por mim e coragem para, apesar da sua condição burguesa, se rirem do que os outros possam pensar e me dizerem da sua alegria de me achar vivo, livre e feliz,

Na verdade é preciso coragem, pois a sociedade é dura e não perdoa facilmente a uma família ter *um* delinqüente entre os seus membros. Houve mesmo pessoas bastante ignóbeis para dizerem: “Oh, essa família é toda igual, da mesma raça do forçado”.

1953, vendemos o hotel. Com o tempo, o calor esmagador de Maracaibo nos fatiga muito e, de qualquer maneira, Rita e eu temos o gosto da aventura e não tencionamos acabar os nossos dias aqui. Tanto mais que tenho ouvido falar num grande desenvolvimento na Guiana venezuelana, onde foi descoberta uma montanha de ferro quase puro. É na outra extremidade do país, portanto a caminho de Caracas, onde faremos escala e examinaremos a situação.

É no meu enorme De Sotto verde, carregado de bagagem, que partimos uma bela manhã, deixando atrás de *nós* cinco anos de felicidade tranqüila e os nossos numerosos amigos maracuchos e estrangeiros.

E redescubro Caracas. Mas será na verdade Caracas? Vejamos, não nos teremos enganado de cidade?

Este execrável *Perez* Jimenez, no fim da interinidade de Flamerich, fez-se nomear presidente da República, mas, entretanto, decidiu fazer de Caracas, cidade colonial, uma verdadeira capital ultramoderna. Tudo isso durante uma época de violência e crueldade sem discriminação, tanto do lado governamental como do lado da oposição clandestina. É assim que Caldera, atual presidente da República desde 1970, escapa a um horrível atentado: uma bomba de extraordinária potência é lançada no quarto onde dormia com a mulher e um filho. Por verdadeiro milagre nenhum deles morreu e, com um sangue-frio extraordinário, sem gritos, sem pânico, ele e a mulher se limitaram a rezar para agradecer a Deus ter-lhes salvado a vida. Isso se passou em 1951 e sublinho que ele era já social-cristão e não veio a tornar-se tal em razão deste milagre.

Mas, apesar de todas as dificuldades encontradas durante a sua ditadura, Perez Jimenez transformou totalmente Caracas e muitas outras coisas.

A velha estrada que desce de Caracas para o aeroporto de Maiquetia e para o porto de La Guaíra continua a mesma, mas Perez Jimenez fez construir uma magnífica auto-estrada, notável tecnicamente, que permite ligar a cidade ao mar em menos de um quarto de hora, enquanto antes eram precisas duas horas pela antiga estrada. No bairro do Silêncio, obra de Medina, fez erguer imensos imóveis tão grandes como em Nova York. Abre em pleno centro da cidade uma auto-estrada extraordinária, com três faixas de rodagem, que a atravessa de lado a lado. Sem falar do melhoramento da rede de estradas, da construção de conjuntos de urbanismo e outras transformações. É uma verdadeira dança de milhões de dólares, e uma poderosa energia desperta deste país adormecido há séculos. Os outros países olham-no de diversa maneira e capitais estrangeiros afluem, ao mesmo tempo que especialistas de todo gênero. A vida transforma-se, a imigração abre-se a este sangue novo, mais adaptado à vida moderna, tornando positivo o novo ritmo de vida que o país seguiu. O único erro, a meu ver muito grande, foi o de não aproveitar ou aproveitar muito pouco, nesta época, a presença de técnicos estrangeiros para dar uma formação técnica a milhares de jovens que teriam assim adquirido uma profissão ou uma especialização.

Aproveito a nossa escala em Caracas para retomar contato com amigos e para saber o que é feito de Picolino. Durante estes últimos anos, mandei

regularmente pessoas visitá-lo e levar-lhe algum dinheiro. Um amigo que encontro entregou-lhe da minha parte, em 1952, uma pequena soma que ele me tinha mandado pedir para se instalar em La Guaíra, perto do porto. Muitas vezes lhe ofereci para vir viver conosco em Maracaibo, mas todas as vezes me dizia que só em Caracas havia médicos. Parecia que recuperara mais ou menos o uso da fala e que o seu braço direito também funcionava melhor. Agora ninguém sabia o que lhe acontecera. Tinham-no visto arrastar-se pelo porto de La Guaíra e depois havia desaparecido completamente. Talvez tivesse tomado um barco para a França. Não soube mais nada dele, e sinto pena de não ter feito nada, antes da viagem a Caracas, a fim de o convencer a ir para Maracaibo.

A situação é clara: se não encontrarmos aquilo de que precisamos na Guiana venezuelana — onde há o famoso incremento do ferro e onde um general arquiteto, o General Ravard, acaba de desbravar a explosiva floresta virgem e os seus imensos cursos de água, para provar que, apesar da sua força ilimitada, podem ser dominados —, voltaremos para nos instalar em Caracas.

O De Sotto cheio de malas, Rita e eu marchamos para a capital deste Estado, Ciudad Bolívar, situada à beira do Orenoco. Mais de oito anos passaram quando volto a encontrar esta cidade provincial cheia de encanto, onde as pessoas são gentis e acolhedoras.

Depois de uma noite no hotel, apenas nos tínhamos instalado numa esplanada para tomar um café quando um homem pára à nossa frente. Grande, seco, queimado pelo sol, um pequeno chapéu de palha na cabeça, aparentando cinqüenta anos, pisca os olhinhos que quase desaparecem por entre a fenda das pálpebras.

— Ou eu estou doido, ou você é um francês que se chama Papillon — disse-me ele.

— Devia ser mais discreto, meu velho. E se a senhora que está comigo não estivesse a par?

— Desculpe. Fiquei de tal maneira surpreendido que nem percebi que estava dizendo uma estupidez.

— Não falemos mais disso e sente-se aqui conosco.

Trata-se de um velho amigo, Marcel B. Conversamos. Está completamente espantado de me ver em tão boa forma e acha que eu alcancei uma boa situação. Digo-lhe que tive sobretudo muita sorte, porque, quanto a ele, não precisa me dizer que falhou, pois o seu traje fala por ele. Convido-o para almoçar. Depois de alguns goles de vinho chileno:

— Pois, minha senhora, tal como me vê aqui eu era um sujeito forte e destemido na minha juventude. Calcule que depois da minha primeira fuga da prisão cheguei até o Canadá e me alistei nada mais nada menos do que na Polícia Montada canadense! Devo dizer que sou um velho couraçado. Poderia ali ter ficado o resto da vida, mas um dia estava bêbado, comecei a brigar e o meu adversário caiu sobre a minha faca. É como lhe digo, Sra. Papillon! Esse canadense caiu em cima da minha faca.

"Não me acredita, não é? Pois bem, como eu sabia que a polícia canadense também não me acreditaria, evadi-me sem uma palavra e, depois de ter passado pelos Estados Unidos, cheguei a Paris. Certamente denunciado por um imbecil qualquer, fui preso, de novo enviado para o degredo, e foi lá que conheci o seu marido. Éramos dois bons amigos."

— E agora que faz você, Marcel?

— Tenho uma plantação de tomates em Morichales.

— E como vai isso?

— Não vai grande coisa. Por vezes uma camada de nuvens não deixa o sol surgir abertamente. A gente sabe que ele está lá, mas não o vê. Somente lança raios invisíveis que matam os tomates em poucas horas.

— E por quê?

— Mistério da *natureza,* meu velho. A causa eu a ignoro, mas o resultado conheço-o.

— Vocês são muitos, os antigos forçados, aqui?

— Uma vintena.

— Felizes?

— Mais ou menos.

— Precisa de alguma coisa?

— Papi, palavra que sem a sua oferta eu não lhe pediria nada. Mas vejo que a sua situação não é má e, desculpe-me, minha senhora, vou pedir-lhe algo muito importante.

Penso rapidamente: "Desde que não se trate de coisa muito cara!"

— De que é que você precisa? Diga, Marcel.

— De umas calças, um par de sapatos, uma camisa e uma gravata.

— Ande, suba para o carro.

— É seu isto? Seu malandro, você tem tido sorte!

— Sim, muita sorte.

— Quando você parte?

— Esta tarde.

— É pena, porque senão você podia transportar os noivos no seu carrão.

— Que noivos?

— É verdade, não lhe disse que o terno era para ir ao casamento de um antigo forçado.

— Eu o conheço?

— Não sei. Chama-se Maturette.

— O que é que você diz? Maturette?

— Pois é. Que é que isso tem de especial? Trata-se de algum inimigo?

— Pelo contrário, trata-se de um grande amigo, Não parto mais.

Maturette! O pequeno pederasta a quem não só tínhamos permitido a evasão do hospital de Saint-Laurent-du-Maroni, mas que havia feito conosco dois mil quilômetros numa barca em pleno oceano.

Não se falou mais de partir. No dia seguinte assistimos ao casamento de Maturette com uma gentil moça cor de café com leite. Não podia fazer menos do que pagar a conta e vestir os três filhos que eles tinham tido antes de se apresentarem perante o padre. Foi uma das raras vezes que lamentei não ser batizado, pois isso impediu-me de lhe servir de padrinho.

Maturette vive num bairro pobre onde o De Sotto faz sensação, mas possui, apesar de tudo, uma pequena casa de tijolo, asseada, com cozinha, ducha e sala de jantar. Não me contou a sua segunda fuga e eu não lhe contei a minha. Única alusão ao passado:

— Com um pouco mais de sorte, poderíamos ter ficado livres dez anos mais cedo.

— Sim, mas os nossos destinos teriam sido diferentes. Sou feliz, Maturette, e você também me parece ter um ar feliz.

É com um nó na garganta que nos despedimos.

E continuando a rolar para Ciudad Piar, a cidade que se ergue ao lado da jazida de ferro que se apressam a explorar, falo a Rita de Maturette, das extraordinárias reviravoltas e situações da vida. Com ele escapei vinte vezes de

morrer no mar, arriscamos tudo, fomos apanhados, reconduzidos à prisão, apanhou como eu dois anos de Reclusão. E agora que estamos a caminho de uma nova aventura é por um extraordinário acaso que não só o encontro, mas ainda por cima na véspera do seu casamento, achando-se colocado numa situação, embora modesta, feliz. E vem-nos simultaneamente este mesmo pensamento: “O passado não quer dizer nada, apenas conta aquilo em que nos tornamos”.

Em Ciudad Piar não achamos nada que nos convenha e regressamos a Caracas, para aí adquirirmos um negócio próspero.

Rapidamente encontramos um que corresponde simultaneamente às nossas capacidades e possibilidades financeiras. Trata-se de um restaurante cujos proprietários pretendem mudar-se, e que nos convém perfeitamente, o Aragon, à beira de um lugar muito belo, o Parque Cardobo. Não foi fácil no início, pois os anteriores proprietários tinham vindo das ilhas Canárias e foi preciso transformar tudo. Fizemos novos cardápios, meio franceses meio venezuelanos, e a nossa clientela aumenta de dia para dia. Dentre ela, muitas profissões liberais: médicos, dentistas, engenheiros químicos, advogados. E também industriais. E neste bom ambiente os meses passam sem história.

Eram nove horas da manhã, uma segunda-feira, exatamente no dia 6 de junho de 1956, quando nos chega uma notícia extraordinária: o Ministério do Interior notifica-me de que o meu pedido de naturalização foi aceito.

Hoje, é um grande dia, é a recompensa de mais de dez anos passados na Venezuela, sem que as autoridades tenham julgado censurável fosse o que fosse na minha vida de futuro cidadão. Estamos a 5 de julho de 1956, dia da festa nacional. Vou jurar fidelidade à bandeira da minha nova pátria, aquela que me aceitou, conhecendo o meu passado. Somos trezentos em frente da bandeira. Rita e Clotilde estão sentadas entre o público. Difícil dizer o que sinto, de tal modo as idéias se embaralham na minha cabeça, de tal modo tudo isso se agita dentro do meu peito. Penso no que me deu este povo venezuelano: ajuda material e moral sem me falar do meu passado uma única vez. Penso naquela lenda dos ianomanos, índios que vivem na fronteira com o Brasil, segundo a qual se consideram filhos de Peribo, um grande guerreiro que, achando-se em perigo de ser abatido pelas flechas inimigas, saltou tão alto para escapar à morte que subiu pelos ares, não sem que tenha sido atingido por numerosas flechas. Ia subindo sempre e das feridas caíam gotas de sangue que, ao tocarem o solo, se transformavam em ianomanos. É verdade, penso nesta lenda e pergunto a mim próprio se Simón Bolívar, o libertador da Venezuela, não terá ele também semeado o seu sangue sobre este país para dar origem a uma raça de homens

generosos, humanos, legando-lhes o melhor de si mesmo.

Toca-se o hino nacional. Toda a gente está de pé. Olho fixamente a bandeira estrelada que sobe ao mastro e as lágrimas correm-me pela cara abaixo.

A plenos pulmões, com os outros, eu, que tinha pensado nunca mais cantar um hino nacional na minha vida, entôo as palavras do hino da minha nova pátria: *“Abajo cadenas...”* (Abaixo os grilhões.)

É verdade, é hoje e para sempre que sinto verdadeiramente cair as algemas a que me amarraram. Para sempre.

— Jurem fidelidade a esta bandeira que é a sua agora.

Solenemente, os trezentos, a juramos, mas estou certo de que, entre todos, o que o faz com mais sinceridade sou eu, Papillon, aquele a quem a mãe-pátria condenou pior do que à morte por uma falta que não tinha cometido. Sim, se a França é a minha terra, a Venezuela é o meu céu.

13

VINTE E SETE ANOS DEPOIS — A MINHA INFÂNCIA

Os acontecimentos se precipitam rapidamente. Venezuelano, posso ter um passaporte e o obtenho com facilidade. Tremo de emoção quando o entregam a mim. E continuo a tremer quando o vou buscar na Embaixada da Espanha com um visto de três meses. E ainda tremo quando o carimbam no embarque a bordo do *Napoli, uma* bela embarcação que nos conduz, a Rita e a mim, a Barcelona, a caminho da Europa. Tremo ao recebê-lo das mãos do guarda civil, na Espanha, carimbado com o visto de entrada. Este passaporte, que me tornou de novo cidadão de um país, é um tesouro de tal ordem que Rita pôs em cada bolso interior do meu casaco um zíper, para que eu não o possa perder seja em que circunstância for.

Tudo é belo nesta viagem, mesmo o mar quando está bravo, mesmo a chuva quando fustiga a ponte, mesmo o guarda, tipo de poucos amigos, que a custo me deixa descer ao porão, para me certificar se o grande Lincoln que compramos está bem amarrado. Tudo é belo uma vez que Rita e eu temos o coração em festa. Quer seja na sala de jantar, no bar, no salão, haja ou não gente à nossa volta, os nossos olhos se procuram para poderem falar sem que ninguém nos entenda. Porque se vamos para a Espanha, para junto da fronteira francesa, durante anos e anos não julguei realizável esta possibilidade. E os meus olhos dizem a Rita:

— Obrigado, querida. É graças a você que vou de novo encontrar *os meus.* E é pela sua mão que o faço.

E os seus olhos me dizem:

— Eu lhe havia prometido isso. Um dia, se você o quisesse e quando o quisesse, se tivesse confiança em mim, poderia ir beijar os seus sem nada temer.

Na verdade, esta viagem preparada às pressas destina-se a encontrar-me com a minha família, em solo espanhol, ao abrigo da polícia francesa. Há vinte e

seis anos que não os vejo. Todos concordaram em vir ter conosco. Passaremos um mês juntos, serão meus convidados. O seu mês de férias é agosto.

Os dias vão correndo e, por vezes, vou alguns *momentos* à frente, na ponte, como se esse pedaço do barco estivesse mais perto do nosso fim. Passamos Gibraltar e voltamos a perder a terra de vista. Estamos aproximando-nos.

Confortavelmente instalado numa cadeira de repouso, na ponte do *Napoli*, as pernas estendidas sobre esta espécie de meia-lua de madeira branca que prolonga a cadeira, os meus olhos buscam avidamente o horizonte, onde vai, de um momento para o outro, aparecer terra européia. Terra da Espanha, junto à terra francesa.

1930-1956: vinte e seis anos. Tinha vinte e quatro, tenho hoje cinqüenta. Toda uma vida. Há pessoas que morrem antes de chegar a esta idade. O coração bate-me fortemente, quando, *sem* qualquer possibilidade de erro, diviso a costa. O barco navega rapidamente, rasga a água num enorme *V* cuja base vai aumentando de tal maneira que pouco a pouco desaparece e se confunde com o mar.

Quando deixei a França a bordo do *La Martinièr*e, o barco maldito, uma prisão precoce, que nos conduziu à Guiana, aí, enquanto o barco se afastava da costa, não podia ver a terra, *a minha terra*, afastar-se pouco a pouco de mim para sempre (assim o julgava então), porque nós íamos metidos em jaulas de ferro, no fundo do porão.

E hoje, no meu casaco de *yachtman*, bem protegido pelo zíper posto por Rita, encontra-se o meu novo passaporte, o da minha nova pátria, da minha outra identidade: “Venezuelano. Venezuelano? Você, um francês filho de franceses, mais do que isso, professores primários, e da Ardèche ainda por cima? Mas vá lá, apesar de tudo!”

Nesta terra da Europa que se aproxima tão depressa que se consegue definir nitidamente os contornos, nesta terra repousa a minha mãe, repousa o meu pai, ambos mortos, e vivem os restantes meus.

Minha mãe? Uma mãe, uma fada, uma comunhão tão grande entre mim e ela que não formávamos mais do que um único ser.

Tinha cinco anos, *talvez*, quando meu avô Thierry me comprou um belo cavalo mecânico. Belo, magnífico, o meu garanhão. Castanho-claro, quase branco. E que crina! Negra, de crina natural, sempre tombada sobre o lado direito. Pedalo com tanta força que, em terreno plano a empregada é obrigada a

correr para me acompanhar. Depois dá-me um empurrão na pequena ladeira a que chamo “a encosta” para, após mais uma extensão plana, chegar ao jardim de infância.

A Sra. Bonnot, a diretora, amiga da mamãe, me recebe em frente da escola, acaricia-me os longos cabelos encaracolados que me caem sobre os ombros, como os de uma menina, e diz ao porteiro, Louis:

— Abra a porta de par em par para o Riri entrar na escola em cima do seu grande cavalo.

Altivo como D’Artagnan, pedalando com toda a força entro a toda a velocidade no pátio da escola. Dou, primeiro, uma grande volta de honra, depois desço calmamente da montaria e a conduzo pela mão, com medo de que ela comece a rolar e me fuja. Dou um beijo na empregada, Thérèse, que me leva o lanche, e na Sra. Bonnot. Todos os meus pequenos camaradas, meninos e meninas, vêm admirar e acariciar esta maravilha, o único cavalo mecânico que existe nas duas pequenas aldeias de Pont-d’Ucel e Pont-d’Aubenas.

Custa-me um bocado fazer o que minha mãe me pede todos os dias antes de partir: emprestá-lo a todos, um de cada vez, mas faço-o apesar de tudo. Quando toca a campainha, Louis, o porteiro, arruma o cavalo debaixo do alpendre e, uma vez em forma, entramos na aula cantando *Não iremos mais* ao *bosque.*

Sei que com a minha maneira de contar farei sorrir alguns, mas é preciso compreender que, quando narro a minha infância, não é o homem de sessenta e cinco anos escrevendo para salões mundanos; é a criança, é o Riri de Pont-d’Ucel que conta de tal maneira uma infância que se gravou tão profundamente nele que escreve com as palavras que então empregava, com as palavras que então ouvia. E, assim, minha mãe era a minha “fada”, as minhas irmãs, “manas”, eu o seu “mano”, e meu pai nunca foi outra coisa senão “papai”.

A minha infância... Um jardim onde cresciam as groselhas que eu e as minhas irmãs comíamos ainda verdes; as peras que estava proibido de apanhar antes de o papai dar ordem; mas, como a pereira era baixa, eu trepava como um índio, para que ninguém me pudesse ver das janelas da casa (que ficava no primeiro andar), e comia montões que me provocavam cólicas.

Eu já tinha oito anos e muitas vezes ainda adormecia nos joelhos do papai ou no colo da mamãe. Nem percebia quando me despiam ou quando as mãos finas de mamãe me vestiam o pijama. Por vezes, quando ela se aproximava da minha pequena cama, eu despertava um pouco, punha o braço por detrás do seu

pescoço, apertava-a contra mim. as nossas respirações confundiam-se, durante muito, muito tempo, e então adormecia, finalmente, sem me aperceber do momento em que ela se retirava. Eu era o mais mimado dos três: ê natural, eu era o rapaz, o futuro herdeiro do nome. Elas, as manas, eram, no entanto, mais velhas do que eu, muito mais. A mais crescida tem já onze anos e a mais nova dez. Sejamos, contudo, justos, o rei sou eu, não é verdade, mamãe? Elas são as princesas.

Como é bela a mamãe, esbelta, sempre elegante! Para que descrevê-la? É a mais bela das mamães, a mais distinta, a mais doce Veia-se como ela toca piano, mesmo quando eu, ajoelhado numa cadeira por detrás do seu banco, lhe tapo os olhos com as minhas mãozinhas. Não é maravilhoso ter uma mãe que toca piano sem ver a música nem as teclas? De resto ela não estava destinada a ser professora!

Meu avô era muito rico e a mamãe não estudou na escola oficial, Ela e a tia Léontine freqüentaram as escolas mais caras e mais seletas de Avinhão, como todas as filhas da boa burguesia! E não é culpa da minha mamãe se meu avô gostava da grande vida, colocando-se numa carruagem com dois esplêndidos cavalos pedreses ou num *tonneau*{10} de teca, sim, de teca, para ir ao campo puxado por um magnífico cavalo negro. E a minha linda mamãe, que não teria nunca tido necessidade de trabalhar, com o belo dote que a esperava, que poderia ter feito um belo casamento, eis que um dia se vê na obrigação de ser uma simples professora primária. Pobre mamãe, que, pelo fato de o seu pai, embora pessoa muito gentil, ter levado uma vida à larga (ninguém diria ao vê-lo), passando por grande senhor em Avinhão e tendo encontros freqüentes com belas camponesas nos seus passeios no campo, se viu sem qualquer dote e obrigada a trabalhar!

Tudo isso, bem entendido, apanho eu no ar quando as pessoas crescidas falam sem prestar atenção na presença de uma criança, particularmente titia Ontine (tia Léontine), que recolheu meu avô em sua casa, em Fabras. De resto tanto a mamãe como a sua irmã teriam podido salvar qualquer coisa se meu avô não tivesse tido a idéia louca de fazer jardins suspensos por cima dos tetos das suas casas de Sorgue. “Julgava que estava na Babilônia!”, dizia a titia Ontine. A mamãe, docemente, retificava: “Deve-se ser justo, esses jardins sobre os tetos eram esplêndidos”. O único contra é que, por causa desses “esplêndidos” jardins, as casas começaram a rachar ao ponto de as suas quatro paredes terem de ser reforçadas com grossas barras de ferro em X. Resultado: belas casas vendidas a um preço ridículo.

Meu avô era formidável. Tinha um cavanhaque e um bigode cor de neve, como Raymond Poincaré. De mão dada vou com ele, de manhã, de sítio em sítio. Como é secretário da Câmara de Fabras, aonde vou sempre nas férias (“Ao menos que ganhe para os cigarros”, dizia a tia Léontine), tem sempre papelada dos camponeses para levar ou trazer. Notei que minha tia tem razão quando diz que ele pára durante mais tempo em determinado sítio onde a sitiante é bonita. Mas ele me explica que a beleza da proprietária do sítio onde nos demoramos mais tempo não tem nada a ver com o caso. Somente lhe agrada falar com ela porque é amável e boa conversadora. A mim me convém, pois é o único sítio onde me deixam montar o burrinho da casa e onde posso levar comigo Mireille, que é da minha idade e que sabe brincar de papai e mamãe muito melhor do que a minha vizinha de Pont-d’Ucel.

— Como somos felizes — diz a mamãe. — Felizmente o seu avô se arruinou. Assim pude conhecer o seu pai, o mais maravilhoso dos homens. De resto, meu Riri, você não estaria aqui se eu não tivesse ficado sem nada.

— E onde estava então?

— Longe, muito longe, mas nunca aqui.

— Ah, minha mãe, minha fada, que sorte eu tive em o avô gostar dos jardins suspensos!

Tenho oito anos e as asneiras começam. Vou nadar às escondidas no Ardèche. Aprendi sozinho no canal, que é fundo mas tem apenas cinco metros de largura. Não temos calções de banho, naturalmente, e tomamos banho nus. Somos sete ou oito rapazes. É preciso estar de olho no guarda do campo. Lanço-me à água. Devo deitar-me de barriga para baixo e, com o simples impulso do mergulho atingir quase a outra margem. Duas ou três braçadas rapidamente e, uf! aí estou, me agarrando aos juncos. À chegada, um, mais velho, espera os menores, como eu. Vigia-nos atentamente. É ele que, com doze anos, consciente da sua responsabilidade, nos estende a mão para subirmos para a margem, ou mergulha rapidamente se algum de nós tem dificuldade em se agarrar aos juncos.

Ah! aqueles dias de sol na água do meu Ardèche! As trutas que se pescavam com a mão! Só regresso a casa quando estou completamente enxuto. Há dois anos que uso o cabelo curto, tanto melhor, pois seca mais depressa.

Ao lado da escola primária, onde ocupamos, no primeiro andar, os dois alojamentos — uma vez que o papai dá aula aos meninos e a mamãe às meninas —, existe um sítio de café explorado pelos Debannes. A mamãe sabe que desde que eu esteja em casa desta boa gente me encontro sempre em segurança, e

assim, venha de onde vier, quando me perguntam: “Donde você está vindo, Riri?”, respondo sempre: “Da casa dos Debannes”. E com essa explicação não há mais conversa.

1914. É a guerra e o papai parte. Vamos acompanhá-lo até o trem. Vai integrado nos caçadores alpinos, voltará depressa Disse-nos:

— Portem-se bem, obedeçam à mamãe. E vocês, meninas, ajudem-na no trabalho da casa, porque ela vai ficar sozinha tomando conta das duas classes, a dela e a minha. Isto vai ser breve, toda a gente o diz.

E na estação vemos, os quatro, partir o trem, onde o nosso pai nos faz grandes adeuses com o corpo meio saído da janela, para nos poder olhar durante mais tempo.

Em casa estes quatro anos de guerra não têm qualquer influência sobre a nossa felicidade. Unimo-nos um pouco mais. Durmo com a mamãe na sua larga cama onde tomei o lugar do papai, que, na frente, se bate como um bravo que é.

Quatro anos na história do mundo não são nada.

Quatro anos para uma criança de oito anos são muito importantes.

Cresço depressa e brinco de soldado e de batalhas. Volto todo quebrado, cheio de galos, mas, vencedor ou vencido, sempre contente e sem uma lágrima. A mamãe me trata os arranhões e me põe carne fresca sobre o olho inchado. Calmamente, repreende-me um pouco, sem nunca gritar. As suas censuras são mais um murmúrio e é preciso que as minhas irmãs não ouçam a lição de moral. Tudo deve ficar entre nós dois:

— Seja gentil, meu pequeno Riri, a mamãe está cansada. Esta turma de sessenta alunos é esgotante. Não posso mais, veja bem, isso ultrapassa as minhas forças. Ajude-me, meu tesouro, sendo obediente e gentil.

Tudo isso termina com alguns beijos e o compromisso de me portar bem, entre um dia e uma semana. Tenho sempre cumprido os meus contratos.

A minha irmã mais velha está crescida, tem treze anos, e Yvonne doze. Eu sou o menor e também elas gostam muito de mim. É certo que às vezes lhes puxo os cabelos, mas é raro.

O piano se fechou no dia em que o papai partiu para a guerra e não se abre até ele voltar.

Roubam-nos a lenha arrumada debaixo do alpendre da escola e a mamãe, nervosa, tem medo durante a noite. Enrosco-me contra ela, abraço-a com os meus bracinhos de criança e fico com a impressão de que a protejo, enquanto lhe

digo:

— Não tenha medo, mamãe, eu sou o homem da casa e sou suficientemente grande para defendê-la.

Atirei com a espingarda do papai dois cartuchos de caça no javali. Uma noite, a minha fada acordou, me abanou e, escorrendo suor, cochichou ao meu ouvido:

— Ouvi ladrões, fizeram barulho ao roubarem a lenha.

— Não tenha medo, mamãe.

E sou eu que a tranqüilizo. Levanto-me calmamente para que não se ouça no pátio qualquer ruído do nosso quarto. Pego na espingarda. Abro a janela, que range um pouco, com todas as precauções, Sustenho a respiração e, puxando com uma mão um dos batentes, levanto o fecho com a ponta do cano. Levo a coronha ao ombro pronto a atirar sobre os ladrões e afasto o batente, que volta *sem* ranger. A lua ilumina o pátio como em pleno dia e vê-se perfeitamente que debaixo do alpendre não há ninguém. O monte de lenha continua perfeitamente arrumado:

— Não há nada, mamãe, venha ver.

E os dois, abraçados, ficamos um momento à janela, tranqüilos pela certeza de que não havia ladrões e a mamãe feliz por saber o filho corajoso.

Apesar de toda essa felicidade, aos dez anos, sem o *papai* em casa, acontece-me fazer alguns disparates, embora eu não queira magoar a minha mamãe-fada, que adoro. Mas espero sempre que ela nunca o saiba. Um gato amarrado pelo rabo à campainha duma porta, a bicicleta do guarda-rios, que tinha ido ao rio para apanhar em transgressão os pescadores com rede, e que nós jogávamos da ponte ao Ardèche. E tantas outras... A caça aos pássaros com funda, e por duas vezes, entre os dez e os onze anos, eu e o pequeno Riquet Debannes partimos para o campo com a espingarda para caçar um coelho que ele havia visto faltando num campo. Tirar e tornar a pôr a espingarda em casa, por duas vezes, sem que a mamãe o visse, constituía para nós uma verdadeira aventura.

1917. Papai é ferido. Tem uma porção de pequenos estilhaços de obus na cabeça, mas a sua vida não está em perigo. O choque é violento e a notícia chega através da Cruz Vermelha. Não há gritos nem praticamente choros. Vinte e quatro horas depois estamos todos pesarosos. A mamãe deu aulas. Ninguém desconfia de nada. Observo minha mãe e sinto admiração por ela. Geralmente fico na primeira fila de carteiras, mas hoje coloquei-me no fim da classe para

poder vigiar todos os alunos, decidido a intervir se algum se portasse mal durante a aula. Às três e meia a mamãe está esgotada e me apercebo disso, pois deveríamos ter tido ciências naturais. Ela resolve a situação escrevendo no quadro o enunciado dum problema de aritmética e dizendo:

— Tenho necessidade de me ausentar uns minutos. Façam este problema do caderno de exercícios.

Saio atrás dela. Encontro-a encostada à mimosa que está precisamente à direita da porta de entrada. Chora. Cedeu ao peso do desgosto, a minha mamãe querida. As minhas irmãs não estão, foram ã Escola Superior de Aubenas e não regressarão senão pelas seis horas.

Encosto-me a ela mas não choro, pelo contrário. Tento reconfortá-la. E o meu coração de criança encontra esta resposta quando ela me diz, soluçando, que o meu pai estava ferido, como se eu não o soubesse:

— Ainda bem, mamãe. A guerra acabará para ele e temos assim a certeza de que regressa vivo a casa.

E de repente a mamãe reconhece que tenho razão.

— Pois é! Tem razão, querido, o papai vai regressar vivo.

Um beijo na minha testa, um beijo na sua face e de mãos dadas regressamos à sala de aulas.

A costa da Espanha torna-se cada vez mais nítida e posso distinguir já manchas brancas anunciando as casas. A costa se aviva como se avivam as férias de 1917, passadas em Saint-Chamas, para onde o papai foi designado como vigilante do paiol. Não eram muito graves os seus ferimentos. Só algumas perturbações, devidas à infinidade de pequenos estilhaços alojados na cabeça e que não podiam ser removidos. Passou aos serviços auxiliares e assim deixou a frente.

Há dificuldade de alojamento, tal a terra se encontra superpovoada. As pessoas vivem em grutas. No entanto, o papai conseguiu um milagre. A professora de Saint-Chamas emprestou-lhe o apartamento durante as férias maiores. Dois meses inteiros com o papai! Há na casa da escola tudo o que é preciso, até uma marmita norueguesa.

Estamos enfim reunidos, felizes, cheios de saúde e alegria.

Mamãe está radiante. Conseguimos ver-nos livres desta horrível guerra, embora para os outros ela continue ainda. E nos relembra:

— Não devemos ser egoístas, meus queridos, e pensar apenas em nós e na

brincadeira. Não se deve passar os dias correndo e apanhando jujuba. Devemos ajudar os outros pelo menos três horas por dia.

E a acompanhamos ao hospital aonde vai todas as manhãs encorajar e tratar os feridos.

Cada um de nós deve fazer qualquer coisa de útil: empurrar a cadeira de rodas dum ferido em estado grave, dar o braço a um cego, pôr ligaduras, oferecer-lhes jujuba, escrever cartas, ouvir as histórias dos doentes que se encontram de cama e que falam da família, especialmente dos filhos.

E foi ao regressar um dia a casa, de trem, que, em Vogué, a mamãe se sentiu tão doente que fomos para a casa da irmã de meu pai, a tia Antoinette, também professora, em Lanas, a trinta quilômetros de Aubenas.

Afastam-nos da mamãe, tendo o médico diagnosticado uma doença contagiosa desconhecida, certamente contraída ao tratar dos indochineses em Saint-Chamas.

As minhas irmãs foram internadas na Escola Superior de Aubenas e eu na escola superior de rapazes, igualmente em Aubenas.

Parece que a mamãe vai melhorando. No entanto, sinto-me triste e recusei ir passear com os outros, hoje, domingo. As minhas irmãs vieram visitar-me e regressaram ao seu internato. Acompanhei-as até fora dos edifícios da escola. Sinto-me só e lanço uma faca ao tronco dum plátano. Quase sempre, em cada golpe, fica espetada na casca da árvore.

É na estrada em frente da escola que passo assim os meus dias, o coração velado. Esta estrada vem da estação da estrada de ferro de Aubenas, que se encontra pouco mais ou menos a quinhentos metros.

Ouvi o trem apitar à chegada e à partida. Como não espero ninguém, não olho para o fim da estrada, donde aparecerão as pessoas que desceram do trem.

E lanço e torno a lançar a faca, incansavelmente. São cinco horas no meu relógio. O sol está mais baixo e me incomoda agora. Mudo de lugar. E então encontro a morte que avança silenciosamente para mim.

Os mensageiros da morte, de cabeça baixa, os rostos escondidos sob os véus de crepe negro que chegam quase até o chão. são, reconheço-os bem, apesar das suas roupas de funeral, a minha tia Ontine, a minha tia Antoinette, a minha avó paterna e, por detrás, os homens, servindo-se delas como para se esconderem. O meu pai, literalmente alquebrado, e os meus dois avós, todos de negro.

Não fui ao seu encontro nem fiz qualquer movimento. Como poderia tê-lo feito? O meu sangue esvaíra-se, o meu coração parara e os meus olhos tinham tanta vontade de chorar que, contraídos, não deixavam correr as lágrimas. O grupo parou a mais de dez metros de mim. Eles não têm coragem, não, mais do que isso, têm vergonha. É isso mesmo, estou certo, sinto-o. Prefeririam estar eles mortos a ter de me enfrentar e dizer-me o que eu já sabia, uma vez que este disfarce de feiticeiros da desgraça fala e me diz, sem ter necessidade de emitir sequer um som: "À sua mamãe morreu, está morta e sozinha". Rodeada por quem? Por ninguém, uma vez que eu, o seu maior amor, não estava lá. Morta e enterrada sem que eu a tenha visto, morta sem me dar um beijo. Papai, como certamente na trincheira durante a guerra, passa para a frente. Parece até que conseguiu já quase se endireitar totalmente. O seu pobre rosto não é senão o espelho do sofrimento mais desesperado. As lágrimas deslizam-lhe continuamente. Permaneço sem fazer um gesto. Ele não estende os braços para me acolher e bem sabe que não consigo fazer um movimento. Por fim, aproxima-se de mim e me abraça sem uma palavra. Então, finalmente, rompo em soluços quando ouço:

— Ela morreu pronunciando o seu nome.

E desmaio.

A casa para onde veio a minha tia Antoinette ocupar o lugar da mamãe, bem como as duas classes: a casa com os meus avós maternos; a casa para onde me fizeram regressar com medo de me deixarem na escola, interno; a casa onde um pobre velho e duas mulheres tentam dar-me toda a ternura, uma vez que o meu pai continuava mobilizado; a casa onde cada divisão era para mim um santuário, cada objeto uma relíquia; a casa que, mesmo cheia de sol deste fim de verão, é lúgubre e negra, triste e desesperante, onde o avô fala do papai que regressará em breve, o que nunca acontece; a casa onde tudo me irrita, onde tudo me fere, onde os gestos e as palavras, mesmo as mais sinceras, nada mais provocam em mim do que uma reação contrária; a casa já não é mais a mesma casa.

"Não é assim que a mamãe me teria dito isto, mais ainda, elas não têm o direito de pensar sequer que podem vir a substituir uma mãe como a minha." Acontece-me, por vezes, não querer mais ouvir palavras meigas. Posso aceitar gentilezas, atenções de tias e de avós, mas nunca palavras de mãe. Não quero ser embalado ou mimado por quem quer que seja. Digo-o a estas pobres mulheres, sem gritos, sem revolta, quase como uma oração. Acho que o compreenderam.

— Não quero continuar a viver aqui. Ponham-me interno. Bem me custa

já ter de passar as férias neste casebre, quanto mais agora, durante o tempo de aulas.

Férias. Por que férias aqui? Impossível, não podem compreendê-lo. Seria um sacrilégio tão grande como o fato de rir ou brincar nesta casa. Durante as férias irei a Fabras, para a casa da minha tia Ontine, onde, guardando as cabras e as ovelhas com os meus amigos, poderei ir para o prado aonde a minha linda mamãe jamais fora.

A guerra acabou e o papai regressou. Veio um senhor visitá-lo, comeu queijo e bebeu alguns goles de vinho tinto. Fizeram uma estimativa dos mortos da região e depois o visitante teve esta frase infeliz:

— Nós escapamos bem desta guerra, Sr. Charrière! E o seu cunhado também. Se nada ganhamos, também não perdemos nada.

Saí antes dele. A noite caíra. Espero que passe e lhe atiro, com a minha funda, uma pedra que lhe acertou em cheio na nuca. Entra, berrando, em casa dos vizinhos, para que lhe tratem da ferida, que sangra. Ele não pode compreender quem lhe atirou esta pedra nem por quê. Não sabe que recebeu esta pedrada por se ter esquecido, na lista das vítimas desta guerra, da mais importante, daquela cuja perda é irreparável: minha mãe.

Não, saímo-nos muito mal desta desgraçada guerra.

Todos os anos, na abertura das aulas, regresso a Crest, na região de Drôme, como interno da escola superior, onde me preparo para o concurso de admissão às Artes e Ofícios de Aix-en-Provence.

Todos os anos deixamos a casa, com o papai e as minhas irmãs, para irmos passar as férias em Fabras. Férias formidáveis, apesar de tudo, pois o papai tem as mesmas palavras da mamãe, os mesmos gestos, o mesmo calor.

Na escola, torno-me violento, Jogo *rugby* e agarro sem piedade os meus adversários. Não quero prêmios, mas também não os dou.

Há seis anos que estou interno em Crest. Há seis anos que sou bom aluno, especialmente em matemática, mas também seis anos de zero em comportamento. Eu sou aquele que sabe todos os golpes duros. Regularmente, uma ou duas vezes por mês, brigo com os meus camaradas. Sempre na quinta-feira. No domingo vou para a casa do meu correspondente ou jogo *rugby.*

Mas nas quintas-feiras, dia de visita dos pais, tenho necessidade de brigar com um ou dois dos meus colegas. Impossível proceder doutra maneira.

As mães vêm visitar os filhos, levam-nos para almoçar fora, e à tarde,

quando está bom tempo, passeiam com eles no pátio da escola, debaixo dos castanheiros. Tento, todas as quartas-feiras, prometer a mim próprio não observar aquele espetáculo, da janela da biblioteca. Mas não há jeito. No dia seguinte vou precisamente instalar-me no lugar donde melhor possa ver tudo. É, de lá, descubro duas espécies de mentalidades, que, cada uma no seu gênero, me põem fora de mim.

Há aqueles que têm mães desajeitadas, mal vestidas ou com ar de simplórias. Esses, dir-se-ia que têm vergonha delas. Observo-os com toda a atenção. Mas é verdade, meu Deus! Eles têm mesmo vergonha! Ah! os covardes, os patifes, os porcos. Vê-se imediatamente, claro. Em vez de contornarem totalmente o pátio ou de passearem para lá e para cá em toda a sua extensão, instalam-se num banco, a um canto, e nem se mexem. Não querem que ninguém veja as suas mães. escondem-nas. Os malandros já se aperceberam de como são as pessoas cultas e distintas e, antes de se tornarem engenheiros das Artes e Ofícios, querem esquecer a sua origem. Esses sujeitos são capazes de, um dia mais tarde, surpreendidos pela chegada imprevista dos pais em meio de uma reunião de amigos, fazê-los entrar pela cozinha e dizer aos seus convidados:

— Desculpem-nos, são parentes afastados do interior que nos chegam de imprevisto.

Não é difícil desencadear a luta com esta categoria de pessoas. Quando vejo algum deles despedir antes da hora a mãe que o incomoda, e se por acaso entra na biblioteca onde me encontro, o ataque é imediato:

— Diga-me, Pierrot, por que é que mandou embora a sua mãe tão cedo?

— Ela estava com pressa.

— Não é verdade. Você é um mentiroso. A sua mãe só toma o trem para Gap às sete horas. Vou dizer a você por que a mandou embora. Você a mandou embora porque tem vergonha dela. Atreva-se a dizer que não é verdade, patife!

Dessas lutas saio sempre vitorioso. Brigo tanto que isso faz com que eu fique cada vez mais forte. Mesmo quando recebo mais murros que o adversário não me importo, sinto-me quase feliz. Mas uma coisa é certa. Nunca ataco ninguém mais fraco do que eu.

A outra mentalidade que me põe fora de mim é aquela contra a qual me bato com mais fúria. É a espécie a que chamo os fanfarrões. São os que têm uma bonita mãe, elegante, distinta. Quando se tem dezesseis, dezessete anos, exibe-se com orgulho uma mãe assim. E então, no pátio, pavoneiam-se pelo seu braço, fazendo tantos trejeitos que me exasperam.

Todas as vezes que um deles começa com as sua fanfarronices — quase uma provocação — ou que a sua mãe me faz lembrar a minha (se usa luvas e as descalça, deixando-as pender graciosamente da sua mão), então não agüento mais, perco as estribeiras.

Mal entra, lanço-me sobre ele:

— Você não tem necessidade dessas fanfarronices, seu camelo, por causa de uma mãe vestida tão pouco na moda! A minha era bem mais bonita, mais fina, muito mais distinta do que a sua! As suas jóias eram verdadeiras e não imitação como as da sua mãe, umas quinquilharias. Mesmo um leigo se apercebe imediatamente disso.

Não é preciso dizer que a maior parte dos jovens que eu provoco dessa maneira não esperam mesmo que eu acabe para me enfiarem um murro na cara. Por vezes este primeiro murro exalta-me. Então me bato como um louco. Cabeçadas, pontapés, coices, cotoveladas, uma verdadeira alegria me inunda, como se eu esmagasse todas as mães têm a audácia de ser tão bonitas e elegantes como a minha.

Era na verdade superior às minhas forças, não podia agir de outra maneira. Depois da morte da minha mãe, com apenas onze anos, guardava em mim este ferro em brasa que era a injustiça do destino. Não se compreende a morte aos onze anos. Não se aceita. Que os muito velhos morram, está certo. Mas a nossa mãe, a nossa fada, plena de juventude, de beleza, de saúde, transbordante de amor por nós, é justo que ela morra? E não só isso, mas essa coisa ignóbil que é a morte, é preciso compreendê-la e aceitá-la. Não é possível, não, não é possível! Deviam ter escondido todas as mães se não queriam que eu me revoltasse. E mais. Creio até que seria capaz de ter ciúmes do cordeirinho que a mãe lambe para lhe calar os balidos.

Foi numa briga deste gênero que a minha vida se transformou completamente.

Sinceramente, aquele sujeito não tinha o direito de dormir sossegado depois daquela comédia da tarde. Pretensioso, orgulhoso dos seus dezenove anos, dos seus sucessos em matemática, e número 1 entre os candidatos ao próximo concurso de admissão às Artes e Ofícios. Muito alto, pouco esportivo, pois arrastava-se sempre, muito lento, mas bastante forte. Um dia, durante um passeio, levantou sozinho um grande tronco de árvore, para podermos chegar ao buraco onde se tinha escondido um rato-do-campo.

Nessa quinta-feira, então, fez um grande alarido! Uma mãe esguia, com

uma cintura quase tão delgada, bem, sejamos francos, tão delgada como a da minha mãe, um vestido claro, branco, com bolinhas azuis e mangas largas apertadas no punho. Se tivesse querido copiar um vestido da mamãe não teria feito melhor. Grandes olhos negros, um chapeuzinho gracioso, enfeitado com um véu de tule branco a três quartos.

E o futuro engenheiro se pavoneou com ela toda a tarde pelo pátio, para trás e para diante, em volta e em diagonal. Beijam-se muitas *vezes* quase como namorados. Era no seu lugar que eu devia estar, era a minha mãe que se devia apoiar no meu braço, levemente, como uma gazela, e também eu a teria beijado na sua face tão doce.

Logo que ele fica sozinho, eu ataco:

— Também você, então! Você é tão bom artista de circo como forte em matemática! Nunca pude pensar...

— Que se passa, Henri?

— Devo dizer-lhe que você exibe a sua mãe como se exibe um urso num circo, para impressionar os seus colegas. Pois bem, a mim você não impressiona. Pois a sua mãe ao lado da minha não vale nada, é porcaria, gênero cortesã de luxo, como as que vi em Vals-les-Bains durante a temporada,

— Parto-lhe as trombas, e você sabe bem como sou duro. Retire o que disse. Você sabe que sou mais forte do que você.

— Já desabou? Então ouça. Sei que você é mais forte do que eu. Por isso, para equilibrar as forças, vamos bater-nos em duelo, cada um com um compasso de pontas. Vá buscar o seu que eu vou buscar o meu. Se você não é uma merda e é capaz de se defender e à sua mãe ao mesmo tempo, espero por você dentro de cinco minutos, atrás das privadas.

— Lá estarei.

Alguns minutos mais tarde ele caía, com a ponta do compasso enterrada profundamente, mesmo junto ao coração.

O papai veio. É alto, cerca de um metro e oitenta, um pouco rude, tanto quanto o pode ser o filho dum professor primário e duma camponesa. Tem um rosto redondo, muito meigo, olhos castanho-claros, palhetados de ouro, cheios de expressão, quase infantis, talvez devido ao olhar de todos os alunos, que se refletem no seu como num espelho. Com certeza os seus olhos ficaram impregnados de algo muito puro e misterioso que só a criança possui; a inocência e a naturalidade.

Para ele, a morte de minha mãe foi uma perda simplesmente horrível. Essa morte não lhe provocou uma ferida que pouco a pouco cicatriza. Ela se mantém viva como no primeiro dia. O seu amor total, exclusivo — Loulou, como ele lhe chamava —, não existe mais fisicamente, não pode mais caminhar a seu lado, mas permanece nele interiorizado, vinte e quatro horas por dia. Contudo o rosto permanece sereno. Não se marcaram nele as rugas da dor ou da preocupação. Nada denota o esforço sobre-humano que faz para continuar a viver, ocupando-se dos seus filhos e dos filhos dos outros. Simplesmente não é mais capaz de rir, cantar ou mesmo cantarolar. As rugas estão no seu interior, no coração. Rugas apesar das quais ele impõe a si próprio permanecer sereno e natural. Sei que, como dantes, continua a privar-se duma caçada, quando um dos seus alunos necessita de um pouco de auxílio para vencer um exame. E, como na aldeia e arredores sabem que ele gosta muito de canas, bastava ver na entrada da nossa casa esse enorme ramo para compreender quantas crianças paciente, doce e firmemente ele conduzira ao êxito.

Tinha dezessete anos quando deixamos o juiz encarregado do meu caso. Ele aconselhou o meu pai, para a hipótese de querer fazer parar a ação da justiça, a que me alistasse na Marinha. Foi no posto da polícia de Aubenas que me alistei por três anos.

Meu pai não me repreendeu verdadeiramente pela grave ação que cometera.

— Se bem compreendo, e assim penso, Henri — ele me chama Henri quando quer ser severo —, você propôs bater-se com uma arma porque o seu adversário era mais forte do que você?

— Sim, papai.

— Bem, você fez mal. Só os cafetões lutam assim e você não é um cafetão, meu filho.

— Não.

— Repare em que embrulhada você se meteu, e a nós também. Pense no desgosto que causou à sua mãe, lá onde ela se encontra.

— Não creio tê-la feito sofrer.

— Por quê, Henri?

— Foi por ela que me bati.

— O que quer você dizer com isso?

— Que não suporto ver os meus colegas zombarem de mim com as suas

mães.

— Vou-lhe dizer uma coisa, Henri. Não foi por causa da sua mãe que se deu esta luta ou qualquer das outras anteriores, não foi por verdadeiro amor por ela. O único motivo foi o seu egoísmo. Você queria, talvez porque a fatalidade levou a sua mãe, que todas as outras crianças não as tivessem. Não está certo, é injusto, e isso me espanta. Também eu sofro quando encontro um colega de braço dado com a mulher. Não posso deixar de pensar na sua felicidade, naquela que eu também deveria ter, talvez maior que a dele, sem sentir esta dramática injustiça do destino. Simplesmente não tenho ciúmes, pelo contrário, desejo que não lhes aconteça nada de tão horrível como a mim.

"Se você realmente fosse o reflexo da alma da sua mãe, você se alegraria com a felicidade dos outros. Olhe, para se livrar desta situação é preciso que você vá para a Marinha. Serão no mínimo três anos que não vão ser nada fáceis. E o castigo é para mim também, pois durante três anos o meu filho estará longe de mim."

E então me disse uma frase que ficou para sempre gravada no meu íntimo:

— Sabe, meu querido, não há idade para se ser órfão. Lembre-se disso toda a vida.

O apito do *Napoli* me faz sobressaltar e afasta de mim esse passado longínquo, essas imagens dos meus dezessete anos, quando, com meu pai, saímos do posto da polícia, onde acabava de me alistar. Mas logo depois surgiu diante de mim, como o momento mais desesperante, aquele em que vi pela última vez o meu pai.

Era num desses sinistros parlatórios da prisão da Santé, separados por um corredor de um metro, cada um de nós por detrás de uma grade, numa espécie de célula. Uma vergonha e um desgosto pelo que fora a minha vida, que conduzira ali o meu pai, constrangem-me durante trinta minutos, nessa jaula.

Não veio para me repreender de ser o suspeito número 1 dum assunto sujo. Ele ali estava, com o mesmo rosto destroçado como o que tinha no dia em que me anunciara a morte da minha mãe. Entrou voluntariamente naquela prisão para ver durante meia hora o seu filho, não com a intenção de lhe reprovar a sua má conduta, de lhe fazer sentir as conseqüências deste ato na honra e na paz da família. Não me disse: "Você é um mau filho", pediu-me desculpa de não me ter sabido educar.

Não veio dizer-me "Acuso-o...", pelo contrário, disse-me a última coisa que eu poderia esperar e que, melhor do que todas as repreensões do mundo, me

tocou mais profundamente:

— Se você aqui está, meu filho, a culpa é minha. Desculpe-me, sim, desculpe-me de o ter mimado tanto.

E é neste mar Mediterrâneo que o *Napoli* sulca com tanta agilidade, é sobre ele que, depois de ter passado algumas semanas no Quinto Depósito de Marinheiros de Toulon, embarco a bordo do *Thionville.* Um barco estreito e com raça, onde tudo foi concebido para a velocidade. Nada de conforto, mas grandes depósitos de carvão.

Nada me podia ser mais hostil que o clima de disciplina férrea na Marinha, em 1923. Ainda mais, sendo os marinheiros classificados de um a seis, segundo o seu nível de instrução, eu me achava no mais alto nível, o seis. E esse jovem de dezesseis anos, acabado de sair das classes preparatórias das Artes e Ofícios, esse jovem não compreende, não pode adaptar-se a essa obediência cega e imediata às ordens dadas por distintos cabos do mais baixo nível intelectual. Pertencem, no máximo, à classe três da instrução geral. Todos ou quase todos bretões. Não tenho nada contra os bretões. Serão bons e rijos marinheiros, não o discuto. Mas, quanto à psicologia, a coisa é diferente.

Entro imediatamente em guerra. Não consigo obedecer a ordens sem pés nem cabeça. Recuso-me a seguir qualquer curso de especialização, o que os meus estudos facilitariam e sou imediatamente catalogado na categoria dos *“estrasses”*, quer dizer, dos indisciplinados, dos inúteis, dos “sem especialidade”.

As tarefas mais desagradáveis, mais chatas, mais estúpidas eram para nós.

— Você é um inútil, mas nós vamos transformá-lo.

As tarefas de descascar batatas, limpar as privadas, dar brilho nos metais, “a valsa dos *confetti”* (carregamento de carvão, em lajes de cinco quilos, que era preciso arrumar em paióis como livros numa biblioteca), a lavagem da coberta do navio, tudo isso era para nós.

— O que fazem aí por detrás da chaminé?

— Meu cabo, acabamos de lavar a coberta.

— Ah, sim? Então recomecem, mas desta vez de trás para a frente, E que fique mais bem esfregada, senão vão levar uns pontapés!

Este cretino tem quinze anos de Marinha, nível de instrução, talvez, dois. Dizem até que nem é um bretão do litoral, mas um camponês do interior.

É bonito ver um marinheiro com o seu pompom, o seu blusão de grande gola azul, o seu boné um pouco inclinado sobre a orelha, o uniforme bem justo, a capricho, como se diz. Mas nós, os inúteis, não temos autorização para arrumar os nossos uniformes. Quanto mais mal vestidos, com mais ar de miseráveis, mais os cabos estão felizes. Então, como hoje se diz, é o fim. Num tal clima, as más cabeças não param de imaginar e cometer faltas bastante graves. Assim, cada vez que atracamos, desembarcamos e passamos a noite na cidade. Aonde ir? A bordéis, claro. Eu e um dos dois outros colegas depressa nos arrumamos. Cada um arranja rapidamente a sua puta, com a qual não só faz amor de graça como recebe uma ou duas notas para comer e beber um copo. Não somos nós que as conquistamos, são elas que nos seduzem. Regressamos ao arsenal pelas quatro da manhã, mortos de sexo e um pouco altos.

O regresso não é difícil. Localizamos uma sentinela árabe.

— Quem vem lá? Responda ou disparo! A senha? Se não a disser não passa.

— É você, argelino? Quem é que não a sabe? Só você com essa cabeça é que a esqueceu!

— Eu, esquecê-la? Hoje é “Rochefort”.

— Você tem razão, é isso mesmo.

Entramos e vamos a outra sentinela.

— Quem vem lá? A senha?

— “Rochefort”!

— Está bem, entre.

Os castigos multiplicam-se. Quinze dias de detenção, depois trinta. Para castigar um cozinheiro que nos recusou um pedaço de carne e um pouco de pão, depois de termos descascado batatas, roubamos-lhe, assim que voltou as costas, uma perna de carneiro cozida, com o auxílio de um pau que introduzimos através dum ventilador que ficava por cima dos fogões. Devoramo-la num dos paióis de carvão. Resultado, quarenta e cinco dias de prisão marítima onde eu aprendi que “em pêlo quer dizer nu, não sabiam?”, e me vi de repente em pêlo, no pátio da prisão, em pleno inverno, em Toulon, diante de um tanque de água gelada onde somos obrigados a nos lançar.

Foi por um boné de marinheiro que não valia nem dez francos que fui sujeito a um conselho disciplinar. Motivo: estrago de objetos militares.

Na Marinha, nesta época pelo menos, todos deformam os seus bonés. Não

para os destruir, mas por uma questão de elegância. Nós o molhamos e depois, três ao mesmo tempo, puxam-no o mais possível a fim de que, muito alargado e com uma barbatana em círculo no interior, fique com a forma de um bolo. Como dizem as garotas: “Que legal que é um boné com esta forma”. Sobretudo quando tem um bonito pom-pom cor de cenoura todo cortado a tesouradas. Para as garotas da cidade, não importa qual o nível social, tocá-lo em troca dum beijo traz felicidade.

O capitão tem aborrecimentos com os filhos, em dificuldade para obterem o certificado de estudos. Para ele, a falta não é deles, mas sim dos professores, que teimam em lhes fazer, e oralmente, perguntas de que não sabem as respostas. Não é como quando se trata dos próprios filhos dos mestres: entre eles ajudam-se e fazem favores uns aos outros. E eu, filho de professor, que o diga.

— Cada um por sua vez, Charrière. Comigo nada de favores. Pelo contrário!

Eu me tornei a vítima deste brutamontes. Não me deixa um minuto, persegue-me constantemente. A tal ponto que por três vezes fugi. Mas nunca mais de cinco dias e vinte e três horas, pois a partir do sexto dia é-se considerado desertor. Em Nice, estive quase para me tornar num. Tinha passado a noite com uma garota extraordinária e acordei tarde. Uma hora mais e era um desertor. Visto-me às pressas e corro à procura de um polícia para me entregar. Vejo um e precipito-me para ele, pedindo-lhe que me prenda. Era um bonacheirão, indulgente:

— Então, meu rapaz! Não é preciso ficar nesse estado. Regresse calmamente a bordo e explique tudo. Toda a gente já passou por essa idade!

Bem lhe tentei explicar que uma hora a mais e eu era desertor. Em vão. Então pego numa pedra e ameaço lançá-la a uma vitrina dizendo ao polícia:

— Se não me prender, conto até três e faço a vitrina em cacos.

— Ora vejam! Este rapaz está mesmo furioso! Ande, vamos ao posto.

Foi assim que, por ter deformado um boné da Marinha para o tornar mais elegante, me enviaram para a seção disciplinar de Calvi, na Córsega. Ninguém duvidava de que era o primeiro passo para a prisão. As seções disciplinares são *la camise*. Temos um uniforme especial. À chegada é-se acolhido por uma “comissão de recepção” encarregada de nos classificar como cami*sard*, como pobre-diabo ou como homossexual. Esta pequena cerimônia simpática chama-se “demonstração”. É preciso demonstrar que se é homem lutando sucessivamente contra dois ou três dos antigos. Com o treino que levava da Escola Superior de

Crest, a coisa para mim não foi muito difícil. Quando cheguei ao segundo e lhe abri um lábio e esborrachei o nariz, os antigos pararam com a “demonstração”, Sou então catalogado como um verdadeiro *camisard.*

La camise. Trabalho nas vinhas de um senador corso. Do nascer ao pôr do sol, nada de descanso ou recompensa, é preciso castigar o corpo. Já nem somos marinheiros, pertencemos ao 173° Regimento de Infantaria de Bastia. Revejo a cidadela de Calvi, os nossos cinco quilômetros de marcha até Calenzana, onde trabalhamos, a picareta e a pá ao ombro e os nossos regressos a passo até a prisão. É insuportável e desumano. Revoltamo-nos e, como estou entre os cabeças, sou enviado, com mais uma dúzia de outros, para um campo disciplinar ainda mais duro, Corté.

Uma cidadela no alto de uma montanha, seiscentos degraus para subir e para descer duas vezes por dia, para ir trabalhar, perto da estação, no arranjo de um campo de esportes para soldados do contingente.

É no meio deste inferno, desta coletividade de brutos, que recebo um bilhete de Toulon, passado às escondidas por um civil de Corté:

Meu querido, se quiser sair dessa galera corte o *dedo polegar. A lei diz que a perda do polegar, com ou sem metacarpo, leva imediatamente à passagem aos serviços auxiliares, mas que no caso de esta mutilação ocorrer em serviço leva à incapacidade permanente para todo o serviço militar e, automaticamente, à reforma. Lei de 1831, instrução de 23 de julho de 1883. Espero por você, Clara. Endereço: Moulin Rouge, bairro reservado. Toulon.*

Não demorou muito tempo. O nosso trabalho consistia em arrancar todos os dias da montanha dois metros cúbicos de terra, que carregávamos em carros de mão até a cinqüenta metros dali, e caminhões depois transportavam o que não fosse preciso para o nivelamento do terreno. Trabalhávamos em grupos de dois. Para não ser acusado de mutilação voluntária, o que me custaria cinco anos de trabalhos forçados a mais, não podia cortar o polegar com a ajuda de um instrumento cortante.

Com o meu companheiro corso, Franqui, atacamos a montanha pela base, cavando um grande buraco. Só mais um golpe de picareta e toda aquela terra se desmoronaria sobre mim. Os oficiais subalternos que nos vigiam são severos. O Sargento Albertini está permanentemente atrás de nós, a dois ou três metros. Isso torna a manobra mais delicada, mas por outro lado é-me útil, pois se tudo correr

bem será uma testemunha imparcial.

Franqui colocou sob a pequena encosta uma grande pedra de aresta bastante cortante. Ponho o dedo debaixo e o lenço na boca para não deixar escapar o menor grito. Temos cinco ou seis segundos para fazer desabar a terra sobre mim. Franqui vai-me esmagar o polegar com uma outra pedra de cerca de dez quilos. Assim não pode falhar. Serão obrigados a amputá-lo se por acaso ele não se separar completamente com este golpe.

O sargento está a três metros de nós, entretido em limpar a terra dos sapatos. Franqui agarra a pedra, levanta-a à sua altura e esmaga-me o polegar, que parece que queima. O barulho da pancada confundiu-se com o das outras picaretas. O sargento nada viu. Duas cavadelas e a terra desaba sobre mim, soterrando-me. Berros, gritos de socorro. Conseguem libertar-me e apareço, por fim, cheio de terra e.. . sem dedo. Sofro como um doido. No entanto, consigo ainda dizer ao sargento:

— Vai ver que eles vão dizer que foi de propósito.

— Não, Charrière. Eu assisti ao acidente, sou testemunha. Sou severo, mas justo. Direi como se passou tudo, não tenha receio.

Dois meses mais tarde, reformado e com pensão, o dedo enterrado em Corté, fui transferido para o 5° Depósito em Toulon, onde me puseram em liberdade.

Fui agradecer a Clara, no Moulin Rouge. Ela acha que a falta do dedo na mão esquerda não se nota nada e que com quatro ou cinco dedos as minhas carícias são iguais. Isso é que importa. Adeus, Marinha, seções disciplinares e todo o resto.

— Há qualquer coisa de diferente em você, meu filho. Espero bem que estes três meses passados no meio desses rapazes indesejáveis não o tenham marcado.

Estou com o meu pai, na casa da minha infância, aonde regressei imediatamente depois de me terem reformado. Ter-se-ia operado em mim alguma mudança insensível.

— Não posso responder-lhe, papai, não sei. Creio que me tornei mais violento, menos predisposto a submeter-me a essas regras de vida que me ensinou em pequeno. Deve ter razão, algo mudou em mim. Sinto-o agora, aqui nesta casa, onde fomos tão felizes com a mamãe e as minhas irmãs. Sinto-me menos chocado por me encontrar junto de você. Devo ter-me tornado insensível.

— Que vai fazer?

— Que me aconselha?

— Arranje um emprego o mais depressa possível. Você já tem vinte anos, meu filho.

Dos concursos. Um em Privas, para os Correios, outro em Avinhão, como civil na administração militar. O meu avô Thierry acompanhou-me.

A escrita e a oral correram-me muitíssimo bem. Se não ficar em primeiro pelo menos ficarei entre os dez primeiros. E como há cento e dez lugares a preencher tudo está resolvido. Faço o jogo e não vejo inconveniente em seguir os conselhos de meu pai, serei funcionário. Era sincero, devia isso ao meu pai e à minha mãe. Teria uma vida digna e honesta. Mas hoje, ao escrever estas linhas, não posso impedir de me perguntar por quanto tempo o pequeno Charrière, o filho dum professor primário, poderia continuar a ser um funcionário com tudo o que fervilhava dentro dele.

Tendo a resposta chegado no correio da manhã, papai, feliz, decidiu dar uma festinha em minha honra. A tia Léontine, o tio Dumarché, o avô Thierry e a avó. Um grande bolo, uma garrafa de verdadeiro champanha, a filha dum colega do papai como convidada à cerimônia. “Dava uma esposa maravilhosa para o meu filho.”

De há dez anos para cá, há alegria pela primeira vez em nossa casa. A certa altura censuro-me, mas depois acabo por aceitar o fato de que se ria aqui pela primeira vez depois da morte da mamãe. Aceito, oferecendo aos dois, ao meu pai e à minha mãe, a decisão de viver como eles tinham vivido, como pessoas de bem.

A confiança e a segurança para o futuro.

— Agora é certo, Henri ficou em terceiro lugar no concurso. Portanto, embora com vinte anos, ele já tem uma boa carreira em perspectiva à sua frente.

Dei um passeio pelo jardim com a moça com quem papai sonhava para nora e que faria o seu filhinho feliz. É bonita, bem educada, quase distinta e muito inteligente. Há algo nela que me atrai um pouco: a sua mãe morrera quando ela nasceu, portanto sou mais rico do que ela quanto a amor maternal. Não serei engenheiro das Artes e Ofícios, mas terei uma boa situação.

Dois meses mais tarde rebenta a bomba.

“Uma vez que você não pode fornecer à nossa administração um certificado de boa conduta na Marinha, lamentamos ter de lhe comunicar que

não pode entrar no nosso serviço.”

Na manhã em que o carteiro me entregou a pensão do papai respeitante a seis meses, ele não se encontrava em casa. Depois daquela carta, que desfez todas as suas ilusões, anda triste e pouco falador. Sofre.

Para que continuar assim? Vamos! Uma mala, alguns objetos de uso pessoal, e aproveitemos esta reunião de professores em Aubenas para desaparecer.

A minha avó me surpreendeu nas escadas:

— Aonde você vai, Henri?

— Vou para onde não me peçam o meu certificado de bom comportamento na Marinha. Vou à procura de um dos sujeitos que conheci na seção disciplinar de Calvi, que me ensinará a viver à margem desta sociedade na qual estupidamente eu acreditava ainda e da qual nada há a esperar. Avó, vou para Paris, para Montmartre.

— Que vai fazer?

— Ainda não sei, mas certamente nada de bom. Adeus, avó, dê um grande beijo no papai por mim.

A terra se aproxima rapidamente de nós. Já se vêem mesmo todas as janelas das casas.

Regresso depois de uma longa, longa viagem, para reencontrar os meus, que não vejo há vinte e sete anos.

Como estará a minha família? Durante mais de vinte anos viveram tentando esquecer-me. Para eles tinha morrido, para as crianças nunca havia existido, jamais se pronunciara o meu nome. Ou talvez raras vezes na intimidade, a sós com o meu pai. De há cinco anos para cá tiveram de fabricar para as crianças um tal tio Henri, que vivia na Venezuela.

Sim, tudo fizeram para apagar da lista das pessoas a amar o seu irmão, o seu sobrinho, o tio dos seus filhos. Há cinco anos para cá recomeçamos a escrever-nos. Eles me enviavam cartas amáveis, cheias de ternura, mas apesar de tudo continuavam prisioneiros do passado e da sua sociedade. Escrever-me era muito simpático da parte deles, mas não teriam medo do que se diria, não teriam um certo receio deste reencontro com um irmão evadido dos trabalhos forçados e que marcara encontro com eles na Espanha?

Não queria que viessem por obrigação, queria que acorressem com o coração cheio de verdadeiros e bons sentimentos por mim.

E se eles soubessem, no entanto...

Se eles soubessem, agora que esta costa se aproxima tão lentamente, ela que se afastara tão rapidamente há vinte e sete anos, se eles soubessem que durante estes treze anos de reclusão eu tinha estado sempre com eles!

Se as minhas irmãs pudessem ver todos os filmes da nossa infância que realizei nos calabouços, células e jaulas da Reclusão!

Se elas soubessem que me alimentei delas, de todos os que formavam a nossa família, tirando deles força para vencer o invencível, encontrar paz no desespero, esquecimento de que era prisioneiro, a recusa ao suicídio, se eles soubessem que os meses, dias, horas de silêncio absoluto transbordavam cheios dos mais pequenos pormenores da nossa maravilhosa infância!

A costa se aproxima cada vez mais. Já se vê Barcelona, vamos entrar no porto. Hu! Hu! apita o navio. E sentia um desejo louco de gritar, cheio de alegria de viver. “Olhem, gente, estou chegando. Venham, corram depressa”, como eu lhes gritava, criança, nos prados de Fabras, quando encontrava, um grande canteiro de violetas. “São minhas”, gritava Yvonne, traçando com o dedo um círculo imaginário, indicando que todas as violetas que lá se encontravam eram dela. “Para mim estas”, dizia Nené, sempre generosa. Eu não escolhia nenhum pedaço, mas colhia apressadamente a maior quantidade de violetas possível, sem respeito algum pela propriedade alheia.

— Que faz aí, querido? Procuro-o há uma hora e até fui ao carro ver se você estava lá.

Sem me erguer da cadeira, abraço Rita pela cintura. Ela se inclina e me dá um beijo na face. E só então me apercebo de que, se vou ao encontro da família, com as interrogações que faço a mim mesmo e que lhe farei, a verdade é que tenho ali, envolvida nos meus braços, a minha verdadeira família, a que fundei, a que me trouxe até aqui. E, achando maravilhoso o milagre que o verdadeiro amor pode fazer, digo:

— Querida, olhava, revivendo o passado, a terra que se aproxima e onde estão os meus mortos e os meus vivos.

Barcelona. Com o carro resplandecente no cais e toda a bagagem arrumada no porta-malas, atravessamos a grande cidade sem mesmo parar para aí dormirmos, impacientes por, atravessando os campos, atingirmos a fronteira francesa num belo dia de sol. Mas duas horas mais tarde, a emoção é de tal maneira violenta que sou obrigado a parar o carro no acostamento da estrada, incapaz de continuar a dirigir.

Desço. Os meus olhos estão fascinados à força de tanto olhar a paisagem, estas terras lavradas, estes plátanos gigantes, estes juncos que se agitam, estes tetos de colmo ou as telhas vermelhas dos celeiros e das casinhas, estes choupos que cantam com o vento, estas pradarias onde todos os tons de verde estão reunidos, estas vacas que pastam fazendo tilintar os chocalhos, estas vinhas, ah! estas vinhas com as suas parras, que não são suficientes para esconder todos os cachos. Este pedaço da Catalunha reúne precisamente todos os meus jardins da França, tudo isso é meu, desde sempre, desde que nasci, era nestas mesmas cores, nesta mesma vegetação, nestas mesmas culturas, que eu passeava de mão dada com o meu avô, nesta mesma terra lavrada que eu levava a bolsa de caça do papai, que nós encorajávamos a nossa cadela, Clara, a levantar um coelho ou um bando de perdigotos. E os pequenos canais de irrigação por onde corre a água, tendo a espaços uma tábua atravessada para a desviar para os diferentes lugares da propriedade. E não tenho necessidade de me aproximar para saber que até há rãs e que, com um fio, um anzol na ponta e um pedaço de pano vermelho, posso pescar, como o fazia antes, tantas quantas quiser.

E me esqueço completamente de que esta imensa planície se situa na Espanha, de tal maneira ela é a reprodução exata do vale do Ardèche ou do Rhône.

E esta natureza que eu tinha esquecido, tão diferente de todas aquelas onde acabo de viver nestes últimos vinte e sete anos e que pude admirar, cada uma no seu gênero, esta imensidade de divisões a perder de vista, cuidadas como se fossem jardins de padres ou de professores, esta natureza apossa-se de mim como uma mãe aperta o filho de encontro a si. É normal que assim seja. Não sou eu o filho desta terra?

Na estrada entre Barcelona e Figueras rompo em soluços, e assim fico durante muito tempo até que a mão de Rita, suavemente, muito devagar, me acaricia a nuca e ela me diz:

— Agradeçamos a Deus ter-nos trazido até aqui, tão perto da sua França e a dois ou três dias apenas de nos encontrarmos com os seus.

Ficamos no hotel mais perto da fronteira francesa que encontramos. No dia seguinte Rita tomou o trem para Saint-Péray para ir buscar a tia Ju. Durante a sua viagem aluguei uma vivenda. De boa vontade teria ido com ela, mas para a polícia francesa continuo a ser um evadido da Guiana. Encontrei uma bela vivenda em Rosas, mesmo sobre a praia.

Alguns minutos mais de paciência, Papi, e você vai ver descer do trem aquela que amou o seu pai, que cultivou no seu próprio lar a presença e a alma

da sua *mãe,* aquela que lhe escreveu cartas tão belas que reavivavam em você a recordação daqueles que o amaram e que você tanto amou.

Foi Rita quem desceu primeiro. Com cuidados de filha, ajuda a descer uma grande mulher, robusta como uma camponesa. Depois, a mala, que um gentil cavalheiro lhe passa.

Dois grandes braços me envolvem e me apertam contra o peito, comunicando-me o calor da vida e mil e uma coisas que nem as palavras conseguem traduzir. Estes braços dizem-me: “Enfim! Vinte e sete anos depois, embora o seu pai esteja ausente para sempre e a sua mamãe o tenha deixado há trinta e nove, alguém os substituiu. Esse alguém sou eu e aqui estou em representação dos dois. Eles vivem em mim, você bem sabe. E não são dois mas seis braços que o acolhem para sempre e que lhe dizem, meu filho, que nunca deixamos de o amar. O tempo nunca conseguiu, nem por momentos sequer, desvanecer a sua imagem. Nunca acreditamos que você fosse culpado, nem apagamos o seu nome do rol dos que nos são queridos. Riri, filho pródigo que agora regressa, nunca murmure nem sequer pense que tem de nos pedir perdão, pois nós já há muito o perdoamos”.

E foi segurando Rita pela cintura, dum lado, e a minha segunda mãe do outro que saímos da estação esquecendo completamente que as malas só acompanham os proprietários desde que as levemos.

A tia Ju grita como uma menina, extasiada com o soberbo carro dos seus filhos, e grita o seu espanto por, em momento tão excepcionalmente emotivo, as malas não participarem do milagre que ali se passa e não seguirem por seus próprios pés os proprietários, transfigurados pela alegria. A tia Ju bem me diz que vá procurar essa mala sem *alma,* mas ao mesmo tempo continua a falar com o seu filho, sem qualquer angústia de que não o façamos depressa, e parece dizer: “E depois? Se ela desaparecer não se perde grande coisa. O que eu não desculparia era que para a reaver me tivesse de privar alguns minutos que fosse do meu filho que de novo encontrei”.

Eram onze da manhã quando Rita e titia Ju chegaram. Eram três da manhã quando enfim, vencida pela fadiga da viagem, pela idade, pelas emoções e pelas dezesseis horas de troca ininterrupta de recordações, titia Ju, no quarto onde fui dar-lhe um beijo, adormeceu no meu ombro, com um rosto de criança.

Deitei-me e adormeci imediatamente, quebrado, moído, sem forças, sem um mínimo de energia para continuar acordado. A explosão duma grande felicidade arrasa tanto como a da maior desgraça.

As minhas duas mulheres acordaram antes de mim e são elas que me fazem emergir do sono profundo, dizendo-me que são onze horas da manhã, que faz sol, que o céu está azul, a areia quente e o café e as torradas esperam por mim. E que é preciso comer depressa para ir à fronteira buscar a minha irmã e a sua tribo, que devem estar lá por volta das duas horas.

— Era melhor chegarmos antes — diz a tia Ju —, pois o seu cunhado deve ter sido obrigado a dirigir depressa para não ouvir uma descompostura da família, que está ansiosa para o abraçar.

Arrumei o Lincoln junto ao posto da Alfândega e da polícia espanholas.

Ei-los!

Vêm a pé, correndo, tendo abandonado o meu cunhado, que ficou na fila, com o seu DS, na Alfândega francesa.

À frente vem a minha irmã Hélène, que corre de braços estendidos. Transpõe correndo este pedaço de terra de ninguém, entre o posto francês e o espanhol. Avanço para ela, o estômago contraído pela emoção. A quatro metros um do outro paramos para nos observarmos, olhos nos olhos. Era bem ela, a Nené da minha infância; é bem ele, Riri, o meu irmãozinho de sempre, dizem os nossos olhos, nublados de lágrimas. E nos lançamos nos braços um do outro. Que estranho! Esta irmã de cinqüenta anos continua a ser a minha irmãzinha de sempre. Não noto o seu rosto envelhecido, não noto nada, a não ser que a chama que ilumina o seu olhar continua a mesma e que os seus traços não mudaram nada para mim.

Esquecemo-nos de toda a gente, tanto tempo permanecemos abraçados um ao outro. Rita já tinha beijado todas as crianças. Ouço:

— Como você é bonita, tia.

Então volto-me, largo a minha Nenê e empurro Rita para os seus braços, dizendo:

— Ame-a muito, pois foi ela que me trouxe até vocês.

As minhas três sobrinhas estão esplêndidas, e o meu cunhado em plena forma, não escondendo uma emoção sincera ao reencontrar-me. Nem sequer falta o mais velho, Jacques, mobilizado para a guerra da Argélia.

Partimos para Rosas, o Lincoln à frente, a minha irmãzinha a meu lado.

Jamais esquecerei esta primeira refeição à volta da mesa redonda. Por vezes as pernas me tremem tanto que sou obrigado a agarrá-las por debaixo da toalha.

1929-1956. Tantas coisas se passaram para eles e para mim. Que luta para chegar até aqui, que obstáculos a vencer. Durante a refeição não falo da prisão. Pergunto simplesmente a meu cunhado se a minha condenação lhe trouxe muitos aborrecimentos e preocupações. Assegura-me gentilmente que não, mas adivinho que também eles devem ter sofrido pelo fato de terem tido um condenado como irmão e cunhado:

— Nunca duvidamos de você e mesmo que fosse culpado teríamos, sim, pena de você, mas nunca o teríamos renegado.

Não, não lhes conto nada da prisão nem do meu passado. Para eles e até para mim, creio-o sinceramente, a minha vida começou no dia em que, graças a Rita, enterrei o velho homem, o aventureiro, para ressuscitar Henri Charrière, o pequeno Riri, filho de professores primários da Ardèche.

O meu lar aumentou, reencontrei a família. As minhas sobrinhas estão maravilhadas por terem descoberto um tio, caído do céu com um carrão americano e que conta histórias de índios e tantas outras coisas sobre a América do Sul. O verdadeiro tio da América. Adoramo-nos.

O mês de agosto passou rapidamente sobre a areia desta praia de Rosas.

Reencontrei na minha irmã, quando chama a sua ninhada, gestos de minha mãe, reencontrei os gritos da minha infância, os risos sem motivo, as explosões de alegria da minha juventude, na praia de Palavas, para onde íamos com os meus pais.

Um mês, trinta dias, como é longo quando num cárcere, quando se está só, e como é horrivelmente curto no seio da família reencontrada. Sinto-me totalmente embriagado de felicidade. Não só reencontrei a minha irmã e o meu cunhado, como descobri novos seres para amar, as minhas sobrinhas, desconhecidas ontem e hoje quase minhas filhas.

Estou na praia com a minha Rita, radiante por me ver tão feliz. É para ela um triunfo, o mais belo presente que lhes podia oferecer, e a mim, reunir-nos enfim, ao abrigo da polícia francesa. Estou na praia, meio deitado. É tarde, *talvez* meia-noite. Rita está também deitada na areia, com a cabeça nas minhas pernas, e lhe afago os cabelos:

— Amanhã partem todos. Como tudo isto passou depressa, mas como foi maravilhoso! É verdade, querida, não se deve pedir demasiado. Mas o que é fato é que estou triste por me separar deles. Sabe-se lá quando nos voltaremos a ver! Fica tão cara uma viagem destas!

— Tenha confiança no futuro. Estou certa de que nos tornaremos a ver um

dia.

Acompanhamo-los até a fronteira. Levaram com eles titia Ju. A cerca de cem metros da fronteira nos separamos. Não houve lágrimas porque lhes falei da minha confiança no futuro: daqui a dois anos passaremos não um mês, mas os dois meses de férias, juntos.

— É verdade o que você diz, tiozinho?

— Sério, minhas queridas, não há dúvida.

O DS preto arranca devagar. Estou de pé na estrada, com Rita apoiada no meu braço. Os seus rostos estão voltados para nós e acenamos até que outro carro vem colocar-se atrás do deles para passar também a Alfândega francesa.

Adeus a todos. Vamos ver se nos tornaremos a encontrar.

Uma semana mais tarde, a minha outra irmã desembarca sozinha no aeroporto de Barcelona. Não pôde vir com a sua família. Ao descer do avião, e no meio de mais de quarenta passageiros, reconheço-a imediatamente e ela, sem uma hesitação, dirige-se a mim, à saída da Alfândega.

Três dias e três noites, dos quais não queríamos perder nada, tendo em vista o pouco tempo que ela podia passar conosco. Três dias e três noites quase inteiros, mergulhados na recordação. A afeição entre ela e Rita foi imediata. E assim pudemos confiar-lhe, ela toda a sua vida, eu o que da minha se podia contar.

Você perdeu a primeira jogada, procurador. E vocês também, jurados franceses, tão satisfeitos consigo mesmos quando ouviram “perpetuidade”, resultado do seu muito equilibrado, sagaz, honesto e justo veredicto! Nem uns nem outros previam que o homem que enviaram para a guilhotina estaria, muito tempo depois, é certo, mas estaria no entanto, um dia, a cem metros de fronteira francesa e reencontrar-se com os seus.

E não está escondido atrás de nenhuma sebe olhando em volta para ver se é perseguido. Não veio pedir ajuda ou socorro à família. Não se encontra ali como um vencido, perseguido, mendigando esmolas de amor. Não. Ele está ali como vencedor. Vencedor do veredicto desumano e injusto de vocês, vencedor de si próprio, pois sensatamente aceitou viver mais ou menos como toda a gente, vencedor na existência, no êxito, à vista de todos. E, para o mostrar bem, veio com o mais belo carrão do mundo, o mais pretensioso no seu luxo insolente.

Dois dias depois chega de Tânger a mãe de Rita. Com as suas mãos suaves e finas agarrando as minhas faces, beija-me incansavelmente, dizendo:

— Meu filho, sou feliz por você amar Rita e ela o amar.

Na auréola dos seus cabelos brancos o seu rosto resplandece duma beleza serena, cheia de doçura, de que encontrei sempre o reflexo em Rita.

Ficamos muito tempo na Espanha, a felicidade abrigando os dias que passavam. Não podemos regressar de barco. Dezesseis dias é muito tempo. Regressaremos de avião (o Lincoln embarcará mais tarde), pois o nosso negócio espera por nós.

Contudo damos um pequeno passeio pela Espanha, e nos jardins suspensos de Granada, essa maravilha da civilização árabe, por debaixo da Torre do Mirador, leio, gravadas na própria pedra, estas palavras dum poeta: *Dale lismona, mujer, que no hay en la vida nada como Ia pena de ser ciego en Granada, o* que significa: “Dá-lhe uma esmola, mulher, pois não há na vida maior tristeza que ser cego em Granada”.

Sim, há pior do que ser cego em Granada. É ter vinte e quatro anos, ser jovem, cheio de saúde, de confiança na vida, indisciplinado sim, e até talvez nem muito honesto, mas não verdadeiramente corrompido e nunca criminoso, e ver-se condenado à prisão perpétua pelo crime dum outro; é desaparecer para sempre sem apelo, sem esperança, condenado à decomposição viva, moral e física, sem ter nunca um dia a oportunidade em cem mil ou num milhão de levantar a cabeça e ser um homem.

Quantos homens a quem uma injustiça implacável e um sistema penitenciário desumano esmagaram e aniquilaram pouco a pouco não teriam preferido ser cegos em Granada! *Eu sou um deles.*

14

OS BARES NOTURNOS — A REVOLUÇÃO

O avião que tínhamos tomado em Madri aterra suavemente em Maiquetia, aeroporto de Caracas. Amigos e a nossa filha esperam por nós. Vinte minutos e estamos de novo em casa. Os cães nos fazem uma grande festa e a nossa empregada índia, que pertence à família, não pára de perguntar:

— Como está a família de Henri, *señora?* E a mamãe de Rita, o que Henri achou dela? Com todas essas pessoas queridas por lá, cheguei a recear que não voltassem. Demos graças a Deus de estarem aqui sãos e salvas.

Sim, graças a Deus, nós ali estávamos "sãos e salvos", como diz Maria. Mais do que sãos e salvos, pois a comunhão que se estabelecera com os nossos familiares é muito importante para mim. É impossível trair a confiança que eles têm em mim e sob nenhum pretexto me conduzirei mal no futuro. Pelo menos farei tudo para isso.

A luta pela vida continua. Vendemos o restaurante e começo a me cansar dos bifes com batatas fritas, do pato com laranja e da galinha com vinho. Compramos um bar noturno, o Caty-Bar.

Um bar, em Caracas, é um lugar onde a clientela é feita de homens, pois ali estão as moças para lhes fazer companhia, conversar e sobretudo escutá-los e beber com eles ou, se não têm muita sede, ajudá-los um pouco. É uma vida completamente diferente da vida diurna, muito mais intensa, nada tranqüila, mas onde todas as noites se descobre algo de novo e interessante: o outro eu de cada cliente do bar.

Senadores, deputados, banqueiros, advogados, oficiais, altos funcionários ali acorrem de noite para descarregar a tensão acumulada durante o dia, na tentativa de dar a imagem de uma vida exemplar, de uma conduta sem falhas a cada uma das suas atividades. E no Caty-Bar cada um se abre. É a explosão, a rejeição da hipocrisia social sob a qual se acham, o esquecimento das suas

preocupações de trabalho ou familiares, é o grito dos homens de uma classe burguesa que estão cansados de se sentir acorrentados às convenções e ao que se diz que devem ser.

Todos, sem exceção, rejuvenescem algumas horas. Com a ajuda do álcool, despojam-se dos seus elos sociais e vivem em plena liberdade de gritar, discutir, de cortejar as mais belas jovens do bar. No nosso, as coisas não vão mais além, pois é rigidamente dirigido por Rita, que não deixa sair nenhuma das mulheres durante as horas de trabalho. Mas todos os homens gozaram da presença dessas moças que tiveram a gentileza de os ouvir (o que eles adoram) e de preencher essas horas de libertação, tão-só com a sua beleza e juventude.

Quantos não vi eu, surpreendidos pelo nascer do dia, sós (as moças tendo-se retirado por uma outra porta), mas no entanto contentes e aliviados. Um deles, importante homem de negócios, cliente habitual, que estava todas as manhãs no seu escritório às nove horas, eu o acompanhava, como a outros, até o carro. Muitas vezes punha a mão sobre o meu ombro e, envolvendo num grande gesto, com a outra, as montanhas de Caracas, recortadas pelo dia que nascia, dizia-me:

— Acabou-se a noite, Enrique, e o sol vai erguer-se por detrás de Ávila. Esta noite terminou e já não há qualquer esperança de continuá-la seja onde for, está tudo fechado. E, como o dia, a realidade das coisas nos põe de novo face às nossas responsabilidades. O trabalho, o escritório, a vida, a escravatura cotidiana me esperam. Mas sem estas noites poderíamos nós continuar? E, contudo, a noite acabou, Enrique. As mulheres partiram para os seus apartamentos e nós aqui ficamos sozinhos como dois estúpidos.

Mas, apesar da desilusão destes momentos simultaneamente penosos e encantadores, eles voltavam sempre para gozar este sonho da noite, sabendo com certeza que o dia o dissiparia implacavelmente.

Eu próprio me misturo com eles e vivo muitas vezes momentos inesquecíveis, completamente fora do ramerrame que a vida normal nos impõe dia a dia.

Rapidamente adquiro um outro estabelecimento, o Madrigal, e depois um terceiro, o Normandy.

Com um socialista, Gonzalo Durand, inimigo do regime e pronto noite e dia a defender os interesses dos proprietários de *dancings,* bares e restaurantes, criamos uma associação de defesa dos estabelecimentos desta categoria em duas províncias, Federal e Miranda.

Passado pouco tempo sou nomeado presidente da associação e

defendemos, da melhor maneira, os nossos filiados contra os abusos de certos funcionários.

Como tenho sempre idéias mirabolantes, transformo o Madrigal em boate russa, a Ninoska, e para dar mais cor local visto de cossaco um espanhol das Canárias e monto-o em cima dum cavalo bastante manso por causa da sua idade. Ficam os dois porteiros da boate. Mas eis que os clientes oferecem bebidas ao cossaco, que se chateia a cem cêntimos a hora, sem esquecer, o que é pouco recomendável, o cavalo. Claro que este não vai encher-se de uísque, mas adora açúcar embebido em álcool, em particular o *kummel.* Resultado, quando a pileca está bêbada e o cossaco como um casco não é raro os meus dois porteiros partirem a galope pela Avenida Miranda, onde se encontra a boate, artéria de grande importância e de grande circulação, a torto e a direito, soltando gritos de carga de cavalaria. Estão vendo o quadro: galope de arrancar o asfalto, choques, gritos dos motoristas, janelas que se abrem vociferando contra estes tumultos de noctívagos.

E se dá lugar a questões que é preciso resolver, a verdade é que se presta também à paródia.

Se tenho apenas um músico, não é que se trate de um músico banal. É um alemão, Kurt Lowendal, um organista de mãos de pugilista, que toca os chá-chá-chás com tal convicção que as ondas do seu órgão fazem vibrar as paredes do edifício até o nono andar. Custava-me acreditar, mas o porteiro e o proprietário levaram-me lá uma noite para que o verificasse. E não era exagero.

A minha outra boate, a Normandy, está muitíssimo bem situada: mesmo em frente da sede da Seguridad Nacional. De um lado, o terror e as torturas e, do outro, a boa vida. Mais uma vez estou do bom lado. O que não me impede de complicar a vida, pois faço a coisa mais perigosa para mim, ou seja, servir de caixa de correio clandestina ao prisioneiros, tanto políticos como de direito comum.

1958. Depois de alguns meses, a situação começa a ficar feia na Venezuela. A ditadura de Perez Jimenez está ferida mortalmente. Mesmo as classes privilegiadas se afastam dele e apenas o sustentam o Exército e a sua terrível polícia política, a Seguridad Nacional, que prende cada vez mais gente.

Durante esse tempo, os três mais importantes chefes políticos da Venezuela, todos exilados, estabelecem em conjunto, em Nova York, o plano para se apoderarem do poder. Trata-se de Rafael Caldera, Jovito Vilalba e de um homem excepcional, Romulo Betancourt. O chefe do Partido Comunista, Machado, não é convidado. Contudo também os comunistas deixaram vidas na

história.

No dia 1° de janeiro, um general da Aeronáutica, Castro Leon, tenta sublevar os seus homens, e um pequeno grupo de aviadores deixa cair algumas bombas sobre Caracas, em particular sobre o palácio presidencial de Perez Jimenez. A operação falha e Castro Leon refugia-se na Colômbia.

Mas a 23 de janeiro, às duas da manhã, um avião sobrevoa Caracas. É Perez Jimenez que parte com a família, com os seus mais próximos colaboradores e uma parte da sua fortuna. Um carregamento de tão grande valor em pessoas e riquezas que os venezuelanos batizaram esse avião de “vaca sagrada”. Perez Jimenez sabe que perdeu a partida, que o Exército o abandona. Depois de dez anos de ditadura, deixam-no partir. O seu avião dirige-se para a ilha de São Domingos, onde um outro ditador, o General Trujillo, não pode senão acolher bem o seu confrade.

Caracas acorda sob uma junta governamental dirigida pelo Almirante Wolfgang Larrazabal, que toma o comando deste barco abandonado pelo comandante e pela tripulação. É a revolução, e nela um jovem, Fabrício Ojeda, desempenha um papel muito importante. Enquanto poderia facilmente criar uma posição privilegiada e fazer fortuna, não terá nenhuma dessas fraquezas e tornar-se-á mais tarde um guerrilheiro dos mais duros. Morrerá “suicidado” num calabouço da polícia. Conheci-o e devo prestar-lhe esta homenagem. Talvez venha um dia a ter a estátua que merece.

Durante cerca de três semanas as ruas ficaram sem polícia. Claro que houve cenas de pilhagem, mas quase unicamente contra os perez-jimenistas. É um povo que explode após dez anos de mordaça. A sede da Seguridad Nacional, defronte do Normandy, é atacada e a maior parte dos polícias mortos.

Foi nos três dias seguintes à partida de Perez Jimenez que estive em risco de perder todo o fruto de doze anos de trabalho.

Telefonam-me de vários lugares dizendo que todos os *dancings.* restaurantes de luxo e lugares de encontro dos privilegiados perez-jimenistas vão ser atacados e saqueados. Não é desastroso para aqueles que não residem no local do negócio. Mas nós vivemos no andar por cima do nosso Caty-Bar. É uma pequena moradia no fundo de um beco, o bar fica no térreo e o apartamento por cima, coberto por um terraço de estilo árabe.

Estou decidido a defender a minha casa, o meu negócio e os meus. Preparo vinte garrafas de gasolina e fabrico com elas coquetéis Molotov. Arrumo-as, bem alinhadas, no terraço. Rita não me quer deixar, está junto de

mim com um isqueiro na mão. Ei-los.

Uma horda de gente chega. São mais de cem os pilhantes. Estando o Caty-Bar situado num beco, quem entra na ruela necessariamente vem para ele.

Chegam próximo de nós e distingo por entre a gritaria: “Aqui era um lugar de encontro dos perez-jimenistas! Ao assalto!” Começam a correr brandindo barras de ferro e pás. Acendo o isqueiro.

Dum só golpe a horda pára. Quatro homens, de braços estendidos, atravessaram-se na rua e fazem parar essa gente excitada. Então ouço:

— Nós somos trabalhadores do povo e também revolucionários. Conhecemos esta gente há muitos anos. O patrão, Enrique, é um francês, amigo do povo. Tem-no provado montes de vezes. Retirem-se. Vocês não têm nada que fazer aqui.

Põem-se a discutir, mais calmamente, e ouço esses bravos homens explicarem por que razão tomam a nossa defesa. Isso durante cerca de vinte minutos, enquanto Rita e eu continuamos no terraço de isqueiro na mão. Os quatro homens devem tê-los convencido a respeitarem-nos, uma vez que a horda se retira sem qualquer gesto de ameaça.

Ufa! escapamos de boa, e alguns deles também. Nunca mais voltou a aparecer ninguém.

Esses quatro homens do povo, nossos defensores, eram empregados do Serviço de Águas de Caracas. Com efeito, a porta ao lado do Caty-Bar, no fundo do beco, que formava uma espécie de pequena pracinha, era a entrada dum depósito do Serviço de Águas, onde entravam e saíam caminhões-tanques que iam reabastecer os lugares onde a água faltava por qualquer razão. Os empregados que ali trabalhavam eram, na sua maior parte, gente da esquerda, o que é natural. Muitas vezes lhes dávamos de comer e se, porventura, vinham beber uma garrafa de Coca-Cola não lhes cobrávamos nada. Vivíamos como bons vizinhos e eles compreendiam que para nós eles eram homens com tanto valor como os outros. Por causa da ditadura não falavam quase nunca de política, mas algumas vezes, depois de *um* copo, havia quem deixasse escapar palavras imprudentes, que eram ouvidas e denunciadas. Então eram presos ou despedidos do emprego.

Nós tínhamos conseguido muitas vezes, Rita ou eu, que, através de um dos nossos clientes, o culpado fosse libertado ou readmitido no emprego. De resto, entre senadores, deputados ou militares do regime havia muitos prestáveis e humanos. Raro era aquele que se recusava a prestar um serviço.

Naquele dia, os empregados do Serviço de Águas acabavam de pagar com uma grande coragem (pois o caso não era fiara brincadeiras) as suas dívidas para conosco. E o mais extraordinário é que esse milagre se repetiu com os nossos dois outros bares. No Ninoska, nem um vidro partido. No Normandy, mesmo defronte da terrível Seguridad Nacional, o lugar mais quente da revolução, onde se metralhava em todos os sentidos, onde os revolucionários queimavam e pilhavam a torto e a direito todos os estabelecimentos da Avenida México, no Normandy, nada. absolutamente nada destruído, nada roubado. Por que ordem misteriosa? Não faço idéia, nunca o soube.

Com Perez Jimenez era a disciplina forçada, trabalho, segurança pública antes de tudo. Há dez anos que ninguém discute, e toda a gente não faz mais do que obedecer. A imprensa foi amordaçada.

Com Larrazabal, o marinheiro, toda a gente dança, desobedece à sua vontade, declara ou escreve tudo o que pode sair da cabeça de intelectuais políticos e demagogos, completamente doidos de alegria de poderem falar à vontade, com toda a liberdade. E isso é bem simpático. Respira-se.

Ainda por cima, o marinheiro é poeta, alma de artista, sensível à miséria e à situação de milhares de pessoas que, destronado o ditador, se lançaram sobre Caracas, em vagas sucessivas, vindas dos quatro cantos da Venezuela. Cria o Plano de Urgência, a cargo do Tesouro, que distribui milhões para esses desgraçados.

Prometeu eleições. Honestíssimo, prepara-as com toda a lealdade e, apesar de vencer em Caracas, é Betancourt que as ganha. Mas este tem de fazer face a uma situação difícil; não há um dia em que não se trame uma conspiração ou não se tenha de ganhar uma batalha contra a reação.

Acabo de comprar o maior café de Caracas, o Grand Café, na Sabana Grande, com mais de quatrocentas cadeiras. É o café onde Julot Huignard, o homem do martelo da Joalheria Lévy, tinha combinado encontrar-se comigo, em 1931, nos corredores da Santé: “Coragem, Papi, encontramo-nos no Grand Café, em Caracas”.

Lá estava. Vinte e oito anos depois, é verdade, mas lá estava. Sou mesmo o proprietário, mas Huignard não comparece. Assim, parece que tudo corre bem para mim. Mas a situação política do país não torna fácil a tarefa para Betancourt. Um atentado monstruoso e vil contra ele vem perturbar esta democracia ainda muito jovem e titubeante.

Teleguiado por Trujillo, o ditador de São Domingos, um automóvel

carregado de explosivos explode à passagem do carro presidencial, que se dirige a uma cerimônia oficial. O chefe da Casa Militar morre, o motorista fica gravemente ferido, o General Lopez Henriquez horrivelmente queimado, bem como a sua mulher, e o próprio presidente fica com os antebraços calcinados. Vinte e quatro horas depois, com as mãos ligadas, falava ao povo venezuelano. E isso parecia tão inverossímil que muitos chegaram a pretender que aquele que falava era um seu sósia.

Escusado será dizer que, em tal atmosfera, este país abençoado pelos deuses começa, também ele, a ser atacado pelo vírus das paixões políticas. Toda a gente tem o micróbio, ou quase. Há polícias por toda a parte, nasce uma nova raça desconhecida até então. Entre os funcionários, alguns abusam da sua filiação política, cria-se uma terrível expressão: “Nós comandamos”.

Funcionários de diferentes administrações vêm-me chatear várias vezes. Há inspetores de todas as espécies, para os licores, para as taxas municipais, para isto e para aquilo. A maior parte desses funcionários não tem preparo e apenas desempenha esse trabalho porque pertence a tal partido político.

Além disso, como a administração conhece o meu passado e como estou inevitavelmente em contato com certos tipos que por aqui passam, mesmo vivendo honestamente e sem ter nada a ver com eles, porque, além disso, estou aqui asilado e não prescrito na França, os polícias aproveitam-se disso para exercer uma certa chantagem, e jogam com ela. Por exemplo, toma realce o assassínio dum francês, há dois anos, sem que se tenha descoberto o culpado. Sei eu alguma coisa? Não *sei* nada? Não me interessa, em vista da minha situação, saber um pouco?

É que isso já me começa a chatear! Começo a ficar cansado desses tipos! Por agora a coisa não é grave, mas se isso continua assim e começo a fazer barulho vá-se saber como acaba, dentro de um ano ou dois! Não, barulho aqui não, neste país que me deu a possibilidade de me tornar um homem livre e de refazer o meu lar.

Não há mais conversa, vendo o Grand Café e outros negócios e parto com Rita para a Espanha. Talvez aí possa aclimatar-me e montar alguma coisa.

Não consegui instalar-me. Os países da Europa são verdadeiramente bem organizados demais. Em Madri, quando já tinha na mão as treze primeiras licenças para montar um negócio, disseram-me, com toda a delicadeza, que faltava uma décima quarta.

Pareceu-me demais. E Rita, reconhecendo que eu não podia de maneira

nenhuma viver longe da Venezuela, que até os tipos que me chateavam me faziam falta, decidiu que para nossa felicidade, mesmo tendo vendido tudo, devíamos voltar.

15

OS CAMARÕES — O COBRE

De novo em Caracas. Estamos em 1961, dezesseis anos passados após El Dorado. Somos felicíssimos, cheios de alegria de viver e sem problemas importantes. As circunstâncias não quiseram que eu voltasse a encontrar a minha família na Espanha, mas as cartas que trocamos regularmente mantêm-nos ao corrente das nossas vidas mútuas.

A vida noturna mudou muito em Caracas.

Adquirir um negócio tão são, tão belo e tão importante como o que tinha vendido, o Grand Café, torna-se para além das nossas possibilidades, impossível de encontrar e ainda mais de criar. Por outro lado, uma lei ridícula tende a fazer dos donos dos bares e vendedores de bebidas alcoólicas corruptores da moral pública, o que permite toda espécie de abuso e exploração por parte de certos funcionários, e eu não estou interessado em voltar de novo a esse campo.

É preciso encontrar outra coisa. Descubro uma mina. não de diamantes, mas de enormes camarões e de lagostins. E isso de novo em Maracaibo.

Instalamo-nos num belo apartamento, compro um pedaço de praia e fundo uma companhia, a Capitán Chico, nome do bairro onde se encontra a praia. Único acionista, Henri Charrière; presidente-diretor-geral, Henri Charrière; diretor das operações, Henri Charrière; primeiro colaborador, Rita.

E eis-nos lançados numa aventura extraordinária. Compro dezoito barcos de pesca. São grandes barcos equipados com um motor externo de cinqüenta cavalos e uma rede de duzentas e cinqüenta braças. Cinco pescadores por barco. Um barco e o respectivo equipamento completo custavam doze mil e quinhentos bolívares (um bolívar = um franco). Portanto, dezoito representavam muito dinheiro.

Vivemos intensamente. Criar vida à nossa volta, transformar aldeias, varrer a miséria, tornar menos penoso o trabalho, pagando bem, substituindo a indolência por uma existência nova, é o que realizo rapidamente nas pequenas aldeias de pescadores à beira do lago, particularmente em San Francisco.

Esta pobre gente nada tem. Somos nós que damos, sem qualquer garantia, um apetrechamento de pesca para cada equipe de cinco. Pescam livremente e apenas têm como compromisso vender-me os lagostins ou os camarões ao preço do dia menos meio bolívar, uma vez que todo o material de pesca e respectiva manutenção estão a meu cargo.

O negócio vai de vento em popa e me apaixono por ele. Temos três caminhões-frigoríficos que não param de correr as praias para trazer o que o s meus barcos pescaram e também a pesca de outros pescadores que a vendem a quem oferecer mais.

Fiz construir no lago um pontão sobre estacas, de mais de trinta metros, bem como uma grande plataforma coberta. Rita dirige aí uma equipe de cento e vinte a cento e quarenta mulheres que retiram do camarão e do lagostim a parte onde se encontra o aparelho digestivo, ou seja, a cabeça. Depois, lavados e tornados a lavar em água gelada, são pesados pela libra americana. Há quer de dez a quinze por libra, quer de vinte a vinte e cinco, quer de vinte e cinco a trinta. Quanto maiores, mais caros são. Cada semana recebo da América uma folha verde, a *green sheet,* que nos dá a cotação do camarão em cada terça-feira. Todos os dias parte pelo menos um avião DC 8 para Miami, ou seja, vinte e quatro mil e oitocentas libras, e por vezes dois, sendo um deles um DC 4 com doze mil e quatrocentas libras,

Teria ganho muito dinheiro se um dia não tivesse feito a asneira de aceitar um sócio americano. O seu rosto era uma verdadeira lua, tinha um ar bom, estúpido e honesto. Não falava espanhol nem francês, e como eu não falava inglês não podíamos discutir.

Este americano entrou sem capital, mas alugou os frigoríficos de uma marca de gelo conhecida, vendido em todo o Maracaibo e suas imediações. A congelação dos camarões e lagostins é perfeita.

Tinha portanto a meu cargo a pesca, a vigilância dos meus barcos, fazer receber ou receber eu próprio o produto da pesca do dia nos meus três caminhões-frigoríficos e pagar diretamente a mercadoria aos pescadores, logo, despender sozinho somas consideráveis. Por vezes partia para a praia com trinta mil bolívares no bolso e voltava sem um tostão.

Tudo isso está bem organizado, mas nada se faz sozinho e a luta é constante, tanto com os meus próprios pescadores como com os compradores piratas.

Os pescadores são pessoas naturalmente honestas. Tornaram-se

trabalhadores com mira no ganho. Mas esse ganho não é aplicado da melhor maneira e continuam a viver nas condições mais modestas. Talvez seja por virtude, mas não sentem necessidade de arranjar a sua casa, de ter móveis, uma verdadeira cozinha e um quarto de dormir. Esforcei-me por lhes explicar apaixonadamente todos os princípios em favor dessas transformações, mas permanece sempre um fundo de inércia contra o qual sou impotente. Lamento-o, mas isso não me impede de ser o padrinho de uma série de crianças!

O verdadeiro drama são os compradores piratas. Como disse, tinha ficado decidido com os pescadores que utilizavam o meu material que lhes pagava o que eles pescassem ao preço do dia, menos meio bolívar por quilo, o que estava certo. Os compradores piratas, esses, não arriscam nada. Não têm barcos, apenas um frigorífico, e é tudo. Apresentam-se nas praias e compram o camarão e não importa a quem. Quando um barco tem oitocentos quilos de camarões, meio bolívar a mais por quilo faz, para os meus pescadores, uma diferença de quatrocentos bolívares entre o que lhes pago e o que lhes dá o comprador pirata. E tal quantia, dividida por cinco, representa oitenta bolívares a mais para cada pescador. É preciso ser santo para resistir à tentação. Assim, cada vez que a ocasião se apresenta, os meus pescadores aceitam a oferta do pirata. É, portanto, preciso que eu defenda os meus interesses quase dia e noite, mas esta luta me agrada e me apraz intensamente vivê-la.

Quando enviamos os camarões e lagostins para os Estados Unidos, o pagamento se faz através de carta de crédito depois da apresentação ao banco dos documentos de expedição, com o certificado de controle da boa qualidade do produto e da sua perfeita congelação. O banco paga oitenta e cinco por cento do valor total e os restantes quinze por cento são recebidos setenta e duas horas mais tarde, após boa recepção e verificação da remessa, sobre aviso de Miami para Maracaibo. Acontecia por vezes que, no sábado, quando havia dois aviões de camarão, o meu sócio partia com um deles para acompanhar o carregamento. Nesse dia o frete custa quinhentos dólares mais por libra e, em Miami, os encarregados de receber a mercadoria não trabalham. É preciso então alguém estar presente para fazê-la descarregar por equipes especiais, carregá-la para o atrelado frigorífico e conduzi-la até a fábrica do comprador em Miami, ou então a Tampa ou Jacksonville. Como nesse dia, por ser sábado, os bancos estão fechados, não há possibilidade de fazer funcionar a carta de crédito, nem tampouco o seguro. Mas na segunda-feira de manhã, nos Estados Unidos, o produto se vende de dez a quinze por cento mais caro. A operação é boa.

Tudo gira sobre esferas e felicito-me do belo negócio que o meu sócio faz aos sábados ao partir com os aviões. Até o dia em que ele não voltou mais.

Por azar, como isso se passava nos meses em que há pouco camarão no lago, tinha alugado um barco grande em Punto-Fijo, um porto de mar, e feito uma viagem a Los Roques para aí buscar um belo carregamento de magníficas lagostas. Voltei carregadíssimo com um produto de primeira qualidade. No local havia mandado tirar-lhes as cabeças. Tinha, pois, um carregamento de grande valor, nada menos do que caudas de lagostas de um quilo e duzentos a um quilo e trezentos, as melhores.

E um belo sábado, dois DC 8 carregados de caudas de lagostas, pagas por mim, bem como as despesas de expedição e tudo o mais, voam e desaparecem por entre as nuvens.

Na segunda-feira nem uma palavra. Terça, o mesmo. Vou ao banco e, de Miami. nada. Não quero acreditar, mas estou mesmo vendo: fui enganado. Como era o meu sócio que manobrava as cartas de crédito e como nos sábados não havia seguro, vendeu todo o carregamento à chegada e fugiu com a grana.

Apossa-se de mim uma cólera terrível e parto para a América à procura do cara de lua, com um revólver na cintura. Encontro o seu rasto, o que não é difícil, mas em cada morada dou com uma santa mulher que diz ser a sua legítima esposa e não saber onde o marido se encontra. E isso por três vezes, em três cidades diferentes! Nunca mais encontrei o meu simpático sócio.

Encontro-me duro. Tínhamos perdido cento e cinqüenta mil dólares. Restavam, é certo, os barcos, mas em muito mau estado, bem como os motores. E, como se trata de uma atividade onde é preciso dispor cada dia de muito dinheiro para trabalhar, não podemos agüentar-nos nem renovar energias. Quase arruinados, vendemos tudo. Rita não se lamenta nem me faz qualquer censura por ter confiado demasiado. O capital, constituído pelas economias de catorze anos de trabalho duro, mais dois de sacrifícios inúteis e de esforços constantes, perdeu-se todo, ou quase.

Com lágrimas nos olhos, abandonamos esta grande família de pescadores e empregadores que tínhamos criado. Também eles estão consternados, nos manifestam a dor de nos ver partir e o reconhecimento de lhes termos dado, durante dois anos, uma vida que até aí nunca haviam conhecido.

Regresso a Caracas. Instalamo-nos num agradável apartamento, não longe do Grand Café, em plena Sabana Grande.

Que vamos fazer?

Não há capital para adquirir um negócio. É preciso encontrar qualquer coisa.

Ouço dizer que grupos estrangeiros estão interessados na compra de todos os detritos de cobre eletro-lítico, seja qual for a quantidade. O negócio é delicado, porquanto esse cobre é considerado como material estratégico. É controlado em toda a América do Sul pelos americanos, que vigiam qualquer saída para a Cortina de Ferro. Na Venezuela, o organismo que se ocupa deste controle é o Departamento Logístico do Exército. Segundo os compradores, haveria grandes quantidades disponíveis na Venezuela, uma vez que esta não possui os meios industriais para o seu tratamento. Eles sabem que é quase impossível fazê-lo sair do país, pois são precisas licenças de exportação que apenas se podem obter com a autorização do Exército ou, pelo menos, com um documento não se opondo à passagem das licenças.

Então começa aí a mais louca história da minha vida.

Entro em contato com os grupos de compradores e explico-lhes que sou o homem da situação. Rapidamente faço-lhes abrir cartas de crédito para a operação, porque antes de qualquer iniciativa devo assegurar-me de que, na hipótese de o negócio ser cercado de êxito, eles deverão ter os milhões de dólares que ele exige. E os dólares aparecem, no nome deles, bem entendido.

Então me lanço e parto de contato em contato. Oferecem-me de todos os lados quantidades importantes de cobre de recuperação. Uns sabem onde se encontra um cabo submarino retirado do serviço e armazenado em segredo. Tão precioso, segundo eles, que está guardado num depósito sob a vigilância de guardas nacionais que não fazem a menor idéia do que ele tem lá dentro. O vendedor me explica que o sujeito que lhe indicou o negócio lhe forneceu mesmo um precioso pormenor: o cabo foi cortado em pequenos pedaços e posto em velhos barris à superfície dos quais se encontra ferro fundido, para que possa passar como ferro-velho quando da sua exportação, o que é legal.

Um muito respeitável comerciante catalão tem um genro empregado na Sociedade de Eletricidade, que possui quilômetros de velhos cabos de alta tensão de cobre, que foram substituídos por cabos de um outro metal. Segundo ele, estão à minha disposição quando eu quiser, a bom preço, pagos a vista.

Em toda a Venezuela se acham montes de cobre, ciosamente guardados e escondidos, que apenas esperam comprador.

Cada vendedor guarda segredo sobre as suas fontes, não servindo ele próprio muitas vezes senão de intermediário a um outro vendedor. Também, quase sempre de boa fé, apenas me dá referências vagas, nunca fala nem nunca diz o nome do seu vendedor. Tudo corre em clima de confiança mútua. Criam-se verdadeiras barreiras de silêncio.

Compro, vendo, compro, vendo, vendo, e ofereço suntuosas refeições regadas a champanha aos meus futuros compradores e vendedores, no meu pequeno apartamento. Na cozinha Rita dá o melhor de si. Considero-me o mais astuto e hábil dos comerciantes. Sou o eixo do negócio, os compradores e os vendedores só a mim conhecem.

Torno-me maquiavélco, compro consciências, a crédito (felizmente), umas para obter no momento desejado licenças de exportação, outras para me assegurar, através de comissões, que as reservas das diferentes companhias não serão vendidas senão a mim.

Isso me custa todo o meu talento, o meu tempo e a grana que tinha ficado do desastre da pesca. Consome-se em deslocações, rendas que vão para além de um ano, vinhos, uísque e pratos escolhidos, para tratar toda a gente como um grande homem de negócios.

Faço reuniões onde cada um defende com intransigência os milhões que lhe devem caber. As co-participações nos futuros benefícios são tão importantes como variadas. Há refeições e reuniões secretas com os compradores, que se impacientam. Há refeições e reuniões ainda mais secretas com os amigos dos amigos dos amigos que podem conceder as licenças de exportação do ministério. Há um intermediário que propõe um porto de embarque onde. na sua versão, ele faz o que quer: fecharão os olhos à mercadoria, o cobre passaria por chumbo, ferro fundido ou ferro-velho. Calculam-se os preços de transporte e concluo que será preciso um porto para cada região. Para oriente: Guanta; para ocidente: Maracaibo. Numa palavra, quanto mais contas faço com os meus compradores, mais pago, mais me apercebo de que a quantidade de milhões a dividir será sensacional.

Estou prestes a triunfar. Depois de uma dessas memoráveis refeições de Rita, de que ainda hoje falam certos honrados comerciantes de Caracas, ultimei com os meus principais vendedores os pormenores da operação. Está tudo tratado. Cada um tomou cuidadosamente nota das centenas de toneladas que está pronto a fornecer-me, depois de discutida a sua comissão. As datas de entrega estão fixadas e as embalagens bem definidas.

É então que, uma vez que tudo se acha definitivamente a postos, só resta certificar-me junto de um oficial venezuelano como devo fazer para obter dos serviços interessados do Exército a certeza de que não há oposição à concessão das licenças pelo ministério. Dou-lhe um dossiê contendo as quantidades, qualidades e origens do cobre.

No dia seguinte é a bomba. Chamam-me ao telefone:

— Meu caro amigo, estou desolado ao saber que vendeu mais cobre do que aquele que existe em toda a América Central e do Sul reunidas.

Que diabo aconteceu? Este sujeito é doido? Não está interessado no negócio? Achou-o desonesto, muito arriscado? Se o cobre existe! Não pode ser outra coisa! Tanta gente junta, não me podem ter todos mentido! Mas à tarde veio à minha casa e, com os documentos na mão, dá-me provas irrefutáveis. Não pude mais duvidar da catastrófica realidade.

Eu tinha acreditado nos meus vendedores, que por sua vez haviam acreditado nos seus vendedores, muitas vezes eles próprios intermediários entre o precedente e o último elo da cadeia. Mas, chegado a este último, a maior parte das vezes o cobre nunca tinha existido senão em imaginação. Muitas vezes apenas havia servido de engodo para conseguir outros negócios. Era o que sucedera com o catalão. E como são malandros os catalães! Tinham-lhe comprado três dúzias de frigoríficos apodrecidos que ninguém queria nem dados, só porque ele acenara com um segundo negócio: a compra certa e segura de trinta toneladas de cobre de recuperação. Um outro dos meus vendedores, um húngaro, tinha, nessa mesma esperança, enchido o apartamento de cabos de picareta. A partir desse dia volta a cara cada vez que vê um cantoneiro.

Encosto os vendedores à parede, mas agora é tarde. Era por aí que eu devia ter começado. Retomando a meada, as toneladas transformavam-se em quilos e por vezes em libras. Ali, onde eu devia encontrar um maravilhoso depósito, encontrava um pequeno montão de cápsulas de obuses queimadas pelo Exército nos exercícios de tiro. Era tudo. O cabo submarino nunca existiu, tanto como as linhas de alta tensão ou como as linhas substituídas das companhias petrolíferas ou outras.

A situação era grave e o prejuízo grande, uma vez que, num ano, tinha despendido quase todo o dinheiro que nos restava, convencido de que o futuro estava mais que assegurado,

Na verdade, a única coisa que realmente existia eram os compradores. E, a esses, nem sequer pude reembolsá-los das consideráveis despesas que tinham feito com as transferências de fundos e a abertura das cartas de crédito. Não tive grandes complicações com eles pois agira de boa fé e não cometera a menor falta: acreditara apenas nos vendedores, todos comerciantes honestos.

Não vale a pena descrever em que estado fiquei. Em menos de dois anos tinha por duas vezes sido vítima de ladrões. Primeiro, o americano com cara de lua e, depois, os negociantes burgueses, que se dizem aptos para tudo e que no fim de contas não prestam para nada.

Estou de tal maneira irritado contra mim próprio que dou comigo aos gritos na sala de jantar:

— Daqui em diante não quero mais negócios com gente séria. Mentem e roubam demasiado! No futuro só tratarei com malandros! Ao menos com esses a gente sabe com o que conta.

16

O GORILA — PABLITO

Batem à porta (a campainha não toca) e vou abrir, desejando que seja um dos meus numerosos vendedores de cobre, a fim de poder, ao menos sobre um deles, descarregar todo o meu repertório e mesmo, segundo a sua aptidão a deixar-se injuriar sem oposição, dar-lhe uma boa sova.

É o meu *velho* amigo, o Coronel Bolagno. Desde sempre ele e a sua família foram os únicos na Venezuela a tratar-me por Papillon. Toda a gente me chamava Enrique ou Don Enrique, segundo a minha situação. Para isso os venezuelanos são umas águias, sabem imediatamente se estamos prósperos ou em dificuldades.

— Então, Papillon? Há mais de três anos que não nos víamos.

— É verdade, Francisco, três anos.

— Por que é que não veio ver-me na nova casa que construí?

— Você não me convidou.

— Os amigos não se convidam, vêm quando querem, pois a nossa casa é dos nossos amigos. Convidá-los seria um insulto e colocá-los no rol daqueles que não podem vir visitar-nos sem serem convidados.

Não digo nada, pois reconheço que ele tem razão.

Bolagno dá um beijo em Rita. Senta-se, com os cotovelos apoiados na mesa e com um ar muito preocupado. Tira o seu boné de coronel.

Rita serve-lhe um café e pergunto-lhe:

— Como é que soube o meu endereço?

— Isso é uma coisa que me diz respeito. Por que é que não o mandou para mim?

— Muito trabalho e muitas preocupações.

— Tem tido preocupações?

— Bastantes.

— Então bati na porta errada.

— Por quê?

— Vim pedir-lhe emprestados cinco mil bolívares. Estou em dificuldades.

— Impossível, Francisco.

— Estamos arruinados — diz Rita.

— Ah! Vocês estão arruinados? Você está arruinado, Papillon, é mesmo verdade que está arruinado? E tem vergonha de me dizer isso? Está arruinado e se esconde de mim? E é por isso que nunca mais me visitou para me contar os seus problemas?

— Sim, é verdade.

— Pois bem, permita-me que lhe diga que você é um tipo indecente. Os amigos servem justamente para desabafarmos e para nos ajudarem a sair das situações difíceis. E você é indecente em não ter pensado em mim, no seu amigo, para o amparar e ajudar. Pois fique sabendo que os seus problemas, eu os soube através de terceiros, e é precisamente por isso que aqui estou, para o ajudar.

Eu e Rita não sabemos onde nos havemos de esconder e a emoção nos impede de falar. Não pedimos nada a ninguém, é verdade. Mas muitos a quem prestei grandes serviços e que me devem até a sua situação sabem que nós estamos arruinados e ninguém nos veio oferecer ajuda. A maior parte são franceses, pessoas honestas e vagabundos também.

— O que posso eu fazer por você, Papillon?

— É preciso muito dinheiro para montar um negócio que nos permita ganhar a vida. Se porventura você o tiver, não poderá desfazer-se dele e nem mesmo deve ter uma importância tão grande.

— Vista-se, Rita, vamos comer os três no melhor restaurante francês da cidade.

No fim da refeição, ficou combinado que eu procuraria um negócio e que lhe diria a soma necessária para a sua aquisição. Bolagno concluiu:

— Se eu tiver, não há problema, se não chegar pedirei emprestado aos meus irmãos e ao meu cunhado. Mas dou-lhe a minha palavra de honra de que conseguirei aquilo de que você precisa.

Todo o resto do dia não deixamos de falar nele, eu e Rita, na sua

delicadeza.

— Deu-me o seu único traje civil quando era simples cabo na prisão de El Dorado, para que eu saísse decentemente vestido, e, hoje, vem-nos ajudar de novo.

Pagamos os aluguéis atrasados antes de nos mudarmos para um agradável café-restaurante, bem situado na primeira avenida de Las Delicias, sempre no bairro de Sabana Grande. Chama-se Bar-Restaurante Gab e é ali que somos surpreendidos com a chegada do Grand Charlot.

Charles de Gaulle, então presidente da República Francesa, vem em visita oficial, convidado pelo presidente da Venezuela, Raul Leoni.

Caracas e toda a Venezuela estão em festa. Não somente os oficiais ou as classes privilegiadas, mas, como disse, toda a Venezuela. O povo, o genuíno, o das mãos calejadas, o de chapéu de palha e alpercatas, todo este povo generoso espera, sem exceção, emocionadamente, Charles de Gaulle, para o aclamar.

O Gab tem uma agradável esplanada coberta e acho-me tranqüilamente sentado a uma mesa, bebendo *pastis* com um francês que tenta explicar-me o mistério da fabricação da farinha de peixe, mas que me fala em voz baixa de uma descoberta que acaba de pôr em prática e que lhe dará milhões, uma vez homologada. Trata-se de nada mais nada menos que cinema em relevo. Baixa a voz e olha em redor para dar o ar mais confidencial possível e também para me dizer que quantidade de dinheiro eu poderia colocar nas suas pesquisas. Nada estúpido, o sujeito se exprime com a palavra exata aprendida na Central, não a central de Clairvaux ou outra, mas mesmo na famosa Escola Central de Paris, viveiro de grandes engenheiros.

É sempre divertido ouvir histórias de alguém que nos escolhe para vítima, e era tão aliciante o seu discurso que, encantado, não me apercebo de que um vizinho do lado se encontra de ouvido à escuta. Até o momento em que desdobro um pedaço de papel que Rita, que estava na caixa, me enviou pelo criado da esplanada:

Não *sei do que estão falando, mas o certo é que o vizinho do lado parece muito interessado na. sua conversa. Tem ar de ser malandro.*

Para terminar com o inventor, aconselho-o vivamente a prosseguir nas suas pesquisas e lhe digo que tenho tanta fé no seu êxito que entraria

imediatamente no negócio se porventura tivesse algumas economias, o que infelizmente não acontece. Ele vai-se embora, levanto-me e, ao voltar-me, fico virado para a mesa de trás.

Um sujeito está sentado, bem acomodado, muito bem acomodado mesmo, impecavelmente vestido, com um terno azul-metálico, de gravata e tudo, tendo sobre a mesa à sua frente um *pastis* e um maço de Gauloise. Desnecessário perguntar-lhe qual a sua profissão, assim como a sua nacionalidade.

— *Perdone usted, fuma cigarrillos franceses?*

— Fumo, sou francês.

— Essa é boa. não o conheço. Diga-me, você por acaso não é um gorila do Grand Charlot?

O sujeito se levanta e se apresenta:

— Sou o Comissário Belion, encarregado da segurança do general

— Muito prazer.

— E você é francês?

— Deixemo-nos de brincadeiras, comissário. Você sabe muito bem quem eu sou e não é por acaso que está no meu botequim.

— Mas...

— Não vale a pena insistir. Você só tem uma coisa a seu favor: o fato de ter posto ostensivamente o Gauloise em cima da mesa para que eu me dirigisse a você. É verdade ou não?

— Exato.

— Um outro *pastis?*

— OK. Vim vê-lo, pois, como responsável pela segurança do presidente; organizo, pela Embaixada, uma lista de pessoas suscetíveis de terem de deixar Caracas quando o presidente aí se encontrar. Essa lista será submetida ao Ministério do Interior, que tomará as medidas necessárias.

— E estou nessa lista?

— Ainda não.

— O que é que você sabe de mim?

— Que você tem família e que vive honestamente. — E mais?

— Que a sua irmã se chama Madame X... e mora em tal lugar em Paris, e

que a outra, Madame Y..., vive em Grenoble.

— E mais?

— E que você foi prescrito o ano passado, em junho de 1966.

— Quem é que lhe disse isso?

— Sabia-o antes de partir de Paris, mas o Consulado aqui tinha sido notificado.

— Por que é que o cônsul não me disse isso?

— Oficialmente ele não sabe a sua morada.

— Mas conhece-a bem para me mandar os franceses que se acham em dificuldades, para que eu os ajude.

— Isso é pela Alliance Française, não é a mesma coisa.

— Talvez. De qualquer maneira obrigado pela boa notícia. Posso ir ao Consulado para obter a comunicação oficial?

— Quando quiser.

— Mas diga-me, comissário, por que é que está, esta manhã, sentado na frente do meu restaurante? Não é para me vir dar notícias da minha prescrição, nem para me dizer que as minhas irmãs ainda vivem no mesmo lugar, não é verdade?

— Com efeito. Era para o ver, para ver Papillon.

— Você apenas conhece um Papillon, o do processo de Paris. Uma montanha de mentiras, de exageros, de autos mal-intencionados. Um processo que nem sequer definia o homem que eu era antes e, muito menos ainda, aquele em que me tornei.

— Acredito nisso sinceramente e felicito-o.

— Então, agora que você me viu, vai pôr-me na lista das pessoas a expulsar durante a estada de De Gaulle?

— Não.

— Pois bem, comissário, quer que eu lhe diga por que é que você está aqui?

— Seria engraçado.

— É porque você deve ter dito a si próprio: um aventureiro é sempre alguém que procura obter grana. Ora, Papillon, mesmo bem comportado, é um

aventureiro. Recusar uma soma considerável para agir ele próprio contra De Gaulle, talvez, mas arranjar uma boa fortuna para colaborar simplesmente na preparação de um atentado já é bastante plausível.

— Continue.

— Enganou-se redondamente, meu caro comissário. Primeiro, não me metia num atentado por preço nenhum, muito menos contra De Gaulle. Em seguida, quem pode ter interesse em fazer um atentado na Venezuela?

— A OAS.

— Bom, não só é possível, como é mesmo bastante provável. Eles falharam muitas vezes na França, mas num país como a Venezuela era canja.

— Canja? Por quê?

— Com a organização de que dispõem, os tipos da OAS não têm necessidade de entrar na Venezuela pelas vias normais, portos ou aeroportos, sem falar na costa de quase dois mil quilômetros. As fronteiras terrestres são imensas: o Brasil, a Colômbia e a Guiana Inglesa. Podem entrar como quiserem, no dia e ã hora em que quiserem, sem que ninguém os perceba. Foi o primeiro erro que cometeu, comissário, mas há outro.

— Qual? — diz Belion sorrindo. — Os tipos da OAS, se são tão astutos como se diz, evitarão entrar em contato com os franceses domiciliados aqui. Porque, sabendo que os policiais irão logo ter com eles, a primeira precaução a tomar é não se aproximarem de *nenhum francês.* Não se esqueça também de que uma pessoa mal-intencionada não vai para um hotel. Há aqui centenas de pessoas que alugam um quarto a qualquer um sem o declarar. Portanto, não vale a pena procurar entre os franceses que aqui vivem, vadios ou não, as pessoas capazes de organizar um atentado contra De Gaulle.

Parece-me que ao ouvir aquilo Belion perde um pouco o sorriso. Preocupado, sinto-o, parte dizendo-me para o ir visitar quando puder voltar a Paris. Deu-me o endereço do Eliseu. Fui lá, mas ninguém o conhecia. É pena, seria engraçado rever esse comissário que foi correto comigo. Porque, afinal, não fui expulso de Caracas, como outros franceses, durante a estada de De Gaulle. Estada sem história, de resto. E, como uma besta, fui aplaudir De Gaulle.

Do mesmo modo derramei umas lágrimas ao ver o presidente do meu país. E, como uma redobrada besta, esqueci-me, pela simples presença desse chefe que salvou a honra da minha pátria, de que foi essa mesma pátria que me enviou por toda a vida para os trabalhos forçados. E, como um tripla besta, teria dado um dos meus dedos para lhe apertar a mão ou para assistir à festa dada pela

Embaixada em sua honra, para a qual, bem entendido, não estava convidado. Mas indiretamente a malta pôde vingar-se porque nessa festa introduziram-se algumas das velhas prostitutas francesas aposentadas, que, dignificadas, se assim se pode dizer, por um bom casamento, ali se encontravam com os braços carregados de flores para oferecerem à esposa do presidente, encantada.

Fui visitar o cônsul francês, que me leu a notificação da minha prescrição para o ano seguinte. Um ano mais e iria à França.

Devo dizer que nem no princípio da minha vida de liberdade na Venezuela, nem depois, nem em qualquer circunstância, fui perturbado ou incomodado pelos embaixadores ou cônsules que por ali passavam, Nunca tinha posto os pés, durante estes longos anos, na Embaixada ou no Consulado, mas, pelo contrário, nos meus restaurantes tivera muitas vezes a presença de membros de uma ou de outro.

A nossa situação melhora rapidamente e volto ao negócio dos clubes noturnos, comprando o Scotch Club, situado em Chacaito, em pleno centro de Caracas. História curiosa, uma vez que me meto nesse negócio para ir em socorro dum pobre caldeireiro francês que tipos sem escrúpulos queriam despojar. Esse gesto de cavaleiro andante será depois para mim bastante lucrativo.

Depois de muito anos recomeço a viver a noite. Noite de Caracas, que se vulgariza cada vez mais, perdendo esse cunho boêmio que lhe dava todo o encanto. Os boêmios já não são os mesmos e falta a essa nova clientela o “saber-viver” das classes privilegiadas.

Praticamente vivo na rua, estando o menos possível no bar, quase sempre vagabundeando pelos bairros dos arredores.

Aprendo a conhecer os extraordinários garotos das ruas de Caracas, que se arrastam toda a noite para ganhar umas moedas, a imaginação fecunda dessas crianças à margem da vida normal, cujos pais vivem em bairros de lata. Nem sempre bons, de resto, pois muitos deles não hesitam, no meio da sua miséria material, em explorar os próprios filhos.

E esses garotos, corajosamente, lançam-se na noite para levarem para casa a pequena soma que lhes é exigida. Esses bandos de crianças têm de cinco a doze anos. Uns engraxam sapatos, os outros, às portas do cabarés, oferecem-se para guardar o carro dos vadios que mergulham nas boates e outros, ainda, arranjam maneira de abrir a porta do carro antes do porteiro. Mil ofícios, mil misérias, mil engenhocas para juntar bolívar após bolívar até somar uma dezena

deles, por volta das cinco ou seis da manhã, e voltar para casa.

Bem entendido que tenho amigos entre eles, muito dignos e conscientes do que é a *amizade*. Não me pedem uma ajuda direta, senão quando estão nas últimas ou quando a noite se acaba e os deixa desesperados por não terem juntado nada. Então vêm ter comigo.

É comovente a nossa amizade e quase cumplicidade. Muitas vezes, quando um cliente meu conhecido se apressa a entrar para o automóvel, convido-o a ser generoso com eles, e digo a frase de costume:

— Vá lá, tenha consideração! Pense no dinheiro que gastou na boate, quando um centésimo do que despendeu seria tão útil a este pobre menino.

Em cada dez vezes, nove pelo menos resultam, e o generoso farrista dá ao menino uma nota de dez ou vinte bolívares. O meu melhor amigo chama-se Pablito. Embora pequeno e magro, é corajoso e bate-se como um leão contra os mais velhos e maiores *do* que ele. Porque nesta luta pela vida os interesses opõem-se e, se um cliente não escolheu especialmente nenhum deles para lhe guardar o carro, é ao mais rápido, quando ele sai, que caberá receber a gorjeta. Daí verdadeiras batalhas para defender e fazer respeitar o que lhes pertence ou lhes deveria caber,

O meu pequeno companheiro é inteligente e aprendeu a ler nos jornais que, por vezes, vende. Não há como ele para se antecipar aos concorrentes e chegar primeiro à porta do carro que alguém arrume ao longo do passeio. Também é o mais rápido para dar pequenos recados e arrumar sanduíches ou cigarros que não haja no bar.

O meu pequeno companheiro, Pablito, luta todas as noites para ajudar a avó, uma avó muito velha, que tem, segundo parece, os cabelos brancos, olhos de um azul deslavado e tanto reumatismo que lhe é completamente impossível trabalhar. A mãe está presa por ter batido com uma garrafa num vizinho que lhe queria roubar o rádio. É muito bonita a sua mamãe. E ele, Pablito, com nove anos, é o único responsável pela família. Não quer que a avó, o irmão e a irmã mais novos saiam à rua, nem de noite nem de dia. É ele o chefe e, portanto, deve vigiar e proteger todos os seus.

Também ajudo Pablito quando ele não teve uma boa noite ou em casos graves que se repetem com freqüência: quando é preciso dinheiro para comprar os remédios da avó ou alugar um táxi para a levar ao hospital dos pobres para consultar o médico.

— A minha avó também sofre de crises de asma, Enrique. Agora veja

bem quanto isto não custa!

E todas as noites Pablito me fornece o boletim de saúde da sua avó. Um dia faz-me um grande pedido. Precisa de quarenta bolívares para comprar um colchão de molas de segunda mão. Por causa da asma, a avó não se pode deitar numa rede; o médico tinha-lhe dito que isso lhe comprimia o tórax.

Como se instala muitas vezes no meu carro, um dia um polícia que conversava com ele, apoiado na porta e brincando com o revólver, meteu-lhe, sem querer, uma bala no ombro. Pablito é conduzido com urgência ao hospital. É operado e vou vê-lo no dia seguinte. Pergunto-lhe onde se situa o barraco onde vive e como ir até lá. Diz-me que é impossível encontrá-lo sem ir com ele e que o médico não o deixa levantar-se naquele estado.

À noite procuro um dos camaradas de Pablito, esperando que um deles me possa levar até junto da avó. Maravilhosa solidariedade das crianças da rua. Todos me dizem não saberem onde ele mora. Não acredito numa palavra porque todos os dias vários deles esperam uns pelos outros, de madrugada, para regressarem juntos ao bairro.

Fico intrigado e peço à enfermeira que me chame no dia em que Pablito tiver uma visita da família ou dos vizinhos. Dou-lhe o número do telefone do meu apartamento. Dois dias mais tarde, chego ao hospital depois de uma chamada da enfermeira.

— Então, Pablito, como vai isso? Você está com um ar insatisfeito.

— Não, Enrique. É que me doem as costas.

— Contudo, ainda há momentos ele estava rindo — diz a visita.

— A senhora é da família?

— Não, sou uma vizinha.

— Como vão a avó dele e os pequenos?

— Qual avó?

— Pois... a avó de Pablito!

— Mas o Pablito não tem avó!

— Essa agora!

Chamo a mulher à parte. Sim, tem uma irmãzinha e um irmãozinho, mas não tem avó e a mãe não está na prisão. É um pobre farrapo, meio idiota, inofensiva mas irresponsável.

Admirável garoto das ruas de Caracas, que não queria que o seu amigo Enrique soubesse que a sua mamãe era meio idiota, que a preferia na prisão, mas bela, e que tinha inventado essa maravilhosa avó, cheia de asma, para que o seu velho amigo, o francês, dando-lhe dinheiro, aliviasse a miséria e o desespero da sua pobre mamãe.

Volto à cama do meu pequeno companheiro, que não tem coragem de me olhar de frente.

Levanto-lhe suavemente o queixo. Tem os olhos fechados e, quando por fim os abre, digo-lhe:

— *Pablito, eres un troco de hombre* (você é um homem dos diabos).

Meto-lhe na mão uma nota de cem bolívares, para a família, e saio feliz e orgulhoso de ter amigos destes.

Pablito, um pequeno vagabundo das ruas de Caracas? Não, uma alma excepcional, temperada pela adversidade desde os primeiros passos e que luta nas noites de Caracas para, aos nove anos, dar de comer aos seus.

17

MONTMARTRE — O MEU PROCESSO

1967, estou prescrito. Parto sozinho para a França. Impossível confiar a alguém a direção do nosso negócio. Para que ali se possa manter uma atmosfera sã é preciso pulso, coragem, impor o respeito, e só Rita está em condições de o fazer. Ela me diz:

— Vá beijar os seus em casa. Vá visitar o túmulo do seu pai, depois vá até Israel dar um beijo à minha mãe, que está tão velha.

Entrei na França por Nice. Apesar do meu passaporte venezuelano e do visto do Consulado francês, tomei o avião Caracas—Madrid—Barcelona e depois Barcelona—Nice. Por que Nice?

Com o meu visto francês tenho também o documento oficial, entregue pelo cônsul da França em Caracas, notificando-me da minha prescrição conferida pelo Tribunal de Apelação de Paris. Mas ao me entregar o visto e este documento, o cônsul me disse:

— Aguarde que eu peça instruções à França para saber em que condições você lá pode voltar.

Não é preciso dizer mais nada. Se volto ao cônsul e se porventura ele recebeu resposta de Paris, vai-me notificar da minha *interdição de estada para toda a vida no departamento do Sena.* Ora, é minha intenção dar um salto a Paris.

Evitei assim tal notificação e, não a tendo recebido nem assinado, não estou em transgressão. A menos que o cônsul, tendo conhecimento da minha partida, avise a polícia do aeroporto de Paris para que eu a assine à minha chegada. Donde as minhas duas etapas: chego a Nice como se viesse da Espanha.

1930-1967. Trinta e sete anos passaram.

Treze anos de “caminho da podridão”, vinte e quatro anos de liberdade, dos quais vinte e dois num lar, graças ao qual, reincorporado na sociedade, vivo honestamente sem estar, apesar disso, completamente disciplinado.

Em 1956, um mês com os meus na Espanha. Depois, um período de onze anos, durante os quais, apesar de tudo, as nossas numerosas cartas mantiveram o contato vivo com a minha família.

1967. Vi-os a todos. Entrei em sua casa, sentei-me à sua mesa, sentei ao meu colo os seus filhos e netos. Grenoble, Lyon, Cannes, Saint-Priest e enfim Saint-Péray, onde encontro, em casa do papai, a tia Ju, sempre no seu posto. Empacotei cuidadosamente as grandes fotografias dos meus pais, recebi altivamente as medalhas de meu pai, ganhas na guerra de 14, e guardei como um tesouro a caderneta da Caixa Econômica, da conta que me abrira quando tinha um mês. Pude ai ler: *Dezembro de 1906, Saint-Étienne de Ludgarès, Henri Charrière, cinco francos.* Há depósitos de dois francos, de três francos, mesmo de um franco, símbolo de amor para com o seu menino, para quem estes francos representam milhões de ternura, mesmo que nunca tivessem sido levantados.

Ouvi a tia Ju contar-me por que razão o papai teria morrido mais cedo. Estava regando o jardim e carregava regadores, horas e horas, numa distância de mais de duzentos metros:

— Está vendo, meu filho, na idade dele! Poderia ter comprado uma mangueira, mas olhe...! Era teimoso como um burro, e como o vizinho não queria pagar metade e ele sabia que logo que a comprasse o outro pediria a ele para se servir dela, pois bem, teimou até o fim, e um dia, quando transportava os regadores, o coração rebentou.

Estou ainda vendo meu pai, vejo-o nitidamente, carregando os pesados regadores até os canteiros de alface, tomate ou feijão verde.

Estou vendo-o, teimando em não comprar essa célebre mangueira, enquanto sua mulher, tia Ju, lhe pedia todos os dias que o fizesse.

— Estou vendo esse professor de província parar para respirar e secar a fronte com o lenço ou para dar um conselho a um vizinho e certamente uma lição de botânica a um dos seus netos, em convalescença em sua casa de uma tosse comprida ou de caxumba.

Vejo-o distribuir toda uma parte da sua colheita por aqueles que não têm jardim e fazer embrulhos que enviava para os quatro cantos da França a fim de ajudar os seus ou os amigos, durante as restrições da última guerra.

Antes de ir ao cemitério visitar a sua campa pedi ã tia Ju que me levasse

para dar os passeios da sua preferência.

E íamos com a mesma passada dele, pelos mesmos caminhos de pedra, orlados de juncos, de margaridas, de papoulas, esperando o momento em que um marco, abelhas ou o vôo dum pássaro relembrasse à tia Ju um pequeno incidente do passado que os tivesse impressionado. E então, feliz, ela me narrava a cena em que o meu pai lhe contava como uma vespa havia mordido o seu neto Michel:

— Ali, vê, Henri? Foi exatamente ali.

De garganta seca, sedento de saber mais, ainda mais, os mínimos pormenores da vida de meu pai, escutava, maravilhado de o ver reviver.

“Sabe, Ju, quando o meu filho era muito novo, cinco ou seis anos no máximo, foi picado por uma vespa, durante um passeio. Não uma vez, como Michel, mas duas. E veja só, ele não chorou; pelo contrário, vimo-nos aflitos para o impedir de ir procurar o ninho das vespas e de o destruir. Ah! era tão corajoso o Riri!”

Não penetrei muito na Ardèche, não fui além de Saint-Péray.

Quero regressar à minha aldeia com Rita. Isso só acontecerá, talvez, dentro de dois ou três anos.

É ainda cheio da recordação destes maravilhosos momentos que desembarco na estação de Lyon e deixo as malas no depósito de bagagens por não ter ficha de hotel a preencher. Piso de novo o asfalto de Paris, trinta e sete anos depois.

Mas esse asfalto não será o meu asfalto enquanto eu não estiver no meu bairro, Montmartre. Foi à noite que lá fui, claro. O Papillon dos anos 30 não conhecia senão o sol das lâmpadas elétricas.

E eis Montmartre, a sua Place Pigalle e o Café Le Pierrot, o luar, a Rue Elysée des Beaux-Arts, as brincadeiras e as gargalhadas, as putas e os cafetões com ar grosseiro, que um iniciado reconheceria imediatamente pelo andar, e os bares transbordando de gente, onde, ao balcão, as pessoas falam umas com as outras a três metros de distância. Mas essa é a primeira impressão.

Trinta e sete anos passaram e ninguém dá por mim. Quem presta atenção a um homem quase velho (sessenta anos)? As putas são capazes de me convidar a ir com elas, e os jovens terão talvez o desrespeito de afastar o meu corpo e de me empurrar com o cotovelo a fim de tomar o meu lugar no balcão.

Mais um estrangeiro, um possível cliente, um industrial de província, eis

o que é este senhor bem vestido e engravatado, um burguês qualquer, mais um extraviado a esta hora tardia, num bar suspeito. Além disso, nota-se imediatamente que não tem o hábito de freqüentar estas paragens, de tal maneira se sente pouco à vontade.

É verdade, estou pouco à vontade, é compreensível. Já não são as mesmas pessoas nem as mesmas caras. Percebe-se logo que agora tudo é confuso, embaralhado. Tiras, lésbicas, falsos cafetões, homossexuais, homens sem escrúpulos, escuros, negros e árabes. Só alguns raros marselheses ou corsos com sotaque do sul me fazem lembrar os velhos tempos. Numa palavra, é um mundo totalmente diferente daquele que eu conheci.

Não há mais nem mesmo o que havia no meu tempo. Essas mesas com sete ou dez poetas, pintores ou artistas, reunidos em grupo, com os seus longos cabelos que tresandavam a boêmia, espírito de revolta e inteligência de vanguarda. Além disso, cabelos compridos qualquer imbecil os usa hoje.

E vou, como um sonâmbulo, de bar em bar, subo escadas para ver se ainda existem no primeiro andar os bilhares da minha juventude e recuso gentilmente a oferta dum guia que me quer mostrar Montmartre. No entanto, pergunto-lhe:

— Acha que Montmartre perdeu, de 1930 para cá, aquela alma que possuía?

E sinto um terrível desejo de esbofetear o sujeito, que com sua resposta insulta o meu Montmartre:

— Mas, senhor, Montmartre é imortal! Vivo aqui há quarenta anos, vim para cá com dez e, acredite, a Place Pigalle, a Place Blanche, a Place Clichy e todas as ruas que dela irradiam são e serão sempre, eternamente, as mesmas, *com o mesmo ambiente.*

Fujo desse pobre sujeito para caminhar no meio da avenida, por debaixo das árvores. De lá, sim, não distinguindo bem as pessoas, não vendo senão formas, de lá, sim, Montmartre é sempre o mesmo. Avanço lentamente para o lugar exato onde, diz-se, abati Roland Legrand, na noite de 25 para 26 de março de 1930.

O banco, o mesmo certamente, repintado todos os anos (pode durar à vontade trinta e sete anos, um banco de avenida, de madeira tão espessa), o banco lá está, e o candeeiro, o bar da frente e as pedras das casas são os mesmos, e as persianas da casa da frente, meio fechadas, ainda lá estão. Mas falem, falem, matéria de pedra, de madeira, de árvore, de vidro! Vocês viram, vocês estavam

lá, uma vez que ainda são as mesmas, vocês são as primeiras, as únicas, as verdadeiras testemunhas do drama, e vocês bem sabem que quem disparou naquela noite não fui eu. Por que não o disseram?

As pessoas que passeiam indiferentes passam sem ver este homem de sessenta anos de pé, encostado a uma árvore, a mesma que ali estava quando o tiro de revólver partiu.

O homem acaricia a casca da árvore e parece pedir-lhe perdão de, por alguns segundos, a ter censurado por não haver falado, a ela como aos outros eternos mudos, as eternas testemunhas da vida dos homens, as pedras e as árvores de Montmartre,

Tinha vinte e quatro anos em 1930 e descia correndo a Rue Lepic, essa rua que ainda hoje posso subir a passo firme. Felizmente sou forte e saudável, sou jovem, sim, jovem! É preciso que eu seja verdadeiramente jovem de corpo e de espírito para que sob esta emoção não estoure com um ataque de coração ou fique doido.

O espectro lá está, contra a vontade de vocês. Repeliu a pedra do túmulo onde vocês o tinham enterrado vivo. Parem transeuntes míopes, olhem um homem inocente condenado por ter cometido um crime aqui neste lugar, nesta mesma terra, diante destas mesmas árvores e pedras, parem e perguntem a estas testemunhas mudas, peçam-lhes que falem hoje. E se se debruçarem atentamente e lhes pedirem insistentemente que falem, ouvirão, como eu, o que lhes dizem num murmúrio: “Não, há trinta e sete anos, na noite de 25 para 26 de março, às três horas e trinta da manhã, este homem não estava aqui”.

“E onde estava então?”, gritarão os céticos. É fácil. Estava no Iris Bar, talvez a cem metros daqui. No Iris Bar, onde um honesto motorista de táxi entra de repente dizendo:

— Acabaram de disparar um tiro ali fora.

— Impossível — disseram os tiras.

— Não pode ser. — disseram o patrão e o empregado do Iris, cheio de tiras.

Revejo a investigação, o processo, não quero fugir a esta confrontação com o passado.

Quer revivê-la? Insiste? Quase quarenta anos depois e quer reviver esse pesadelo? Não tem medo, não receia que este regresso ao passado reacenda em você a sede de vingança há tanto extinta? Você tem confiança em si próprio, está

certo de que, ao penetrar de novo na lama, não vai esperar pelo nascer do dia e que as lojas abram para comprar uma mala de mão e a encher de explosivos para o que você bem sabe, folhear a lista para procurar o número de telefone do procurador, ver se Goldstein ainda é vivo e tem o negócio de peles ou de estupefacientes? Não, tenho a certeza absoluta, nem uns nem outros têm nada a recear de mim, que estourem se não foram já devorados pelos vermes.

Pois bem, paizinho, não é difícil rever esta peça de terror digna do Grand-Guignol, da qual você foi o herói e a vítima. Sente-se aí, nesse mesmo banco verde, aquele que assistiu ao crime, mesmo em frente da Rue Germain-Pilon, do Boulevard de Clichy, próximo ao Bar Le Clichy, onde, segundo o inquérito, começou o drama. Uma vez que você é teimoso, velho Papi, e que exige que o Papillon de vinte e quatro anos o reviva e o conte a você, vai ouvir!

Estamos na noite de 25 para 26 de março e são três e meia da manhã. Um homem entra no Le Clichy e pergunta por Madame Nini.

— Sou eu — responde uma prostituta.

— O seu homem acaba de ser atingido com um tiro na barriga. Venha, ele está ali, num táxi.

Correndo, Nini segue o desconhecido, acompanhada por uma amiga. Sobem para o táxi onde Roland Legrand está, sentado atrás. Nini pede ao desconhecido que a veio prevenir que a acompanhe, mas ele responde que não pode e desaparece.

— Depressa, para o Hospital Lariboisière.

E é só durante o trajeto que o motorista, um russo, se apercebe de que o seu passageiro está ferido. Não tinha notado nada antes.

Apressado, despejado o cliente no hospital, vai contar à polícia o que sabe: foi mandado parar por dois homens agarrados um ao outro, diante do número 17 do Boulevard de Clichy; só *um deles subiu*, Roland Legrand. O outro disse-lhe que fosse ao Bar Le Clichy e continuou a pé. Entrou no bar e regressou com duas mulheres, depois desapareceu. As duas mulheres disseram-lhe que seguisse para o Hospital Lariboisière:

— Foi durante o percurso que me apercebi de que o homem estava ferido.

A polícia registra cuidadosamente tudo aquilo e ainda mais. Que Nini declarou que toda a noite o seu amigo jogava cartas, no mesmo bar onde ela trabalha, com *um desconhecido;* que depois jogara dados e bebera no balcão com uns homens, *todos desconhecidos,* e que Roland saiu depois dos outros,

sozinho. Nada, no depoimento de Nini, indica que o vieram buscar. Saiu só, depois dos outros desconhecidos.

Um comissário e um tira, o Comissário Gérardin e o Inspetor Grimaldi, interrogam, diante de sua mãe, Roland Legrand, que está morrendo. As enfermeiras disseram-lhes que o seu estado era desesperador. Passo a citar o seu relatório e não me digam que estou inventando, pois foi publicado num livro, escrito para me desacreditar e prefaciado, portanto garantido, pelo comissário divisionário Paul Romain. Ei-lo. Os dois tiras interrogam Legrand:

"— Tem a seu lado o comissário da polícia e a sua mãe, o que há de mais sagrado no mundo. Diga a verdade. Quem disparou?

"Ele responde:

"— Foi Roger Papillon.

"Pedimos-lhe para jurar que tinha dito toda a verdade.

"— Sim, senhor, disse-lhes toda a verdade.

"Retiramo-nos, deixando a mãe ao lado do seu filho."

Portanto, jovem de vinte e quatro anos, nesta noite de 25 de março de 1930, era óbvio: quem disparara fora *Roger* Papillon.

Roland Legrand é um salsicheiro cafetão que explora a sua amiga Nini, com quem vive no número 14 da Rue Elysée des Beaux-Arts. Não era verdadeiramente um homem daquele meio, mas, como todos os que freqüentam Montmartre, como todos os homens daquela vida, conhecia vários Papillon. E, com medo que prendessem um outro Papillon em vez do seu assassino, o que não lhe conviria, ele precisa o seu primeiro nome. Quis viver sempre como cafetão, mas como todos os recalcados quis que a polícia castigasse o seu inimigo. Em suma, não somente dá a marca do carro como até o número da chapa. Papillon sim, mas *Roger* Papillon.

E tudo me acorre em turbilhão nestes lugares malditos. Contei a mim próprio mais de mil vezes, na minha cela, este processo que sabia de cor como uma bíblia, pois os meus advogados o tinham enviado para mim e tive tempo de o gravar na memória antes do julgamento.

Portanto, declaração de Legrand antes de morrer, declaração de sua mulher Nini. Nenhum dos dois o indica como sendo o criminoso.

Quatro homens entram em cena. Na noite do acontecimento, foram ao Hospital Lariboisière para perguntar se era realmente Roland Legrand o ferido e em que estado se encontrava.

Imediatamente prevenidos, os polícias procuram-nos. Como não têm de se esconder pois não são daquele meio, chegaram e foram-se embora a pé. Prendem-nos quando seguiam pelo Boulevard Rochechouart e retêm-nos no Comissariado do 18° Distrito.

Chamam-se: Georges Goldstein, de vinte e quatro anos, Roger Dorin, da mesma idade, Roger Jourmar, de vinte e um, e Emile Cape, de dezoito.

São frescas as declarações feitas, no próprio dia do crime, no Comissariado do 18° Distrito. Tudo é claro e preciso.

Goldstein declara ter sabido que, num ajuntamento, um tal Legrand fora ferido com *três tiros* de revólver. Pensando que podia ser o seu amigo Roland Legrand, que freqüentava essa área, foi a pé ao hospital certificar-se. No caminho encontrou Dorin e mais dois e pediu-lhes que o acompanhassem. Os outros nada sabem do assunto e nem conhecem a vítima.

— Conhece Papillon? — pergunta o comissário a Goldstein.

— Sim, um pouco. Encontrei-o algumas vezes. Ele conhece Legrand, *é tudo o que posso dizer.*

E depois, Papillon, o que é que isso quer dizer? Havia cinco ou seis em Montmartre! Não se enerve. Papi. Ao reviver aquilo continuo com vinte e quatro anos e estou relendo o processo na minha cela da Conciergerie[1].

[1] *Prisão anexa ao Palácio da Justiça* em *Paris. (N. da T)*

Depoimento de Dorin: Goldstein pedira-lhe que o acompanhasse ao Lariboisière, a fim de saber noticias de um camarada, *cujo nome não lhe revelou.* Entrou no hospital com ele e Goldstein perguntou se o hospitalizado Legrand tinha sido gravemente ferido.

— Conhece Legrand? Lembra-se de Roger Papillon? — pergunta-lhe o comissário.

— Não conheço Legrand, nem de vista nem de nome. Conheço um tal Papillon por tê-lo visto no bulevar. É muito conhecido e tem fama de terrível. Nunca falei com ele. Não sei mais nada.

Uma vez mais, nada acerca de Roger Papillon.

O terceiro interpelado, Jourmar, declara que Goldstein, ao sair do hospital, aonde tinha ido sozinho com Dorin, lhe dissera: “Deve ser o meu companheiro”.

Portanto, antes de ali entrar, ele não tinha a certeza, não é, Papi?

O comissário:

— Conhece Roger Papillon e um tal Legrand?

— Conheço um, chamado Papillon, que freqüenta Pigalle. Vi-o pela última vez há cerca de três meses.

A mesma coisa para o quarto sujeito. Ele não conhece Legrand. Papillon, sim, mas só de vista.

A mãe confirma também no seu primeiro depoimento que o filho tinha falado em Roger Papillon.

Não foi sendo depois dessas primeiras declarações que começou toda esta trapalhada. Até ali tudo é claro, nítido e preciso. Nada de discurso, de tiras, todas as principais testemunhas depõem em plena liberdade, perante um comissário de distrito, sem serem manipuladas, ameaçadas ou orientadas.

Conclusão: no Bar Le Clichy, onde Roland se encontra antes do drama, só havia desconhecidos. Quer sejam jogadores de dados ou de cartas, portanto das relações de Roland, são desconhecidos. E é curioso e mesmo perturbador que eles continuem como tal até o fim.

Segundo ponto: Roland Legrand, é a sua mulher que o declara, foi o *último* a sair do bar, *sozinho.* Ninguém o veio procurar. Pouco tempo depois da sua saída foi ferido por um desconhecido, que ele identifica rigorosamente no seu leito de morte como sendo Roger Papillon. Aquele que veio prevenir Nini é, e será também sempre, um desconhecido. No entanto, foi ele que ajudou Legrand a subir para o táxi, imediatamente depois dos tiros. Desconhecido que não sobe, mas que caminha ao lado até o bar, onde vai prevenir Nini. E essa testemunha fundamental permanecerá sempre desconhecida, quando tudo o que ela acaba de fazer prova que é daquele meio, de Montmartre, portanto conhecida dos polícias. Que estranho!

Terceiro ponto: Goldstein, que será a principal testemunha de acusação, *não sabe* quem foi ferido e vai ao Hospital Lariboisière para verificar se se trata ou não do seu amigo Legrand.

Únicos pontos de referência deste Papillon: chama-se Roger e passa por ser terrível.

Você era terrível aos vinte e três anos, Papi, perigoso? Não, ainda não, mas possível candidato a isso. Era certo que naquela época era um “mau rapaz”, mas era também verdade que aos vinte e três anos, *vinte e três* (que aqueles que

têm ou tiveram um filho desta idade pensem nisto), não me podia ter fixado para sempre num tipo de homem. É também verdade que nessa idade, apenas há dois anos freqüentador de Montmartre, não podia ser nem um líder nem o terror de Pigalle. Na verdade eu perturbava a ord_em pública, supunham-me envolvido em golpes importantes, sem nunca se ter podido provar nada. É certo que me chamaram à atenção várias vezes e fui bastante “apertado” no número 36 do Quai des Orfèvres, sem nunca me conseguirem arrancar nem um nome nem uma confissão. É verdade que depois do drama da minha infância, depois dessa bela Marinha, depois da recusa da Administração em me incorporar numa situação estável, tinha decidido viver à margem desta sociedade de fantoches e de fazê-lo notar.

É certo que cada vez que era engavetado e apertado no Quai des Orfèvres, por um caso sério, no qual pensavam eu estar implicado, insultava os que me torturavam e os humilhava de todas as maneiras possíveis, dizendo-lhes mesmo que um dia seria tão imundo como eles e que os teria nas minhas mãos. Portanto é natural que esses polícias, humilhados no mais profundo deles próprios, pudessem pensar: “É preciso, na primeira ocasião, cortar as asas a este Papillon”.

Mas no fundo eu tinha apenas vinte e três anos. À minha vida não era só ódio contra a sociedade, contra os patetas obedecendo a regras estúpidas, era também *a vida*, a paródia contínua, o que está em movimento, feito fogo de artifício. Fazíamos disparates graves, sim, mas também outros sem maldade. Além disso, quando fui preso, não havia no meu processo senão uma condenação de quatro meses de prisão por receptação, com pena suspensa. Deveria eu ser afastado do mundo só por ter humilhado os tiras e porque poderia vir a ser perigoso? Não, mas às vezes...!

Se a Venezuela tivesse reagido da mesma maneira nunca me teria dado asilo, e muito menos naturalizado. Pois eles recebiam um homem de trinta e oito anos, no auge da força, com um cartão de visita bastante sobrecarregado: condenado à prisão perpétua aos vinte e quatro anos, evadido duas vezes, perigoso.

E tudo começa quando a polícia é encarregada do assunto. Vai-se procurar os Papillon. Pois você se chamava Papillon aos vinte anos. Nunca abandonou esse nome senão na Venezuela. Talvez o retome um dia.

Rebenta em Montmartre a bomba. Procuram-se todos os Papillon: Papillon le Petit, Papillon Pussini, Papillon Trompe la Mort, Roger Papillon, etc.

Chamo-me só Papillon ou, quando há necessidade de precisar, Papillon Pouce Coupé, ainda que os meus nomes próprios sejam Henri e Antoine. Apesar

disso, procuro não entrar em contato com os polícias, fujo depressa, sim, escapo-me.

E por que fugiu, Papi, uma vez que não era você?

É agora que você faz a pergunta? Aos sessenta anos, ter-se-ia tornado estúpido? Ou se esqueceu de que aos vinte e três anos tinha sido já várias vezes torturado no Quai des Orfèvres? Nunca morreu de amores pelos golpes nem por todas as invenções de tortura da polícia dessa época. A tina com água onde lhe enfiam a cabeça, até que morra asfixiado, sem saber mais onde está; os guardas que lhe torcem os testículos e que os deixam de tal modo inchados que se caminha durante semanas como um gaúcho do pampa argentino; a prensa onde lhe esmagam as unhas até que esguiche o sangue e que se soltem os dedos; as porradas com um rolo de borracha que lhe provocam lesões nos pulmões a ponto de se lançar nela boca jorros de sangue; os polícias com oitenta ou cem quilos que lhe saltam para a barriga, fazendo do seu estômago trampolim. Não! Não tinha uma, mas cem, mil razões para fugir imediatamente. Bem entendido, uma fuga não para muito longe, uma vez que não era culpado. Não era preciso escapar para o estrangeiro, um esconderijo não muito longe de Paris chegaria. Seria bom que fosse preso ou pelo menos identificado o Roger Papillon em questão, e então, num salto de táxi, voltava a Paris e pronto! Acabava-se o perigo para os testículos, unhas e para o resto.

Somente Roger Papillon nunca mais foi identificado. Não aparece o culpado.

E de repente surge, como duma caixa mágica, o Roger Papillon? É fácil, elimina-se o Roger e fica simplesmente Papillon, alcunha de Henri Charrière, chamado o Papillon. O golpe foi lançado, nada mais resta do que acumular provas. Não se trata de saber a verdade através dum inquérito honesto e sem paixão de caçadores, querendo a todo o preço no seu cinto mais uma peça de caça, mas a fabricação de todas as provas *dum culpado.*

É que nós, os policias, temos necessidade, para merecer uma promoção na nossa muito nobre e honesta carreira, *de sermos bem sucedidos num caso de crime.* Ora, o nosso cliente tem tudo para agradar. Primeiro aos chefes, que confiam em nós, depois ao juiz instrutor, que conduz o processo, e depois aos doze imbecis do júri, que lhe atirarão dez anos, no máximo. É jovem, um pouco vagabundo... Vamos fazer da sua amante uma puta. Ladrão, teve vários casos com a polícia, mas ou sai inocente ou é absolvido, pois só uma vez foi condenado a quatro meses de prisão por receptação, com pena suspensa.

Ainda por cima, o sujeito é difícil de moldar. Manda-nos passear quando

o prendemos, goza de nós, humilha-nos, dá ao seu cãozinho o nome de Chiappe (era assim que se chamava o prefeito de Paris, na época) e diz por vezes a algum dos nossos colegas:

— Você faria melhor se fosse mais meigo nas suas pilantragens, se pretende chegar à reforma.

Essas ameaças de nos punir um dia pelos nossos processos modernos e cuidados de interrogar não deixam de nos inquietar:

— Ande lá para a frente. Estamos cobrindo tudo.

Aqui está o triste começo, Papi. Vinte e três anos tinha você quando esses filhos da puta dos dois polícias o prenderam, enquanto comia caracóis em Saint-Cloud, a 10 de abril, três semanas depois do crime.

Ah! Como trabalhavam bem! Que entusiasmo, que teimosia, que perseverança, que paixão, que maquiavelismo, para o fazerem sentar um dia no banco dos réus e lhe darem essa grande porrada, de que se libertaria apenas treze anos depois.

Era a caça ao assassino dum homem do meio? Não, era a fabricação do assassino dum banqueiro ou dum honesto pai de família.

Não foi assim tão fácil converterem-me num culpado. Mas o inspetor-geral da P.J., Mayzaud, encarregado do assunto, especialista em Montmartre, obstinado contra mim a ponto de haver uma guerra aberta entre ele e os meus defensores, mesmo até no tribunal, como o testemunharam os jornais da época, com insultos, queixas e golpes baixos, Mayzaud tinha na mão o gorducho Goldstein, filho de um trapeiro, um desses pesos mortos que lambem os pés do pessoal do meio na esperança de se tornarem chefes. E que dócil era Goldstein! Mayzaud (é ele que o dirá em tribunal) encontra-o talvez cem vezes, por acaso, durante a instrução do processo. E essa preciosa testemunha que tinha declarado, *no dia do crime,* ter ouvido, num agrupamento, que um tal Roland tinha sido atingido com três tiros no ventre e que havia ido informar-se no hospital da identidade certa da vitima e da gravidade do ferimento, declaração corroborada por três camaradas totalmente fora do assunto, este mesmo Goldstein, mais de três semanas depois, 18 de abril, depois de múltiplos contatos com Mayzaud, declara isto:

Que na noite de 25 para 26 de março, antes do crime, encontrou Papillon (eu) acompanhado de dois desconhecidos (ainda?). Papillon pergunta-lhe onde se encontra Legrand. Goldstein diz: no Clichy. Papillon deixa-o e ele vai prevenir imediatamente Legrand. Enquanto discute com ele, um dos dois

companheiros de Papillon entra e pede a Legrand que saia. Ele mesmo sai pouco depois e vê Papillon e Legrand discutindo calmamente, mas não se demora. Mais tarde, voltando à Place Pigalle, encontra *de novo* Papillon, que lhe diz que acaba de disparar sobre Legrand e lhe pede para ir ao Lariboisière ver em que estado ele tinha ficado, se ainda estava vivo, e o aconselha a calar o bico.

Pois evidentemente, Papi, você, que nos julgamentos foi qualificado como um indivíduo terrível, um tipo do meio, tanto mais perigoso quanto inteligente e manhoso, você, o chefe, era tão estúpido que, depois de ter disparado sobre um sujeito em plena avenida, permanece perto da Place Pigalle, *junto* ao *local do crime,* à espera de que Goldstein torne a passar. Não vai respirar ar puro num outro bairro ou nos arredores, não. Fica plantado ali, como um marco quilométrico duma pequena estrada da Ardèche, de molde a que os polícias não tenham senão que chegar rapidamente para lhe dar os bons dias.

Ele, Goldstein, que diz conhecê-lo tão bem, é menos estúpido. No dia seguinte à sua declaração, escapa para a Inglaterra.

Durante esse tempo, defendo-me, como um diabo:

— Goldstein? Não conheço. Talvez o tivesse visto, é possível, talvez até trocasse algumas palavras com ele, como se faz entre pessoas que freqüentam o mesmo bairro, sem saber com quem se lida.

De fato não conseguia lembrar-me de um tipo com esse nome, a ponto de, somente durante uma acareação, ter conseguido identificá-lo; de tal maneira fico desconcertado pelo fato de um meu desconhecido me atacar com tanta precisão que pergunto a mim próprio que delito pode ele ter cometido. Nada de grave, certamente, a tal ponto é miserável que os polícias o podem manipular desse modo. Continuo a perguntar-me: crime de costumes ou droga?

Pois, sem ele, sem as suas declarações sucessivas, que *de cada vez* trazem novos elementos ao edifício que os polícias estão quase construindo, declarações que abrem a porta a todos os “diz-se”, sem ele, nada seria consistente. Nada.

Mas ele disse: “Ouvi a senhora tal dizer que...”, e vão visitar essa tal senhora que diz que “é possível que... etc.” E é todo esse conjunto dos “é possível” de todos aqueles que espicaçam os polícias que fará o grosso do processo.

É então que surge um elemento, milagroso a princípio, mas que com o passar do tempo se revelaria excessivamente perigoso, fatal. Uma intriga policial maquiavélica, uma ratoeira terrível na qual, com os meus advogados, caí de cabeça. Querendo salvar-me, perdi-me. Pois nada de sólido havia no meu

processo e os depoimentos sucessivos de Goldstein eram inverossímeis. De tal modo era pouco consistente o processo que faltava ao meu pretenso crime uma coisa: o móvel. Não havendo nenhuma razão para querer mal à vítima e não sendo louco, eu aparecia no caso insolitamente, e qualquer júri, mesmo composto dos piores idiotas, ter-se-ia apercebido disso.

Então a polícia inventa o móvel, e quem o fornece é um tira que bate Montmartre há dez anos, o Inspetor Mazillier.

Um dos meus advogados, o Professor Beffey, que freqüenta Montmartre nas suas horas vagas, encontra este polícia, que lhe diz- saber o que realmente se passou na noite de 25 para 26 de março, e que está decidido a dar a prova disso, o que quer dizer que está a meu favor. Beffey pensa que ele age por honestidade profissional ou então, o que é mais provável, que há uma rivalidade entre Mayzaud e ele.

E *nós* lhe pedimos o seu testemunho. Nós.

Mas o que Mazillier acabou por declarar não é nada do que pensávamos. Declarou que me conhecia bem, que lhe prestei muitos serviços, e acrescenta:

— Graças às informações prestadas por Charrière pude proceder a várias prisões. As circunstâncias relativas ao crime, *ignoro-as.* No entanto ouvi dizer —- quantas vezes se diz "ouvi dizer" no meu processo! — que Charrière era alvo de indivíduos a mim desconhecidos - e essa, agora! -, reprovando-lhe as suas relações com a polícia.

E eis a causa do crime. Matei Roland Legrand numa discussão porque ele propalava em Montmartre que eu era um dedo-duro.

De quando é essa declaração do Inspetor Mazillier? De 14 de abril. E de quando é o depoimento de Goldstein, o que ele fez no dia do crime e que me mete em cheio no caso? De 18 de abril, *quatro dias depois do de Mazilliec.*

Mas, excluindo o juiz de instrução Robbé, que os polícias engajaram, os outros magistrados não se prestavam a esse jogo.

De tal maneira que uma primeira tempestade rebenta.

A Câmara de Acusação, perante esses testemunhos sem fundamento, esse monte de difamações, de mentiras, de testemunhas orientadas, talvez impostas, apercebe-se de que algo está errado neste processo. Pois, Papi, embora muitas vezes você se veja misturado no mesmo saco com magistrados, justiça, tiras, inspetores e administração penitenciária, deve reconhecer e louvar que houve magistrados excessivamente honestos.

Resultado, a Câmara de Acusação *recusa* enviar-me a tribunal com este processo duvidoso e remete todas as peças do processo ao juiz de instrução, exigindo um *suplemento de informação.*

A raiva dos polícias não tem limite. Encontram testemunhas em toda parte, na prisão, na véspera de sair de lá, no dia seguinte à libertação. Mais, os "disseram-me", os "ouvi dizer", os "parece que... ou quase..." não têm fim. Mas o suplemento de informação não traz nada de novo, absolutamente nada, nem o menor indício de começo de prova, novo e sério.

Enfim, sem mais nada de novo do que uma caldeirada mal cozinhada, sem garoupa, mas com peixe de rio, que se faz passar por peixe do Mediterrâneo, o processo acaba por ser aceito, para ser enviado a tribunal.

E, então, nova tempestade rebenta. Acontece a coisa mais estranha que se pode ver no meio judiciário: o acusador público, aquele cujo papel e interesse é proteger a sociedade, enviando o maior número de acusados para trás das grades, e a quem deram o processo para fazer a minha acusação, pega-o pela ponta dos dedos e, lançando-o sobre a secretária, diz:

— Não aceito acusar por este caso. Cheira a suspeito e a pré-fabricado. Outro que o faça.

Como era belo, nesse dia, o rosto do Professor Raymond Hubert, dando-me esta extraordinária notícia, na Conciergerie!

— Imagine, Charrière, que o seu processo tem tão pouca consistência que provocou um incidente na Câmara de Acusação. Agüente-se: o acusador público recusou acusá-lo por este caso e pediu que fosse endossado a outro!

... Está fresco, esta noite, neste banco do Boulevard de Clichy. Dou alguns passos sob a copa das árvores, não quero entrar na luz, com medo de interromper a lanterna mágica, que precipita sobre mim esta torrente de imagens que vêm diretamente de há trinta e sete anos atrás. Levanto a gola do sobretudo. Tiro um pouco o chapéu para arejar o cérebro, de tal modo a intensidade desta invocação o aquece. Volto a sentar-me. Ponho as abas do casaco sobre as pernas e depois, voltando as costas à avenida, passo-as por cima do banco e sento-me ao contrário, com os braços apoiados no encosto como se estivessem assentes no braço da cadeira dos réus, no meu primeiro julgamento, em julho de 1931.

Pois não houve só um julgamento. *Houve dois.*

Bem diferentes um do outro. Um em julho, outro em outubro.

Corria tudo bem, Papi! A sala não era vermelho-sangue. Com os jorros de

luz deste maravilhoso dia de julho, as pinturas, os tapetes, as becas dos magistrados eram quase rosa-pálidos. Em nada parecido com um matadouro, antes com um toucador. E nesta sala um presidente sorridente, bom rapaz, um pouco cético, não muito convencido do que tinha lido no processo, de tal modo que abre assim os debates:

— Henri Charrière, não correspondendo a acusação exatamente ao que desejaríamos aí poder encontrar, queira expor ao tribunal e jurados o seu caso.

Essa coisa formidável, espantosa, inesperada, que acontece uma vez em mil, aconteceu a você, Papi. Um presidente de tribunal que pede ao acusado que exponha o seu caso! Lembra-se desse julgamento de julho, cheio de sol e de magistrados maravilhosos? Era demasiado belo, Papi. Estes juizes conduzem os debates com tanta imparcialidade, este presidente, procurando com calma e honestidade a verdade, fazendo perguntas desconcertantes aos guardas, às testemunhas, metendo Goldstein na grelha, realçando as suas contradições, permitindo a mim e aos meus advogados fazer perguntas embaraçosas, era demasiado belo, era uma justiça brilhante, repito-o, Papi, uma sessão de férias onde estes juizes estavam impressionados, a seu favor, por esta quantidade de relatórios duvidosos de policias mais duvidosos ainda.

Ali, você podia lutar e defender-se, Papi. Lutar com quem? Não faltavam, eram tantos!

Primeira testemunha capital, já condicionada pela casa Poulagat & Cie., a mãe. Não creio que seja por má fé, é mesmo inconscientemente que ela faz suas as insinuações dos tiras.

A mãe já não declara o que ouviu simultaneamente com o comissário: "Roger Papillon", e que Legrand acrescentou (quando?) que um dos seus amigos, Goldstein, conhecia bem Papillon. Ela declara hoje ter ouvido: "É Papillon, Goldstein o conhece". Esqueceu-se do *Roger* e acrescentou "Goldstein o conhece", palavras que o Comissário Gérardin e o Inspetor Grimaldi hão ouviram. É curioso que um comissário não note uma coisa assim tão importante, não é?

O Professor Gautrat, advogado da parte civil, insiste em que eu peça perdão à mãe da vítima. Digo-lhe:

— Minha senhora, nada tenho de que lhe pedir desculpa, pois não sou o assassino do seu filho. Inclino-me perante a sua dor, étudo o que posso fazer.

Mas o Comissário Gérardin e o Inspetor Grimaldi não alteram em nada as suas primeiras declarações. Legrand disse: "É Roger Papillon". E é tudo.

É então que aparece a eterna testemunha que serve para todos os fins, Goldstein. Esta testemunha, verdadeiro disco gravado no Quai des Orfèvres, fez cinco ou seis depoimentos, dos quais conservaram três. De cada vez as suas declarações me enterram um pouco mais, com risco de se contradizer, mas trazendo de cada vez à construção dos policias um novo andar. Revejo-o, como se fosse hoje. Fala baixo e a custo levanta a mão para dizer: "Juro". Quando acabou de depor, Beffey ataca:

— Goldstein, antes de mais nada, quantas vezes encontrou "por acaso" o Inspetor Mayzaud, que declara, ele próprio, tê-lo encontrado e conversado sobre este assunto "por acaso" muitas vezes? É estranho, Goldstein. No seu primeiro depoimento, você declara não saber nada do assunto, depois já conhece Papillon, em seguida declara tê-lo encontrado na noite do crime e antes de este ocorrer, depois encarrega-o de ir ver, no Lariboisière, como está Legrand. Como explica essas declarações tão diversas?

Como única resposta, Goldstein repete:

— Tinha medo, pois Papillon era o terror de Montmartre.

Protesto, e o presidente me diz:

— Acusado, tem alguma coisa a perguntar à testemunha?

— Sim, senhor presidente. Fixo bem Goldstein nos olhos:

— Goldstein, vire-se para mim, olhe-me de frente. Qual o motivo que o faz mentir e acusar-me falsamente? Qual o delito conhecido de Mayzaud que você paga com estas falsas declarações?

O veado me olha de frente, tremendo, mas consegue, no entanto, pronunciar distintamente:

— Digo a verdade.

Então, francamente, tê-lo-ia morto, o mau-caráter! Volto-me para o tribunal:

— Senhores juizes, senhores jurados. O acusador público diz que sou uma personagem astuciosa, intelgente e maliciosa. Ora, salta à vista, pelas declarações da testemunha que eu sou um perfeito imbecil, e vou-lhes provar. Ao confiar-se um segredo tão grave a alguém, ao dizer-lhe que acabamos de matar o seu amigo, se porventura se é inteligente, é porque se conhece bem essa pessoa. Mas é ser verdadeiramente imbecil confessar semelhante coisa a um desconhecido. Ora, para mim, Goldstein é um desconhecido. E, voltando-me para Goldstein, continuo:

— Queira, Goldstein, citar, em Paris ou na França, uma única pessoa que possa declarar ter-nos visto conversando uma vez só que seja.

— Não conheço ninguém que possa testemunhá-lo.

— Queira citar, em Montmartre, Paris ou em toda a França, um bar, restaurante ou *bistrot,* onde tenhamos comido ou bebido juntos, uma única vez.

— Nunca comi nem bebi com você.

— Muito bem. Você diz que a primeira vez que me encontrou nessa noite estranha eu estava acompanhado por dois indivíduos. Quem eram?

— Não os conheço.

— Eu também não, de resto. Queira dizer rapidamente, sem hesitação, onde marquei encontro para você me dar a resposta do recado que o mandei dar no hospital e se indicou esse lugar aos seus companheiros. E, se não lhes disse, qual a razão?

Sem resposta.

— Responda, Goldstein. Por que não responde? — Não sabia onde encontrá-lo.

O Professor Raymond Hubert:

— Então, o meu cliente o envia para dar um recado tão importante, saber em que estado se encontra Roland Legrand, e você não sabia onde lhe dar a resposta? É tão ridículo quão inverossímil!

Sim, Papi, era bem inverossímil, mas ainda mais lamentável que se aceite construir toda a acusação sobre os testemunhos sucessivos e cada vez mais graves deste sujeito, que nem sequer era suficientemente inteligente, embora bastante bem manobrado pelos tiras**,** para responder em condições.

O presidente:

— Charrière, a polícia pretende que você matou Legrand porque ele lhe teria chamado dedo-duro. O que tem a responder?

— Tive seis casos com a polícia e em todos eles saí não culpado ou absolvido, à parte a minha condenação a quatro meses de prisão por receptação, com pena suspensa. Nunca fui preso com alguém, nunca fiz prender ninguém. É pouco provável e impossível de admitir que quando estou nas mãos da polícia não fale e que em liberdade denuncie amigos.

— Um inspetor diz que você é um denunciante. Mande entrar o Inspetor Mazillier.

— Declaro que Charrière era um denunciante que ajudou que eu prendesse vários e perigosos indivíduos e que esse rumor corria em Montmartre. Quanto ao caso Legrand, nada sei sobre ele.

— Que tem a dizer, Charrière?

— Foi a conselho do Professor Beffey, que me disse que este inspetor conhecia a verdade sobre o assassino de Legrand, que pedi que fosse ouvido na instrução. E venho a aperceber-me de que eu e o meu advogado acabamos por cair numa horrível armadilha. Ao aconselhar o Professor Beffey a fazê-lo ouvir, o Inspetor Mazillier disse-lhe conhecer tudo sobre o assunto e o meu advogado acreditou nisso, assim como eu. Supusemos que, quer fosse ele um tira honesto quer houvesse rivalidade entre Mayzand e ele, isso o incitava a depor sobre o crime. Ora, como vêem, este polícia diz nada saber sobre o drama.

Pelo contrário, é evidente que as declarações desse inspetor davam, finalmente, ao meu pretenso crime o móvel que lhe faltava. Com efeito, vinda dum polícia, esta declaração era providencial, reforçava a construção e dava alguma consistência a um processo que não se agüentava por si.

Pois era certo que, sem o golpe dado por Mazillier, apesar dos esforços desenvolvidos pelo Inspetor Mayzaud, o processo de acusação teria sido inexistente. A manobra é tão evidente que nos espantamos que tenha sido mantida pela acusação.

Mas continuo a bater-me e digo:

— Senhores juizes, senhores jurados, se fosse um dedo-duro da polícia, das duas uma: ou não teria morto Roland Legrand pelo fato de me tratar como tal, pois uma pessoa tão baixa como o é um dedo-duro recebe semelhante insulto sem pestanejar; ou então, se perante esta ofensa tivesse disparado sobre Legrand, podem esta certos de que a polícia faria o jogo e se absteria de me acusar tão encarniçada e desajeitadamente, pois eu lhe era útil. Mais que isso. Teria fechado os olhos ao que poderia passar por um ajuste de contas entre indivíduos do meio, ou arranjaria maneira de fazer as coisas de modo que eu aparecesse como atuando em legítima defesa. Podem citar-se numerosos precedentes como este, mas infelizmente para mim não é o caso. Senhor presidente, posso fazer uma pergunta à testemunha?

— Sim.

Sabendo aonde eu queria chegar, o Professor Ray-mond Hubert pede ao tribunal que desobrigue o Inspetor Mazillier do segredo profissional, sem o que ele não me poderia responder.

O presidente:

— O tribunal, pelo seu poder discricional, desobriga o Inspetor Mazillier do segredo profissional e pede-lhe, no interesse da verdade e da justiça, que responda à pergunta que lhe vai ser feita pelo acusado.

—- Mazillier, queira citar na França, nas colônias ou no estrangeiro um único homem que você tenha prendido graças às minhas informações.

— Não posso responder.

— Você é um mentiroso, inspetor! Você não pode responder porque isso nunca aconteceu!

— Charrière, modere as suas palavras — diz-me o presidente.

— Senhor presidente, defendo aqui duas coisas, a minha vida e a minha honra.

Mas o incidente não tem conseqüências. Mazillier se retira.

E as outras testemunhas, como desfilaram! Todas com o uniforme do mesmo tecido e do mesmo feitio, marca Tira & Cie., 36, Quai des Orfèvres, Paris. A P.J. de 1930. Esperemos que isto tenha mudado. Esperemos, sem acreditar demasiado.

E a sua última explicação, Papi, não se lembra dela, da mais lógica? Se me lembro dela? Ainda a estou ouvindo.

— Senhores, sejam honestos comigo, escutem bem: Legrand só recebeu uma bala, atiraram só uma vez, continuou de pé, partiu vivo, deixaram-no tomar um táxi. Portanto, o homem que disparou não o queria matar, senão o teria fuzilado com quatro, cinco ou seis tiros, como se costuma fazer naqueles meios. Qualquer pessoa que freqüente Montmartre sabe disso. Sim ou não?

"Portanto, se fui eu, se confesso e declaro: senhores, este homem, por tal motivo, com razão ou sem ela, discutiu comigo ou me acusou de tal coisa, meteu a mão no bolso, era um homem como eu, daquele meio, tive medo e disparei uma só vez para me defender. Se declarar isso eu lhes provo, ao mesmo tempo, que não o queria matar, pois deixei-o partir vivo. Então concluo, dizendo-lhes: uma vez que um inspetor diz que sou muito útil à polícia, peço-lhes que aceitem o que lhes acabo de dizer como sendo a verdade, a minha confissão, e que passem o caso a correcional, por golpes e ferimentos, tendo provocado a morte sem intenção."

O tribunal escuta em silêncio, pensativo, parece-me. Continuo:

— Dez, cem vezes, tanto o Professor Raymond Hubert como o Professor Beffey me perguntaram: "Foi você que disparou? Se foi, diga-o. No máximo apanha cinco anos, talvez até menos, não o podem condenar a mais. Tinha vinte e três anos quando foi preso, portanto ainda sairá novo da prisão".

"Mas, senhores juizes, senhores jurados, não posso aceitar essa solução, mesmo que fosse para me salvar da guilhotina ou da prisão, *pois estou inocente e sou vítima de uma maquinação policial."*

Tudo isso neste brilhante julgamento onde me davam a possibilidade de me explicar completamente. Não, Papi, era demasiado belo, caminhava demasiado bem, sentia o tribunal perturbado e a vitória possível. Pobre criança presumida, não via que era demasiado belo?

Então produz-se o incidente depressa achado por Mayzaud e que denota claramente o seu maquiavelismo. Sentindo que a jogada estava perdida para ele e que os seus esforços de quinze meses se arriscavam a ser reduzidos a nada, fez o que é proibido. Quando duma suspensão de audiência, veio ter comigo à sala onde me encontro só, no meio dos guardas republicanos, e onde não tem o direito de penetrar. E ali, aproximando-se de mim, tem o descaramento de me dizer:

— Por que não dizer que foi Roger le Corse?

Completamente desconcertado, respondo-lhe:

— Mas eu não conheço Roger le Corse!

Discute um minuto, sai rapidamente e vai ter com o procurador, dizendo-lhe:

— Papillon acaba de me confessar que foi Roger le Corse.

Então aconteceu o que queria o tenebroso Mayzaud. Interromperam o julgamento apesar dos meus protestos. Apesar de tudo, defendo-me ainda e explico:

— Depois de dezoito meses o Inspetor Mayzaud diz que só há um Papillon no caso e que sou eu; o Inspetor Mayzaud diz que não há dúvidas de que sou o assassino de Legrand; o Inspetor Mayzaud declara que não somente ele o afirma, mas que traz testemunhas honestas, irrefutáveis, categóricas, que provam, sem que se possa ter a mínima dúvida, a minha culpabilidade. Uma vez que os polícias encontraram todos os testemunhos e provas necessárias contra mim, por que razão todo o edifício se desmorona?

"Era tudo mentira neste processo? E basta um novo nome lançado à arena

para que não haja mais a certeza de ser Papillon o culpado?

“Uma vez que dizem que têm todas as provas de que sou o culpado, é sobre a simples suposição de um Roger le Corse, fantasma fabricado por Mayzaud, se acreditarem em mim, fabricado por mim, se confiarem mais uma vez nele, que se pára tudo e que tudo recomeça?

“Não é possível, peço que continuem os debates, peço que me julguem.

“Suplico-lhes, senhores jurados, senhor presidente!”

Você tinha ganho, Papi, tinha quase ganho e é a honra do acusador público que o fez perder. Pois esse Cassagnau se levanta e declara:

— Senhores jurados, senhores juizes, não posso requerer... Já não sei.. . É preciso esgotar o incidente. Peço ao tribunal que reenvie o caso e ordene um suplemento de informação.

Só isso, Papi, só essas três frases do Procurador Cassagnau provam que você foi condenado por um processo podre.

Pois se esse magistrado honesto tivesse em mãos algo de claro, de preciso, de indiscutível, se estivesse seguro do seu processo, não teria dito:

— Parem o julgamento, não posso requerer. Teria dito:

— Mais uma mentira de Charrière, o acusado queria perturbar-nos com o seu Roger le Corse. Não acreditamos numa palavra, senhores, tenho em mãos tudo o que é preciso para provar que Charrière é culpado e não falharei.

Ora, ele não o disse, não o fez, por quê? Porque em consciência não acreditava neste processo e devia começar a interrogar-se sobre a honestidade dos tiras que o tinham feito.

E eis como, rapaz de vinte e quatro anos, na altura em que perdiam vergonhosamente a partida, os tiras o apanharam, sabendo muito bem que o seu Roger le Corse era pura invenção. Esperavam daqui até o próximo julgamento poder combinar outras maquinações. E contavam certamente, também, com todo o vício, que, com um outro tribunal, um outro presidente, um outro, acusador público e o cinzento de outubro, a atmosfera do novo julgamento não me fosse tão favorável e que o toucador se transformasse em matadouro.

Interrompe-se o julgamento e ordena-se um outro suplemento de informação, o *segundo deste caso.*

Um jornalista escreverá: *É-nos raramente dado surpreender uma tal hesitação.*

Bem entendido que o suplemento de informação *não traz nenhum fato novo.* Roger le Corse? Nunca mais se encontrará.

Durante este suplemento de informação os guardas republicanos foram honestos, testemunharam contra Mayzaud sobre o incidente de julho. Além disso, como é que um homem que gritava a sua inocência, a demonstrava logicamente, sentia o tribunal favoravelmente impressionado a seu favor, como é que esse homem podia mandar passear tudo e dizer de repente: "Eu estava lá, mas não fui eu que disparei, foi Roger le Corse"?

E o outro julgamento, Papi? A outra sessão, a última, a definitiva, aquela onde a guilhotina começou a funcionar, aquela onde os seus vinte e quatro anos, a sua juventude, a sua fé na vida receberam a grande bordoada, a condenação perpétua, aquela onde Mayzaud, tendo recobrado toda a sua segurança, pede desculpa ao acusador público e reconhece ter cometido uma falta em julho, aquela onde você lhe gritou: "Arrancarei a sua máscara de homem honesto, Mayzaud! ..." Insiste realmente em revivê-la?

Insiste em rever essa sala, esse dia cinzento? Trinta e sete anos passaram, meu rapaz, quantas vezes devo repetir isso? Quer sentir de novo na sua face a monstruosa bofetada que o obrigou a lutar trinta e sete anos para conseguir de novo sentar-se neste banco do Boulevard de Clichy, no seu Montmartre? Sim, precisamente para poder verificar melhor o caminho percorrido, quero tornar a descer um a um os primeiros degraus da escada que me conduziu ao fundo do poço da ignorância dos homens.

Lembra-se? Quando, belo gaiato, terno elegante, impecável, com o seu ar infantil de vinte anos, entrou na sala do julgamento, quanto ela era diferente da outra! E, no entanto, era a mesma.

Primeiro, o céu estava de tal maneira baixo e chuvoso que quase foi preciso acender os lustres. Desta vez está tudo vestido de sangue, de um vermelho sanguinolento. Tapetes, pinturas, becas dos magistrados, dir-se-ia que todos esses tecidos tinham sido molhados no cesto onde caem as cabeças dos guilhotinados. Desta vez os magistrados não vão para as férias, regressam das férias, não é igual a julho. E depois, encontrar de novo, na reabertura do ano judicial, este caso de ajuste de contas entre jovens de Montmartre começa a chatear, arrasta-se. É preciso passar aos casos verdadeiramente sérios.

E os velhos finórios dos palácios da justiça, advogados e magistrados, sabem melhor do que ninguém quanto o tempo que faz, a época do ano, a personalidade do presidente, o seu humor naquele dia, o do acusador público, o do júri, a forma em que se encontra o acusado, os seus advogados, podem por

vezes pesar na balança da justiça imparcial.

Desta vez, o presidente não tem a atenção de me pedir que explique o caso, contenta-se com a leitura monótona do ato de acusação pelo escrivão.

Os doze tontos do júri têm o cérebro úmido, como o tempo que faz, vê-se nos seus olhos esverdeados de imbecis. Absorvem facilmente a deconografia literária do ato de acusação.

O acusador público, o primeiro abastecedor da guilhotina, não tem absolutamente nada de humano. Não é ele que poderia dizer como Cassagnau:

— Não posso acusar...

Desde a minha entrada, depois de uma vista de olhos rápida sobre o conjunto, pressinto tudo isso: “Você vai ver, Papillon, não é num julgamento como este que poderá defender-se em condições”. E me engano tão pouco que durante todos os debates, que durarão dois dias, não me deixarão quase falar. Em nada semelhante ao julgamento de julho. Além disso, em julho foi quase demais.

E são as mesmas testemunhas, os mesmos depoimentos, os mesmos “diz-se”, os mesmos “ouvi contar”, etc, que em julho. É inútil voltar ao pormenor, é o mesmo circo que recomeça com a única diferença de que, se me indigno, se por vezes rebento, cortam-me imediatamente a palavra.

Único fato novo, a vinda da testemunha do meu álibi, Lellu Fernand, motorista de táxi, que não tivera tempo de depor em julho, antes da suspensão do processo, a única testemunha que os tiras nunca tinham encontrado, um mito segundo eles.

Era, no entanto, uma testemunha capital para mim, pois ele havia declarado que, ao entrar no Iris Bar dizendo “acabam de disparar um tiro”, *eu me encontrava realmente ali.*

História curiosa, pois se durante a instrução os tiras não encontram Lellu, encontram uma testemunha desta futura testemunha, um cadastrado com dez condenações degredado, que declara que a testemunha, que um dia se dará a conhecer para depor a meu favor, é uma testemunha falsa.

É o Inspetor Mayzaud que, num longo relatório, nega a existência de Lellu, ele, que pretende tudo encontrar e tudo provar, não encontra a testemunha que citamos. Sabe ele que, uma vez que não a conseguimos encontrar, esta testemunha está decidida a apresentar-se? Uma testemunha que o seu comissário declara honesta e trabalhadora?

Lellu confirma o seu testemunho, acusam-no de fazer um Testemunho de

favor. O Professor Raymond Hubert levanta os braços ao céu:

— Depois disso não lhe resta mais nada senão ir pagar os seus impostos, Sr. Lellu!

A raiva toma posse de mim; neste banco verde não sinto nem o frio nem a chuva miudinha que começava a cair.

Revejo ainda o dono do Iris Bar declarando que eu não podia encontrar-me na sua casa quando entrou Lellu para dizer que acabavam de disparar lá fora, pois tinha-me proibido a entrada no seu bar há quinze dias.

O que quer dizer que sou de tal maneira estúpido que, numa história tão grave onde está em jogo a minha liberdade e talvez a minha vida, dou como álibi precisamente o lugar onde não sou autorizado a entrar! E o empregado confirma a sua declaração. Esquecem-se de acrescentar, evidentemente, que a licença para permanecer aberto até as cinco horas da manhã é um favor concedido pela polícia e que, ao dizer a verdade, iam contra ela. Donde o ter de passar a fechar de novo às duas. O patrão defendia a caixa, o empregado as gorjetas.

O Professor Raymond Hubert fez o que pôde e o Professor Beffey também. Um Professor Beffey de tal maneira enojado que entrou em guerra aberta com Mayzaud, que, em relatórios policiais confidenciais (não muito confidenciais, pois um tal Merdager publicou-os com a garantia dum tira), tentava prejudicar a sua dignidade de advogado, contando histórias de costumes que não tinham nada a ver com o caso.

É o fim. Falo por último. Que dizer? Estou inocente, vítima duma maquinação da polícia. É tudo.

Jurados e tribunal retiram-se. Uma hora depois, regressam e me levanto enquanto chegam aos seus lugares. Torno a sentar-me. Depois o presidente levanta-se por sua vez, vai ler a sentença:

— Acusado, levante-se.

E imagino-me de tal modo no tribunal, sob estas árvores do Boulevard de Clichy, que me levanto dum salto, esquecendo que as minhas pernas estão presas, o que origina que caia de bunda.

E é sentado e não de pé, como deveria estar, que ouço, em 1967, sob as árvores do bulevar, a voz sem expressão do presidente, que em outubro de 1931 lê a sentença:

— Está condenado a trabalhos forçados perpétuos. Guardas, levem o condenado.

Estou a ponto de estender os braços, mas ninguém me algemará, não há guardas republicanos ao meu lado. Não há senão, numa ponta do banco, uma velha que se deitou, enrolando-se, e que pôs jornais sobre a cabeça para se defender do frio e da chuva.

Liberto as pernas. Enfim, de pé, estico-as e, levantando os jornais, meto uma nota de cem francos nas mãos desta velhinha, condenada à miséria perpétua.

A minha perpetuidade só durou treze anos.

E sempre sob as árvores do Boulevard de Clichy vou até a Place Blanche, perseguido pela última imagem deste julgamento onde, de pé, recebo a inacreditável bofetada que me afastou de Montmartre, do meu Montmartre, durante quase quarenta anos.

Apenas na luz desta maravilhosa praça a lanterna mágica se apaga e não vejo senão alguns *clochards,* que, sentados na boca do metrô, dormem acocorados com a cabeça nos joelhos.

Depressa, é preciso encontrar um táxi. Nada me atrai, nem a sombra das árvores que me escondem o reflexo da luz artificial, nem o brilho da praça com o seu Moulin Rouge resplandecente de luzes. Uma lembra-me demasiado o meu passado, a outra grita-me: "Você não é mais daqui!" Tudo, sim, tudo mudou. Vá-se depressa se não quiser ver que estão mortas, enterradas, as recordações dos seus vinte anos.

— Ei! Táxi! Estação de Lyon, por favor.

E no trem que me leva à casa do meu sobrinho recordo todos os artigos dos jornais que o Professor Raymond Hubert me deu para ler depois da minha condenação. Nem um que não ponha em relevo a dúvida que pairou sempre ao longo dos debates, quer seja, *La Dêpêche, La France, Le Matin, L'Intransigeant, UHumanité,* ou *Le Journal.*

Procurei esses jornais depois do meu regresso à França. Algumas citações a título de exemplo:

La Dépêche de 27-10-31, na boca do meu advogado: "Tanto na barra como na audiência, três adiamentos para suplemento de informação, o que prova a fragilidade das acusações".

Le Matin de 27-10-31: "Trinta testemunhas são citadas. Uma teria talvez bastado: o desconhecido que pôs o ferido no carro e previne a sua mulher, eclipsando-se; mas este desconhecido permanece o desconhecido que trinta

depoimentos sucessivos não conseguirão provavelmente esclarecer. . .Os guardas municipais: "É o Inspetor Mayzaud que se aproxima de Charrière: 'Você bem sabe quem é diz-lhe ele".

La France de 28-10-31: "O acusado responde com calma e firmeza... O acusado: 'É doloroso ouvir isto', diz. 'Este Goldstein não tem motivo nenhum para me querer mal, mas está nas mãos do Inspetor Mayzaud, como tantos outros como ele, que não se sentem tranqüilos, eis a verdade...' O Inspetor Mayzaud é chamado à barra. Imediatamente protesta: 'Há dez anos que faço Pigalle, sei que Goldstein não é do meio. Se fosse do meio, nunca teria falado' *(sic)"*.

L´Humanité de 28 de outubro. O artigo merece ser citado por inteiro. Título: "Charrière-Papillon é condenado a trabalhos forçados perpétuos". E continua:

"Os jurados do Sena, apesar da dúvida que persiste sobre a personalidade do verdadeiro Papillon, daquele que teria morto, na Butte, numa noite de março, Roland Legrand, condenaram Charrière.

"Ontem, no princípio da audiência ouviu-se o testemunho de Goldstein, sobre cujas declarações se fundamenta toda a acusação. Esta testemunha, que esteve constantemente em contato com a polícia, que o Inspetor Mayzaud afirma ter visto, depois do drama, mais de cem vezes, fez as suas declarações em três fases diferentes, agravando-as de cada uma das vezes. Essa testemunha, vê-se, é um dedicado auxiliar da Polícia Judiciária.

“Enquanto formula as suas acusações, Charrière o escuta atentamente. Quando acabou, exclama: ‘Não compreendo, não compreendo este Goldstein a quem nunca fiz nada e que vem aqui divulgar semelhantes mentiras, cujo único fim é fazer-me enviar aos trabalhos forçados’.

“Tornam a chamar o Inspetor Mayzaud à barra. Ele afirma, desta vez, que o depoimento de Goldstein não foi inspirado. Mas notam-se aqui e ali sorrisos de ceticismo.

“O acusador público Siramy, num requisitório sem forma, verifica que há muitos Papillon em Montmartre e mesmo noutros lugares. Dirigindo-se aos jurados, reclama no entanto uma condenação, sem precisar a pena.

“À parte civil, representada pelo Professor Gau-trat, depois de ter comicamente mostrado a prisão como uma escola de ‘regeneração moral’, pede que para lá se envie Charrière, no seu próprio interesse, para fazer dele um ‘homem honesto’.

“Os defensores, professores Beffey e Raymond Hubert, advogam a

inocência. Sob pretexto de que não se pode encontrar Roger le Corse, dito Papillon, não se deduz que Charrière, dito Papillon, seja o culpado.

"Mas os jurados, depois de uma longa deliberação, regressam à sala, trazendo o veredicto afirmativo e o tribunal condena Henri Charrière a trabalhos forçados perpétuos, atribuindo um franco por perdas e danos à parte civil."

Durante anos e anos, perguntei a mim mesmo por que é que a polícia se encarniçou contra um pequeno vagabundo de vinte e três anos que, segundo *ela mesma,* fazia parte dos seus melhores colaboradores? Não encontrei senão uma única resposta, a única lógica. Ela encobria alguém, esse, o *verdadeiro denunciante.*

No dia seguinte, sol aberto, regressei a Montmartre. O que encontro é bem o meu bairro da Rue Tholozé e da Rue Durantin, o mercado da Rue Lepic; mas as caras, onde estão elas, as caras?

Entrei no número 26 da Rue Tholozé, para visitar a porteira fingindo procurar alguém. A minha era uma mulher gorda, com um sinal repugnante na cara, cheio de pêlos. Desapareceu. É uma bretã que a substitui, e fico de tal maneira contrariado que nem lhe pergunto se, ao chegar aqui, não viu um sinal com pêlos.

Não roubaram o Montmartre da minha juventude, não, está tudo ali, exatamente tudo, mas tudo mudou. A leiteira tornou-se uma lavandaria, o bar da esquina uma farmácia, o lugar de frutas um self-service. Então, aí, foram longe demais!

O Bar Bandevez, na esquina da Rue Tholozé e da Rue Durantin, o lugar de encontro das empregadas dos Correios da Place des Abesses, que vinham beber o seu licor, e a quem, com o ar mais sério, reprovávamos por se embebedarem enquanto os pobres maridos trabalhavam, pois bem, esse bar continua a existir, mas o balcão está do outro lado, com duas mesas noutro lugar; ainda por cima a patroa é argelina, os clientes, árabes e espanhóis ou portugueses. Para onde teria ido o proxeneta de Auvergne?

Subo as escadas que, da Rue Tholozé, levam ao Moulin de la Galette. A rampa não mudou, acaba sempre da mesma maneira, perigosíssima. Foi aí que apanhei um pobre velho que tinha quebrado a cabeça, não vendo o suficiente para se aperceber a tempo de que a rampa acaba de repente. Acaricio esta rampa, revejo a cena e ouço o velhote agradecer-me: "Jovem, você é muito amável e muito bem-educado. Felicito-o e agradeço-lhe". Esta frase simples tinha-me de tal maneira perturbado que não sabia o que fazer para apanhar o revólver que

caíra quando me debrucei, não querendo que ele se apercebesse de que o bom jovem não era talvez tão gentil assim.

Sim, o meu Montmartre ali continua, não o roubaram, apenas roubaram as pessoas, os rostos simpáticos, sorridentes, daqueles que me diziam: “Bom dia, Papillon, está bem?” Esses sim, roubaram-nos, e sinto uma dor enorme.

À noite entro num bar de homens. Entre eles escolho o cliente mais velho e lhe pergunto:

— Desculpe-me, conhece fulano?

— Sim.

— Onde está?

— Lá dentro.

— E beltrano?

— Morto.

— E sicrano?

— Não conheço. Mas, desculpe, você faz muitas perguntas. Quem é você?

Elevou um pouco a voz, de propósito, para chamar a atenção dos outros. Isso não falha. Um desconhecido que entra assim num bar de homens sem se apresentar, nem estar acompanhado, é preciso saber o que quer.

— Chamo-me Henri, sou de Avinhão e venho da Colômbia. É por isso que não me conhecem. Adeus.

Não me demoro e vou depressa apanhar o trem para ir dormir fora do Departamento do Sena. Tomo essas precauções porque não quero por preço nenhum ser notificado da minha interdição de estada.

Mas estou em Paris, estou mesmo, sim! E fui aos bailes da Bastilha. No Boucastel, no Bal-à-Jo, joguei o chapéu para trás e tirei a gravata. Cheguei mesmo a convidar uma garota para dançar, como o fazia aos vinte anos, da mesma maneira. E dançando a valsa ao som do acordeão, quase tão bom como o de Mimile Vacher da minha juventude, respondo à jovem, que me pergunta o que faço na vida, que sou dono de uma casa de ferragens no interior, o que me faz ser olhado com grande respeito.

Fui almoçar no La Coupolle e, como se regressasse de um outro mundo, fiz-me de ingênuo e perguntei ao empregado se ainda se continuava a jogar *pétanque*[{11}] no terraço. Esse empregado tinha vinte e cinco anos de casa e ficou

estupefato com a minha pergunta.

No La Rotonde procurei em vão o recanto do pintor Fujita, e como os meus olhos se prendiam com desespero ao mobiliário, à disposição das mesas, do bar, para reencontrar as coisas do passado! Desgostoso por ver que haviam modificado e destruído tudo o que tinha conhecido e amado, parto de repente esquecendo-me de pagar a conta. O empregado me agarra secamente por um braço à entrada da estação do metrô Vavin, mesmo ao lado, e como já não há mais cortesia na França mete-me debaixo do nariz o papel da conta com ordem de pagar rapidamente se não queria que chamasse um polícia. Bem entendido que pago, mas dou-lhe uma gorjeta tão pequena que a atira em mim ao partir:

— Pode guardá-la para a sua sogra. Ela deve precisar mais da sua gorjeta do que eu!

Mas Paris é Paris. Passeei como um jovem de um lado para outro dos Champs-Elysées, iluminados por milhares de luzes, desta luz de Paris que nos aquece e nos comunica o seu maravilhoso encanto, fazendo-nos cantar o coração.

Ah! como é bom viver em Paris!

Nenhuma excitação, nenhum desejo de violência em mim, quando me encontro à Porta de Saint-Denis ou no bairro Montmartre diante do velho jornal L'Auto, onde Rigoulot, então campeão do mundo, levantava em peso um enorme rolo de papel de jornal. Tenho a alma tranqüila quando passo diante da associação onde jogava bacará com Stavisky e assisto sozinho, em paz, ao espetáculo do Lido. E me misturo calmamente durante algumas horas à agitação dos Halles, que esses estão praticamente na mesma.

Somente em Montmartre me saem do coração palavras de amargura.

Fiquei oito dias em Paris. Oito vezes voltei ao lugar do famoso crime.

Oito vezes me sentei no banco, depois de ter acariciado a árvore.

Oito vezes, de olhos fechados, reconstituí tudo o que sabia do inquérito e dos meus dois julgamentos.

Oito vezes revi as trombas de todos esses porcos artesãos da minha condenação.

Oito vezes murmurei para mim: "Foi aqui que tudo começou, para arrancar treze anos à sua juventude".

Oito vezes repeti: "Você renunciou à sua vingança, está bem, mas nunca poderá perdoar".

Oito vezes pedi a Deus que, como recompensa de ter desistido da vingança, nunca mais semelhante coisa tornasse a acontecer a qualquer outro.

Oito vezes pedi ao banco que me dissesse se a falsa testemunha e o polícia duvidoso não engendravam o próximo depoimento, aqui, sentados “por acaso” neste mesmo banco, durante os seus múltiplos encontros “ao acaso”.

Oito vezes parti, cada vez menos curvado, a ponto de, na última vez, o corpo erguido como o dum jovem, murmurar só para mim: “Você ganhou apesar de tudo, pois está aqui, livre, com boa saúde, amado e senhor do seu futuro. Não se deixe ir em busca daquilo em que se tornaram os outros, todas essas figuras do seu passado. Você está aqui, é quase um milagre, e Deus não os faz todos os dias. Pode estar certo de que, de todos, você é o mais feliz”.

18

ISRAEL — O TREMOR DE TERRA

Deixo Paris por Orly e vôo para Israel, onde vou visitar a mãe de Rita, desejoso também de conhecer este país, onde esta raça desde sempre perseguida está em vias de fazer maravilhas, como se diz no mundo inteiro.

Sinceramente, estava muito cético. Via Israel como um povo prisioneiro da sua religião, onde os rabinos e os boatos impunham à população a sua concepção e modo de vida.

O avião deixa-me em Tel-Aviv. Sigo para perto de Haifa, para uma pequena cidade chamada Tel Hanam, onde vive a mãe de Rita.

Então apercebo-me imediatamente de que os rapazes e moças deste povo não são nada estúpidos.

Todos os motoristas de táxi falam pelo menos uma língua, às vezes duas, além do hebraico. O primeiro que se aproxima de mim não fala senão inglês. Levo três minutos a encontrar um que entenda francês ou espanhol. E sigo num velho táxi conduzido por um jovem que fala tão bem o francês como o espanhol.

Inicio a conversa:

— Donde você é?

— Nasci em Casablanca, tenho a instrução primária. Sou sefardim.

— O que é sefardim?

— É a raça de judeus expulsos pela rainha espanhola Isabel, a Católica. Fui educado na escola francesa, mas falo espanhol como o meu pai e a minha mãe.

— Está aqui há muito tempo?

— Há dez anos. Viemos todos: meu pai, minha mãe, uma avó, duas irmãs e eu. Estamos bem, toda a gente trabalha, estamos na nossa casa, na nossa terra. Todos aprendemos o hebraico. Por quê? É preciso que tenhamos uma língua comum, pois Israel é formada por todos os judeus do mundo. Tendo cada um

trazido a sua língua, como faríamos se não tivéssemos uma língua única?

— Trabalha para si mesmo? O táxi é seu?

— Não, não sou suficientemente rico para ter um táxi meu.

— É caro?

— Muito. Cerca de cinqüenta mil francos.

— Então aqui é como nos outros lugares, há ricos e pobres.

— Aqui há ricos, é certo, mas não há pobres, pois ninguém mendiga trabalho ou dinheiro.

— E os velhos?

— Ocupamo-nos deles muito a sério. Recebem uma boa pensão e uma casa com um jardim.

— Você tem casa própria?

— Ainda não. Os chefes administrativos são poloneses, e há uma espécie de segregação em relação aos sefardins.

— Ora essa! Vocês deviam ser os últimos a ter problemas raciais!

Ri-se.

— É verdade, mas é assim. Nem sempre tem graça. Mas na próxima geração não haverá nada disso, serão todos *sabras.*

— E os atuais *sabras* não são racistas? Os *sabras* são os que nasceram em Israel?

— Sim, mas também são racistas. Julgam-se superiores e crêem ter mais direitos que os outros por terem nascido em Israel.

— Portanto nem tudo são rosas na sua região.

— Não, mas esquecemos tudo isso quando agimos como israelitas, quer dizer, quando trabalhamos para uma agricultura e uma economia prósperas, baseadas no nosso esforço.

— Recebem muita grana dos judeus do estrangeiro?

— Essas quantias não são gastas nem utilizadas senão para ajudar as pessoas a viver. Servem para criar indústrias, irrigar o deserto, plantar ou construir tudo o que possa ser útil à coletividade.

— Você ama o seu país? — Daria a vida por ele.

— Segue a sua religião com fanatismo?

— Não. Sou judeu, mas em casa mal seguimos os preceitos da religião judaica. O que é preciso compreender, entende, é que em nenhum país do mundo nós éramos completamente iguais aos outros. O meu pai fez a guerra com franceses e marroquinos. Pois bem, havia sempre um imbecil, fosse francês ou árabe, que o insultava, tratando-o por porco judeu.

— De acordo, mas um homem não representa uma sociedade!

— É verdade, mas quando se arrisca a vida e se usa a farda do exército duma nação deve-se ser respeitado como um igual.

— Está certo.

Eis Haifa. Dentro de um quarto de hora estaremos em Tel Hanam.

— Conhece este endereço?

— Não, mas alguém o indicará para nós.

Eram dez horas da noite quando chegamos a Tel Hanam, grande subúrbio de Haifa. As ruas estão cheias de pessoas, grupos de rapazes e moças de todas as idades. Toda a gente ri, canta, dança e se beija. Ver crianças de treze ou catorze anos abraçadas, sem complexos de começarem, tão novos, com manifestações amorosas diante de toda a gente, dá-me de repente a visão de algo totalmente novo para mim.

Pergunto a direção.

— É por ali. Mas é melhor descer aqui. O táxi não pode ir até a porta do edifício. É preciso subir escadas para chegar lá.

Pago o táxi. Um jovem pega, decidido, na minha mala e, gentilmente, três moças e três rapazes nos acompanham.

— Vem de longe?

— Da Venezuela. Conhecem?

— Certamente, fica na América do Sul.

— Como você fala francês?

— Sou francês e ele também. O outro é tangerino e o outro marroquino.

— E as moças?

— São todas polonesas.

— São bonitas. São as namoradas de vocês? — Não, amigas. Boas amigas.

— E o que falam vocês quando estão juntos? — Hebraico.

— E como se arranjavam quando não sabiam todos o hebraico?

— Oh! compreende, para brincar, passear juntos, beijarmo-nos, não temos necessidade de saber hebraico — responde, rindo, aquele que leva a mala. — Além disso, agora não somos nem franceses nem poloneses, somos todos israelitas.

Chegando ao edifício, quiseram todos subir comigo os três andares e só me deixaram quando a porta se abriu e a mãe de Rita se lançou nos meus braços.

Extraordinária Israel, extraordinário país a descobrir. Pois, bem entendido, apesar da emoção de rever a mãe de Rita e de tudo o que ela tinha para me contar e eu a ela, não passo todos os dias em casa. Perambulo a esmo, trato rapidamente de arranjar amigos, sobretudo jovens, que me interessam ainda mais que os velhos.

E descubro os jovens de Israel. Não são mais ajuizados que os outros. Amam a vida, as motos, as corridas loucas, as jovens, gostam de se divertir e dançar. Mas o que encontro na maior parte deles é a convicção, que os seus educadores lhes souberam incutir, de que é preciso saber várias línguas, aprender um bom ofício, para ganhar bem a vida mais tarde, e sobretudo tornarem-se elementos positivos e úteis ao país.

Conheci muitos capazes de imensos sacrifícios pelo orgulho de desempenhar na coletividade um papel que valha a pena. Não ambicionavam altas posições, dinheiro, luxo.

E fiz ainda mais uma descoberta: os judeus de Israel não estão interessados em dinheiro. Como é que esta raça tão empreendedora em todos os países do mundo, onde parecia não viver senão para arranjar cada vez mais dinheiro, pôde modificar-se tão radicalmente, uma vez no seu país?

Mas apesar disso, para ver até onde ia a firmeza de sentimentos dum dos jovens que encontro, pergunto-lhe quanto ganha como bom técnico. Fala-me numa soma modesta, menos de duzentos dólares por mês.

— Sabe que, com a sua profissão, na Venezuela ganharia cinco vezes mais?

Responde-me, gracejando, que na França lhe tinham oferecido quatro vezes mais, mas que isso não o interessa. Aqui é livre, está muito bem, e sobretudo *no seu país.*

Também ele não segue os ritos da sua religião, senão no estritamente

necessário. Não gosta dos velhos judeus de barba e chapeuzinho preto, em particular dos rabinos poloneses, demasiado sectários e que querem encerrar toda a gente nas cadeias da religião. Ama a sua raça, mas a jovem, desportiva, livre, aberta ao sexo, sem nenhum complexo. A vida em comum, com rapazes e moças, encanta-o. Cada vitória do seu povo, não importa em que domínio, industrial ou agrícola, toma-a como sua e regozija-se dela.

Devo dizer que, por uma questão de linguagem, apenas pude falar com jovens vindos da França, do norte da África ou da Espanha. Um deles explica-me que, politicamente, seria de preferência socialista, como a maioria dos seus camaradas. Um outro, marroquino, diz-me que não tem ódio aos árabes e que sabe muito bem que são a propaganda e os interesses criados que fazem dos árabes inimigos. Lamenta e fala com ternura do tempo em que, em Casablanca, falava e brincava com meninos árabes, no meio da rua, sem qualquer problema de parte a parte. Interrogou-se muito, diz-me, e julga que os sentimentos atuais foram engendrados por terceiros, que não são árabes nem judeus.

— Por que é que os árabes haviam de guerrear contra nós? — acrescenta ele, quando os rumores de guerra começam seriamente a circular neste fim de maio de 1967. — Para se apoderarem dos desertos que nós cultivamos? Não têm eles imensas terras incultas no seu próprio território? Falam da liberdade do mundo árabe e da sua independência, mas para fazer essa guerra, tendo esperança em ganhá-la, colocam-se nas mãos dos russos. Ora, um russo é bem mais diferente dum árabe do que um judeu, seu primo germano.

Contudo ele é terrivelmente sionista, como pude verificar, bem como os seus amigos.

Vim ver a mãe de Rita, mas também estudar os *kibbutzim, a* sua forma de coletivismo e a sua administração. Desde o princípio isso me tinha sempre interessado, mas sobretudo depois da aventura da minha pescaria em Maracaibo, onde disse muitas vezes a mim próprio que, se as coisas corressem bem, haveria de experimentar a criação de qualquer coisa desse gênero para os meus pescadores e outros, o que lhes daria fatalmente um nível e modo de vida bastante superiores.

Fiquei imediatamente surpreendido não só pelos resultados que obtinham, mas também pelo bem-estar dessas pequenas coletividades.

Visito várias outras de gêneros diferentes.

Fico impressionado com estas comunidades onde cada um desempenha o seu papel. Toda a gente faz qualquer coisa. A comunidade é próspera, vende os

seus produtos, se é um *kibbutz* agrícola, e todos aproveitam igualmente os resultados obtidos. Mas sobretudo o que mais me impressiona é ver como professores, grandes médicos e advogados vão trabalhar na cidade e voltam à tarde, guardando na caixa comum o que ganham.

Passeio também como turista. Haifa é uma cidade importante. Um porto, algum tráfego e alegria nas ruas. A noite é alegre. Fui a diversas boates e encontrei mesmo bares de prostituição. Mas ali, caramba! Antes de tudo as prostitutas falam todas entre três e cinco línguas e, no que toca a depenar o cliente, são mais fortes do que as colegas de qualquer outro país. Um copo de licor de hortelã-pimenta vale quatro dólares e à velocidade em que elas o bebem e mandam vir outro há todo o interesse em sair rapidamente, se se quiser ficar com alguns dólares no bolso.

Assim, o que verifico em Israel é o seguinte: não há disciplina imposta, a vida é verdadeiramente livre e cada um se diverte ou trabalha fazendo o que quer e como quer. Não há pobres nas ruas. Nem *um só*, velho ou criança.

E observo artimanhas engraçadas. Na estação de ônibus, cerca de vinte pessoas esperam. Se é o ônibus dos árabes que chega em primeiro lugar tomá-lo-ão assim mesmo? Há judeus que não estabelecem qualquer diferença e sobem, sentindo-se, no entanto, na obrigação de explicar àqueles que não o fazem que estão cheios de pressa e não podem esperar pelo ônibus dos judeus.

O árabe, com o véu caído, sério como um papa, recebe o dinheiro dos bilhetes sem dizer obrigado, e lá vão.

Outra coisa pitoresca. Num país onde Jesus ia à pesca, os judeus vendem aos cristãos garrafas de água com uma cruz, acompanhadas dum papel assinado por um bispo, certificando que essa água é mesmo água do Jordão onde Jesus pescava. Vendem também saquinhos cheios de terra santa. Estes têm também o seu certificado de origem, assinado por um bispo. Cada garrafa e cada saquinho custa dois dólares, o que é um bom negócio, uma vez que a terra não é cara e o Jordão tem sempre água.

Eis-me há quinze dias aqui. Tenho toda a documentação sobre a administração duma granja coletiva.

Anunciam a guerra para esta semana. Não Vejo nenhuma necessidade de me meter nela ou de receber um golpe adverso, mas quando me dirijo à Air France a toda a pressa, para marcar um lugar, respondem-me que todos os aviões estão reservados a mulheres e crianças. Encontro enfim um avião da Sabena que vai para Belgrado e partirei depois de amanhã à noite.

Durante estes dois dias assisto aos preparativos de defesa contra os possíveis bombardeamentos aéreos. Vejo esvaziar os porões do térreo de todos os edifícios de Tel Hanam, pois não há subterrâneos, mas a cada apartamento corresponde um porão. As pessoas não estão assustadas nem tristes. Fazem tudo aquilo com calma. Só a mãe de Rita, devido à sua idade, denota um pouco de medo.

Cavam também trincheiras. Toda a gente participa, mulheres e crianças inclusive.

Ônibus vêm buscar os homens no bairro.

Um sargento, com uma lista na mão, chama por aqueles que devem partir. Antes da partida torna a fazer a chamada e encontra sete ou oito homens a mais do que a conta, os quais se introduziram nas fileiras sem estarem designados. É bom sinal, ninguém procura escapar.

Parto para Belgrado, com a esperança de que a guerra possa ser evitada até o último momento. Dois dias mais tarde, vôo de Belgrado para Caracas.

E no avião tenho os olhos cheios de todas as imagens desta longa viagem. A que mais me persegue, a que domina todas as outras, é a destas ruas estreitas de Tiberíades com os seus burros, árabes, mouros, judeus, árabes-cristãos, o seu mercado e os vendedores de água. Estas ruas onde, por entre as pedras das casas, nos mesmos pavimentos, com as mesmas fontes, os mesmos gritos, as mesmas disputas ou cânticos, Jesus passava descalço a caminho do Jordão para se banhar ou pescar. Como foi profunda esta impressão para que, num ateu como eu, ela se imponha cora tanta força!

O avião aterra suavemente no aeroporto de Caracas, onde Rita me espera e me diz ao abraçar-me:

— A guerra podia tê-lo apanhado!

— A guerra? Por que a guerra, Rita? É preciso esperar com convicção que ela não seja deflagrada.

— Pois bem, Henri, já começou há três horas.

Em seis dias esta guerra que quase nos apanhava de surpresa acabou. A mãe de Rita nada sofreu e entramos no mês de julho serenos.

Os negócios vão bem, somos felizes juntos e regressei da França com um tal buquê de recordações que, mesmo desfolhando todos os dias uma, fico ainda com uma mina inesgotável de histórias, com as quais posso sonhar todo o resto da vida.

O futuro, no qual não deixo de pensar depois dos últimos anos, pois assim é preciso, encaro-o sem angústia, dado que tomamos precauções que porão a nossa velhice ao abrigo da necessidade, se tudo continuar a correr normalmente.

Vinte e oito de julho de 1967, ano do quadringentésimo aniversário da fundação de Caracas.

São oito horas da noite, regresso depois de ter ido acender o neon do bar, que se encontra em frente do prédio de oito andares onde, no sexto, temos um grande apartamento. A porta que dá para a varanda está aberta, os dois lustres brilham com todas as lâmpadas acesas e Rita e eu vemos lado a lado, num sofá, um programa de televisão.

— Este mês que acabou foi bom, não acha Henri?

— Muito, querida. Junho também, de resto. Não está cansada?

— Não, estou bem. Ai, meu Deus!...

Um monstro que abana a casa, como um caminhão louco aos solavancos num caminho cheio de buracos e trilhos, uma espécie de dragão que abala o edifício da esquerda para a direita, de trás para diante, os lustres que balançam como pêndulos de relógio, o chão que se transforma num tobogã, inclinando-se para um lado ou para o outro mais de trinta graus, os cães, os nossos dois cãezinhos, que deslizam no ladrilho encerado duma parede à outra, os quadros que se desprendem, as paredes que fendem como uma romã muito madura, a televisão que estoura, as mesas que passeiam com as cadeiras, como se estivessem montadas sobre patins, um barulho metálico mais forte que o estrondo das chapas metálicas das tempestades de teatro, estalidos por toda a parte, gritos de terror da nossa empregada Maria e os que nos chegam do exterior, e os dois, Rita e eu, agarrados um ao outro de cara encostada, esperando num segundo que tudo desabe sobre nós e nos arraste na queda,..

Tudo isso durou exatamente trinta e cinco segundos. Julgava que os oito minutos da bomba contra Betancourt tinham sido os mais longos, mas ao lado destes segundos não foram nada.

Logo que tudo o que dança, estala e rebola pára, lançamo-nos pelas escadas abaixo de mãos agarradas. Descemos os seis andares num instante e os cães e Maria chegam à rua ao mesmo tempo que nós.

Encontravam-se aí centenas de pessoas gritando de pavor e de alegria por terem escapado com vida deste tremor de terra, que atingiu o grau 6,7 da escala de Richter.

Todas as pessoas que se encontravam na rua no momento do sismo e tinham corrido para o meio da faixa de rodagem para não serem esmagadas pelos prédios que balançavam como coqueiros apertavam-nos a mão e nos felicitavam pelo milagre de o nosso prédio não ter desabado como um castelo de cartas.

Foi às oito e quarenta que tivemos o segundo abalo, o qual durou dez segundos.

Ninguém ousa regressar a casa e nós tampouco. Pode haver outros abalos e dessa vez tudo desabar.

É ali em terra, com os pés nela bem firmes, sem outro teto que não seja o céu, que devemos ficar, instalar-nos, corner, dormir e esperar.

No entanto fomos ao nosso bar, na pequena vivenda do outro lado da rua, esperando deparar um desastre. Nada. Uma meia dúzia de garrafas caídas das prateleiras era tudo. Há luz e o telefone funciona. Em vez de termos de descer seis andares, aqui, ao fim de dez degraus estamos na rua. Podemos até saltar pela janela, aos primeiros abalos. Digo a Rita:

— Ficaremos aqui, querida. Poderemos até acolher algumas pessoas sem abrigo.

E a reação surge:

— Que sorte extraordinária tivemos, querido.

E nos beijamos e tornamos a beijar-nos. A criada beija os cães, nós beijamos a criada, os cães, os vizinhos e a nossa filha, que chega correndo, lívida.

Descemos à rua, onde começam a circular as notícias. Houve prédios que ruíram, quais foram? Este, aquele, aqui, ali, um grande, um pequeno. Vamos ver os montões de pedregulhos. Tudo o que resta de edifícios de doze ou quinze andares. Os bombeiros removem já os escombros, para ver se, por milagre, há sobreviventes. Estamos na grande Plaza de Altamira, no bairro de Caracas, diante do enorme edifício que ficou cortado em dois. Uma parte ruiu completamente, a outra, perigosamente inclinada, pode desabar de um momento para o outro. Ali vivia a mulher do meu amigo, Jean Mallet de la Trévanche, diretor da agência France Presse em Caracas. Estava sozinha no apartamento, uma vez que Jean foi surpreendido pelo tremor de terra na rua, ao volante do seu automóvel. Por milagre saiu ilesa desta metade do imóvel em equilíbrio.

Estou em vias de blasfemar contra Deus por toda esta catástrofe, quando

vejo diante do prédio dois irmãos, dois amigos, os Ducorneau. Dirijo-me a eles como de costume.

— Então também se safaram! Bravo! Avançam lentamente para mim com o semblante grave e os olhos rasos de lágrimas.

— Henri, Rita, vêem este montão de destroços? Debaixo estão a mamãe, o papai, a nossa irmã, a sua filha e a empregada.

Abraçamo-nos lavados em lágrimas. Retiramo-nos deste lugar horrível. Disse a Rita:

— Agradeçamos a Deus, pois para nós foi generoso.

Com efeito, no dia seguinte, entre todas as histórias cruéis que nos contaram, ouvimos a da família Azerad, que habitava o oitavo andar do Edifício Neveri.

O pai, a mãe e os quatro filhos estavam sentados à mesa jantando quando, ao primeiro abalo, o edifício cai. Como que aspirado pela terra, dobra-se sobre si mesmo e os Azerad foram encontrados debaixo dos escombros, mais ou menos na mesma disposição que tinham à volta da mesa: a mãe e três filhos separados do pai e do quarto filho por um bloco de concreto, que esmaga os quatro. Não tiveram morte imediata e o fim da mãe e dos três filhos é horrível.

O marido e a mulher agonizam, mas não perderam o conhecimento. Na obscuridade podem falar entre si mas não se vêem. Com o peito esmagado, ela assistiu à morte dos três filhos que se achavam junto dela, um dos quais de oito meses. A certa altura diz: “O bebê acaba de morrer”. Algumas horas depois: “O outro morreu agora”. Depois segue-se o silêncio, não responde mais ao marido. Acaba, por sua vez, de morrer.

O pai, Jean-Claude Azerad, de trinta e oito anos, e o quarto filho, Rémy, foram descobertos setenta e duas horas depois, em coma. Conseguem retirá-los e reanimá-los. Ao pequeno Rémy amputaram uma perna e o pai teve de sofrer várias operações, tendo fraturas por toda parte e os rins gravemente atingidos. Sofreu a primeira intervenção em Caracas, onde o Dr. Bénaïm o opera seguindo por telex e telefone as instruções do Professor Hamburger, do Hospital Necker de Paris, grande especialista de cirurgia renal. Escapa, mas não pensa senão em morrer, não reagindo ao tratamento. Foram precisas semanas e semanas para o convencer de que ainda fazia falta ao seu pequeno Rémy.

Durante mais de uma semana, as pessoas dormiram em carros, nos parques, em bancos, nas pequenas praças, mas sempre ao ar livre. A terra estremecia ainda de tempos a tempos mas em seguida à tempestade veio a calma

e com ela a confiança. E as pessoas voltaram aos seus apartamentos. Nós fizemos o mesmo.

19

NASCIMENTO DE UM PAPILLON

Perdemos mesmo assim mais do que pensávamos no tremor de terra e os negócios abrandam. No fim do mês de agosto a quantia que pudemos pôr de lado foi pequena. Não posso deixar de pensar no futuro com uma certa apreensão, pois tenho quase sessenta e um anos.

Procuro, procuro o que poderia fazer além disso, mas quê?

Tiro a poeira da velha pasta dum projeto de pescaria de lagostas nas costas da Guiana, documento-me sobre viveiros de trutas, farinha de peixe, pesca ao tubarão. Que sei eu do que poderia encontrar, inventar para não só ganhar a vida mas assegurar a nossa velhice?

Preciso encontrar outra coisa, mas o quê?

Esqueci-me completamente de um incidente ocorrido antes do tremor de terra.

Onze de julho de 67. Albertine Sarrazin acaba de morrer em conseqüência de uma operação. Não lendo os jornais franceses há anos, tomo conhecimento de que esta jovem era uma escritora de sucesso que havia narrado uma fuga e a sua vida de prisioneira em dois romances, entre eles *L'astragale,* que a tinha tornado quase rica. A pobre moça não pôde aproveitar esse desafogo. Foi no *El Nacional,* grande e sério jornal venezuelano, que li esse artigo.

E se eu escrevesse as minhas aventuras?

— Rita?

— Que quer?

— Vou escrever a minha vida.

— Há quinze anos que você me diz e repete que no dia em que publicar as suas memórias será uma bomba. Já está demorando tempo demais para rebentar essa bomba! Meu querido, já não acredito nisso.

(Tem razão a pequena Rita, porque quase todas as vezes que passávamos um serão com um grupo de amigos, diziam-me sempre:

— Henri, é preciso que você escreva essas histórias.

E de cada vez eu respondia:

— Vou escrevê-las um dia e então será uma bomba!)

— Você vai ver, desta vez vou-me meter nisso a sério.

— Não me prometa nada, pois já sei que não o fará.

Efetivamente não o fiz.

Por quê? Antes de mais nada, porque não me julgo capaz, não sei, sim, estou convencido de que não sei escrever. Falar? Sim. Contar histórias? Melhor que muitos, é verdade. Mas ser um bom narrador é uma coisa e saber escrever é outra. Em suma, não faço caso e não penso mais nisso.

Dois meses depois do tremor de terra, em fins de setembro, tiro um número velho do *El Nacional* dum maço de jornais, para dar a Maria. Precisa deles para proteger os ladrilhos das manchas de tinta dos trabalhadores que pintam as paredes depois de terem tapado as fendas provocadas pelo tremor de terra. E de novo, neste jornal amarrotado, reaparece a notícia da morte de Albertine Sarrazin.

Há mais de dois meses já! Pobre moça, sou mais desleixado do que ela, embora não seja rico.

Nem mesmo você tentou escrevê-las, as suas memórias, fraquejou logo! Não lhe fica bem. Mas tenho tantas razões para encontrar desculpas! Quase ninguém conhece o meu passado aqui, a minha filha trabalha na Embaixada britânica há sete anos, somos considerados, eu e minha mulher, comerciantes sem passado sujo e honestos. Além de alguns chefes da polícia, ninguém sabe de nada e teríamos de enfrentar tudo isso? E, na França, que dirão as minhas irmãs, os meus sobrinhos? Titia Ju? E depois um sucesso em literatura é muito difícil, quase impossível. Não, não é verdade, Papi. Para sair desta situação atual em que você vive bem mas não ganha o suficiente para assegurar em definitivo o fim dos seus dias é preciso arranjar uma habilidade. Qual? Não tenho nada que saber qual, é preciso arranjá-la e é tudo. Tornou-se uma idéia fixa e vou me ocupar dela seriamente.

É na Calle de Acueducto que passo alguns dias depois. Tinha de novo esquecido Albertine Sarrazin, esquecido que, por uma hora, também eu tinha

querido escrever um livro. Essas memórias, como diz Rita, estavam destinadas a ser uma bomba que não explodiria nem meteria medo, pois nunca seria fabricada.

Mas nesta maldita Calle de Acueducto fica a Livraria Francesa, e na vitrina, diante da qual sou obrigado a passar, um livro, e nele uma tira de papel vermelha: cento e vinte e três mil exemplares, e esta maldita tira não me impede de ver o título, *L'astragale.*

Merda, cento e vinte e três mil livros vendidos! Quanto custa este livro? Trinta bolívares, mais ou menos trinta e três francos. Desembolso-os para me tornar proprietário deste famoso livro.

E no entanto, apenas com este livro, ela ganhou uma bonita fortuna, a Albertine! E com toda essa grana não tinha mais necessidade de arrombar portas para comer bem com o seu Julien.

E li *L'astragale* e fiquei maravilhado. Mas com o quê, em *L'astragale?* As aventuras ou o canto das palavras? As aventuras não são nada ou quase. Ela quebra o pé ao fugir, encontra Julien, que lhe descobre esconderijos e que ela ama, é presa no momento em que tudo se acomodava entre eles. Contudo não é isso, mas a maneira como está escrito! Não é uma pintura qualquer, mas uma obra-prima!

Quem lê obras-primas?

Quem se pode embalar com palavras, belas frases?

Quem vai à ópera? Pouca gente.

Este livro é uma ópera, sim. E, no entanto, não é mau que cento e vinte e três mil pessoas gostem de ópera, sendo vinte por cento do preço do bilhete para a garota com astrágalo pulverizado.

Apenas com este começo, ela pôde abrir uma conta no banco e comprar uma casa ao sol para se abrigar da chuva... Pois eu dava-lhe vinte por cento como se fosse eu o editor. Não conhecia ainda o meio.

Pousei o livro, derrotado, ao saber que há mulheres que fazem o primário na prisão, que podem aí preparar licenciaturas em letras e escrever com palavras tão complicadas, sem abrir um dicionário. Imagine, meu velho, que você tem cem vezes mais aventuras do que ela, mil coisas muito mais interessantes a contar, e que, se chegar a poder escrevê-las, não são cento e vinte e três mil livros que venderá, mas dez vezes mais. É verdade, mas acontece isto: é preciso saber escrevê-las, e não é o seu caso.

E se em vez de procurar belas frases, de embalar o meu leitor na música do bem escrito eu o abanasse? Se em vez de escrever para ele eu *lhe falasse?*

Falar-lhe? Por que não? Tenho já uma experiência do que isto provoca no grande público!

— Rita! Você não guardou a carta da Europa 1? Oh! data de há muito tempo, 57 ou 58, creio, há mais de dez anos.

— Sim, querido, guardei-a, imagine bem!

— Quer trazê-la para mim?

Um momento depois ela traz a carta.

— Que vai fazer?

— Impregnar-me dela, para que me dê a coragem de escrever o meu famoso livro.

— A bomba? Será que rebentará desta vez?

Está ali a carta:

EUROPA 1

Rádio-Televisão

22 de janeiro de 1958

Excelentíssimo Senhor Henri Papillon Caracas Venezuela

Caro senhor.

Estava há várias semanas decidido a enviar-lhe estas linhas de felicitação e vivo agradecimento.

E, se bem que as imensas ocupações de fim de ano me tenham impedido de o fazer, não quero deixar passar o dia de hoje, pois o meu grande camarada Carlos Alamon, que acabo de encontrar em Paris com tanto prazer, parte amanhã para Caracas e lhe levará a minha carta.

O senhor aceitou a entrevista que lhe propôs Pierre Robert Tranié, um desses sete globetrotters *de rádio que enviamos à volta do mundo, e a sua personalidade deu tanta cor* e *inspiração a esta conversa que ela, difundida através da Europa 1, apaixonou os nossos ouvintes de tal maneira que foi eleita como a melhor das nossas reportagens transmitidas nessa noite e deu a Tranié o*

primeiro prêmio. Estou convencido de que é em primeiro lugar ao senhor que se deve dizer "bravo". Sem dúvida, a sua mensagem será escutada e *formulo com o senhor a esperança de que servirá à causa dos seus camaradas, que, como o senhor, procuram ter capacidade de readaptação a vida civil.*

Bravo, pois, e obrigado por nos ter ajudado a interessar e emocionar os nossos ouvintes.

Queira aceitar, caro senhor, os meus melhores cumprimentos.

Louis Merlin

Diretor da Europa 1

Assim, quando narro, não apaixono só minha mulher, meus sobrinhos e sobrinhas, os meus amigos, qualquer grupo de desconhecidos numa reunião, apaixono também os ouvintes invisíveis de Europa 1.

Sete *globetrotters* pelo mundo, durante dois meses, a uma entrevista por semana, totalizam cinqüenta e seis entrevistas, e você, Papillon, fica em primeiro. Sim, sinceramente, existe uma oportunidade,

E para a frente, a caminho desta nova aventura.

Não há problemas. Vou escrever como falo.

Vou, portanto, falar *antes* de escrever.

E no dia seguinte, no Sears, o maior armazém de Caracas, compro o mais belo gravador que lá havia, um profissional, a crédito, bem entendido. Quinhentos dólares.

E falo, falo e gravo.

Não largo o microfone.

E gravo de noite.

E gravo de manhã.

E gravo à tarde.

E gravo tanto que fico afônico a ponto de a minha voz completamente enfraquecida não conseguir fazer vibrar o microfone.

Obrigado a parar, começo imediatamente a passar da fita para o papel.

Estou inchadíssimo, certo de ter cometido uma boa proeza. Certas passagens que Rita escutou fizeram-na chorar como uma Madalena. Então não há dúvidas, o indivíduo que conta à sua mulher histórias que ela sabe de cor e que encontra maneira de ainda a comover pode estar certo de ter triunfado.

Pois bem, não. A gravação, uma vez no papel, é uma verdadeira merda!

Não consigo voltar a mim, não percebo nada.

Releio estas cinqüenta e duas páginas, faço Rita lê-las, e quando as relemos, uma vez mais em conjunto, decidimos que não há mais gravações e que estas páginas são uma perfeita merda.

Não foi grande a demora. À tarde ajudava Clotilde a pôr na mala do carro este famoso aparelho

de quinhentos dólares, do qual não queria mais ouvir falar nem ver.

Precioso presente para ela, verdadeiro alívio para mim.

Ainda bem que as minhas cordas vocais falharam, sem o que teria continuado a gravar para nada.

— Não falemos mais disso, querida. Adeus bezerros, vacas, porcos, ninhadas; Jean-Jacques Pauvert, o editor, pode dormir tranqüilo, não terá concorrente para fazer baixar a venda de *L'astragale*.

Novembro. Fundi a cuca procurando alguma coisa de original para conseguir a minha fortuna, sem chegar chegar a qualquer conclusão.

Como tenho amigos de todos os gêneros, acontece-me ter propostas para os mais estranhos negócios. Um amigo que possui uma propriedade na Guiana venezuelana e que sabe que há algum ouro nos arredores diz-me que se podia talvez "descobrir" uma mina e, depois de a ter declarado, registrado e bem delimitado, é fácil encontrar um trouxa que a compre. A operação é simples. Basta carregar alguns cartuchos com ouro em pó e algumas pepitas e dispará-las para a terra, para que, quando o geólogo do otário, maravilhado, fizer os levantamentos nos lugares que lhe forem sugeridos, apresente um relatório favorável. Demonstro-lhe muito seriamente, que, tendo em conta o preço de cada cartucho carregado de ouro, uma centena de tiros bastaria para causar a ruína definitiva. E se não houvesse comprador?...

É nos escritórios do Scotch, o nosso bar, que escrevo os primeiros

cadernos.

De há uns tempos para cá passa-se algo de novo nos clubes noturnos de Caracas. Pequenos grupos de jovens aparecem como clientes, não sabem beber e procuram histórias. Até o tremor de terra nunca tinham ido lá. Depois de uma ou duas incursões, que provocaram um pouco de tumulto, compreendi. É preciso, para o bom andamento do negócio, que eu lá esteja, sem, contudo, aparecer na sala. Um pequeno escritório adjacente permite-me estar ausente quando tudo corre bem e presente quando for necessário. Levo jornais e papéis para passar o tempo.

Um caderno novo está ali juntamente com outros, um caderno escolar. Estes cadernos servem para anotar as despesas diárias, as entregas dos álcoois, etc. Chateio-me.

E é certo de que vou uma vez mais arranjar forças para tal que escrevo o primeiro caderno de *Papillon.*

É então que, uma vez terminado, o leio num domingo à minha mulher, à minha filha e ao meu cunhado, que apareceu para almoçar.

Estão de tal maneira interessados que se esquecem de ver na televisão o 5 e *6,* uma espécie de corrida de cavalos na qual se pode ganhar em cinco ou seis coradas mais de um milhão de bolívares. É a esperança que alimenta trezentos mil jogadores cada domingo.

Encorajado por esse resultado que estava longe de esperar, ataco o segundo caderno.

Resultado cem por cento positivo, acreditamos todos. Depois assalta-me a dúvida. Não terão sido eles indulgentes, uma vez que se trata da minha mulher, de minha filha e do meu cunhado? Seria estúpido continuar sem ter uma opinião, embora menos favorável, de outras pessoas.

Uma garrafa de uísque, uma de *pastis,* outra de Chianti, tudo pronto para receber, num sábado à tarde, algumas pessoas que dirão francamente a sua opinião. Um professor, que faz parte do grupo, explica-me que esta reunião de personalidades diferentes se chama na França uma “comissão de leitura”.

Estou nervoso. Devem chegar às seis horas, e são quatro. Não irão eles dar a mínima importância para mim?

Esperemos que não sejam hipócritas! Escolhi-os bem, no entanto. Primeiro dois cafetões, arrumadores de carros e atualmente comerciantes

honestos. Têm importância pelo seu conhecimento das histórias do meio. Um engenheiro, economista distinto, ex-colaborador direto de Lavai. Um cabeleireiro que lê muito, conhece toda a obra de Albertine Sarrazin e de outros. Um professor de francês. Um professor de letras da Universidade de Caracas. Um judoca de Limoges, faixa preta. Um industrial químico lionês. Um pasteleiro parisiense. São todos franceses.

Chegaram praticamente na hora. Apenas falta o professor de francês, que vem já depois de eu ter lido vinte páginas.

Tenho a garganta seca pela angústia de ler; ninguém disse nada, os rostos nada exprimiram. É verdadeiramente a prova de fogo. Sussurro de vozes à chegada do retardatário. Desculpas, barulho de pedaços de gelo no copo e, por fim, sentou-se.

— Vou continuar, meus senhores.

— Não — diz o professor de letras. — Faço questão de que Henri recomece a ler as páginas que já nos leu. São excelentes e quero que as ouça, o que permitirá deleitar-nos duas vezes. Todo mundo está de acordo?

Todo mundo está de acordo. E então o sol entra no meu coração. Leio durante algumas horas, no decorrer das quais eles não comeram e pouco beberam. É sinal de que estão interessados.

Saímos tarde de casa. Levei-os para um restaurante em frente do Scotch e, antes de começar a refeição, dei um salto ao Scotch para ir buscar Rita na caixa, levá-la ao escritório, envolvê-la nos meus braços e, beijando-a, dizer-lhe:

— Querida, está ganho, com certeza, está ganho, sinto-o, é certo! A bomba vai rebentar com um estrondo dos diabos!

Deixei-a com lágrimas nos olhos, para ir depressa para junto da "comissão de leitura", antes que viesse o que tinham encomendado. E comendo uma bela *parrillada* (grelhada), ia escutando aqui e ali:

Os cafetões:

— Meu amigo, estamos pasmados, muito sinceramente.

O colaborador de Laval:

— É vivo, rápido, fácil de ler.

O professor de francês e o de letras: — Você é verdadeiramente dotado. O lutador, o pasteleiro e o químico estão de acordo que devo continuar, pois estão certos do sucesso. O cabeleireiro:

— Se você fizer o livro todo como esses dois cadernos será formidável.

Escrevi em dois meses e meio todos os cadernos.

Pela disputa entre os membros da “comissão de leitura” para ser cada um o primeiro a poder levar consigo para casa, por quarenta e oito horas, os cadernos e lê-los um após outro, vejo que tudo continua bem.

Acabei em janeiro de 1968.

Leio tantas vezes os cadernos que tenho em casa, em cima da secretária, que quase os sei de cor.

Sim, os cadernos estão ali. E depois? Estão lá, é tudo. Que fazer? Não se podem enviar escritos a mão. E a quem? E, se não guardo uma duplicata, qualquer imbecil pode dizer que não sabe quem os escreveu e arrecadar toda a grana, se grana houver.

Não está mal! Escrevi o meu livro e eis-me sem saber o que fazer dele! Em resumo, primeiro de tudo são precisos três exemplares datilografados.

E os datilógrafos que arranjo (um iugoslavo, um russo, um alemão e uma martiniquesa) fazem que Castelnau escreva mais tarde no prefácio: *Este livro, datilografado por entusiastas amadores e nem sempre muito franceses. . .*

Pois bem, nem sempre muito franceses, mas sempre entusiastas, a ponto de um dia, entrando sem barulho no lugar onde ela trabalhava, surpreender a martiniquesa de pé, fazendo grandes gestos diante da máquina de escrever. Representava uma cena do livro.

O livro começa a custar-me caro, tendo em conta o gravador, a máquina de escrever, o uísque, as refeições à “comissão de leitura”, os maços de papel e a remuneração aos datilógrafos, pelo menos bilíngües (pois estamos na Venezuela). Isto se torna na verdade importante.

O livro, uma vez datilografado, tem seiscentas e vinte folhas. A catorze por dia, são precisas oito semanas para o datilografar. Custo total aproximado: três mil e quinhentos dólares. Felizmente podemos fazê-lo e Rita, para me tranqüilizar, diz-me que é dinheiro bem gasto, mesmo se não for editado. Serão três presentes de Natal extraordinários para os membros da família.

— Não .— digo-lhe. — Dois presentes. O terceiro é para você. E depois, nunca se sabe, é melhor conservar um.

E então, perante estas três pilhas de seiscentas e vinte páginas, sinto-me tão aborrecido como antes. Mais ainda, talvez.

Os cadernos eram meus, só meus. Provinham da minha mão. Escrevi-os numa espécie de outro estado. A escrita desenha no papel formas de letras que são exclusivamente minhas. Ninguém pode tornar a fazer da mesma maneira estas letras tão diferentes das dos outros. Nestes rabiscos só eu posso decifrar sem hesitar um segundo as frases que falam da minha vida passada, e quando as lancei ao papel revivia com tal intensidade o passado que não as escrevia, estava nelas, vivia-as.

Os cadernos são só meus. Mas quando os datilógrafos bilíngües passam a letra de máquina as minhas frases, o meu estilo, então a coisa torna-se muito grave, muito importante.

As folhas *já* não são as *minhas.* Nunca mais serão só *minhas.* Podem ser julgadas num verdadeiro processo no qual os juizes serão os leitores, e não as poderei defender. Ao lado de cada leitor não estará um advogado, o seu veredicto será sem apelo.

Como editá-lo? Primeiro, poderá este livro interessar a um editor? Como sabê-lo? Chegando até ele. Vejamos. Este livro agradou a todos os membros da famosa “comissão de leitura”, a toda a minha família, aos meus amigos venezuelanos que falam francês, a um ex-embaixador em Londres, Hector Santaella, até mesmo a um sujeito tão autorizado e indiferente a esse tipo de histórias como Jean Maillet de La Trévanche e a um polêmico comunista, Hernani Portocarrero. O que significa tudo isso? De fato, *nada.*

É talvez das aventuras em si que eles gostam. Isso não quer dizer que o público vá gostar do livro como *tal.* Sendo assim não se pode ser pretensioso e deve-se oferecê-lo dizendo: “Se não lhe agrada, não poderá mandá-lo reescrever?” A menos que seja eu a fazê-lo. Mas esse truque deve custar muito caro, e vamos gastar ainda mais grana nesta aventura, sem sequer saber se serei editado.

É um sujeito de passagem por Caracas que me dá a solução, enquanto em minha casa espera Joseph Carita o irmão das irmãs Carita de Paris, as célebres cabeleireiras. Joseph está atrasado e o sujeito me pede licença para folhear as páginas datilografadas. Não se apercebeu sequer de que esteve à espera duas horas. Bom sinal.

Partiu para a França com dois cadernos. Um dos seus amigos os verá e tornará a datilografá-los, se for preciso.

Durante um mês esperei todas as manhãs pelo carteiro. Devia trazer-me o veredicto dum escritor profissional e uma passagem do livro reescrita, a “Ilha

dos leprosos”.

Não sei mais o que vou fazer da carta e do embrulho que acabo de receber. Não sei se devo abrir a carta primeiro ou o embrulho, onde os leprosos já não serão os “meus leprosos”. São onze horas, não mexo em nada, não abro nada. A carta e o embrulho estão fechados em cima da secretária. Prefiro esperar que estejamos todos reunidos ao almoço.

O acaso quer que tenhamos dois convidados, o professor de francês e sua mulher.

— Abra primeiro a carta.

O escritor francês diz-me que as minhas páginas lhe interessaram muito e promete-me fazer um bom livro das minhas memórias, bem escrito, em bom francês. Um livro sério, de um bom valor literário. As condições são as seguintes: cinqüenta por cento dos meus direitos mais uma soma de dezoito mil francos pelo trabalho e despesas: Aqui *vai* o *episódio dos leprosos. Espero que agrade.*

Silêncio de morte. Com a garganta apertada, começo a ler “o episódio dos leprosos, em bom francês”. Vou enfim ver a minha narração transformada para que possa ser editada.

Acabei. São isto os “meus leprosos”? Impossível, já não o são! Perdi.

— Mas não, Henri! São os seus leprosos que são formidáveis, não esses — afirma o professor de francês. — Está abatido, Henri?

— Está brincando, professor! Não, estou surpreendido, desconcertado, é verdade. Perturba-me, ao ler estas páginas, que os meus leprosos não tenham a mesma cara, a cara que lhes conheci. Se os editores são assim, são piores do que a prisão, é preciso ter cuidado para não ser comido vivo. E não tem escrúpulo nenhum o sujeito, para corrigir o livro quer cinqüenta por cento. Nem mais nem menos. Que ele nem pense, professor, gosto da luta e isto começa a tornar-se apaixonante, a aventura começa a tomar forma. E em vez de proceder como homem franco, como pensava que se devia fazer neste meio especial, vou entrar nesta selva e tomar a atitude própria conforme as pessoas e os momentos. Tenha confiança em mim! A selva, os pedintes engravatados e adornados, a habilidade de não mostrar as cartas senão no momento de anunciar que sou vencedor e que ganho são do meu conhecimento!

Formidável, vai ser apaixonante, não me entregar a ninguém, nem ter *confiança em ninguém.* A primeira atitude a tomar: fazer crer que sou estúpido, um pobre sujeito fácil de enganar, o tio Goriot de Balzac, gaguejar para

responder e fazer-me surdo para ter tempo de refletir à vontade antes da resposta.

É preciso fazer crer a todos que efetivamente é indispensável que a minha prosa, mesmo que a ache melhor, seja reescrita.

A quem pedir primeiro? Hachette? Plon? Não conheço senão estas duas. Deve haver outras.

— E por que não ao editor de Albertine Sarrazin? — diz Clotilde.

Depois da refeição, Clotilde telefona para a Livraria Francesa para saber o endereço de Pauvert. Cinco minutos mais tarde, escreve a máquina uma carta para Jean-Jacques Pauvert, Rue de Nesle, 8, Paris, onde digo que sou um evadido há mais de vinte e cinco anos, que fiquei arruinado pelo tremor de terra, que aos sessenta e um anos é difícil um tipo refazer a sua vida e que, tendo editado *L'astragale,* por que não me ajudar publicando as minhas memórias, embora mal escritas? Não sou um escritor, mas seria fácil encontrar alguém que, com este material, fizesse um bom livro. O *velho pedinte dirige-se ao senhor, algo me diz que escolhi bem. É preciso confiar nos homens, aceitarei as condições que julgar honestas propor-me. Janto alguns trechos que poderá ler.*

É preciso não ser estúpido, não lhe envio o livro todo. Sabe-se lá do que eles são capazes!

A carta e os excertos seguem a 20 de agosto, registrados no correio.

É para o cesto dos papéis que Pauvert deve ter jogado os meus trechos. Estamos a 20 de setembro. Um mês sem resposta. Um sujeito interessado teria respondido há muito.

Pode estar de férias, esperemos. É verdade, um editor pode permitir-se, com o suor dos seus autores, gozar longas e luxuosas férias. Se a 30 de setembro não vier nada, escreverei para outro.

A 28 de setembro, de manhã, um sobrescrito amarelo. Abro-o, febril. No interior, uma simples folha, amarela também. Procurando os óculos, digo:

— Nesta casa não se encontra nada. Rita está a meu lado.

— Apesar de tudo responderam-lhe.

— Vejamos. E leio:

Caro *senhor,*

Ficamos na verdade muito interessados pelos fragmentos que nos enviou.

Constituem a base duma excelente narrativa.

Seria preciso, se já não o faz, que redigisse o *conjunto, exatamente como escreveu o que lemos. É vivo, direto. É um projeto que seguiremos com a maior atenção.*

Antes de lhe fazermos propostas, desejaríamos ler o *conjunto do que escreveu.*

Etc. Assinado: Jean-Pierre Castelnau.

Lemos a carta três vezes. Primeiro eu. depois Rita e novamente eu, cada frase, cada palavra, em voz alta, pensando o significado das frases, como se se tratasse da leitura, por um notário, dum testamento feito a herdeiros, que devessem compreender bem o que ele queria dizer e o significado exato de cada palavra.

— Olé, querida! Olé! Começou a funcionar, começou mesmo! E o... como assina esse sujeito? Ah! sim... o Castelnau vai encontrar algo de vivo e direto nas histórias que não duvida existirem no livro.

— Calma, querido. É na verdade uma boa notícia, mas daqui até ser editado é outra coisa.

— Querida, esses sujeitos não perdem o seu tempo escrevendo por nada. Se responderam é porque estão interessados. Sim ou não?

— Sim, e depois?

— Por outro lado, enviam-me floreados: “É vivo, direto, constitui a base duma excelente narração”. Não estariam brincando? Você não acredita, com certeza, que esta espécie de editor cumprimenta a gente pelos nossos lindos olhos! Pois quanto mais nos dizem que está bem mais caro isso lhes custará. Portanto, é preciso que na realidade sejam sinceros. Mas, como são malandros, não dizem senão metade do que sentem. Quer que lhe diga, eu, um sujeito evadido, um escritor da rua, quer que lhe diga o que significa “vivo, direto, base de uma excelente narração, envie-me o livro todo”?

— Sim.

— Isso quer dizer: recebemos três fragmentos extraordinários dum livro. Se for todo no mesmo estilo, é um livro excepcional.

— E vai-lhe enviar as seiscentas e vinte páginas?

— Você está brincando? *Voa levá-las eu mesmo.*, .

— É cara a viagem.

— Joga-se, minha filha. Joga-se, e quer saber? Vamos jogar a casa, o dinheiro que temos no banco e o nosso crédito. *Banco seul*, está entendendo? *Banco seul, pour le tout.* E ouça-me bem, desta vez tenho o pressentimento, tenho a certeza, é o povo francês que vai responder.

Tirou nove, ganhou, Papillon. Ganhou finalmente um “banco” na puta da vida.

20

OS SENHORES MEUS EDITORES

É com uma pequena maleta de três quilos e meio de folhas datilografadas que tomo o avião Caracas-Paris. Viagem de ida e volta que pagamos a crédito.

Tenho tanta pressa de contatar com esse editor que enfrentei a polícia de Orly. Desde que não me prendam para me notificar e fazer assinar a proibição de viver em Paris! Serei então obrigado a pedir, numa repartição miserável, uma licença de estada, o que é deprimente. Trinta e oito anos depois, devo ter desaparecido da lista das pessoas a vigiar.

Rue de Nesle, número 8, Edições Jean-Jacques Pauvert. Para mim, que chego da Caracas de grandes avenidas modernas, uma pequena rua estreita, suja, um imóvel aparentando ruína! O pátio é tão asqueroso como a rua. Grandes lajes, as lajes das ruas de Paris de há cem anos, um portão largo por onde deviam entrar antigamente os fiacres e as caleches, que para sair eram obrigados a fazer manobras. Um andar alto para subir, uma escada com degraus altos, sem tapete, difíceis de subir. É de gelo (estamos em outubro), os degraus estão gastos dir-se-ia a entrada dos calabouços na central de Caen. Pois bem! A editora Pauvert não tem um aspecto muito tranqüilizador.

Digo a mim próprio que se trata de um dos mais velhos bairros de Paris e que muita gente cheia de conhecimentos artísticos daria a vida para que não se tocasse numa única pedra. Mas, para um sujeito que chega da América do Sul com uma bomba de esperança debaixo do braço, isso pouca diferença faz.

Contudo, no primeiro andar, a porta é bela, bem encerada uma grande porta de notário de província. Por cima, em letras de cobre reluzentes: *Jean-Jacques Pauvert, editor.*

A porta abre-se apertando um botão. Não têm medo dos ladrões neste calabouço. É verdade que neste antro não há senão papel. E, além disso, dá uma certa confiança sermos nós a abrir a porta.

Tinha-me, no entanto, feito anunciar pelo telefone:

— Alô! Sr. Castelnau? Aqui Charrière.

— O quê? Está me telefonando de Caracas?

— Não, estou em Paris.

— Essa agora!

Custou-lhe acreditar e disse-me que passasse por lá no fim da tarde.

Na entrada, duas pessoas esperam com manuscritos sobre os joelhos. Quando a secretária me manda sentar, uma senhora de idade inclina-se para mim e me diz:

— Espero que não esteja com pressa, pois estou aqui já há um bom tempo.

— Não, não tenho pressa. Um minuto depois:

— Incrível vê-lo aqui, Sr. Charrière!

Um homem de cerca de quarenta anos, de aspecto ainda jovem, sorridente, de rosto simpático, magro como um espeto. Parece nadar num terno que deve ter feito várias estações.

Apresenta-se:

— Jean-Pierre Castelnau. — Rindo acrescenta: — Francamente, nem parece verdade! Esperava tudo menos vê-lo aqui!

Conduz-me gentilmente, muito amável, para o seu escritório. Escritório aquecido, sóbrio, mas alegrado por uma biblioteca cheia de livros e por toda espécie de desenhos e cartazes nas paredes.

— Nem acredito vê-lo aqui. Desculpe-me, mas depois da minha carta esperava os outros cadernos, mas nunca você, sinceramente.

— Admira-se de que um homem arruinado chegue de Caracas só por causa duma simples carta que não promete nada, é isso?

— Talvez sim — diz ele rindo —, confesso-o.

— Veja, estou falido, é certo, mas ainda pago o aluguel da casa e o telefone.

— O que importa é que esteja aqui. Jean-Jacques vai ficar contente. Tem o manuscrito? Está tudo pronto? — Tenho. Está pronto e completo.

— Tem-no aí?

— Não, trago-o amanha. Hoje foi só para fazer contato.

Conversamos há um momento, quando um homem jovem, grande, de olhos claros e um sorriso simpático entra:

— Apresento-lhe Jean Castelli — diz Castelnau.

— Muito prazer. Henri Charrière. Você tem o mesmo nome de um dos presos do meu livro. Isso não o chateia?

— De maneira nenhuma — diz ele rindo. — Li os fragmentos que mandou e achei-os muito bons. Felicito-o.

Sai. Conversamos ainda por um momento e depois levanto-me:

— Até amanhã.

— Então, gostaria que jantássemos juntos?

— Obrigado, amanhã.

— Então, até amanhã e com os cadernos. — Com os cadernos todos.

Regresso à casa do meu sobrinho Jacques, nos arredores. Ele conhece Paris como as suas mãos e tem uma opinião muito precisa sobre os meios literários, pois trabalha no *Paris-Match.* É também um artista. Está à minha espera com a sua encantadora mulher, Jacque-line, decoradora, e as duas filhas, na sua agradável vivenda rodeada dum jardim.

— Então, tiozinho? — pergunta-me Jacques, assim que abro a porta.

— Então, olhe... — e começo a contar. O Castelnau o mais simpático possível, etc.

— E Pauvert?

— Não o vi.

— Não o viu?

— Não!

— Acha que é bom ou mau sinal?

— Creio que quem dirige as operações no que se refere aos manuscritos e toma as primeiras decisões é Castelnau. O grande patrão deve trabalhar tipo *businessman* americano.

— Que quer dizer?

— Como em todos os negócios, toda proposta é passada a pente fino pelos seus colaboradores, para que expliquem as razões que o levaram a

recomendar isto ou aquilo, quer seja uma obra, quer um novo modelo de torneira. E depois, por fim, intervém o grande patrão. Como não teve qualquer contato com você, nem almoçou, nem bebeu uísque, nem, enfim, simpatizou com você, como não deixou escapar nenhuma palavra de elogio ou entusiasmo, quando intervém é para matar: ou corta-nos a cabeça ou nos salva. E começa com a sua conversa fiada: "Compreende, não é assim tão famoso, os meus colaboradores deixam-se levar facilmente, não são eles que pagam, que arriscam, comigo não é assim. No entanto pode-se ver, tentar. Claro, se aceitar trabalhar conosco em condições mais modestas". Pois bem, o Pauvert deve ser um sujeito assim.

— Você é um desiludido, tio.

— Pelo contrário, sou muito psicólogo, rapaz. Por quê, vou dizer-lhe: quando um sujeito como eu volta do inferno nas condições em que vivi e faz doze mil quilômetros de avião para lhe entregar as páginas do seu calvário, se você tem um mínimo de bons sentimentos, de humanidade, mesmo se está ocupado, vem dar-lhe os bons dias, pelo menos uma vez, mas vem. O sujeito não veio, logo não vale a pena estar fazendo a sua radioscopia; está antecipadamente feita. Como certos *businessmen* americanos, o seu coração só deve bater ao ritmo e ao som do dinheiro. Pode estar certo.

Com essas explicações, Jacques e Jacqueline partem-se de rir.

Levantei-me cedo para estar às dez horas em ponto em Paris.

Levo comigo as seiscentas e vinte páginas do manuscrito datilografado. O táxi deixa-me na esquina da Rue de Nesle com a Rue Dauphine, e ali, no passeio, diante do bar da esquina, está Jean-Pierre Castelnau.

Está de sobretudo e tem razão para isso, pois, com o frio que faz e magro como é, não é a sua gordura que o pode proteger. Dirige-se a mim:

— Ah, está aqui! Vamos beber um café?

Será que por acaso ele me esperava no passeio? Vá-se lá saber!

— Tudo bem desde ontem, Sr. Castelnau?

— Tudo bem, obrigado. O que está nessa maleta? É o manuscrito?

— Sim.

Trazem-nos dois cafés.

— Permite-me que dê uma vista de olhos?

— Sim. — Está com pressa o sujeito. Isto lhe interessa.

A maleta de tela está deitada em cima da mesa do café, abro-a depressa.

E o jovial, amável, simpático Castelnau deixa esfriar completamente o café, percorrendo rapidamente aqui e além com olho de profissional várias folhas ao acaso. Observo o seu rosto, concentrado, tenso, os olhos um pouco franzidos. O sujeito esqueceu-se de mim. É bom sinal.

— Pois bem, meu caro Charrière, hoje é quinta-feira, vou ler este grande manuscrito durante o fim de semana e venha *ter* comigo segunda. Dir-lhe-ei o que se pode arranjar. Não é preciso subir ao meu escritório, falamos o essencial. De acordo?

— Muito bem.

— Então adeus, e até segunda.

Tudo aquilo dito com uma perfeita descontração, um sorriso delicado, um olhar franco e jovem, enquanto corria o fecho da maleta, pegando nela, mostrando com naturalidade que estava com pressa, muita pressa, de ficar a sós com o manuscrito.

— Adeus, Sr. Charrière, até segunda.

O simpático tipo segue para a Rue de Nesle e eu subo a Rue Dauphine em direção à estação de metrô de Odéon.

Chuvisca mas não sinto frio, pois além do sobretudo tenho bastante gordura para envolver-me o esqueleto.

Tomemos um táxi, é melhor que o metrô. Só no trem torno a pensar no que acaba de se passar. A vida das ruas de Paris vista do táxi absorveu toda a minha atenção.

Não deveria ter-me dado um recibo? Por quê, Papi? O seu livro não é nenhum tesouro, mas, enfim, podem copiá-lo totalmente ou em parte. Parece, disse-me o meu sobrinho, que antes de entregar um manuscrito a quem quer que seja deve-se tomar a precaução de o registrar na Societé des Gens de Lettres. Mas eu não sou um autor! E além disso, ninguém pode substituir Papillon, enviado para os trabalhos forçados, e perpetuamente, por doze idiotas. Não é o mesmo que um verdadeiro escritor.

Atenção, por que é que ele não quis que você subisse? Talvez tivesse um motivo? Vamos, Papi, deve-se Você viu a sua tromba simpática de homem honesto, ser desconfiado, de acordo, mas nunca a este ponto, amável, alegre. Vi-a, é certo, mas o americano dos lagostins, com a sua cara de lua, o seu ar bom e estúpido, também tinha aspecto de homem honesto! Não, deve ter querido evitar

que você subisse as escadas. Esperemos que sim.

De qualquer maneira, mais quatro dias e você saberá o que há de fazer. E, coisa formidável, o sujeito principal da casa Pauvert vai ler o seu livro durante o fim de semana. Quantos manuscritos terão esta oportunidade, sobretudo vindos dum desconhecido? E, mais, vindos dum antigo vadio?

Como vão ser longos estes quatro dias. E se você fosse visitar a sua sobrinha em Saint-Priest?

Na manhã seguinte tomo um Caravelle da Air-Inter para Lyon. O avião está apinhado. Mal me sento, fumo. Ao meu lado uma mulher lê o *France-Soir.* Como recusei o jornal oferecido pela aeromoça, leio de revés os títulos do da minha vizinha, que gentilmente o abre todo para mim.

Meus Deus, não é possível! Em letras enormes, leio, assinado por Edgar Schneider:

PAUVERT SERÁ DE UTILIDADE PÚBLICA

Não posso ler senão o título, pois não tenho comigo os óculos, que estão no sobretudo, na prateleira por cima de mim. Como estou encostado à janela era preciso incomodar duas pessoas, para, do corredor, os conseguir. É desagradável para todo mundo.

Além disso, talvez esse Pauvert não seja o meu, são letras demasiado grandes para falar num editor. Talvez se trate dum ministro.

No entanto, não agüento.

— Minha senhora, desculpe-me, quererá dizer-me quem é esse Pauvert?

— Quer o jornal?

— Não, obrigado, não tenho óculos. Por favor, pode ler-me o texto?

E a minha amável vizinha começa com uma voz neutra:

“Jean-Jacques Pauvert (não há dúvida) poderá bem ser salvo da ruína pelos seus credores.

“O que o editor menos conformista de Paris chama um *incidente normal* traduz-se, na realidade, por um rombo de cinco milhões e duzentos e setenta mil francos, etc.”

— Muito obrigado, minha senhora. Aceitaria de boa vontade o jornal,

quando o tivesse acabado de ler, pois desejo guardar este artigo. Interessa-me.

— Conhece Jean-Jacques Pauvert?

— Não, pior. Estava para conhecê-lo segunda-feira.

Noto a surpresa no seu rosto e o Caravelle continua a deslizar suavemente nas nuvens de algodão deste mês de outubro.

Tanto pior para os meus vizinhos se os incomodo. Mas a emoção deu-me vontade de mijar.

— Desculpe-me, minha senhora. Desculpe-me, cavalheiro.

Em vez de mijar de pé, sento-me na privada do toalete. Só, posso refletir melhor e à vontade. Vêm mexer na maçaneta da porta, mas não me importo, que vão mijar noutro lugar.

Pois bem, porra, é o que se chama ter azar. Quase encontro um editor que, cá para mim, estava no papo, e afinal está para ir ao ar.

Falido, para falar em termos corretos.

E ainda por cima ficou com o manuscrito.

É por isso que o cafetão com sorriso encantador o esperava diante do bar e não queria que você subisse.

Por Deus! Devia ter pressentido o vento da derrocada! Talvez lá em cima estivesse um oficial de diligências para penhorar a mobília e as máquinas. Devia ser isso!

Não são burros no *France-Soir.* Através dele se têm notícias frescas! E que notícias, puxa! Notícias que enchem o coração de sol.

Que fazer? Pegar no jornal da mulher e regressar a Paris imediatamente.

Às dez horas, o avião aterra em Lyon.

Às dez e vinte, retiro a mala da bagagem.

Às dez e trinta, registro-a para o vôo Lyon — Paris.

Às quinze, invado a recepção das edições Pauvert.

Às quinze e um entro, sem ser anunciado, no gabinete de Castelnau, que encontro passando os olhos pelo meu manuscrito e discutindo-o com Jean Castelli.

As quinze e seis arrumo tranqüilamente o manuscrito na maleta depois de ter verificado se estavam todas as seiscentas e vinte páginas.

Às quinze e oito torno a descer as escadas, seguido por Castelnau, que não compreende o que se passa, pois não dei nenhuma explicação.

Às quinze e dez Castelnau me explica, diante dum café, que não é por Jean-Jacques Pauvert estar em grande dificuldade na firma que tem o seu nome que não pode editar-me numa das suas filiais, pois estas vão bem.

Às quinze e quinze declaro rigorosamente a Castelnau que não quero mais saber desse muito hábil homem de negócios.

E é às quinze e vinte que decidimos jantar juntos no La Coupole, nessa mesma noite, às oito horas.

E ali descubro o homem mais nobre, mais generoso e mais franco que conheci.

Ao uísque, fico sabendo que foi ele, Castelnau, que se ocupou do assunto Albertine Sarrazin, desde o princípio.

As ostras, que está duro e deixa a casa Pauvert, uma vez que este não lhe pode pagar e que só muito rnais tarde verá algum dinheiro.

Ao linguado, que Pauvert é seu amigo e também que lhe cede de graça uma pequena divisão do pátio, um pouco deteriorada, que ele transforma em escritório, enquanto se recompõe e procura fazer face ao futuro.

Ao bife, que, para ajudar, possui cinco maravilhosas crianças, quatro meninas e um menino, e uma gentil mulher.

Ao queijo, que apesar de tudo tem tido sorte, pois são todos estupendos e gostam muito uns dos outros.

À sobremesa, que tem algumas pequenas dívidas, mas que não é nada de grave, pois a escola das crianças está paga e estão vestidos para o inverno.

Ao café, que, se não quero ouvir mais falar de Pauvert, por que é que não lhe confio o manuscrito.

Ao conhaque, que está certo de, em seis meses, poder publicar o meu livro em ótimas condições.

— Que garantia me pode dar?

— Materialmente, *nenhuma.* A questão é confiar absolutamente em mim. Não se arrependerá.

Então aqui o sujeito me convence. Ou é o rnais maquiavélico patife ou então...

— Posso ir à sua casa amanhã? Caso seja possível, a que horas?

— Vá almoçar à uma. Convém a você?

— OK.

Percorremos alguns bares juntos. Bebe bem mas fica sempre na mesma, amável e alegre, bebe uísque como um entendido e cliente habitual.

— Até amanhã, Jean-Pierre.

— Até amanhã, Henri.

Não sei o que então aconteceu: desatamos a rir ao apertar as mãos.

E à uma hora da manhã chego à casa dos meus sobrinhos. As crianças dormem.

— É você, titio? Julgava-o em Lyon. Que aconteceu? Corre tudo bem?

— Sim, corre tudo pelo melhor. O meu editor, ou antes, aquele que estava para o ser, faliu ou quase. E desatamos todos a rir.

— A sério, tio, você nunca terá uma vida como todo mundo. Acontece sempre algo de inesperado!

— É verdade! Boa noite a todos!

E depressa adormeço no meu quarto, *sem preocupação nenhuma pelo futuro do meu livro.*

Não poderia explicar por quê. É qualquer coisa que pressinto.

Amanhã veremos. A noite foi muito sossegada.

Às treze horas de sábado subo os dois andares de um prédio limpo, no 6° Distrito. As escadas são fáceis de subir, o que é muito bom para mim, depois de ter quebrado as duas patas em Barranquilla. Têm um tapete decente, que nos ajuda a subir sem escorregar. Fora, continua a chover.

Jean-Pierre tem uma tribo, uma verdadeira tribo de índios.

Duas belas garotas, Olivia e Florence, de dezoito e dezesseis anos, depois uma parada na “fabricação Marianne” (sua mulher chama-se Marianne). Noto o seu sorriso meigo e os olhos que brilham quando olha para os menores, que começaram a chegar seis anos depois de Florence, “quando já não eram esperados”, digo eu rindo.

Um apartamento amplo, bem arranjado e confortável, alguns móveis antigos, dando a entender que um ou outro, ou os dois, tiveram avós de uma classe social privilegiada. Olhando de soslaio, registro todos os pormenores.

À refeição noto duas coisas muito importantes: todos ficam bem à mesa em casa de Jean-Pierre. As crianças comportam-se tão bem como os adultos e melhor que Papillon, candidato a autor de sucesso; a mesa é redonda, vemo-nos bem uns aos outros.

Como garotas gentis, as mais velhas, discretamente, ajudam no serviço, uma e outra trazendo e levando coisas. Os três pequenos adoram visivelmente o pai e só falam quando ele lhes dá licença, o que é raro. Pois Jean-Pierre fala tanto como eu, o que não deixa muitas oportunidades aos outros para dizerem alguma coisa.

Jean-Pierre contou então a história da descoberta de Albertine Sarrazin, o seu sucesso, o porquê e as chances do lançamento dum autor, as relações com a imprensa, com o rádio, as críticas. Todos os nomes destes críticos, com referência e *pedigree,* saindo tão facilmente dos lábios do meu futuro editor, me impressionam.

O ambiente é são, ele tem o ar de conhecer bem a sua profissão, o que diz ê lógico, fala sem forçar. Foi na sala que concluímos o pacto:

— Confio-lhe o meu livro e os meus interesses. Sabe que o escrevi só para ganhar dinheiro, para mais nada. Sabe por quê?

Sorriu:

— Nunca se sabe exatamente por que se escreveu um livro.

— É possível, mas eu o sei.

— Pode confiar em mim.

— Adeus.

— Até breve.

— Esperemos que sim.

No trem que me leva de regresso à casa dos meus sobrinhos não tenho qualquer dúvida ou desconfiança. Em casa dele tudo é são e claro e não se pode ter uma família como a dele se se é um homem duvidoso. Ainda por cima hábil, pois, mais que duro, consegue que a sua casa respire a segurança do futuro e a vida sem problemas dum lar folgado.

Catorze horas de vôo e eis-me em Caracas,

— Querida! Regresso vencedor!

— É desta vez? Vão editá-lo?

— Mais do que isso; preparam-me um sucesso brilhante.

Outubro, novembro, dezembro, começou toda uma troca de cartas entre Castelnau e mim. Falava-me de todo o respeito que tem pelo manuscrito, pelo que sentiu através dele. Reconheceu:

Ao regressar a Caracas você deve ter-se perguntado se isso tudo não era *um sonho, tapeação, etc... Não há necessidade de reescrever o seu livro para fazer dele um romance, basta corrigir os erros de francês, de ortografia ou de pontuação... O seu livro tem uma voz própria, o que ê raro,* e *permanecerá intacto, será verdadeiramente* o seu *livro, não se preocupe.* Etc.

Trinta de janeiro de 1969, um telegrama:

Vitória. Contrato assinado com o grande editor Robert Laffont entusiasmado. Você vai seguir pessoalmente lançamento livro maio-julho. Segue carta. Jean-Pierre.

E o sol entrou na nossa casa com esse telegrama do meu amigo.

E o sol entrou nos nossos corações com a notícia de que iam editar, com certeza, o meu livro.

E o sol apareceu como um arco-íris de esperança uma vez que vou ser editado por um “grande” editor, Robert Laffont.

O telegrama chegou quando nos encontrávamos sós em casa, Rita e eu. Como dormíamos quando o carteiro nos acordou às dez horas da manhã (deitamo-nos às seis depois de o Scotch fechar), deitamo-nos de novo com o telegrama. Antes de tornarmos a adormecer voltamos a lê-lo mais uma vez. Depois:

— Espere querida. Um segundo.

Telefono para a nossa filha na Embaixada, para lhe dar a extraordinária notícia. Grita de alegria. — Quem é o editor? — (Porque ela lê muito.)

— Robert Laffont. Você deve conhecê-lo!

A alegria desaparece da sua voz, que me responde:

— Não conheço esse editor. Deve ser um dos pequenos, pois francamente

não conheço esse nome de parte nenhuma.

Desligo um pouco desiludido, por minha filha não conhecer o *meu grande editor.*

Quatro horas da tarde. Rita está no cabeleireiro. Clotilde acaba de chegar em casa. Lê e relê o telegrama.

— Robert Laffont, um grande editor? Ele exagera, asseguro-lhe, Henri, pois não o conheço.

— No entanto, Castelnau é um tipo sério!

— Impossível. Perguntei na Embaixada a uma colega que lê ainda mais do que eu, e foi formal: não conhece Laffont. E ela é francesa, ainda por cima parisiense.

É estranho.

Trrim, trrim, trrim! O telefone. — Henri? Sou eu, Rita. É verdade, é um grande editor!

— O quê? Que você diz?

— Há aqui no cabeleireiro uma revista antiga que traz a fotografia do seu editor. Bem grande. — Venha já!

— Não estou ainda penteada.

— Volte depressa, minha filha, seja simpática, você se penteia amanhã!

Um quarto de hora depois confirma-se totalmente que Castelnau não exagerou quando disse “grande editor”.

Vem na revista *Jours de France.*

Num escritório opulento, dois homens: Robert Laffont e o romancista Bernard Clavel. Grandes fotografias. Estão satisfeitos e havia motivo para isso: Bernard Clavel, autor da Laffont acaba de ganhar o 63° prêmio Goncourt. Um prêmio que, segundo a revista, vale uma fortuna para o editor (melhor, pois assim terá dinheiro para editar o meu), e para o autor um conjunto de direitos que anda perto do milhão de francos.

Fico sabendo também que este simpático Laffont (na fotografia dir-se-ia um jovem iniciado) fundou a sua casa em 1941. Trata-se de assunto sério!

Fico também sabendo que esse prêmio Goncourt: que é Bernard Clavel conheceu as decepções provocadas pela “recusa dos editores” ou “amuos da critica” quando dos seus primeiros livros.

Sou um felizardo, no fim de contas! Não encontrei recusas de editores, pelo contrário, encontrei um excepcional. Resta-nos ver que boca farão os críticos perante o meu livro. Esperemos que não tenha a forma de cu de galinha.

Rita e eu classificamos definitivamente Clotilde e a sua amiga na categoria de subintelectuais, de tal maneira ignorantes que nem conheciam um editor tão importante como Robert Laffont, o *meu editor.* Clotilde concorda rindo. Imediatamente mete as duas páginas da revista num plástico que pendura na parede do meu escritório.

Ah! que belo dia! Bem-vindo telegrama de Jean-Pierre e bem-vinda revista, que nos revelou tudo o que precisávamos para ser completamente felizes!

E é assim que entro pela porta grande num mundo totalmente desconhecido para mim.

Numa carta, Castelnau pede-me que vá passar quinze dias em Paris. Quer, de acordo com Laffont (que deseja muito conhecer-me), que seja eu a fazer, se achar bem, alguns cortes no manuscrito, demasiado longo, e que retoque uma ou duas passagens que, segundo ele, narrei menos bem do que o resto.

Chego oito dias depois, princípio de março.

Castelnau me espera em Orly. Enquanto almoçamos num restaurante explica-me o que quer de mim: *suprimir totalmente* certas histórias muito interessantes que ouvi contar nos trabalhos forçados.

— Por quê?

— Porque, Henri, durante dez ou vinte páginas você conta a história dum outro sujeito e durante essas páginas, sobretudo se elas são cativantes, quebra a narração das aventuras daquele que acompanhamos a par e passo, de garganta seca: Papillon.

— Entendo: apenas Papillon. OK.

Decididamente, todos os dias se aprende qualquer coisa. Por que ao escrever *Papillon* disse a mim próprio: “Papillon, mais Papillon, sempre Papillon, com a continuação isto acabará por chateá-los. Enquanto com a história disto ou daquilo, deste ou daquele, acrescentar-se-á alguma coisa de diferente e será ainda mais interessante”. Mas, uma vez que Castelnau e o editor estão de acordo em que as retire, não há problema, obedeço-lhes.

Encontro Laffont no seu escritório e imediatamente uma forte amizade se estabelece entre nós.

É um simpático quarentão, tipo “jovem deus”, maduro, um homem sério (calmo), com maneiras de diplomata, mas em quem se sente que a paixão pode arder no interior sem por isso se exteriorizar facilmente em fogo de artifício. Um grande senhor, que recebe o antigo forçado verdadeiramente como amigo e que para o demonstrar a ele, muito sutilmente, o convida para almoçar no dia seguinte, sábado, não num restaurante, mas no seu lar bem burguês.

Jamais esquecerei essa refeição, a primeira verdadeiramente excepcional para mim, num apartamento suntuoso da orla do Bois de Boulogne. Toda a minha vida apenas conhecera meios simples de professores, ou restaurantes de luxo. Mas num quadro e ambiente tão requintados nunca me havia sido dado entrar.

Não é que tenha ficado pasmado, de boca aberta, deslumbrado, seria preciso muito mais. Mas comove-me esta atenção que, a partir do dia seguinte ao nosso primeiro encontro, me manifestaram Robert Laffont e sua mulher.

À mesa, Robert e a sua família, um banqueiro, Castelnau e sua mulher.

Robert fala do livro. Explica-me que ficou entu-siasmado, a ponto de. tendo-o começado no princípio dum fim de semana, não o poder largar senão na noite de domingo. Sua mulher encarece o que ele diz dizendo-me que durante estes dias Robert não abrira a boca e que ninguém podia aproximar-se dele.

E o que descubro, durante a refeição em casa deste editor, é um homem leal, duma grande nobreza de coração, generoso. Exatamente o contrário do *businessman* manhoso, que procura apenas fazer um bom negócio.

Não posso descrever bem a você, leitor, toda a beleza, a comunhão de espírito, a emoção destes momentos. Mas você pode imaginar a intensidade do que sinto ao descobrir um outro mundo, uma sociedade de tal modo diferente da que conheci e, ainda por cima, experimentando uma mudança de vida tão inesperada: estou verdadeiramente bêbado de felicidade.

Dizer a um sujeito que tem um passado como o meu: “Você vale tanto como qualquer outro homem, merece a consideração devida aos seres fora do comum, está bem aqui, no seio da minha família, na minha casa, não destoa, sinto-me feliz por tê-lo aqui”. Tudo isso sem uma única dessas maneiras fáceis que enojam mais do que agradam. Nada, absolutamente nada pode atingir o coração deste homem com uma tal intensidade,

E, coisa inesperada para Laffont e Castelnau, eis que, no decorrer da minha conversa, o futuro e o sucesso do meu livro passam para segundo plano. Ele me proporcionou um mundo de emoções tão belas que me sinto já pago dos

esforços de o ter escrito. A tal ponto que ataco o banqueiro amigo de Robert para o convencer, com entusiasmo, a montar comigo na Venezuela um negócio de lagostins.

Conheço também, entre outros, a grande e calorosa Françoise Lebert adida de imprensa na Laffont. Não teve tempo de ler o manuscrito, que seguira rapidamente para o impressor. Marcamos encontro às sete horas no La Coupole, com Castelnau, para nos conhecermos, e ali teve a infelicidade de me dizer:

— Diga-me, de uma maneira geral, do que trata o seu livro.

Levantamo-nos da mesa era uma e meia da manhã. No dia seguinte ela telefonava a Castelnau:

— Nunca passei uma noite tão formidável, estou certa do sucesso.

Bom sinal.

Regresso a Caracas completamente inchado.

De tal maneira que, mergulhado nas minhas reflexões, sobretudo no que acabo de viver, não ouço a chamada do avião, que parte sem mim. Dezesseis horas de espera, telegrama para Rita.

Dezesseis horas durante as quais, no bar e depois no restaurante de Orly, passo em revista estas extraordinárias e demasiado curtas semanas em Paris.

Depois do almoço em casa de Laffont, um almoço em casa dum grande intelectual francês, Jean-François Revel. Uma das maiores cabeças de Paris, disse-me Castelnau, notável escritor, filósofo, a quem Laffont deu a ler o meu manuscrito e que também ficou seduzido. A ponto de pensar também escrever alguma coisa sobre ele.

Impressiona-me ir vê-lo, como me impressionam a sua casa e a sua família. Um apartamento nas margens do Sena, claro, alegre, harmonioso, cheio de livros, e no ar qualquer coisa que faz com que se sinta imediatamente que só os sentimentos nobres têm direito de cidadania nesta casa.

Jean-François Revel e sua mulher me recebem sem que me aperceba (da parte deles) do mínimo espírito de superioridade. Não me dão asilo à sua mesa, recebem-me como um dos deles, de igual para igual.

Várias vezes, durante a refeição, falo da minha “regeneração”, da minha “reabilitação”, e Jean-François Revel foi o homem que me fez compreender melhor do que ninguém, melhor do que eu próprio, que não tenho de falar como o faço da minha “reabilitação”, da minha “regeneração”. Explica-me que não são os outros, nem mesmo os tipos horríveis que posso ter encontrado, que

fabricaram o fundo de mim mesmo, pois ele já existia *antes.*

Reabilitado? Regenerado? Perante quem? Perante quê? O que tenho em mim, quaisquer que sejam a importância e o valor, o que tenho como força de alma, de caráter, de inteligência, de gosto pela aventura, de espírito de justiça, de alegria, tudo isso sempre existiu em mim. Isso existia no começo, muito antes de Montmartre e da prisão, sem o que nunca poderia ter feito tudo o que fiz para me libertar do "caminho da podridão" e nunca o teria feito como o fiz.

E continua, dizendo-me que certos homens superiores podem levar-nos a ver certas coisas duma maneira diferente daquela como as víamos mas que não podem fazer que sejamos capazes de as viver, de as conseguir, de as dominar. Ninguém me "regenerou", porque, mesmo se certas circunstâncias da minha juventude lançaram um véu sobre o que fora o jovem Henri Charrière, se elas o fizeram levar durante um certo período uma vida diferente, o que tinha em mim e que a seguir se exprimiu plenamente na minha luta para me escapar ao horror da prisão, tudo isso existia já antes. A perda da minha mãe teve uma influência determinante na minha vida, explodiu como um vulcão na minha carne de criança de onze anos, não podia admitir essa monstruosidade, uma injustiça tão grande, eu, um rapaz violento, hipersensível, imaginativo. E nada diz, ninguém tem o direito de dizer que, sem esse drama, tendo tido junto a mim até a maioridade essa presença acalmante, esse amor fundamental para mim, eu não teria sido outra coisa permanecendo o mesmo. Uma espécie de criador, talvez um inventor de conjuntos modernos revolucionários, como tanto sonhei, um aventureiro, sim, um conquistador, possível, mas *dentro da sociedade.*

Não se regenera o que já existe, mas pode dar-se a ele, mais tarde ou mais cedo, ocasião para se exprimir completamente. Os venezuelanos não fabricaram o que hoje sou, mas deram-me a oportunidade, a liberdade, a confiança, de escolher uma outra forma de viver onde tudo o que tinha em mim, e que a justiça francesa havia negado e condenado a desaparecer, poderia tornar-se positivo numa coletividade normal. Só por isso lhes devo um reconhecimento eterno.

Diz-me que não tenho, portanto, de ter complexos de inferioridade moral em relação a pessoas desta sociedade, onde volto com o meu livro, mesmo se ele der que falar, sem por isso me julgar um ser superior. Sim, fiz disparates, fui castigado. Mas o que fiz para me libertar, teria toda essa gente honesta conseguido fazê-lo, teria tido a força interior e a fé suficientes?

Não, não se deve pensar que, por causa de tudo o que passei, toda esta gente da França vale menos do que eu, uma vez que me enviaram para lá, mas também não se deve pensar que, por causa do meu passado, toda a gente terá o

direito de duvidar de mim, de me desprezar e dizer: “Cale-se, você não é nada, lembre-se de onde vem”.

Tudo isso disse-o a mim mesmo, por vezes. Mas vindo donde vim, daqueles com quem vivia, depois de todos esses anos, onde, primeiramente no tribunal e depois por toda parte, me diziam, repetiam, me atiravam à cara que eu não era mais do que a escória da terra, não vivia tranqüilo, vivia perturbado, nem ousando mesmo acreditar. Foi preciso os Castelnau, os Laffont, os Revel, para que enfim me possa olhar de frente ao espelho e fixar sem perturbação um homem cheio de defeitos e de imperfeições, é certo, mas um homem, um homem digno dos outros.

Ao vir à casa deles era como se me aproximasse de uma poltrona sem saber se tinha o direito de me sentar. E eles me disseram: “Sente-se, é aqui o seu lugar”.

Tudo isso, enfim, resumido por mim, nesta espera em Orly, onde digo a mim próprio que, quando voltar a Paris, para o lançamento do livro, certamente hei de encontrar outros homens de real valor.

Só os aventureiros podem ser homens. Cada homem, cada mulher, tem a sua história, mas donde quer que venham, qualquer que seja o seu lugar na sociedade ou no mundo, reconhecem-se bem aqueles que não aceitaram servilmente a moral vigente, quando, tendo-a analisado, não a acharam justa.

21

ANTES DE PARIS

Finalmente o aeroporto de Caracas, onde me espera a família, rodeada de amigos, a quem Rita, dia a dia, deu as notícias que eu lhe mandava.

— Está tudo arranjado, querida! Vai ser tremendo!

E beijos e mais beijos.

— O livro sairá a 19 de maio. Primeira tiragem, vinte e cinco mil exemplares, prometeu-me Laffont.

O professor de francês está ali com quase toda a "comissão de leitura".

— Hoje não há qualquer entidade oficial para o receber, mas da próxima vez virá a televisão.

— Não exageremos — diz Rita, sempre ponderada.

Deixo-me rir, e é só em casa, saboreando o uísque da chegada, que volto ao assunto:

— Pois bem, querem que lhes diga sinceramente o que penso?

— Diga lá.

— Estou verdadeiramente convencido de que, quando voltar a Caracas, depois do lançamento do livro, a televisão estará à minha espera.

— Querido, você é completamente louco! — diz Rita.

— Olhe que não, estou absolutamente seguro do que digo.

E desatamos os dois a rir, convictos, no fundo, de que eu estava exagerando.

Abril de 69, outro pequeno milagre. É a capa do livro apresentada pelo meu sobrinho Jacques Bourgeas que ganha o concurso para a capa. Ninguém, na Laffont, sabia que este concorrente era meu sobrinho. Este rapaz, filho da minha irmã Hélène, ainda não era nascido quando as minhas aventuras começaram. Durante vinte anos havia ignorado a minha existência e não me tinha conhecido

senão há dois anos, em 1967. E foi ele que a Providência escolheu para fazer a capa do livro, o livro do seu tio, que durante anos não existira para ele! Na verdade muitas circunstâncias estranhas rodearam o nascimento do meu livro.

E a maravilhosa aventura continua.

Uma carta de Castelnau, a 8 de abril, diz-me que os representantes de Laffont, Mermet à cabeça, leram as provas e estão prontos a apoiar totalmente o livro; que os sujeitos da Rádio Luxembourg, a quem ele falou largamente, estão muito excitados, que uma jovem extraordinária, Paule Neuvéglise, estuda a possibilidade de uma pré-publicação de três dias, no *France-Soir.*

À tarde, nas ruas de Caracas em um ou dois cafés aonde vou apertar a mão de pessoas conhecidas que ali se encontram, sinto o peito inchado como por um sol interior que irradia uma luz forte e doce. Tenho vontade de rir, ser bom, gentil. Fico um pouco compungido perante aqueles a quem aperto a mão e que não sabem, nem podem sentir como eu, que alguma coisa de muito grande se prepara. Eles são os mesmos, as mesmas caras de ontem. Eu também, contudo... Mas, nestes momentos em que no horizonte surge uma esperança enorme, tudo e nada se assemelha, não se sabe exatamente onde se está, e é-se ao mesmo tempo feliz, inquieto, agitado e sereno.

No dia 22 de abril, Jean-Pierre envia-me o texto do posfácio escrito por “um dos espíritos mais cultos do nosso tempo”, Jean-François Revel.

Fico emocionado ao lê-lo, mas também, devo confessar, um pouco desconcertado. Porque desta maneira tenho a sensação de que estou entrando na grande literatura, mesmo do passado, pois pretendem que seja primo dum bispo, morto há trezentos anos, Grégoire de Tours. Não será isso honra demasiada para mim? Enfim, se Castelnau diz que é talvez o texto mais perspicaz do ponto de vista literário que se poderá escrever sobre o meu livro, não posso senão deixar-me embalar pela impressão de beleza que ele me deixou.

Mesmo que, a partir desse dia, em família e entre amigos mais próximos, me chamem o companheiro de Grégoire de Tours.

Sim, como aventura, é uma verdadeira aventura. Bela, como não acreditava que fosse possível, assim como não sonhava que, depois de todas as que tinha vivido, páginas escrevinhadas com uma esferográfica pudessem fazer agitar na vida de um homem tantos truques inesperados, cômicos, desconcertantes, emotivos, extraordinários e, em todo o caso, uns mais *vivos* que outros,

— Viver, viver, viver, pequena! Vivemos intensamente, não acha? Não sei

se venderemos livros suficientes para pagar todas as despesas que se fizeram com ele, mas, na verdade, vale a pena viver tudo isto. Sim, ou não?

— Sim, Henri, vale. Sinto-o profundamente. Não encontro palavras para lhe dizer quanto sou feliz, primeiro por você e depois por nós.

— Obrigado. E no fim do mês de maio, você vai ver, serão os franceses que dirão: “Tem um nove, Sr. Papillon! Pode levá-lo. Finalmente ganhou”.

Fui ao meu alfaiate para que me faça um terno. A crédito, pois nunca se sabe. Inacreditável, mas ele insistiu absolutamente em fazer-me dois, um para o dia e outro para a noite:

— Estou certo de que os direitos de autor serão suficientes para pagar a conta — diz.

Também ele acredita no sucesso do livro.

De Gaulle candidatou-se. Resultado, o livro vai sair em plena campanha eleitoral, em fins de maio. Se vou para Paris nessa altura, quem terá tempo de se ocupar com um *Papillon* desconhecido? Não seria talvez asneira atacar antes? No momento em que o ia chamar, Castelnau me telefona: teve a mesma idéia que eu. Ficou decidido, chegarei a Paris no princípio de maio.

Esperam-me, diz ele, *em todos os sentidos.* Vários jornalistas e repórteres do rádio foram já alertados por ele.

Portanto, dentro de quinze dias, estarei em Paris, e o livro sairá alguns dias depois. Sim, alguns dias mais e você tomará contato pessoalmente com os jornalistas, os críticos literários, o rádio, talvez a televisão. E esta imprensa, este rádio, esta televisão, são os de um povo de mais de cinqüenta milhões de pessoas.

Como o acolherão, a você e ao seu livro?

Pois o seu livro é a sua história, sim, mas nada mais que as suas aventuras. Através delas é a justiça, o sistema penitenciário e sobretudo a polícia dum país como a França que estão no banco dos réus.

Só da França? Talvez, mais do que isso, de todos os países do mundo. De todos os países que, por meio do seu livro, serão levados a comparar a sua própria justiça, a sua polícia e a sua maneira de tratar os homens nas prisões.

Pois você pode estar certo de que, ou o seu livro será avidamente devorado pela França, sedenta de conhecer a verdade, de descobrir coisas que ela ignora através das suas aventuras, o preço que é preciso pagar para salvaguardar a tranqüilidade pública, ou a França lhe voltará as costas, recusando saber a

verdade, esta verdade demasiado incômoda.

Pois bem, não! Estou convencido de que os franceses, povo generoso, preocupado em possuir uma verdadeira justiça e uma polícia aceitável, que rejeita com desprezo todo sistema penitenciário que se assemelha de perto ou de longe à guilhotina, estou convencido de que todos os franceses lerão com atenção e até o fim *Papillon,* pois é uma raça que não tem medo da verdade. A comuna existe ainda no seu subconsciente e aqueles que pensaram e escreveram a Carta dos Direitos do Homem e do Cidadão ficariam revoltados ao ver que não a aplicam, mesmo da maneira mais ínfima, na repressão a homens faltosos.

E se os franceses, como estou certo, aceitam, discutem e analisam o ato de acusação que é (também) o meu livro, todos os países estarão interessados em saber o que se passa no nosso, para em seguida se interrogarem sobre o que acontece com eles.

Sei bem que estamos em 1969 e que no livro falo de coisas passadas há quase quarenta anos. Sei bem que os trabalhos forçados já não existem, *felizmente,* pois já em 1930 eram uma vergonha para a França, para os “bifes”, os holandeses, os americanos e todos os países que sabiam disso.

Sei bem, que, por raciocínio lógico, uma *vez que Caiena já não existe, pois fui condenado em 1931,* irão me dizer: “Sr. Papillon, você fala dos velhos tempos, de Vercingétorix, das legiões romanas! Depois houve Carlos Magno, a Revolução de 89 e tantas outras coisas! Tudo mudou: a justiça, a polícia, as prisões!”

Tudo isso mudou, na realidade? A polícia, a justiça, as prisões?

E o caso Gabrielle Russier? E o caso Devaux?

Realmente, tudo isso mudou mesmo?

Será porque um júri tem agora só nove bobos em vez de doze?

Será que não é nos mesmos tribunais, cuidadosamente conservados, com as mesmas tapeçarias, os mesmos tapetes, as mesmas cores, a mesma disposição dos juizes, do procurador, do acusado, os mesmos polícias e o mesmo público, que se decide todos os dias da vida de jovens, de mais velhos e dos realmente velhos? E isso segundo a época do ano, o tempo que faz, a forma ou o humor de todos os presentes?

Será que, antes de 1968, não houve polícias suspensos, condenados, mortes suspeitas?

Não, Papi, você brinca? Toda a gente compreenderá, a menos que

prefiram à verdade a tranqüilidade das suas consciências burguesas. Toda a gente compreenderá que o que você ataca na narração dos acontecimentos passados continua a existir, mesmo se é menos visível.

Menos visível? Basta ler com atenção os jornais franceses. Mesmo sem atenção, os grandes títulos bastam.

Porque Mayzauds haverá sempre.

Porque Goldsteins, esses verdadeiros discos gravados no Quai des Orfèvres, existirão sempre.

Porque tiras corruptos, guardas sádicos, prebostes nojentos haverá sempre.

Porque bobalhões de jurados que, sem terem visto nada, vivido nada, compreendido nada ao longo da vida, dizem, sem qualquer competência: “Este senhor é responsável por tudo aquilo de que é acusado, merece a prisão perpétua”, haverá sempre.

De resto, *há sempre disso.* Por conhecimentos que tenho, sei-o. A mesma história, a mesma cantiga. Quando certos sujeitos, jovens ou velhos, me contam o que passaram ou acabaram de viver, tenho muitas vezes a impressão de que fui eu que o vivi. Acontece-me mesmo dizer-lhes:

— Não lhe disseram ou fizeram isto ou aquilo?

— Como sabe?

E divirto-me com essa ingenuidade.

Papi, escrevendo o seu livro, você não imaginava verdadeiramente o que trazia à luz. Você o escrevia por atitude, para ganhar umas granas para a sua velhice e de Rita, só para isso; pelo menos assim o acreditava. Mesmo se, ao reviver estes treze terríveis anos de calabouços, a sua horrível história, que foi a de tantos outros, mesmo se, ao fazê-lo, você gritava a necessidade de que, no fim de contas, lhe fosse feita justiça. Não, francamente, não se apercebia de nada disso.

Agora é demasiado tarde, com dinheiro ou sem ele, você não tem senão um dever, lançar-se todo na luta, mesmo se arrisca a tranqüilidade, a liberdade e a própria vida.

A sociedade de 1930 consentia que um ex-prisioneiro, regressando como um espectro de Caiena, mergulhasse no esquecimento, na miséria e na vergonha, mas nunca teria tolerado que esse espectro se tornasse um senhor respeitável e respeitado.

Simplesmente estamos em 1969. Todos os homens amam a liberdade, a verdadeira liberdade. Estão cansados de ser uma das milhares de rodas de uma imensa máquina. Todos, sem exceção, dos americanos aos "bifes", dos escandinavos aos eslavos, dos alemães aos mediterrânicos, querem sentir a vida, beber nela um bom gole de emoções nas aventuras, passear nus na hora que lhes der na telha, em comunhão total com a natureza.

Vejo-os aqui, na Venezuela, os jovens alemães, os jovens escandinavos, os espanhóis, os ingleses, os americanos, os israelitas. Vejo-os todos os dias, tenho entre eles dezenas de amigos, sem distinção de raça, de nacionalidade, de religião. E todos, todos sem exceção, rejeitam o conformismo, são rebeldes às leis e não pedem à Providência senão uma única coisa: comer, beber, fazer amor quando têm vontade e não quando alguém, mesmo que seja o pai ou a mãe, lhes diga que o façam.

Sim, este ato de acusação que representa o meu livro *Papillon* não é apenas um desafio ao povo francês, é um desafio ao mundo inteiro.

Oh! que eles o compreendam, que eles sintam que estou com eles, que o sintam. Amo-os a todos, tanto como aos revoltados e contestadores do mundo.

Horizontes sem fim, o feitiço da selva, as planícies imensas, onde se podem montar cavalos loucos, selvagens, que vão para qualquer parte; a procura duma tribo de índios com quem se poderá viver alguns tempos à sua maneira; tomar um pequeno avião e aterrar perto das mais belas cataratas do mundo, maiores ainda que as do Niágara, as quedas de Canaima; ir às quedas de Llovisna, onde os que lá vivem não têm por música senão o barulho das águas que caem, o canto dos pássaros, o grito dos macacos, dos papagaios ou dos periquitos multicolores; tomar um barco, chegar ao alto-mar, depois de noventa milhas de viagem, a este imenso lago formado por centenas de pequenas ilhas de coral de Los Roques; aí passar horas, dias, semanas, alimentando-se de peixes que se pescam, de lagostas que se apanham a mão; passar horas admirando o fundo do lago, tão límpido que é possível distinguir a quinze metros de profundidade as lagostas e os polvos em movimento; dali seguir para a ilha de Las Aves com os seus milhares de pássaros tão pouco desconfiados, não conhecendo a maldade dos homens, que se aproximam e pousam em nós quando estamos deitados na areia, ao sol.

E então? Vão censurar-me por amar tudo isso? Quem?

Vão tirar-me o direito de falar e de dizer que um dia, encontrando-me numa dessas ilhas, passei mais de uma semana com quatro casais de jovens americanos chegados num pequeno barco, dos quais um de negros, felicíssimos

por o motor se ter avariado precisamente ali, e vivendo com eles numa comunhão de espírito e de sexo o mais maravilhosamente natural e completa?

Esses jovens negros americanos, belos como estátuas de ébano, inteligentes, bons, abertos, sensuais, sem qualquer complexo em dar-se e viver em comum com seus corpos esplêndidos, estas jovens loiras que lamentam que a comunidade seja tão pequena, tudo isso que vivi queriam que o trocasse por quê? Por um registro criminal virgem? Por um reles emprego num banco ou numa indústria qualquer, onde em vez de ser Papillon fosse Henri Charrière, cidadão domesticado, respeitador das leis feitas por homens que as aplicam aos *outros,* muito contentes de poderem eles próprios desobedecer-lhes facilmente, uma vez que fazem parte das classes privilegiadas? É preciso muito dinheiro para se ser feliz toda a vida quando nos comportamos bem?

Mais do que uma grande conta no banco vale uma chama no coração, conta que jamais se extingue se ela dá o desejo de viver, viver sempre e mais intensamente.

A hora H da confrontação se aproxima, as malas já estão feitas, tenho um novo visto de três meses para a França. Vou de novo desembarcar em Orly, mas desta vez não vai ser fácil chegar sem que me notem. Castelnau diz-me que estarão ali um ou dois jornalistas.

A não ser que aproveitem a ocasião para me notificarem da minha interdição de estada em Paris.

Não quis que me acompanhassem, neste 9 de maio de 1969, em que vôo para Paris. Só Rita está a meu lado. Na esplanada do aeroporto bebemos um chá. Agarra-me a mão e a aperta para que o meu olhar não abandone o dela. Não falamos, ela sabe o que penso: a partir de amanhã, às onze horas, um *croupier* tirará uma a uma as cartas do *sabot*[{12}]. Porque se ganhar o “banco” no dia 19 de maio, quando da saída do livro, é a 10, às onze horas, que o jogo começa. Ainda um pequeno aperto na mão, olho-a e sorrio-lhe com toda a confiança.

É assim a vida quando duas pessoas se amam verdadeiramente: não têm necessidade de falar para dizerem as mil coisas que pensam, cada um torna-se o outro e o que ele pensa. Se há uma dúvida, basta um olhar para se ficar seguro de que se trabalha no mesmo comprimento de onda.

A certa altura teve um sorriso e um olhar um pouco gozador. Percebo o que quer dizer. “Você exagerou um pouco com o italiano. Acredita no que disse ou estava rindo de você próprio e dele?” “Não, falava a sério, disse-o sem malícia, não sei por que me saiu daquela maneira”, respondem-lhe os meus

olhos.

Tratava-se de um empreendedor italiano, que há meia hora me desejava boa viagem e que, querendo falar-me de um negócio, me pediu que o avisasse da data do meu regresso a Caracas. Quer dar-me o número do telefone.

Sem qualquer premeditação, respondo-lhe:

— Mario, você saberá da minha chegada pelos jornais.

— E porque é que os jornais anunciarão o seu regresso?

— Porque quando regressar a Caracas serei célebre.

Gargalhada de Mario, bom rapaz, que se contenta com esta resposta sem me perguntar o porquê, persuadido de que é uma brincadeira. E, no entanto, acredito no que digo.

Os alto-falantes anunciam: “Vôo da Air-France para Paris, embarque imediato”.

Alguns beijos, mas sobretudo aqueles abraços em volta do pescoço, como um colar precioso, e, no ouvido, a voz muito baixa para que só eu ouça:

— Pense em mim noite e dia, assim como eu estarei com você noite e dia. Escreva depressa, se tiver tempo, ao chegar, senão telegrafe.

Em breve me encontro instalado numa toa poltrona da primeira classe. Foi Rita que comprou a passagem e fez-me esta surpresa para que viajasse mais comodamente. O avião desliza devagar. Durante dois minutos pude vê-la, de braço estendido, agitando um lenço.

A ação, enfrentar uma situação desconhecida e difícil, é sempre apaixonante. O que há de mais intenso não é o próprio momento da luta, é antes a *espera*. Tudo se move dentro de nós e dizemos: “Como é que isto se irá passar? Quem estará à minha espera? Vou dizer isto, aquilo, vou fazer isto ou aquilo”. E nada se passa como tínhamos previsto. Achamo-nos de repente mergulhados na batalha e é então, somente, que é preciso achar o toque que neutralize o adversário, o convença ou elimine. Só há uma coisa a dizer: “Tenho de vencer. Vencerei o obstáculo, quer seja mais ou menos forte do que aqueles que me querem impedir de passar”.

Se refletir bem, tudo é contrário à saída do livro nesta data. A França estará em plena batalha política para as eleições presidenciais. É um momento muito importante para a maioria dos franceses. E você vai querer que, para além da luta política, se ocupem do livro de um desconhecido? Não é impossível, nos momentos de abertura, de calma. Vá lá saber-se!

Ainda por cima, só há elementos negativos para a saída nesta data. É o aniversário das barricadas de maio de 68.

Um abalo, onde em Paris, longe ou perto de Paris, toda a França em cada um dos seus cidadãos, estava à frente, por detrás ou ao lado das barricadas.

Estas barricadas onde os contestadores queriam, através delas, fazer sair da sua torre de marfim uma certa classe de pessoas, para as obrigar ao diálogo.

Estas barricadas, atravessadas nas ruas e avenidas, para mostrar que não era mais possível obedecer sem compreender nem discutir os porquês, as dezenas de porquês, as centenas de porquês, os milhares de porquês.

Alguns carros incendiados, algumas centenas de agredidos, de feridos duma e doutra parte, e saíram da sua torre de marfim os que não tinham nem ouvidos nem línguas, e responderam, finalmente, tanto quanto eram capazes, aos porquês, e foram mesmo até esperar, eles próprios, uma resposta à sua pergunta: “Por que fizeram barricadas e queimaram carros?”

Maio de 1969, aniversário do sangue efervescente dos jovens estudantes franceses, aniversário da explosão do excesso de gás acumulado e retido durante muitos anos. Aniversário da grande machadada na árvore proibida onde o druida estava pendurado, aniversário dos dias em que, enfim, se era obrigado a escutar as pessoas que estavam condenadas ao silêncio perpétuo.

É por isso que o momento me pertence, é uma data predestinada para que também eu, condenado ao silêncio perpétuo, diga o que tenho a dizer e me prestem um pouco de atenção.

— Um pouco mais de champanha?

— Não, obrigado. Mas se tiver um pouco de Camembert e vinho tinto... É possível?

— Sim! É fácil.

— Obrigado, Mademoiselle Air France.

— Vai a Paris? — Sim.

— É venezuelano? — Sim e não! Ela vai e volta rapidamente.

— Aqui tem um bom Camembert e Beaujolais. Então é de origem francesa, naturalizado venezuelano? — Sim, minha filha.

— Não acha estranho regressar à França, agora que tem outra nacionalidade?

— Um pouco, mas é isto a aventura. — Teve muitas?

— Algumas, e muito movimentadas.

— Se não se importa, agora que terminei o serviço, conte-me algumas.

— Seria muito longo, minha filha, mas dentro de dias poderá lê-las num livro.

— É escritor?

— Não, mas escrevi as minhas aventuras.

— Como se chamará o livro? — *Papillon.*

— Por que *Papillon?* É o seu nome?

— Não, o meu apelido.

— Trata de quê o seu livro? — Você é muito curiosa, jovem. Se me der mais um pedaço de Camembert, vou-lhe dizer. Não demorou. Um minuto depois:

— Ei-lo. Agora tem de me contar. E quer que lhe diga francamente?

— Diga lá.

— Tenho o hábito de adivinhar quase sempre o que faz, qual a posição social dum passageiro de primeira classe. Pois bem, não consegui descobrir a sua. Assim que entrou, perguntei a mim própria quem podia ser o senhor.

— E não descobriu?

— Não. Eliminei uma a uma todas as profissões que se podiam ajustar à sua figura e, confesso, não encontrei.

— Pois bem, vou satisfazer a sua curiosidade. A minha profissão é... *aventureiro.*

— Essa é boa!

A jovem levanta-se e vai dar um cobertor a uma passageira. Digo a mim mesmo que está ali um teste a fazer. Uma desconhecida, uma jovem que por profissão viaja muito e deve ler bastante, é um ótimo termômetro. Vou tirar a temperatura de *Papillon.*

— Então, pequena, vou-lhe dizer: imagine um jovem, de vinte e três anos, um belo rapaz, também um pouco mau, mas que tem razões, ou julga tê-las, para dizer merda a tudo o que representa ordem e disciplina. Está vendo-o?

— Sim, muito bem.

— Este jovem é julgado pelo Tribunal do Sena por um crime que não

cometeu e condenam-no à prisão perpétua.

— Impossível!

— Sim. Condenam-no a apodrecer pouco a pouco, até a sua morte, no lugar mais podre do mundo, nos trabalhos forçados, em Caiena. Este jovem parte em 1933 para a Guiana, encerrado numa jaula de grossas grades, no porão dum navio feito especialmente para isso. Não aceita, evade-se duas vezes. Falha duas ou três fugas. Enfim, depois de treze anos chega à Venezuela, livre. Ali torna-se homem, faz a vida, casa-se, quase se equilibra. Trinta e nove anos depois, ele, um antigo forçado, regressa a Paris com um livro, contando a sua vida, o seu calvário, as celas, evasões, lutas, os três anos e meio em que por duas vezes foi lançado, sozinho, numa fossa para ursos, com grades por cima, numa semi-obscuridade, sem ter o direito de pronunciar uma única palavra e onde caminhava de um lado para outro, como um animal, para não perder o juízo e para, uma vez fora dali, ter a cabeça em condições de preparar uma nova fuga. Eis o meu livro, nem mais *nem* menos. A vida de um homem na prisão dos forçados.

A aeromoça me olha com os grandes olhos negros esbugalhados, não fala, mas sinto que procura descobrir no meu rosto burilado outras coisas que ela pressente interessantes de conhecer.

— E teve coragem de contar tudo no seu livro? Absolutamente tudo?

— Tudo.

— E não tem medo de enfrentar a opinião pública, você....?

— Pode dizê-lo: você, o antigo forçado.

A pobre não ousa responder, faz que sim com a cabeça. Sim, é bem isso. Eu, um ex-forçado, um condenado à prisão perpétua por assassínio, um evadido, apesar de sua prescrição, regresso a Paris com a alma nua numa bandeja, e dentro de algumas horas apresentá-la-ei ao povo francês.

De novo os grandes olhos negros tentam penetrar os meus. A jovem, transida, parece dizer-me com o seu olhar: “Mas não se apercebe da enormidade do que vai fazer! De tudo o que isso vai remexer!”

— Que acha, pequena? É coragem ou suicídio?

— Sem pensar muito, julgo que esta história vai provocar um pouco de barulho. Sobretudo com você.

— Por quê?

— Porque assim que o vemos sente-se que há qualquer coisa de particular em você.

— Realmente acha que essa história pode interessar? Mesmo nesta França inquieta à procura dum substituto para o Grand Charlot?

— Tenho a certeza, e gostaria muito de estar junto de você para poder viver o que você vai viver. Pois não é possível que a França fique indiferente ao que conta, se o escreveu como o narrou para mim. Desculpe-me, mas tenho de o deixar para ir para o meu lugar. Preferiria ficar, acredite. Até amanhã, boa noite.

Gentilmente, debruça-se sobre o meu rosto, e com os olhos nos meus, diz-me:

— Vai a caminho duma grande vitória, estou certa, desejo-o de todo o coração.

O teste é positivo. Por algumas frases sobre uma pequena parte do assunto esta jovem ficou muito interessada. Acontecerá o mesmo com muitos outros. Esperemos.

Inclino a cadeira, não consigo dormir. Envolvo as pernas numa coberta que estava colocada por cima da minha cabeça. Não quis incomodar os grandes olhos negros, quero ficar sozinho.

Porque, a partir de agora, tudo começou. Na noite, o meu Boeing voa a novecentos quilômetros por hora sobre o Atlântico. O momento é capital.

Sei o como e o porquê do meu livro, mas para eles, lá embaixo, quem chega? Ninguém, um desconhecido..

Sendo assim, só há uma maneira, ir diretamente ao assunto:

— Apresento-me, Papillon.

— Qual a sua profissão antes de escrever o livro? — Primeiramente forçado. — E depois?

— Forçado em fuga e depois forçado prescrito.

— Nacionalidade?

— Venezuelano da Ardèche.

Sim, é um forçado evadido que vai chegar a Orly. Um homem que a justiça francesa lançou muito legalmente e para sempre no “caminho da podridão”. Não é porque a prescrição vigora que está você livre de ser incomodado, que a sua situação em relação à justiça e aos tiras mudou. Com prescrição ou sem ela, você é sempre um evadido dos trabalhos forçados. Não

regressa deixando tudo para trás, como quem procura uma aldeia para, em silêncio, aí terminar a sua vida, humildemente escondido por detrás dos muros bem altos do seu jardim, para que ninguém consiga espreitá-lo por cima deles e não possa ouvir considerações desagradáveis.

Não, você vem com um livro, e nesse livro escreve: *Franceses, aqui vocês têm o horror em que viveram durante oitenta anos.* E nesse livro ataca o sistema penitenciário, os tiras e mesmo a justiça de um país com mais de cinqüenta milhões de habitantes, ataca as três administrações sobre as quais repousa a tranqüilidade pública. Pois bem, rapaz, você não sabe bem o que faz! Tenha cuidado!

Ainda por cima, o seu livro não aparecerá discretamente nas livrarias no dia 19 de maio. Você chega a Paris a 10 (onde não tem o direito de pôr os pés, uma vez que lhe está interdita a estada) e a 12, segundo o que lhe mandaram dizer, o *France-Soir* começa uma pré-publicação do seu livro. Quer dizer que a 12, em um milhão e duzentos mil exemplares do *France-Soir,* a França inteira saberá da sua existência. Um jornal é, à vontade, lido por três pessoas, logo, meu velho, são três milhões e seiscentas mil pessoas que, durante oito dias, conhecerão a existência dum tal Henri Charrière, dito Papillon, evadido dos trabalhos forçados de Caiena depois de uma condenação perpétua, prescrito, e que, como se fosse a coisa mais natural deste mundo, vem dizer: “Em 1931, uma dúzia de sujeitos como vocês me riscou da lista dos vivos. Os seus magistrados representam a sua justiça e a sua segurança e, em 1931, colocam nesta confrontação um jovem chamado Papillon. Os magistrados acreditaram na polícia, nos seus interrogatórios e nas suas investigações. Estes magistrados e os doze jurados consentiram nesta monstruosidade: eliminar um jovem de vinte e quatro anos, entenderam que o deviam fazer, deixaram-se enganar como tontos por um polícia corrompido. E a seguir lançaram-no nas mãos da administração penitenciária, abandonando-o às suas práticas medievais, onde o homem era tratado pior que a pior das imundícies. E ele pôde, por milagre, ressuscitar. E aqui está o jovem, com os seus sessenta e três anos, para lhe dizer: ‘Vocês estavam de acordo, estavam a par? Eram cúmplices?’ Porque nem Albert Londres nem tantos outros eminentes jornalistas, nem o Major Péan, do Exército da Salvação, tinham podido tocar as suas almas com força bastante para que lhes fosse exigida a supressão imediata deste ‘caminho da podridão’ desta guilhotinai Sim, vou-lhes dizer tudo isso. Sim, vão lê-lo. É preciso que contem com você os ‘um, dois, três, quatro, cinco’, das celas e dos calabouços em que você esteve. Porque, depois da pré-publicação do *Fran*ce-Soir, Papi, espere por tudo. Você vai ser interrogado pela imprensa, pelo rádio, pela televisão, e tudo

isso não será aceito de mão beijada. Portanto, você lhes diz primeiro: ‘Posso falar? Crêem que tenho o direito de emitir uma opinião? Admitem que um forçado se tenha tornado um senhor? Baniram, varreram as idéias antigas dos seus avós? Digam, posso respirar livremente, nesta França de 1969? Ou devo pedir licença? E a quem?

Porque é impossível que não salte aos olhos de toda a gente que, mesmo se você fosse culpado, o castigo não era proporcional à falta de que o acusavam. Se, apesar das eleições, se interessarem por você, acredite, rapaz, isso não vai ser fácil.

Por quê? Porque um monte de gente vai ficar doente ao pensar que é um forçado evadido da cadeia, sempre em fuga aos olhos da lei, que se permite falar de tudo isto no próprio país que o condenou. Isto é mais que normal. Há uma certa classe de franceses que vai ranger os dentes. Quantos? Talvez não chegue a um milhão, mas esse milhão vai fazer barulho. Todos esses conservadores que, privilegiados, acham que no nosso mundo tudo está bem, todos os ditadores, os fossilizados, todos aqueles que não podem admitir que as outras classes se modifiquem e evoluam. Tal como os colonialistas.

É o sujeito da Argélia ou do Marrocos que se indigna que não haja o direito de “fazer suar as roupinhas” dos árabes e que trata todos os que pensam que os árabes são homens iguais a nós de comunistas ou utopistas ou de traidores da França imperialista. É esta raça de homens que admite que se suprimam duma maneira ou de outra todos aqueles que perturbam a sua tranqüilidade. Que criam a massa prisional e das casas de correção, que vai acabar fatalmente nos trabalhos forçados. Culpados ou não? Pouco interessa. Num sistema odioso e sub-humano? Ainda menos. Eles não tinham senão que fazer isto ou aquilo.

“Eles não tinham senão que...” é a palavra de ordem. Os que aceitam ser piores que o delinqüente na aplicação que fazem do seu castigo, os que lamentam o desaparecimento das galés e do tempo em que se podia condenar alguém pelo simples fato de ser “capaz de”. Sim, você vai encontrar esta espécie de gente.

Passaram quarenta anos, apesar de tudo. Felizmente. Durante a guerra, milhares de pessoas honestas conheceram a prisão, a polícia, mesmo a justiça em certos casos, e sobretudo como se é tratado quando não se é mais do que um número.

Muitas coisas devem ter mudado, esperemos, mas o certo é que se me interrogarem nos jornais, no rádio, na televisão, não posso ficar calado, *devo dizer* a *verdade*. Que se lixem as conseqüências.

Vai ser exaltante mas não fácil. Para a frente! É preciso continuar, mesmo se isso tiver repercussões na venda do livro. Merda! Mas, se ao ser demasiado preciso, franco, apaixonado na defesa da verdade tivesse de perder o sucesso financeiro do meu livro, fá-lo-ia da mesma maneira, devia fazê-lo, é preciso que ouçam o que tenho a dizer, o que vi. Mesmo que, em vez de comprar a casa da minha aposentadoria, nada mais me restasse do que alugar dois cômodos à beira do Ardèche, num recanto ensolarado.

O dia desponta através das vigias e só então consigo deixar-me adormecer em paz comigo mesmo por ter tomado esta decisão.

— Café, senhor aventureiro?

Os grandes olhos negros sorriem gentilmente. Leio neles interesse e simpatia por mim.

— Obrigado, pequena. Mas, que vejo, já dia!

— Sim. Chegaremos em breve, cerca de uma hora. Diga-me, suprimiram de verdade os trabalhos forçados?

— Sim, felizmente. Há quase vinte anos.

— Então veja! O simples fato de os terem suprimido quer dizer que os franceses de hoje lhe dão razão, antecipadamente.

— Tem razão, pequena. Não tinha visto a coisa assim.

— Acredite-me, eles vão ouvi-lo, compreendê-lo, mais ainda, muitos vão gostar de você.

— Desejo-o de todo o meu coração. Obrigado, pequena.

“Queiram apertar os cintos. Começamos a descida em direção a Orly, dentro de vinte minutos aterraremos, a temperatura é de dezenove graus, o tempo está bom.”

Está bom tempo para toda a gente, mas para mim, o forçado que chega, e que uns aguardam prontos a abrir-lhe os braços (esperemos) e outros com pedras, como será o céu que me espera em Paris?

Basta de interrogações! Não tenho nada com isso! Tenho jogado toda a vida e hoje continuo. Uma bela partida em perspectiva. Através de todos os poros da pele, vou experimentar intensamente lutar com aqueles que, mais bem preparados que eu pela sua profissão e instrução, estão prontos a dissecar o que pus a nu ou, por outra, tentar vestir à sua maneira o esqueleto daquilo que represento, um dentre algumas centenas de forçados que escaparam aos tubarões.

Você tem a seu favor o seu calvário e a verdade.

Negro ou não, o meu céu de Paris tem uma pequena abertura, pois à saída do controle da polícia vejo um Castelnau com um grande sorriso, emocionado, que me estende, ao abraçar-me, o *meu livro,* o primeiro exemplar de *Papillon.*

— Obrigado, Jean-Pierre. Espere por mim, deixe-me escrever duas palavras e enviá-lo imediatamente a Rita.

— Entendido, mas depressa. Já estão à nossa espera.

— Onde?

— Em minha casa. Dois jornalistas importantes. Depois lhe explico.

No momento em que o deixo, dois *flashes* surpreendem-me. Os meus primeiros *flashes* de fotógrafos da imprensa.

— É para o *France-Soir.* Bem-vindo a Paris, Sr. Charrière.

— Pois, Jean-Pierre, quando isto arranca, a informação explode rapidamente em Paris!

O livro é expedido. Noto em Jean-Pierre um ar um pouco inquieto.

— Então, Henri, está tudo bem? Não está angustiado pelo que se prepara?

— Não, fique descansado. É preciso mais do que isto para me perturbar.

— Sabe, Paris, o jornalismo, as críticas, não deve ser exatamente o que você espera. A caneta é por vezes mais perigosa do que o revólver.

— Não se preocupe, filho. Estou na plenitude das minhas faculdades. Tenha confiança.

— Certo. Mas previno-lhe: será duro, difícil, desgastante. E numa hora o barulho começa.

— Gosto disso, e tenho a meu favor duas coisas: a verdade e o gosto de vencer os obstáculos quando o direito está do meu lado.

— Tanto melhor, vamos para casa.

22

“BANCO!”

E os dois primeiros franco-atiradores saem das trincheiras, neste caso de duas poltronas do salão de Castelnau. O da metralhadora é, nem mais nem menos, Jacques-Laurent Bost, e o seu companheiro, de longa carabina com mira telescópica, o grande Serge Lafaurie.

Fazem-se as apresentações. Tive apenas tempo de pousar a mala à entrada e sentamo-nos à mesa para um rápido almoço, onde verifico que estes dois senhores simpáticos e abertos são os enviados do *Nouvel* Obser*vateur* de que me tinha falado Castelnau.

Primeiro pequeno complexo que não deixo transparecer: não conhecia a importância do *Nouvel Observateur.* Apenas Jean-Pierre me tinha dito no caminho que era uma revista muito importante.

Estes dois franco-atiradores que me agarram à chegada duma viagem de catorze horas, em que quase não dormi, depois de uma completa mudança de hora, de clima, de tudo, não terão eles premeditado apanhar-me com ar cansado? É bem possível, pois Bost enchia-me generosamente o copo, dizendo que eu tinha necessidade de um estimulante, depois duma viagem tão longa. E, engolido o último gole, passamos ao salão. Café, uísque, e o ataque foi rápido.

Não podiam ser mais gentis. Porque, para serem simpaticamente ardilosos, perigosos, superbisbilhoteiros, supercéticos, não havia melhor. O fogo cruzado durou exatamente sete horas. Três garrafas de uísque deram como resultado tornar Bost e Lafaurie ainda mais aguerridos:. “Isso é verdade? É mentira? Um pouco? Um pouquinho? Muito? Não muito?” Esses dois seres que me fizeram passar um suplício mental digno do Federal Bureau lançavam-me maquiavelicamente perguntas, para que, embora fossem as mesmas, parecessem diferentes. Caramba! Verdadeiros malabaristas na sua maneira de dissecar cada um.

No fim do interrogatório, suando e de camisa de fora, havia vinte e três horas que estava em pé, das quais sete passadas respondendo às perguntas.

Merda, começa bem! Se não fosse o café, a simpatia e finalmente o uísque, diria que estava quarenta anos atrás, no número 36 do Quai des Orfèvres.

Tive a satisfação de os acompanhar ao carro com a impressão de que estavam mais cansados do que eu. Será que não agüentavam tanto uísque?

Separamo-nos contentes. Jean-Pierre disse-me:

— Vamo-nos deitar. Você deve estar estourado.

Deixou-se rir quando lhe disse:

— Nem por isso. Para nos recompormos, vamos beber um copo em um bar do bairro.

É no meio da barulheira da música que a certa altura se inclina para mim e me diz:

— Creio que está no papo, Papi, pressinto-o.

Às três da manhã, depois de uma passagem por uma leiteria, vamos para a casa dele. Dormirei no quarto do seu filho Jean. Pega-o dormindo e vai colocá-lo no sofá da sala com uma almofada e um cobertor.

Estendo-me a todo o comprimento nos lençóis ainda mornos do calor desta criança de onze anos. E adormeço imediatamente num turbilhão nebuloso, onde o tipo da metralhadora e o da espingarda de mira telescópica andam à minha volta numa dança endiabrada de índios, cujos gritos são perguntas que crepitam como rajadas de armas automáticas.

— Levante-se, Papi!

A ordem dada com toda a gentileza é acompanhada de um abanão nos ombros. É Castelnau que ali está, de pé, vestido e de gravata.

— Que horas são?

— Nove horas. — Da noite?

— Não, da manhã.

— Você é completamente doido, porra, e irresponsável! Arrisca-se, assim, na calma, a acordar-me às nove da manhã? Desapareça da minha vista, e depressa!

E enfio a cabeça na almofada, dobrando-a sobre as orelhas. Inconsciente, o sujeito dá-me um empurrão, desta vez nas costas. Sento-me na cama como um diabo saído da caixa, pronto de um salto para pôr este louco fora do quarto. Ele ri-se e diz:

— Você tem razão, é horrível, mas assim o quisemos. A culpa é tanto minha como sua. Não podemos voltar atrás, tal é a quantidade de pessoas que estão ã sua espera.

Merda! E eis-me envolvido num verdadeiro tufão dos mares tropicais. Paris, um céu? Não, um monstro que, acabando de descobrir o homem da atualidade, quer devorá-lo ferozmente. Com Françoise Lebert e Castelnau no encalço, corremos, vamos e vimos, atendemos o telefone, aceitamos e recusamos.

— Mas deixem-me respirar!

— E nós, jornalistas, respiramos atrás de vocês? — Mas a culpa não é minha!

— Não, a culpa é sua! Estávamos muito tranqüilos com os nossos artigos sobre os candidatos à presidência, podíamos almoçar ocupando o tempo com um autor consagrado e calmo, e aparece você, vá-se lá saber donde? Bom, lá saber sabe-se, da prisão, depois de uma parada na Venezuela. E você não só chega como aparece para lançar um desafio às nossas instituições mais sagradas. Em suma, vem chatear-nos e tem a insolência de pedir que o deixem em paz? É perfeitamente inconsciente! Você, que chega da sua tranqüila capital da Venezuela, não sabe nada de nada, meu caro amigo!

“Aqui é um outro mundo. Você nos pertence noite e dia, é a atualidade do momento, o prato forte da refeição, e todos temos de comer dele, para depois o dar a conhecer ao público-cão que espera a sua ração diária. Você é atualidade da atualidade, com os seus tons, os seus pontos de vista, as conclusões, a aceitação ou rejeição daqueles que o interrogam. Com certeza não acredita que um repórter, quando o agarra pelo casaco na escada, quando não o deixa partir de carro, quando o espera à saída do editor, quando se cansa de esperar por você à porta das privadas, quando descobre onde vai comer um bife, quando o persegue no elevador, quando vai atrás de você, como um caçador, quando, seguindo-o na rua, sonha vê-lo entrar no barbeiro e aproveitar a sua imobilidade durante vinte minutos para lhe fazer perguntas, certamente não julga que nós, os da informação, fazemos isto tudo para nosso bel-prazer ou pelos seus lindos olhos!”

— Então por que é?

— Por amor da profissão. Para fazer um artigo mais longo que os outros sobre coisas a seu respeito ainda desconhecidas. Para mostrar que não se é mais estúpido que os espertalhões que o apanharam mais cedo, por consciência profissional, para não ter de ouvir dizer numa voz que chateia:

“ ‘Todos os seus colegas conseguiram uma entrevista e você, nada? Será que é um imbecil ou um incapaz?

“ ‘Perdão, patrão, quis respeitar o seu curto repouso, de tal maneira o vi estourado!

“ ‘Estourado, sugado até a medula, cambaleando de fadiga, você respeitou a vida privada desse homem? Você é doido, completamente doido! Ele não tem o direito de dormir e comer, quando, durante ou onde quiser. Ele nos pertence antes de tudo a nós, informa-dores, para alimentar a curiosidade do nosso público. Sendo atualidade, cabe-lhe estar à nossa disposição, para apresentarmos essa atualidade sob todas as facetas que nos aprouver’.”

Nem mais uma refeição sem um ou mais jornalistas; nem mais uma refeição sozinho. Dentre estas refeições, algumas interessantíssimas. Por exemplo, uma Paule Neuvéglise (*France-Soir)* que desembarca de Nouméa e que, sem mesmo passar pelo apartamento, chega com um gravador. Era em La Cafetière, na Rue Mazarine. A personalidade, a finura, a inteligência, a tonalidade doce da sua voz, o gravador que não funciona, mas este olhar claro e direto, que me inunda de uma verdadeira simpatia, desperta-me completamente e me reanima. E falo, falo com alegria, com sinceridade. Esvaziar a minha alma numa sensibilidade tão verdadeira me repousa e me cativa.

Um almoço, onde um sujeito limpo, magro, franco, aberto, vem em direção a mim de mão estendida: “Auguste Lebreton”. E falamos, falamos, e parto a correr para o meu editor para assinar alguns dos trezentos livros que ele envia à imprensa, e ouço a lista das pessoas que pediram para me ver e que devo visitar, e digo bom dia nos escritórios a todas estas pessoas simpáticas da Laffont que trabalharam durante dois meses na preparação do lançamento do meu livro.

Fumo, fumo, assino, assino, falo, falo, ouço as perguntas, respondo, respondo ainda, sem olhar mais quem me interroga, e isso durante dias, dias e noites, em escritórios, na rua, no café, no restaurante, num banco de Pigalle ou dos Champs-Elysées, e os fotógrafos silenciosos que acompanham cada jornalista, e o uísque em pé, encostado ao balcão, onde entre dois goles, meio sufocado, porque engoli um muito depressa, respondo:

— Por favor, submeteram-me a um suplício digno da Idade Média!

— Isso não é possível! Apesar de tudo estamos na França.

— Justamente, é porque foi na França, o país do povo dos Direitos do Homem e do Cidadão, que foi ainda mais monstruoso do que em qualquer outro lugar!

Extenuado? Fatigado? Afônico? Não, moído é a expressão, moído espiritual e fisicamente. A não sei que horas da noite estendo-me na pequena cama de Jean, o filho de Castelnau, que este transporta aos ombros para o ir deitar na sala. Apenas tenho coragem para tirar a gravata e os sapatos e mergulho num sono de chumbo.

E no meio desta tempestade, deste furacão que me arrasta como uma palha no momento em que devo olhar e responder para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, a homens, a mulheres, a jornais, a revistas, onde sou obrigado a falar para o rádio, gravar seqüências de dez minutos que passarão diariamente durante dez ou quinze dias, em que tenho os olhos esgazeados, a língua de fora, em que estou quase afônico, e corro às farmácias para encontrar um remédio para tenores, no momento em que procuro compreender onde estou, em que pergunto a mim mesmo se devo responder presente, frente a todas as situações, ou se devo fugir, é nas chamas deste vulcão que me projeta com a sua lava e fumos nas ondas da informação internacional que me enviam um telegrama dizendo-me que Nénette, a minha Nénette dos meus vinte anos, ainda vive. E parto como um louco no carro de Julien Sarrazin, marido de Albertine, para ir vê-la em Limeil-Brévannes, onde está hospitalizada.

Choro de emoção ao rever aquela que deixei há quarenta anos, sem mais nenhum contato depois disso, envelhecida, doente, diminuída por um acidente, mas mantendo nos olhos a chama de boa e fiel moça que era. Também ela chora. Esvazio os bolsos do pouco que contêm e torno a partir, correndo para a matilha que me espera, depois de lhe ter prometido que regressaria e que nunca a abandonaria, promessa que cumpri.

E como depois de qualquer boa surpresa aparece sempre uma chatice, convidam-me a ir à polícia, Quai de l’Horloge, para me notificarem da minha interdição de estada. Por acaso, era no mesmo escritório da Conciergerie onde, há três anos, Castelnau acompanhara Albertine Sarrazin para que, proibida também ela de permanecer em Paris, não a fizessem esperar muito tempo.

Nesta caçada em que sou o veado há muito poucos momentos de sossego. Um almoço inesquecível com Claude Lanzman e um beijo da maravilhosa Judith Magre. Mas a Rádio Luxembourg rapta-me com Pierre Dumayer. Depois, à noite, uma reunião em casa de Daniel Mermet, chefe de vendas na Laffont, que quer apresentar-me à sua dinâmica equipe de representantes que sulcam toda a França. Estão decididos:

— Continue, Papillon, nós o seguiremos.

Com uma equipe destas, se não chegarmos a vender alguns livros, é de

desesperar completamente!

Estou em Combs-la-Ville, em casa de meus sobrinhos. Estamos a 18 de maio. Vivi tudo isso em oito dias. Todos os dias trechos do livro saem no *France-Soir* com a minha fotografia. Assim, toda a França, em pouco tempo, fica conhecendo não só algumas aventuras de Papillon, mas também a sua tromba. É domingo. Foi tudo tão rápido, tão grandioso, tão inesperado, que precisei dormir dez horas, para me recompor um pouco. Passo um dia maravilhoso de descanso com os meus sobrinhos e as duas filhinhas, que olham com curiosidade este titio de quem os jornais tanto falam e cuja voz se ouve no rádio.

— Um aperitivo, titio?

— Sim, um Ricard. Vai-me fazer bem, neste oásis de vinte e quatro horas. E pensar que tudo recomeçará amanhã!

— Espere pelo pior.

— Você está doido! Pior ainda!

— Você vai ver, será mais do que pior, insuportável!

Trim, trim, trim! A campainha do telefone não me perturba, não pode ser para mim. Mais tarde chamarei Rita, em Caracas, para lhe dizer que a bomba do livro rebentou, ainda mais forte do que tínhamos sonhado.

— Sim, está aqui — diz Jacques. — Vou passá-lo. Titio! É Castelnau da parte da Laffont.

— É simpático ter-me telefonado. Sim, vou andando. Belo domingo de primavera, hem? Está em fim de semana?

— Prepare-se para ir à televisão dentro de três horas. Está convidado por Gaston Bonheur para o programa. *O convidado de domingo*. O convidado é ele, mas convida-o a juntar-se a ele com outras personalidades. É uma grande honra para você e muito importante para o seu livro. Vamos buscá-lo ou você vem para cá?

— Vou já. E desligo.

— O que aconteceu? — pergunta Jacques. — Estou convidado para O *convidado de domingo*, por Gaston Bonheur. Isto lhes diz alguma coisa?

— É fantástico, titio. É uma oportunidade inacreditável!

— Então devo ir?

— Correndo, titio, correndo.

— Vai aparecer na televisão? — gritam as crianças.

— Sim, vocês vão me ver dentro de algumas horas no seu televisor.

Televisão francesa, televisão do Estado. Eu, um forçado em fuga, vou, em liberdade, poder falar diante desta televisão oficial como qualquer outro cidadão. É incrível e, no entanto, verdade! E é isto a França atual! Essa mesma França que, em 1931, me lançou num poço sem fundo para que aí apodrecesse. Esta mesma França, hoje, quer saber a verdade, aceita o frente-a-frente comigo. Caramba!

Programa extraordinário para mim. Quem me convidou é um intelectual da França muito conhecido, autor de sucesso, cheio de finura e bondade, filho de professores, como eu. Com uma generosidade pouco habitual, apresenta-me à França, dizendo: “Somos os dois filhos de professores primários de província, vindos para Paris. Dois destinos bem diferentes. Eu, Gaston Bonheur, entro nos meios intelectuais e do jornalismo e aí faço carreira. Ele, Henri Charrière, conhecido por Papillon, faz uma rápida passagem nesta mesma Paris e segue o caminho dos trabalhos forçados, condenado à prisão perpétua. Este antigo forçado, tornado um homem como os outros, vai-nos contar um pouco da sua extraordinária história”.

Depois da minha entrevista, brilhantemente conduzida por Jacques Ertaud, vêm-me as lágrimas aos olhos ao apertar a mão de Gaston Bonheur e retiro-me do estúdio.

No bar, diante de um uísque, todos os que me acompanharam confessam o cagaço que tiveram quando me viram entrar no estúdio: não está habituado, isto pode paralisá-lo, etc. Pois bem, tal não aconteceu, francamente, senti-me à vontade. Tinha, estavam disso convencidos, e eu também, passado com sucesso por um exame difícil para o prosseguimento e êxito desta aventura.

Já me haviam dito, mas eu não imaginava as repercussões tão explosivas deste programa. No dia seguinte, segunda-feira, o furacão traga-me outra vez, com redobrada fúria. O rádio, os jornais, todos, sem exceção, exigem, publicam entrevistas, reclamam-nas. As revistas entram na dança, a televisão, o *Paris-Match*, fazem-me correr de um lado para outro, de dia, de noite, a Pigalle, à Bastilha, até a escola primária, onde dou uma aula a crianças de onze anos sobre a liberdade, o que provocará um tal barulho na direção da televisão que esta seqüência será cortada com indignação. Quê? Mas por quem se toma este sujeito? Um forçado evadido dar uma aula sobre a liberdade às nossas crianças? Está tudo doido ou quê?

Nesta vida louca, doida, em que durmo no máximo quatro horas por noite, há momentos excepcionais. Uma chávena de chá tomada ao fim da tarde em casa de Simone de Beauvoir. Sinto-me profundamente comovido e impressionado por estar junto dela. Respiro a grande classe de uma mulher do mundo do espírito. E nesta salinha, mobiliada com uma tal delicadeza, onde o mínimo pormenor é para mim um poema, junto deste ser que docemente me diz coisas gentis, me faz perguntas com interesse e doçura, percebo de repente, sem ter pensado nisso até aí, onde estou, com quem, e onde venho e com quem estava. E essa abjeta masmorra da Reclusão de São José, guardada por tantos sádicos, aparece-me de repente com uma alucinante precisão, por cima do piano, por detrás duma delicada bailarina de porcelana da Boêmia, depois apaga-se lentamente, para nada mais deixar que o presente, esse instante privilegiado, onde a graça desta estatueta me acolhe nesta casa, sorrindo-me exatamente como Simone de Beauvoir, que me diz:

— O caminho percorrido foi muito longo e espinhoso, não é verdade? Mas chegou a bom porto, é o que interessa. Repouse, aqui, tranqüilamente, junto de uma amiga.

Tenho a garganta de tal modo apertada de emoção que, em vez de lhe agradecer, aspiro o cigarro e engulo com dificuldade o fumo. Claude Lanzman chega e vamos jantar os três em um bom restaurante de Paris.

E tudo recomeça: o *L'Express* e o *Minute,* Yvan Audouard e o seu *Canard Enchaîné,* a *Elle* e o *Fígaro Littéraire* e ainda Europa 1 e Luxembourg e aqueles de que não me lembro, porque não os via, já não os conseguia ver. O furacão avança, avança. Estou na crista, pertenço-lhe, bem como aos outros. Vou aonde me chamam, sento-me onde me mandam, era inútil explodir e dizer merda, examinar o que me vai no coração. Sou de novo prisioneiro, mas, desta vez, do meu famoso livro.

Telegrafei a Rita: *Corre tudo maravilhosamente, grande sucesso, beijos.* No dia seguinte, recebo um telegrama: *Imprensa Caracas deu-me notícias do sucesso. Bravo.* E penso, rindo, em Mario, o meu italiano do aeroporto. Quem deve estar mais admirado ainda é ele.

Todos os dias leio os jornais e as revistas, O *Nouvel Observateur* dedicou sete páginas notáveis à entrevista com os dois franco-atiradores. Na *Elle* um maravilhoso artigo de Lanzman. Até François Mauriac, da Academia Francesa, escreveu no *Fígaro Littéraire: Este novo colega é um mestre.*

Rindo, digo a Castelnau:

— Não me meterão eles um dia destes na Academia Francesa? Não é natural, mas...

— Têm-se lá visto outros — diz ele, sério como um papa.

Vinte e seis dias de loucura, vinte e seis dias em que o desconhecido que eu era se tornou célebre, adotado, acarinhado, vedete, neste mesmo país, neste mesmo povo, nesta mesma Paris que me condenara a morrer, como milhares de outros, na Guiana.

É pesado ser vedete.

E os livros vendem-se a três, quatro, cinco mil exemplares por dia.

Sim, conheci muitas vedetes do teatro, do cinema, do espetáculo. Hospitalizado no Hôpital Américain de Paris, um homem da categoria de Peter Townsend veio dar-me os bons dias. Em casa dos meus amigos Armei e Sophie Issartel almocei com pessoas das mais famosas do mundo. Um pintor milionário, Vincent Roux, amigo do jovem e brilhante advogado Paul Lombard, pôs ã minha disposição o seu apartamento, um dos mais elegantes de Paris. Todas essas pessoas privilegiadas disputavam para me ter à sua mesa.

Mas todas essas honras não tocaram o meu eu mais profundo. Vi demasiadas coisas na minha vida, do melhor ao pior, para pensar que este brilhante mundo é agora gentil comigo porque eu sou a personagem do momento, Mas depois, quando pelo decorrer normal das coisas se passar a outra atualidade?

Mas o que permanece importante e comovente para mim é a costureirinha, o *hippy* simpático, o operário com a camisa encharcada de suor, que vêm apertar-me a mão, dizer-me bravo e pedir-me um autógrafo num livro ou num pedaço de papel.

A 6 de junho, rápido regresso a Caracas, esgotado mas feliz, deixando atrás de mim um Castelnau e uma Françoise Lebert esgotados também, quase dementes. À chegada, estava a televisão no aeroporto.

Que caminho desde os primeiros passos de homem livre nesta terra, quando da minha saída da prisão de El Dorado!

A Venezuela, onde Rafael Caldera, presidente da República, e o bispo de Caracas me receberam em particular, onde todos os jornalistas, salvo algumas exceções, claro, me festejaram nos seus artigos, onde intelectuais como Uslar Pietri fizeram o elogio do meu livro, sobretudo Otero Silva, escritor distinto e proprietário dum dos maiores jornais da América do Sul. Otero Silva e sua

mulher, que foram os verdadeiros padrinhos, que o ofereceram a Pablo Neruda, que me deu a honra de me felicitar pessoalmente. Sem falar do rádio e da televisão, onde um apresentador tão prestigioso como Renny Ottolina falou de mim nos termos mais simpáticos.

Tranqüilo em Caracas, repouso em Caracas? Isso é que era bom! Não tinham passado dez dias quando os repórteres do *Paris-Match*, vindos especialmente de Paris, me arrastam em peregrinação à Guiana, às ilhas e aos locais das minhas fugas. É em Trinidad que encontro Master Bowen, o advogado que me acolheu quando da minha primeira fuga. Em Georgetown, Pierrot-le-Fou e Horloger, de cabelos brancos, e a prisão de El Dorado, onde não somente encontro antigos companheiros fugidos e recapturados, mas onde fotografam no registro das entradas o meu nome, a data da minha chegada e a da minha saída.

Regresso à França no princípio de agosto e tudo continua.

Oito meses durou aquilo sem parar.

Oito meses, durante os quais passei do fenômeno da atualidade à categoria de escritor diferente dos outros, depois à perigosa categoria de vedete.

E em oito meses mais de oitocentos mil livros vendidos.

Então começam as viagens pelos países onde aparece a tradução do livro: Itália, Espanha, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Estados Unidos, Grécia. E por toda parte o rádio, a televisão, os jornais. E falo. Mas igualmente por toda parte acolhido com a maior gentileza. Dias a assinalar com um diamante.

E como esquecer Genebra, onde a televisão suíça me faz a surpresa de levar ao estúdio, numa transmissão direta, aquele que introduziu o Cristo na prisão, o Major Péan, que lealmente disse que o que eu tinha descrito no livro era não só verdade mas infelizmente ficava aquém dela? Como esquecer uma visita de várias horas a Charlie Chaplin, em Vevey, e a noite com sua filha? E o filme feito pela televisão belga com Georges Simenon? Como esquecer a amizade constante, que nunca se alterou, dum poeta como Jacques Prévert, que não só me ofereceu todos os seus livros, mas que faz em cada um deles desenhos extraordinários e maravilhosos?

É na Grécia que recebo a notícia dos anti-Papillon, dois livros destinados a destruir-me. É terrivelmente excitante ter inimigos gratuitos a quem não se fez nada e nem mesmo se conhece.

Tive a terrível franqueza de responder várias vezes a entrevistas sobre a justiça atual na França. Em particular numa transmissão da RTL, o *Jornal inesperado*, de sábado ao meio-dia, onde aquele que o dirige é uma

personalidade convidada, personalidade da atualidade por qualquer razão. Nesse sábado, redator-chefe do *Jornal:* Papillon. À minha direita Jean-Pierre Farkas, à minha esquerda, Jean Charlier. O assunto do dia era sensacional. Dum lado, o caso duma jovem professora que tinham levado ao suicídio, Gabrielle Russier. Do outro, o de um empregado acusado de um horrível assassínio, Devaux.

Papillon, que pensa destes casos?

Vi imediatamente o perigo. Se não respondesse, se iludisse as perguntas, diriam: "Papillon, o sucesso subiu-lhe à cabeça, tornou-se pretensioso, esquece-se de onde vem. Nem sequer quer colaborar com a informação, que, no entanto, tanto o ajudou a tornar-se conhecido. É um egoísta, um ingrato". E se digo sim, se digo o que penso a qualquer das perguntas, dirão: "Papillon agora é o sabe-tudo, tem resposta para tudo, dá conselhos sobre o que quer que seja, até receitas de cozinha. E mais, julga-se, ele, um antigo forçado, no direito de nos dar lições sobre o que temos ou não de fazer. Isso não pode continuar".

Portanto, como é igual tanto dum lado como doutro, não há nada como ir direto ao assunto e dizer claramente o que penso, tanto mais que me é praticamente impossível proceder doutra maneira quando me apaixono por qualquer coisa.

E, decerto, houve jornalistas que pensaram: "Isto não pode continuar. Fizemo-lo nascer, fizemos dele um herói, mas agora vamos destruí-lo. Será divertido e lucrativo. Vendemo-lo *antes;* pois bem, vendê-lo-emos *depois"*.

Esta transmissão sobre os casos Russier e Devaux, da qual Edgar Schneider escreveu: *Papillon fez tremer as antenas da Rádio Luxembourg, que ainda vibram de indignação,* esta emissão terá sido uma das duas gotas que fizeram transbordar a taça.

A outra foi ter sido convidado pessoalmente, como "utilizador da justiça", por homens que fazem as leis, se apaixonam pela justiça e por aqueles que a sofrem. Foi sob a muito respeitável cúpula da Faculdade de Direito de Paris. Que um forçado se sente ao lado do Professor Jean Lemaire, presidente da Ordem dos Advogados de Paris, que seja convidado a exprimir o que pensa por homens tão prestigiosos como o Professor Baruk, o Juiz Brunois, o Professor Levasseur, o Conselheiro Sacotte e o Professor Stancier, secretário-geral da Sociedade Internacional da Profilaxia Criminal, não se podia admitir, não se podia suportai mais, era preciso fazer calar Papillon ou, pelo menos, desacreditá-lo.

E alguns tiras procuram um jornalista, "verdadeiro tira literário", como escreverá o jornal *La Suisse,* que, com a proteção dum comissário divisionário,

escreveu um livro contra mim.

Na vida há situações completamente opostas, de extremos, e mesmo excessivas no seu extremismo.

Você conheceu o céu?

Foi ao céu, onde para você todas as pessoas são amáveis, o cumprimentam e exaltam as suas qualidades?

Foi ao céu, onde a música, composta especialmente para você, se difunde no ar e o envolve docemente na sua melodia fina e arrendada?

Foi ao céu, onde anjos graciosos se aproximam com as suas folhinhas de papel e lhe pedem que lhes dê a sua preciosa assinatura?

Foi ao céu, onde tudo o que diz e faz é louvado?

Foi ao céu, onde lhe pedem receitas de tudo e onde todas são aprovadas?

Foi ao céu, onde os filhos daqueles que o maltrataram lhe pedem perdão por eles e condenam tais atos?

Foi ao céu, onde os professores o escutam em vez de falarem?

Foi ao céu, onde grandes espíritos da literatura o adotam e o aplaudem?

Mas saindo deste céu, cujo brilho das maravilhosas festas cai nos esgotos, você foi aos esgotos, onde os ratos disputam as migalhas do que tinha jogado fora?

Foi aos esgotos, precipitado por toda uma matilha de ciumentos, invejosos, gananciosos, de larvas que aí vivem à vontade, no ambiente de águas podres, aí crescendo e multiplicando-se?

Foi aos esgotos, onde os vencidos da vida, as peles velhas das lagartas abandonadas pela borboleta quando começa a voar acabam a sua existência destroçada, morrendo de amargura e de ódio, chafurdando há anos na obscuridade do anonimato?

Caiu nesses esgotos, puxado, empurrado, arrastado por estes seres atingidos de raiva que não procuram senão uma coisa, poder mordê-lo, para inocular na sua carne a sua doença horrível, não podendo perdoar-lhe o sucesso?

Sim ou não, você conheceu este céu e estes esgotos?

Sim ou não, conheceu estas duas Paris?

E o que me resta de tudo isso são os milhares de cartas e de testemunhos de todos os países, onde ouvi os meus leitores gritarem:

— Você tem um nove na mão, Papillon! Pela primeira vez na puta da sua vida ganhou o “banco”. Leve-o, rapaz. Sentimo-nos felizes por você.

Regresso a Caracas, que também tem o seu céu e os seus esgotos.

E no nosso apartamento, o mesmo de antes, o do tremor de terra, no nosso bairro meio popular de Chacaito, na secretária de ferro onde escrevi *Papillon,* acaricio os tesouros que obtive nesta maravilhosa aventura.

Foi aí que abri as cartas, as centenas, os milhares de cartas, que me obrigaram a escrever este livro, cartas do mundo inteiro, essas cartas onde almas se abrem, contam o mais íntimo de si próprias, essas cartas que nos dizem: *Graças a você e ao seu livro não me suicidei, deixei passar o momento de o fazer, reencontrei a fé na vida, mudei de vida, dominei uma situação que julgava impossível vencer,* essas cartas onde jovens, velhos, moças, rapazes do mundo me explicam que o meu livro lhes deu o tomo que lhes faltava para amar e gozar a vida.

Esta vida de aventura que você adora, onde se joga tudo, esta vida onde quando se perde se volta ao princípio, esta vida generosa que oferece sempre algo de novo àqueles que amam o risco, esta vida onde intensamente se vibra até as mais profundas fibras do nosso ser, esta vida que palpita em nós desde que começamos a nos mexer, desde que saltamos pela janela para entrar na aventura, essa aventura que está ao alcance de todos, junto de nós, se a desejamos intensamente, esta vida onde você nunca será vencido, pois no momento preciso em que acaba de perder um golpe prepara um outro na esperança de o ganhar desta vez, esta sede de viver que nunca devemos acalmar, onde, qualquer que seja a idade ou a situação, nos devemos sentir sempre jovens para viver, viver, viver em plena liberdade, sem barreiras de qualquer espécie que nos possam marcar, em qualquer lugar ou sociedade que seja.

E é por isso que, depois do “banco” do meu livro, em vez de continuar um “não se importe” e de comprar a casa para a aposentadoria, fiz um filme, onde arrisquei e perdi muito, *Popsy-Pop.*

Autor, cenarista, ator, foi ainda mais uma vez pelo prazer de perder ou ganhar, de ter sensações intensas. Perdi o “banco”.

Felizmente, há outros “bancos” para jogar. Estou seguro de que um dia me recomporei de uma só vez. Qual? Pouco importa, é de tal maneira maravilhosa a vida!

Adeus.

Fuengirola, agosto de 1971. Caracas, fevereiro de 1972.

O AUTOR E SUA OBRA

Popular como um astro, entrevistado por uma multidão de jornalistas, enaltecido pela crítica, discutido apaixonadamente, ora tratado como vítima de um erro judiciário, ora acusado de falso e impostor. Toda essa comoção, de alcance mundial, foi suscitada por Henri Charrière ou Papillon (“Borboleta”), ao publicar um livro sobre a extraordinária aventura de sua vida: uma fantástica história que começou em 1932, quando foi condenado à prisão perpétua, aos vinte e cinco anos de idade, e prosseguiu com suas dramáticas tentativas de fuga do presidio de Caiena (Guiana Francesa), até alcançar a liberdade em 1944, refugiando-se na Venezuela.

Com as sucessivas edições de “Papillon — o homem que fugiu do inferno” (catorze milhões de exemplares em diversas línguas, também publicado pelo Círculo do Livro), e mais os direitos de adaptação cinematográfica, Charrière tornou-se rico e famoso. Convertido em atração, recebeu grandes homenagens em Paris, como a “Noite de Papillon”, e em 1969 pronunciou uma conferência na Faculdade de Direito da Sorbonne, para um auditório atento e reverente.

Narrando seus delitos e fugas com emoção e clareza, o ex-marginal constitui a personificação de um ser humano fascinante, de interesse humano fora do comum. Em “Banco”, ele continua seu depoimento pessoal, e fala de sua regeneração, de sua vida na Venezuela, de sua volta à França, novamente sem pretensão literária, mas utilizando sua ampla e dura experiência.

Em certa oportunidade, afirmou Papillon que, em qualquer de seus livros, não pretendia senão contar fatos suficientemente expressivos para que cada leitor pudesse recolher as conseqüências mais adequadas em favor de seus amores, suas amizades, seu objetivo de alcançar a maior felicidade possível. Ao falecer, em julho de 1973, o mínimo que se pode dizer de Henri Charrière é que cumpriu essa missão.

[{1}] *Paris,* em *gíria. (N. da T.)*

[{2}] La passe anglaise, *jogo de dados. (N. da T.)*

[{3}] *Montmartre. (N. da T.)*

[{4}] *Expressão usada no jogo significado que se pretende cobrir o total da aposta. (N. da T.)*

[{5}] *Charles de Gaulle. (N. da T.)*

[{6}] *"Governo": tubo de alumínio polido, com cerca de cinco centímetros, que se abre desenroscando-se pelo centro, composto por uma peça macho e outra fêmea. É introduzido pelo ânus, de forma* a *permanecer no intestino grosso. Serve de esconderijo clandestino para notas de banco, etc. (N. da T.)*

[{7}] *Residência dos presidentes da República Francesa, em Paris. (N.* da *T.)*

[{8}] *Cadeira de balanço; em inglês no original. (N. da T.)*

[{9}] *Hotel de grande luxo. (N. da T.)*

[{10}]*Pequena carruagem de duas rodas. (N. da T.)*

[{11}] Jogo *de bolas, no sul da França. (N. da T.)*

[{12}] *Caixa onde se colocam as cartas, especialmente baralhadas para o jogo do bacará. (N. da T.)*